



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

REINALDO ARAUJO DE MOURA

O alvorecer do Naturalismo na prosa do Rio Grande do Sul:

Paulo Marques e *Vênus ou o dinheiro* (1881)

Dissertação apresentada como requisito parcial
e último para a obtenção do grau de Mestre em
Letras, na área de História da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz

Data da defesa: 24 de novembro de 2009
Instituição depositária: Núcleo de Informação e Documentação (FURG)

Rio Grande, novembro de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

REINALDO ARAUJO DE MOURA

O alvorecer do Naturalismo na prosa do Rio Grande do Sul:

Paulo Marques e *Vênus ou o dinheiro* (1881)

Dissertação aprovada como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de História da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande. A comissão de avaliação esteve constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz
(FURG – Orientador)

Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas
(FURG)

Prof. Dr. Paulo Motta Oliveira
(USP)

Aos meus pais, Nardo e Maria (*in memoriam*) e ao meu irmão Reginaldo (*in memoriam*), porque é Deus quem faz a hora, a vida quem embaralha as cartas e a gente aprende a jogar.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é produto de um sonho que veio à existência pela colaboração de diversos amigos que não posso deixar de mencionar, sempre incorrendo no erro de esquecer alguém.

Primeiramente agradeço a Deus, autor da Vida, que restaurou meus sonhos quando eu havia esquecido de sonhar, pelos pais que eu tive: Nardo e Maria, que despertaram em mim o prazer da leitura e a consciência da necessidade de estar receptivo para aprender em qualquer tempo.

Ao Miguel e a Sueli, a Dalvinha, a Ana Maria, a Irene e o Sérgio, a Ielza Maria e família, O Darlem e a Renata, ao Cunha e família, pelos livros e pela vida.

A Cecília Moreira e família, pelo carinho e colaboração e ao meu amigo de fé, meu irmão camarada, Sérgio Rogério Moreira da Silva e família, que entenderam sempre.

As colegas acadêmicas: Viviane, Angelita, Ana Claudia, Fernanda, Liziane e Denise, pelos constantes estímulos.

Ao prezado mestre e orientador, Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz, pela amizade, incentivo, exemplos, encaminhamentos e sugestões sempre seguras, para mim um autêntico mecenas.

A querida professora mestra e intelectual, Aimée Bolanos, por acreditar e destrancar a porta.

Ao NAE-FURG, sem cujo apoio muito pouco ou nada teria acontecido.

A Ana Izabel Miranda, por suportar minhas crises e ter adoçado minha vida com sua presença, cuidado e carinho.

A todos, nominados ou não e que de alguma forma ajudaram a enriquecer a minha história, o meu carinho e a minha gratidão, OBRIGADO!



Paulo Marques (1857-1884)

O Realismo trouxe às nossas letras uma concepção mais objetiva da vida e um sentimento menos idealista das eternas questões morais e sociais que movem o homem sobre a terra. O romance deixou de ser um jogo de situações fabulosas, ou um poema de caráter panteísta e contemplativo, para tornar-se um elemento de combate, uma escola de aprendizagem, às vezes perigosa, é certo, porém quase sempre útil e proveitosa (CARVALHO, 1958, p. 319).

RESUMO

A presente dissertação de mestrado em História da Literatura objetiva resgatar e analisar a obra *Vênus ou o dinheiro*, do escritor pelotense Paulo Marques (1857-1884), publicada originalmente como folhetim no jornal *Onze de Junho* entre 8 de julho e 9 de outubro de 1881 e republicada em livro, em 1885, após a morte do autor. E, ainda, resgatar dados sobre a bibliografia do escritor e a sua atuação no sistema literário gaúcho como o primeiro prosador naturalista do Rio Grande do Sul. Segundo Guilhermino Cesar (1971, p. 331-332), trata-se do “romance mais atrevido de quantos se publicaram no século passado, em terras do Rio Grande”. O enfoque buscará perceber como se articulam os dados sócio-históricos na obra que em diversas passagens critica a monarquia, a igreja católica, a educação brasileira e os casamentos por interesse, pensando esse romance no contexto da produção literária do final do século XIX.

ABSTRACT

This dissertation for the master in the History of Literature aims to recover and analyze the work *Venus or the money*, by the writer Paulo Marques from Pelotas (1857 - 1884), originally published in the newspaper *June 11th* as a feuilleton between July 8th and October 9th 1881 and republished, in 1885, in a book after the author's death. Moreover, it aims to rescue data on the bibliography of the writer and his activity in the literary system as the first naturalistic prose writer from Rio Grande do Sul. According to Guilhermino Cesar (1971, p. 331-332), this is the "most daring novel that was published in the past century, in Rio Grande do Sul". The focus will search to realize how the social-historical data are articulated in the work that in several passages criticizes the monarchy, the Catholic Church, the Brazilian education and marriages of interest, considering this novel in the context of the literary production of the late nineteenth century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONTEXTO LITERÁRIO	
1.1 Contexto literário europeu na segunda metade do século XIX ...	15
1.2 Contexto literário brasileiro no século XIX	17
1.3 Contexto literário gaúcho	22
1.4 História da Literatura, fontes primárias e resgate de textos literários.....	36
2 UMA PEDRA DE ESCÂNDALO NA SOCIEDADE GAÚCHA	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	78
Parte 2	
1 BIOBIBLIOGRAFIA DE PAULO MARQUES	III
2 POEMAS COLETADOS DO JORNAL <i>TRIBUNA LITERÁRIA</i>	VII
3 CRÍTICA LITERÁRIA COLETADA DO <i>ARAUTO DAS LETRAS</i> ...	XI
4 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A FIXAÇÃO DO TEXTO.....	XXIII
5 <i>VÊNUS OU O DINHEIRO</i>	1
6 PARATEXTOS DO <i>VÊNUS OU O DINHEIRO</i>	104

INTRODUÇÃO

*Marginal é quem escreve a margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe
e deixe tudo claro à sua passagem.*
Paulo Leminski

A elaboração da presente dissertação está relacionada ao interesse despertado em mim ainda durante a graduação na FURG, pelo resgate da produção literária produzida no século XIX no Rio Grande do Sul. Tal interesse intensificou-se a partir do ano 2000 no meu segundo ano do curso de Letras Português, ao ser convidado pelo meu professor de literatura portuguesa, Artur Emilio Alarcon Vaz, para atuar como monitor da disciplina e participar do projeto de pesquisa desenvolvido pelo Departamento de Letras e Artes da FURG, intitulado de *Resgate da produção literária do jornal Eco do Sul (1857-1934)*¹.

Atuando no projeto, pesquisando o *Eco do Sul* e outros periódicos sul-rio-grandenses, fui-me interessando particularmente pelo trabalho de autores que embora tenham participado do sistema literário gaúcho, não entraram no cânone e, marginalizados pela crítica especializada, foram pouco estudados. Assim sendo, muitos desses autores não são citados nas histórias da literatura gaúcha ou brasileira e, quando são, via de regra, é em rodapés ou quadros cronológicos que são repetidos na maioria das vezes, sem um retorno às fontes primárias.

Esta prática de pesquisa ocorre pela dificuldade de acesso ao material e, ainda, por uma cultura acadêmica sedimentada, em que o posicionamento de estudiosos consagrados é “assimilado” como dogma e divulgado com pouca ou nenhuma reflexão pessoal. Essa atitude esquece ou desconhece, que mesmo “autores importantes para fontes primárias – como Sacramento Blake, Guilhermino Cesar e Villas-Bôas – cometem erros que, por anos, são repetidos, já que dificilmente houve revisões de suas obras” (VAZ, 2005, p.15).

¹ Disponível no endereço www.ila.furg.br/ecodosul.

Na configuração de uma postura crítica que possa sanar esse evento, Mauro Nicola Póvoas aponta a pesquisa com fontes primárias como um valioso instrumento de trabalho, já que o retorno às fontes muitas vezes, “é a única forma de corrigir enganos que a crítica perpetua devido a uma informação que por um ou outro motivo tenha sido equivocadamente apontada, depois sendo repetida” (PÓVOAS, 2009).

Infelizmente, prevalece ainda hoje, com pouquíssimas exceções, no alvorecer do século XXI a triste realidade em que:

investigar, aprofundar os temas, não agrada ao nosso fregolismo intelectual, partidário das cores brilhantes, do impressionismo fugidio, do descompromisso orgulhosamente inteligente ou malevolamente crítico (CESAR, 1971, p. 17).

Esta postura mencionada por Guilhermino Cesar é que desencoraja o interesse pelo estudo das fontes primárias e possibilita a repetição de equívocos longevos que distorcem a compreensão que se tem do nosso passado literário e, logo, o entendimento da nossa atualidade e do nosso futuro como nação produtora e/ou reprodutora de cultura.

Logo, reveste-se da maior importância no campo específico dos estudos literários, o retorno às fontes primárias na intenção de elaborar um foco de visão desde um ângulo menos viciado de investigação. Observa-se que a História da Literatura, “no modo como se apresenta no ensino e nas obras que a narram, é um prato feito, previamente preparado para consumir ou rejeitar” (ZILBERMAN, 2009).

Na direção de uma reversão desse quadro existe um enorme campo aberto à perquirição intelectual, conforme demonstrarei adiante no capítulo reservado para tratar especificamente do resgate das fontes primárias.

Interessei-me particularmente pelo estudo do período de transição entre o Romantismo e o Realismo gaúcho, etapa pouco estudada da produção sul-rio-grandense e raramente focalizada pelos pesquisadores.

Elaborei e divulguei comunicações focalizando a produção do período², quando pude constatar que já se divulgavam pelas páginas de periódicos gaúchos textos literários, como crônicas, contos e artigos de cunho realista regularmente desde 1878³. Elaborei este projeto de dissertação de mestrado em História da Literatura procurando articular três vieses que me são particularmente atraentes: história literária, fontes primárias e o resgate da produção literária do século XIX.

Foi na *História da literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino Cesar, obra largamente utilizada no projeto de pesquisa *Resgate da Produção Literária do Jornal Eco do Sul (1857-1934)*, que pela primeira vez encontrei a menção ao autor pelotense Paulo Marques e a obra *Vênus ou o dinheiro*, publicado em folhetim em 1881 e em livro em 1885 após a morte do autor, por Francisco de Paula Pires, então bibliotecário da Biblioteca Pública Pelotense.

Ao nosso interesse pelo período somaram-se os elogios que Guilhermino César faz a Paulo Marques como dizer que: “o artista nele, se percebe ao primeiro relance, em poucos casos encontrei alguém que nos interessasse tanto, no Rio Grande, e, em relação à *Vênus ou o dinheiro*”, Guilhermino afirma que: “é o romance mais atrevido de

² “Amores, amores” de João de Deus, um poema de transição entre o Romantismo e o Realismo (II Colóquio de Letras, FURG, 2001); *A prosa no jornal Eco do Sul 1874-1881* (I Mostra da Produção Universitária da FURG, 2002); *A condição da mulher na poesia romântica do jornal Eco do Sul 1874-1882* (I Semana de Letras da FURG, 2003); *O alvorecer do Realismo no jornal Eco do Sul, de Rio Grande* (I Seminário Nacional de História da Literatura FURG, 2003); *O feminino em poemas narrativos resgatados do jornal Eco do Sul 1874-1882* (II Mostra da Produção Universitária da FURG, 2003); *O sistema literário rio-grandino no século XIX* (V Mostra da Produção Universitária da FURG, 2006); *Uma pedra de escândalo na sociedade: Paulo Marques e o romance Vênus ou o dinheiro* (2ª Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros, PUCRS, 2006); *Paulo Marques (1857-1884): um realista no Rio Grande do Sul* (IV Semana de Letras, FURG, 2006). E ainda, em novembro de 2008, apresentei uma comunicação no III Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros, intitulada de “Guilhermino César: estudo das fontes primárias e resgate da produção cultural”, em que homenageie Guilhermino Cesar e reiterei a importância da consulta às fontes primárias no resgate de textos literários produzidos no século XIX, período de formação e estabelecimento da literatura brasileira.

³ Importa mencionar que antes de 1870, data em que se inicia a propaganda das idéias alemãs empreendidas por Tobias Barreto no Recife, Carlos Von Koseritz já publicara em Porto Alegre diversos trabalhos denunciadores de uma forte mentalidade de *naturalista científico*. Sua prodigiosa atividade de publicista facilitou enormemente a difusão das idéias da Escola do Recife no extremo Sul. E não é mero acaso que Sílvio Romero tenha encontrado justamente em Carlos Von Koseritz, editor para o seu livro

quantos se publicaram no século passado, em terras do Rio Grande” (CÉSAR, 1971, p. 331-332).

Em 2003, obtive acesso ao exemplar do romance *Vênus ou o dinheiro* da Biblioteca Rio-Grandense em bom estado de conservação, mas faltando a penúltima e a antepenúltima páginas. Desde então comecei a procura em outras bibliotecas⁴ e a contatar outros pesquisadores em busca de informações a respeito do romance de Paulo Marques, resultando infrutífera nossa busca e contatos, constituindo-se que o exemplar pertencente a Biblioteca Rio-Grandense era aparentemente o único existente.

Ao verificar a coleção da Biblioteca Pública Pelotense do jornal *Onze de Junho*, no qual Paulo Marques publicou o folhetim entre 8 de julho (sexta-feira, ano XII, n. 554) e 9 de outubro (domingo, ano XII, n. 630) de 1881, pude corrigir a data equivocada divulgada por Francisco de Paula Pires na introdução de *Vênus ou o dinheiro* em 1885 e que foi reproduzida por Augusto Vitorino Alves Sacramento Blake (1970) e por Mário Osório Magalhães (1993).

Constatei, no entanto, as dificuldades para resgatar integralmente o texto do autor pelotense em qualquer uma das fontes primárias, seja o romance, seja o folhetim, pois, embora a coleção da Biblioteca Pública Pelotense esteja completa, o seu acesso está restrito devido ao péssimo estado de conservação. Entretanto, felizmente, restaram na coleção em bom estado de conservação as páginas finais do folhetim correspondentes ao epílogo.

Assim uni e utilizei como fontes primárias básicas para a realização dessa dissertação: o romance em poder da Biblioteca Rio-Grandense e o epílogo do folhetim existente na coleção do jornal *Onze de Junho*, pertencente à Biblioteca Pública Pelotense⁵.

A filosofia no Brasil em 1878 (cf. CÉSAR, 1971, p. 252-253) e o artigo *Koseritz e o naturalismo* (CESAR, 1968, p. 90).

⁴ Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre), Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) e Real Gabinete Português (Rio de Janeiro).

⁵ Em 4 de abril de 2009, encontrei, na Biblioteca Central da PUCRS, no acervo do bibliófilo Júlio Petersen, outro exemplar completo da edição de 1885 do romance

Esta dissertação dá continuidade à linha de pesquisa que tenho trabalhado no resgate da literatura gaúcha produzida no século XIX, focalizando nesse momento, especificamente, o romance *Vênus ou o dinheiro*, um texto raro e importante para a compreensão efetiva da consolidação do sistema literário gaúcho e brasileiro, além de recuperar a atuação de um escritor que, tendo tido sua importância reconhecida em vida pelos seus contemporâneos, encontra-se quase que completamente esquecido e a sua obra desaparecida do grande público e dos pesquisadores.

Nossa hipótese de trabalho vai comprovar que, como quer Guilhermino César, o Rio Grande do Sul acompanhou a produção literária nacional em todos os seus momentos decisivos. E, que o folhetim *Vênus ou o dinheiro* (1881) é a produção em prosa do Rio Grande do Sul, que filia a literatura gaúcha ao Naturalismo, no mesmo ano de publicação no Rio de Janeiro de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *O mulato*, obras que, respectivamente, são consideradas marco inicial do Realismo e do Naturalismo no Brasil.

Para elaborar esse projeto pretendo transcrever, atualizar, analisar e deixar pronto para publicação o romance *Vênus ou o dinheiro*, obedecendo às normas de atualização de textos, conforme utilizado por Flávio Loureiro Chaves no resgate do romance *A divina pastora*, de Caldre e Fião (1996). Como objetivo direto esse romance ficará preservado, já que apresenta as características duma vertente do pensamento literário gaúcho e brasileiro que, em 1881, estava sintonizada com a produção européia moderna.

E é importante ainda esse resgate porque a pesquisa de campo revela ao pesquisador que uma vasta produção literária que ainda hoje, precariamente pode ser verificada em periódicos do final do século XIX,

Vênus ou o dinheiro, encadernado junto com outros dois: *Margarida Nobre*, de Dantas Barreto, e *O último dia de um condenado*, de Victor Hugo. E, em setembro de 2009, a mesma biblioteca disponibilizou outro exemplar da edição de 1885, derivado também do acervo pessoal do mesmo bibliófilo, este encadernado com reportagem publicada pelo professor pelotense Mário Osório Magalhães no *Diário Popular* de 2 de outubro de 1992, onde menciona que o romance de Paulo Marques estava a pedir uma reedição comentada, além de informar que o único exemplar que restara fora o da Biblioteca Rio-Grandense da cidade de Rio Grande, em que faltavam as páginas finais.

não recebeu a atenção dos estudiosos. Entre os motivos e razões estão às formulações pertinentes às metodologias da Teoria da Literatura e da História da Literatura que abordarei no item 1.4, que acarretou que muito texto de qualidade fosse ignorado, basicamente porque não focalizava a cor local sulina.

De minha parte, registro a alegria e a responsabilidade que me guia nesta pesquisa, no sentido de disponibilizar aos interessados um exemplar confiável do romance de Paulo Marques e analisar suas implicações com o sistema literário gaúcho e brasileiro.

1 CONTEXTO LITERÁRIO

1.1 Contexto literário europeu na segunda metade do século XIX

A partir da segunda metade do século XIX, o ambiente sociocultural europeu foi sacudido por três correntes do pensamento: o monismo materialista, o evolucionismo e o positivismo, doutrinas que, de um modo geral, supervalorizavam a matéria em detrimento do espírito e colocavam o homem como fruto do meio, defendendo o princípio de que só o sensível podia ser conhecido. Estas três correntes influenciaram de tal maneira o pensamento de então, que originaram a época realista, cujo início é demarcado na literatura pela publicação do romance *Madame Bovary* (1857), do francês Gustave Flaubert.

Logo, as ciências naturais desenvolvem-se e os métodos de experimentação e observação da realidade passam a ser encarados como os únicos capazes de explicar racionalmente o mundo físico. Influenciados pelos métodos experimentais os escritores procuraram ser objetivos e impessoais, evitando qualquer manifestação de envolvimento sentimental com os fatos narrados. A linguagem narrativa passa a ser mais minuciosa, com os autores procurando criar a impressão de realidade por meio do acúmulo de detalhes e, constituindo-se em oposição ao idealismo romântico, o Realismo literário propõe uma representação mais objetiva da vida humana.

Assim, o romance-folhetim deixa de ser visto como distração e objeto de exaltação dos valores burgueses, e transforma-se, com o trabalho dos escritores realistas, em meio de combate e de crítica às instituições sociais decadentes. A prosa realista vai analisar com impiedosa visão, principalmente a corrupção e a hipocrisia da classe burguesa, focalizando e denunciando suas instituições básicas: a família, a Igreja e a política da época.

Importa mencionar que a literatura de modo mais ou menos expressivo, sempre se interessou pela realidade social, e romances

diferentes entre si como *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, *A divina pastora*, de Caldre e Fião, ou *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, por exemplo, são disso uma evidência. Cada qual a seu modo focaliza uma determinada realidade social num tempo e num espaço. No entanto, não podemos dizer que esses textos são realistas no contexto em que aludimos aqui e que tem que ver com os princípios doutrinários de um movimento literário que apareceu na segunda metade do século XIX na Europa e inclui, como paradigma, escritores como Gustave Flaubert, Émile Zola, Guy de Maupassant e Eça de Queirós. Não basta, portanto, que um autor focalize e se interesse pela realidade física ou social para que possamos falar em constituição do Realismo literário.

Nas obras dos autores realistas pode-se com freqüência distinguir algumas características que definem uma tendência chamada Naturalismo, que sob o escudo do positivismo enfatiza o aspecto materialista da existência, vendo o homem como um produto biológico cujo comportamento é resultado da pressão do ambiente social e da hereditariedade. O Naturalismo vai enfatizar as transformações a que os homens estão sujeitos apresentando-se confiantes na ciência, nas suas conquistas e certezas. Logo, o homem, ao fim e ao cabo, vai ser encarado e representado literariamente como um ser impulsionado pelos instintos e pelas taras e desprovido de livre arbítrio. É por isso que é freqüente a comparação dos personagens com animais, cujos instintos por sua vez são despertados pelas condições do meio social.

A observação e a objetividade literária assimiladas das ciências naturais vão ser utilizadas pelos autores realistas por acreditarem serem estes os instrumentos por excelência para alcançar o conhecimento da realidade. Essa postura vai conduzir os autores a uma análise dos costumes, que, por sua vez, transforma-se no suporte de uma crítica social de intuito reformador, num contexto ideológico anti-idealista e anti-romântico, configurando a “fotografia literária realista” em substituição à “pintura idealista romântica”.

1.2 Contexto literário brasileiro no século XIX

Na primeira metade do século XIX o Brasil passou por um fenômeno cultural que há muito já se observava na Europa. Ao mesmo tempo em que crescia cada vez mais o número de leitores no país, verificava-se o surgimento de uma vida cultural na Corte brasileira, principalmente a partir de 1808 com a vinda da família real portuguesa, sendo intensificada com a independência política em 1822 e pela Maioridade de D. Pedro II em 1840.

Esses acontecimentos foram resultantes do gradual desenvolvimento das cidades e, os primeiros sintomas de agitação cultural verificam-se na segunda metade do século XIX, sobretudo a partir da década 70. Principalmente nas academias de Recife, São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro, que constituíam centros do pensamento e de ação por seus contatos freqüentes com as grandes cidades européias. No aspecto social, essas grandes transformações fizeram surgir uma significativa população urbana, marcada por desigualdades econômicas que provocaram o aparecimento de uma pequena massa proletária.

Um importante movimento de renovação do pensamento foi a Escola do Recife, liderada por Tobias Barreto, divulgador do monismo alemão entre nós. E ainda trouxe ponderável contribuição a *Questão Coimbrã* (1865), violenta polêmica entre os jovens de Coimbra que lutavam pela renovação do pensamento português e os conservadores de Lisboa, apadrinhados por António Feliciano de Castilho.

Também contribuíram para a mudança do pensamento brasileiro a Guerra do Paraguai e as campanhas abolicionista e republicana, que determinaram quase no final do século XIX a abolição da escravatura e o fim do Império, impondo novos rumos ao Brasil.

Na área da produção cultural, essas mudanças eram percebidas principalmente através dos jornais diários que publicavam geralmente

em rodapés, histórias de leitura rápida e descompromissada chamadas de folhetins. Normalmente, eram traduções européias, principalmente francesas e, sempre que o enredo alcançava um momento culminante o texto era interrompido propositadamente. Caso o leitor quisesse saber o desfecho da história precisava comprar a edição do dia seguinte, quando sairia publicada a continuação. Muitas vezes, o sucesso comercial dos jornais dependia dessa estratégia, uma vez que os leitores curiosos pelo desenrolar dos fatos tornavam-se assíduos compradores dos periódicos.

Foi dessa maneira, direcionado pelos valores burgueses românticos, que surgiu o romance-folhetim, que pouco a pouco incorporou as marcas de seu modo de publicação, mantendo-as em grande parte na estrutura do gênero, mesmo quando a obra completa era publicada em livro. Dentro deste condicionamento, o que interessava mais não era o aprofundamento psicológico dos personagens e, sim, a sucessão vertiginosa dos acontecimentos e o caráter exemplar que virtualmente contivesse cada um dos episódios. Era apresentado quase sempre sob o rótulo de romance de aventura, e não se afastava da pedagogia do ensinamento moral e do discurso político. Se por um lado esta limitação criativa dos folhetins cerceou a imaginação dos autores, não deixou de acentuar a capacidade de a literatura influir diretamente nos problemas do seu tempo.

Na gênese da prosa brasileira, verifica-se que em 1843, Teixeira de Souza publicou um folhetim intitulado de *O filho do pescador*, considerado por alguns eruditos, como José Veríssimo, como o marco inicial da prosa romântica brasileira e seu autor como o criador do romance brasileiro. Logo após, Joaquim Manuel de Macedo publicou *A moreninha*, em 1844, e *O moço louro*, em 1845, mesmo ano da publicação do folhetim, de apenas 30 páginas, *As duas órfãs*, de Joaquim Norberto de Sousa Silva. Dos três autores citados, destaca-se *A moreninha* de Macedo, um romance urbano que focaliza o quadro social do Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX.

Entre os pioneiros do gênero no Brasil, está o gaúcho José Antônio do Vale Caldre e Fião, que publicou no Rio de Janeiro, enquanto cursava medicina, *A divina pastora*, em 1847, e *O corsário*, em 1849. Esse último romance é, para Guilhermino Cesar (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 5-6), o primeiro romance histórico brasileiro e, embora tenha publicado todos os seus livros (prosa, poesia e trabalhos de literatura médica) no Rio de Janeiro, não foi o bastante para salvar o autor gaúcho do esquecimento.

Nossos principais historiadores literários - como Sílvio Romero (1888) ou José Veríssimo (1916) - não lhe citam sequer o nome e até mesmo João Pinto da Silva, em sua *História literária do Rio Grande do Sul* (1924), ignora completamente seu conterrâneo como ficcionista. Somente em 1956, Guilhermino César, em sua *História da literatura do Rio Grande do Sul*, reservou um capítulo ao estudo da obra de Caldre e Fião, em que comenta as qualidades de sua prosa a partir da leitura de *O corsário*, e de informações de periódicos cariocas da época, já que, nesta data, apesar de saber-se da existência, ainda não se conhecia nenhum exemplar d'*A divina pastora*, redescoberto somente em 1992.

A imprensa foi efetivamente o primeiro veículo de divulgação da produção literária brasileira e, desde os primórdios, muitas obras diferentes entre si continuaram a ser publicadas em periódicos na estrutura de folhetim. Uma delas é o romance de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), que, embora critique este tipo de romance e nada tenha de folhetinesco, surgiu primeiro em folhetim⁶, sendo considerado posteriormente como marco inicial do Realismo no Brasil, juntamente com o romance *O mulato* (1881), de Aluísio Azevedo.

Como mencionei anteriormente, estas primeiras obras eram românticas e, como tal, seguiam os pressupostos da escola em seu objetivo de criar uma literatura nacional que focalizasse a nação brasileira, a fauna e a flora, sua geografia e os usos e costumes do povo.

⁶ Conforme Regina Zilberman (2009) foi publicado originalmente entre março e dezembro de 1880 na *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano II.

Afinal, desde 1805, quando da publicação de *História da poesia e eloquência portuguesa*, de Friedrich Bouterwek, até 1836 quando da publicação de *O Brasil literário*, de Ferdinand Wolf, passando pelos trabalhos de Sismonde de Sismond, Almeida Garrett, José da Gama e Castro, Emílio Adet e Joaquim Norberto de Sousa Silva, era sugerida a necessidade da presença da “cor local” como elemento constituinte do que chamaríamos de literatura brasileira.

Nesta direção, e com este elemento definindo a qualidade estética das obras publicadas, vai ser fundamentado o cânone das obras brasileiras, sempre se levando em consideração a presença ou ausência da cor local. Bouterwek, por exemplo, diz que Cláudio Manuel da Costa, apesar de ser bom esteticamente, tem o “defeito da ausência de cor local e faz imitação dos autores clássicos”. Esta preocupação de focalizar a presença da cor local na produção literária vai aumentar no período romântico e vai apontar como paradigma, na prosa, José de Alencar, e na poesia, Gonçalves Dias.

Machado de Assis é o primeiro estudioso da literatura brasileira que fará uma análise que se diferencia dos pressupostos dos críticos anteriores. O crítico carioca lembra que uma literatura nascente deve principalmente alimentar-se com os assuntos que lhe oferecem a sua região, mas discorda da utilização da cor local como critério definitivo do valor da obra. É no ensaio “Instinto de nacionalidade”, de 1873, que Machado aborda esta questão e defende que:

o que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (ASSIS, 1999, p. 98).

Num balanço posterior do decênio brasileiro que vai de 1869 a 1879, Sílvio Romero sintetizou assim a emergência das novas atitudes de pensamento:

Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas, o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes

proprietários, a mais indireta opugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. (...) De repente, por um movimento subterrâneo que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguai estava ainda a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se agita e logo após é seguida a questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arrocho das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos; o Partido Liberal, expelido grosseiramente do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o Partido Republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar. Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico, o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso. Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos; hoje que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor da novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio: Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da instituição do Direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da Escola de Recife (ROMERO *Apud* BOSI, 1984, p. 184).

É dentro desse contexto mencionado por Silvio Romero que o romance realista surge em oposição ao subjetivismo romântico, sintonizado com o desenvolvimento cultural e intelectual da segunda metade do século XIX.

A preocupação fundamental do escritor realista é adotar uma postura de cientista, apresentar a história, a personagem, a cena, a paisagem como é na realidade, sem desfigurá-la. Vai explorar principalmente os dramas da existência contemporânea, tentando focalizar o que existe de perene no homem à luz da filosofia da época. Não há, por isso, no Realismo, romances históricos ou indianistas, por exemplo. O interesse dos autores está focado em apresentar e

denunciar, no romance, problemas existenciais da época, que segundo eles, precisavam ser modificados. As personagens são tipos concretos, vivos, reais e não idealizados, predominando, normalmente, sobre o enredo.

1.3 Contexto literário gaúcho

Antes do gaúcho Caldre e Fião publicar seus romances, a literatura sul-rio-grandense destacou-se no início do século XIX com as obras das gaúchas Maria Clemência da Silveira Sampaio (*Versos heróicos pelo motivo da gloriosa aclamação do 1ª imperador constitucional do Brasil*, 1823) e Delfina Benigna da Cunha (*Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*, 1834). Essa incipiente literatura é a base do sistema literário gaúcho, embora somente ganhe força com a chegada do Romantismo no Rio Grande do Sul na segunda metade da centúria, quando o estado foi excepcionalmente fértil na construção de uma afirmação mental e cultural. Num curto espaço de tempo fundaram-se na capital e no interior diversas publicações periódicas, predominante ou exclusivamente engajadas em divulgar trabalhos literários.

O Guaíba, lançado em Porto Alegre em 1856, é considerado o primeiro periódico literário gaúcho, e vai divulgar os principais representantes da primeira geração romântica da província. Apesar de figurarem no periódico, transcrições de novelas e trechos de outros gêneros, de autores estrangeiros como Alexandre Dumas, Eugène Sue, Julio Noriac e outros, em geral, suas páginas, tanto as de poesia como de prosa, eram produções de poetas e escritores da província. Imaturos em sua maioria, procuravam uma linguagem própria diferente da européia, através da imprensa.

Após o aparecimento de *O Guaíba*, surgem outros na capital: *Álbum de Domingo* (1860), *O Diógenes* (1863), *O Ipiranga* (1863), *Atualidade* (1867), *O Relâmpago* (1869) e a *Revista do Partenon Literário*

(1869), criada pela Sociedade Partenon Literário, que embora não tivesse ligação com os partidos políticos, aspirava desempenhar fora da literatura uma função voltada ao social.

Uma destas funções foi seu cunho abolicionista que a levou, apesar das suas dificuldades econômicas, a alforriar por conta própria mais de cinquenta escravos. Criou aulas noturnas gratuitas na capital e lançou a idéia da fundação de bibliotecas municipais. A biblioteca em sua sede chegou a dispor de cinco mil volumes, que eram franqueados ao povo, sem distinção de classe. Durante nove anos editou sua revista mensal de cuja leitura, no dizer de João Pinto da Silva (1924), não poderá prescindir quem quer que deseje conhecer a evolução literária do Rio Grande do Sul.

Consta que desse grêmio fizeram parte dezenas de intelectuais, sendo que do ponto de vista mental a influência do Partenon Literário foi muito grande em toda a província, sendo importante registrar que:

Figuravam entre eles, alguns nomes, poucos, de valor indiscutível e dos quais ainda hoje se fala com admiração. O resto era constituído de *curiosos*, hóspedes da literatura, que nada, aliás, lhes ficou a dever, quando a política, o jornalismo, o comércio, as indústrias, mais tarde, os separaram dela, para sempre (SILVA, 1924, p. 53).

Com certeza, é por essas razões elencadas que é tão vasta e numerosa a produção acadêmica gaúcha que focaliza o *Partenon Literário*. Aqui neste espaço, importa-me acrescentar o dizer de Guilhermino César:

Ora, nem tudo foi harmonia, confraternização e saraus nessa entidade, que de 1868 a 1879 centralizou a vida intelectual no Rio Grande do Sul. Ela própria viu nascer de si mesma os germes que a destruíram; Koseritz e Argimiro Galvão, inovadores arrogantes, pertenceram às suas fileiras. Mas se estas, apesar de tudo, comportaram (e daí o seu mérito) as facções mais diversas, nem por isso entre Koseritz e Apolinário, como entre Argimiro Galvão e Inácio de Vasconcelos Ferreira – apenas para exemplificar – deixou de haver abismos intransponíveis, no que diz respeito às idéias. Ao lado de suspiros românticos, ali viveram alguns representantes, ácidos e combativos, de novas correntes que começavam a

inquietar o Brasil, trazendo-lhe as ondas filosóficas e literárias do mar-alto europeu (CESAR, 1968, p. 97).

E visando o propósito de traçar um painel do surgimento da reação anti-romântica no sistema literário gaúcho, registro o surgimento do periódico semanal de literatura, ciências e artes *Eco de Ultramar* (1876). De propriedade de L. Kraemer Walter, contava com vários colaboradores, entre os quais Carlos Von Koseritz, e apresentava-se na arena jornalística com o seguinte programa:

Muitas vezes fomos levados a refletir no fato de que a grande maioria dos nossos compatriotas, uns por não disporem do tempo e meios precisos para fazerem aquisição do que de mais importante vai aparecendo, tanto nas literaturas da velha Europa, como nas do Novo Mundo, outros pela circunstância de ignorarem as línguas em que escrevem as principais nações cultas de ambos os continentes, acham-se por assim dizer completamente isolados do movimento literário e científico das outras nações e, o que ainda é mais para sentir, mostram-se também indiferentes pelo que neste sentido vai aparecendo entre nós, ainda que em modesta escala. (...) contribuir para criar entre nós um genuíno gosto literário, em lugar da exclusiva imitação de autores franceses que hoje impera entre nós e nesta cruzada, dissemo-lo com ênfase, alistamo-nos de todo coração, sob o glorioso pendão dos Tobias e Romeros que no norte do Império já vão encaminhando o que agora encetamos (FERREIRA, 1975, p. 93-94).

Declara-se expressamente no editorial que seus organizadores alistavam-se sob o pendão dos cientificistas Tobias Barreto e Silvio Romero. Isso comprova o empenho com que Carlos Von Koseritz, Luís Kraemer Walter e Argimiro Galvão, entre outros, discutiram e divulgaram, no Rio Grande do Sul, certos princípios do monismo, do transformismo e das demais correntes naturalistas do cientificismo europeu. Também registra já em 1876, um primeiro elo entre as atividades mentais do Norte e do Sul do Brasil. Além disso, comprova a familiaridade que os gaúchos do período tinham com as publicações francesas, entre elas as obras de Emile Zola e Gustave Flaubert, criadores, respectivamente do Naturalismo e do Realismo literário.

Apesar da sua breve existência, os objetivos do *Eco de Ultramar* continuaram a ser perseguidos, cada vez com mais vigor na província, encontrando ressonância no *Álbum de Domingo* (1878), que repetirá o nome já utilizado por outro periódico em 1860.

Por configurar-se no principal contraponto à ideologia romântica dominante no cenário literário gaúcho, o *Álbum de Domingo* é um dos periódicos mais significativos da Província no século XIX. Em suas páginas, Carlos Jansen, antimaterialista, e Carlos Von Koseritz, darwinista, manifestam as primeiras reações contra o Romantismo, com o advento do Naturalismo e do Realismo, impregnados das tendências socialistas da época.

Assim, o movimento de renovação que se processava no país encontrará eco no *Álbum de Domingo*, principalmente ao sabor da pregação de Tobias Barreto e Sílvio Romero, que produz então os seus frutos no Rio Grande do Sul. Damasceno Vieira, colaborador do semanário, é um dos mais atuantes propagadores das modernas correntes estéticas, motivado pelos apelos de Sílvio Romero que, em 1870, no norte do Brasil, dera o primeiro brado contra o subjetivismo romântico.

Diversos debates acontecem pelas colunas desse periódico em torno da nova poesia, como os de Filomeno (Artur Rocha) e Rabelais (Damasceno Vieira), que ilustra a posição dos redatores do jornal nos quadros da produção literária da época. Transcrevo dois fragmentos para exame e crítica dos estudiosos:

Cartas a Rabelais – (...) Nada mais de faces cor-de-rosa, de olhos mais brilhantes do que o sol, de hálito violáceo de sorrisos divinos, porque ninguém viu nem verá sorrir a divindade, triste idéia se faria da boca onde pudesse nascer crescer e florir um pé de violetas e nem há no mundo brilho que se compare ao do astro rei. Nós somos os demolidores da mentira doirada, da quimera e dos sonhos insensatos, e os construtores do grande edifício da verdade, do realismo, do positivismo e de tudo quanto possa exprimir a matéria, único Deus que reconhecemos, única verdade incontestável, único ser motor e demolidor de todas as coisas. Abaixo o romantismo e o idealismo! Viva a luz e o progresso! (FERREIRA, 1975, p. 105)

Esse fragmento de Artur Rocha demonstra literalmente o conceito que tinha os articulistas do *Álbum de Domingo* em relação ao Romantismo neste período, comparado a uma “mentira doirada”, “uma quimera”, “um sonho insensato”, que se opõe ao edifício da verdade erigido pelo Positivismo. O escritor realista assume que só reconhece como Deus o cientificismo e, a pregação, que tinha por alvo a reorganização social através da produção literária, vai atingir também a Igreja e a política, duas instituições que precisam ser modificadas para alavancar o progresso.

Damasceno Vieira respondeu assim:

Cartas a Filomeno – (...) Os bardos sentimentais, com seus esguios redingotes, os cabelos compridos e revoltos como a juba de um leão, repletos sempre de ridículas excentricidades – como a de se suporem tísicos – estão demasiados conhecidos de todo mundo para que alguém possa iludir-se a respeito do que afirmam nas suas frivolidades poéticas, metrificadas rigorosamente, contando-se as sílabas pelos dedos! (...) O bardo realista, que tem por ponto objetivo de suas lucubrações fazer progredir a arte de que é operário, esquece inteiramente de si e de suas pequeninas misérias e canta o progresso assinalado nas grandiosas descobertas, como o vapor, a eletricidade, os fenômenos da Física e da Química que a Ciência tem demonstrado, e finalmente todos os heróicos cometimentos em que se tem empenhado com resultado e inteligência humana. Estuda todas as questões sociais, acompanha todos os movimentos científicos e consegue finalmente identificar-se com o século em que vive a ponto de descrevê-lo em traços indelévels para que tenham os pósteros de que admirar-se (FERREIRA, 1975, p. 109).

Damasceno Vieira responde com ironia e humor para ridicularizar os poetas românticos, além de traçar uma espécie de “profissão de fé” do Positivismo e do Realismo. No Realismo, diz ele, o poeta é um operário que esquece a serviço da arte de toda a sua subjetividade, identifica-se com a época em que vive e a descreve para admiração das gerações futuras. Pode-se facilmente imaginar o escândalo que tais posicionamentos despertavam na sociedade gaúcha da época,

estabelecida, fundamentada e constituída pelos ideais românticos, embora este ideal já agonizasse em outras regiões do país e do mundo.

Em outubro de 1880, a *Revista Mensal da Sociedade Científica e Literária Culto às Letras*, é fundada, em Porto Alegre, por oficiais alunos da Escola Militar, com um programa bastante incisivo no tocante às novas idéias:

Ao transpor o limiar da vasta arena, onde se debatem as grandes idéias filosóficas do século, em que a mentalidade positiva, num progressivo desenvolvimento, simboliza a síntese da atividade racional, na vasta escala dos conhecimentos, a Revista da Sociedade Literária e Científica Culto às Letras, sente que lhe falecem as forças ante a enormidade da luta que se trava entre o espírito filosófico dominante da época e os anacronismos teológicos que ainda infelizmente medram nas sociedades modernas. Ela representa no grande mundo jornalístico do nosso país um tentame na cruzada empreendida pelos representantes do progresso e da civilização hodiernos; é apenas um minguado produto dos esforços duma pequena fração da mocidade acadêmica brasileira que, inspirando-se nas idéias regeneradoras dos grandes mestres, vem contribuir, senão poderosamente, ao menos com o quanto lhe permitem as suas débeis forças, para a propagação das luzes que se refletem no grande prisma da ciência universal, cujas múltiplas faces são os grandes atletas da Razão e da Ciência (FERREIRA, 1975, p. 117).

A Escola Militar passa a influir na opinião pública gaúcha à semelhança das faculdades de Direito de São Paulo e Recife e da Escola Central da Corte, transformando-se num núcleo de fermentação cultural e de idéias. Já que não havia na província nenhum curso superior estabelecido, a Escola Militar exercerá essa função e influenciará os mais variados setores da vida mental, social e política do Rio Grande do Sul. É principalmente por inspiração e divulgação dessas idéias que a propaganda republicana alastra-se, a campanha abolicionista fortalece-se, a Igreja é atingida nos seus fundamentos, o “feudalismo” econômico sofre as primeiras ameaças e variadas correntes filosóficas entram em curso.

A opinião pública do Rio Grande do Sul não estranhava essas idéias e estava sintonizada com o prestígio que as mesmas conquistavam dia a dia no país. É verdade que nem todos os

colaboradores que integravam a *Sociedade Culto às Letras* eram discípulos de Augusto Comte. Havia darwinistas e spenceristas, leitores de Buchner, Hartmann, Heckel e outros propagadores do espírito cientificista da época. No entanto, a maioria identificava-se com as doutrinas de Comte e não raro, mesmo divergindo delas em diferentes pontos, acabavam seguindo-lhe as lições.

Ainda circulará em Porto Alegre, no ano de 1880, *O Lábaro*, também de inspiração positivista e cientificista e, em 1881, chega a circular ao mesmo tempo na capital seis periódicos literários: *Revista Literária*, *O Tipógrafo*, *O Pirlampo*, *O Romeiro*, *O Progressista* e *O Arauto*. Falando desse período final da década de 80 diz Guilhermino Cesar:

Se somente com a República o Positivismo ganhou, aqui, foros de doutrina oficial, muito antes disso o meio ambiente se fizera acessível à implantação de seus princípios. O cientificismo do século, mascarado com vários nomes, havia recrutado fervorosos adeptos, mercê em grande parte, como vimos anteriormente, do labor de publicistas avançados, entre eles Carlos Von Koseritz (...) Mas, antes de ganhar foros de doutrina fechada, o Positivismo era para essa gente o amor da ciência exata – a matemática, a história natural, a química, a física. Só depois da República foi que o termo ganhou contorno definido, pois só então, graças aos primeiros triunfos comtistas no preparo da insurreição antimonárquica, mercê da adoção de seus princípios pelo governo Provisório, a Religião da Humanidade plantou em Porto Alegre, com o seu templo, uma confraria pequena, mas disciplinada. Dentre as condições favoráveis ao florescimento, entre nós, do comtismo ortodoxo, apontam-se várias causas, umas de ordem sociocultural, outras de ordem política, mas até agora não se inventariou a ação pessoal dos precursores, na verdade todos aqueles que inconscientemente, desprovidos de cultura filosófica, abraçaram a evolução das ciências como *ultima ratio* do processo cultural. (...) Outrossim, é sabido que os sentimentos republicanos do gaúcho vêm de longe; tiveram aplicação prática em plena vigência do Império, com a república de Piratini. Tal experiência, vivida no ardor de sanguinolentos combates, embora frustrada, permaneceu no substrato coletivo, não sendo estranha à paixão republicana que desde então inflamou a mentalidade gaúcha (CESAR, 1971, p. 342-343).

Naturalmente, a região sul gaúcha não poderia ficar alienada de todo este processo intelectual que se espalhava no Rio Grande do Sul. A

cidade de Rio Grande, através de seu porto marítimo por onde entravam as novidades literárias da Europa e da Corte, importadas principalmente pela população lusa moradora na cidade, facilitava que o sul do sul brasileiro estivesse também conectado com o pensamento renovador que arejava o Brasil de então.

Em 1880, na cidade de Rio Grande, Rocha Galo⁷, correspondente do jornal rio-grandino *Eco do Sul*, escreve duas críticas literárias a respeito da poesia moderna sobre a rubrica de “Cartas Jaguarenses”. Na datada de 3 de outubro de 1880, ridiculariza o ultra-romantismo e o realismo literário:

Meu caro colega: havia em outros tempos - tempos felizes aqueles! Umas criaturas quase fantásticas, anêmicas, que a tênia do linfatismo roia lentamente e a neurose agitava nos espasmos convulsivos do histérico. Eram umas sombras pávidas, quase vampíricas, desertadas não sei de que paragens desconhecidas, para virem tomar parte no frenético can-can da vida social polvilhadas de nanquim. Nesses tempos, os suspiros e os ais tinham extraordinário consumo junto as gelosias e portas, aonde os menestréis iam - que tolos que eles eram - oferecer a vida por um sorriso delas, tangendo o violão a que chamavam metaforicamente o seu alaúde. As Marílias, essas sombras de que venho de falar, erguiam-se então do leito no desalinho e alvoroço do sono interrompido e entrincheiravam-se em fraldas contra o insulto de olhares profanos por detrás das ditas gelosias e portas para prestarem os ouvidos do corpo e da alma aos acentos melódiosos dos trovadores noturnos. Concluída a serenata volviam elas ao ninho com o coração a estuar de amor e o nariz a pingar a lágrima do defluxo, enquanto eles iam bater a outra porta para continuarem a oferecer mundos e fundos por um sorriso... Se a polícia, ciosa da tranqüilidade do cidadão, não espantava o bando de rouxinóis, ou os pais das ingratas Armias os não afugentavam a caldeiradas d'água, a música durava até os primeiros albores do dia e os bardos mascarados com a melancólica palidez da insônia recolhiam-se ao lar expectorando os catarros asquerosos da bronquite e às vezes os sanguíneos escarros da tuberculose. (...) Assim, pois, o lirismo e o romantismo iam adelgaçando moral e fisicamente a geração nova, quando o Sr. Baudelaire e outros

⁷ José Antonio da Rocha Galo, poeta de nacionalidade portuguesa que viveu e publicou no Rio Grande de 1874 até 1890 quando morreu afogado no balneário Cassino, e que segundo João Pinto da Silva foi o primeiro biógrafo do poeta Francisco Lobo da Costa. Maiores dados biográficos, assim como o texto integral das críticas aqui citadas, podem ser consultados em www.ila.furg.br/ecodosul.

rimadores de sua estofa entenderam dever sustar o curso às impetuosas correntes da poesia sentimental, substituindo-a pela poesia utilitária, pela poesia realista, que tanto vale uma como outra. (...) As Marílias entraram a ficar rotundas; os Romeus começaram a tomar cores nas desmaiadas faces; o sangue da geração nova principiou a ressentir-se das saturações restauradoras do oxigênio da vida utilitária. (...) A revolução foi completa: os heróis e as heroínas entreolham-se agora envergonhados das recíprocas pieguices e votam-se a amores mais tangíveis, mais úteis, mais práticos até do que essas correrias do platonismo que lhes andava a depauperar o alento nas veias e a força nos músculos. Porém... (neste, porém vai uma mancha do sol) não me parece muito crucial que esta poesia regeneradora, esta musa da Renascença viva a revolver os charcos e a trazer para a luz todas essas chagas cancerosas e venéreas do podre romantismo; bastaria que se limitasse a prescrever aos enfermos heróis e heroínas desse tempo que lá vai, o regime do iodureto de potássio e do subnitrito de bismuto, ou as aplicações do clorato às supramencionadas chagas, porque, afinal de contas, as nossas esposas não podem cravar os olhos em tanta hediondez sem que se lhes rebelem nas entranhas as serpentes do nojo (*Eco do Sul*. Rio Grande, 3 out. 1880. p. 1).

Neste texto, Rocha Galo demonstra que, embora seja um poeta romântico (e provavelmente por isso), discordava completamente do ultra-romantismo então em voga. O articulista correspondente faz diversas críticas aos trovadores noturnos e aos seus “sonhos e ais desvairados e febris”, assegurando que o consórcio desses elementos com as musas Marílias, estava produzindo filhos debilitados, com sangue fraco e doente. O autor termina por elogiar a poesia de Baudelaire que surgiu, segundo ele, como uma regeneração da poesia lírica, mas não concorda com a temática da escola realista, que deveria ser vedada às esposas e filhas por serem por demais escandalosas.

Na segunda das “Cartas Jaguarenses”, intitulada de “A poesia utilitária ou realista”, publicada em 21 de novembro de 1880, Rocha Galo aborda a repercussão do romance *Nana*, de Emile Zola, entre os críticos de Jaguarão e as precauções que eles tomam a respeito das suas famílias. No artigo, o poeta faz comentários depreciativos a

respeito do romance de Zola, um dos mestres da escola adotada por Paulo Marques:

Sente-se por aqui uma veneração fanática pelo nome de Emile Zola. É isto um indício de progresso intelectual e de amplo desenvolvimento do gosto pelos modelos da moderna literatura. A *Nana* era apenas conhecida nos bombásticos anúncios das folhas do litoral e já havia quem analisasse o estilo e o pensamento do imaginoso propagador do naturalismo nessas páginas que tressuam exalações nauseabundas de corpos e de almas em decomposição. Os críticos entusiastas quiseram, entretanto verificar se era procedentes os seus juízos de inspiração e importaram o livro dos mercados da capital, onde a linda feitura do grande romancista francês granjeara também adorações pânicas por parte dos amadores de belezas imundas (*Eco do Sul*. Rio Grande, 21 nov. 1880, p. 1) .

Este posicionamento de Rocha Galo configura um panorama bastante próximo do que vinha acontecendo no período em nível intelectual no Rio Grande do Sul, não só na capital, mas também nas principais cidades do interior como Rio Grande e Pelotas. Paralela a uma produção romântica apreciada por parte dos autores e críticos, existia na imprensa local um grupo de autores que defendia o fim do Romantismo e a adesão ao novo movimento que vinha da Europa, alinhado ao pensamento filosófico moderno divulgado principalmente pelo jornalista alemão Carlos Von Koseritz desde a década anterior.

Da mesma forma que Porto Alegre e Rio Grande, a cidade de Pelotas, durante a segunda metade do século XIX até aos primeiros decênios do século XX, também participou desse embate entre românticos e realistas.

Conforme divulgou Mário Osório Magalhães (1993), uma pequena aristocracia pelotense desfrutou da prática de valores de urbanidade, refinamento social e intelectualidade, graças à indústria do charque e ao estabelecimento de fortunas conquistadas através desse comércio, propiciando uma intensa vida cultural. Durante o período de entressafra do couro, esse grupo social vinha para o espaço urbano para deleitar-se nos teatros e divulgar suas produções poéticas:

A esse culto pela literatura – mais do que ao culto pelo teatro, pela música ou pelas artes plásticas – pode-se creditar uma das fortes manifestações do bairrismo pelotense. Permitiu que se acrescentasse ao cognome “Princesa do Sul”, com que o município alardeava o seu progresso material, o cognome “Atenas do Rio Grande”. Só poderia ser Atenas uma cidade que concentrava com tanto orgulho os valores intelectuais desta Província – uma província que sempre fora Esparta, no Brasil, graças aos seus valores militares (MAGALHÃES, 1993, p. 263).

Essa vocação literária pelotense remonta a 1822, quando o charqueador Antônio José Gonçalves Chaves publicou na Imprensa Nacional da Corte, um estudo minucioso sobre a situação política, social e econômica da Província do Rio Grande de São Pedro. Constituída de cinco volumes, *As memórias ecônomo-políticas* até hoje surpreende pela amplitude das informações e pela prosa bem elaborada em que foi escrita.

Outras produções literárias pelotense de que se tem notícia são todas posteriores à segunda metade do século XIX e vão coincidir com o surgimento dos seus primeiros jornais e com a consolidação da fisionomia urbana. É que entre 1835 e 1845, a incipiente vida cultural da cidade de Pelotas, assim como a provincial, foi praticamente interrompida pela Revolução Farroupilha.

Ainda conforme Mário Osório Magalhães, durante a década de 1850, Antônio José Domingues (1791-1860), português, e Carlos von Koseritz (1830-1890), alemão, são os dois primeiros autores, moradores em Pelotas, a publicar de forma impressa. Domingues influenciou os primeiros poetas rio-grandenses, como Clarinda da Costa Siqueira, tendo produzido algumas poesias esparsas e discursos laudatórios sobre os primeiros anos da fundação de Pelotas.

Carlos Von Koseritz permaneceu em Pelotas até 1864, tendo exercido a função de professor, escriturário e jornalista. Em Pelotas, casou-se, foi naturalizado brasileiro perante a Câmara de Pelotas em 1º de junho de 1859 e publicou seus primeiros livros, transitando pelo gênero didático, pelo romance, pelo teatro e pelas traduções. Em 1872, já radicado em Porto Alegre, fará o prefácio das *Poesias alemãs*, do

poeta romântico Bernardo Taveira Júnior (1836-1892) e, a introdução das *Poesias* (1881), livro póstumo da poetisa clássico-romântica Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867).

Na prosa de ficção, Vítor Valpério, pseudônimo de Alberto Coelho da Cunha, autor natural de Pelotas só foi antecedido de dois anos pela obra considerada pioneira do regionalismo gaúcho, *O Vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre. Em 1874, Vítor Valpério publicou na *Revista do Partenon Literário* a sua novela “Mãe do Ouro”, cujo enredo focaliza igualmente o cenário rural da Campanha. Além dessa novela publicou também dois contos na revista do Partenon: “Pai Felipe” e “A filha do capataz”, respectivamente em 1874 e 1875. Nesse último, efetivamente revelou-se um verdadeiro precursor ao focalizar pela primeira vez na literatura brasileira o ambiente das charqueadas. Vítor Valpério era filho do charqueador Felisberto Inácio da Cunha, Barão de Correntes, e conhecia bem o trabalho saladeiril e os sofrimentos do negro cativo.

Importa ainda obrigatoriamente mencionar o nome do poeta Lobo da Costa na configuração do sistema literário pelotense. Tinha o poeta quinze anos quando surgiu em Porto Alegre a *Sociedade Partenon Literário*, grêmio literário que participou, embora residisse a maior parte do tempo na sua cidade natal Pelotas. Guilhermino César informa que:

Lobo da Costa encarnou a boêmia literária no mais alto grau da neurose romântica e do abandono de si mesmo. Se a vida não lhe houvesse dado, desde a juventude, boa cópia de amargores, ele os teria criado, com o sentimento bovarista de que foi pródigo. Andejo como Villon, resentido como Lord Byron, sentimental como Lamartine, pertenceu-lhes à família, talvez inconscientemente, porque a sua escassa cultura não lhe dava poderes para forçar o parentesco. Com os nossos, Macedo, Álvares de Azevedo, Casimiro, Castro Alves, andou de mano a mano; (...) O seu poder de comunicação e de encantamento, através de ritmos enleantes, tocou todas as almas. Mas a fama, em vez de apaziguá-lo, espicaçou-o ainda mais. Desceu aos piores desregramentos, nas tascas e bordéis, até que a morte compassiva aninhou-o numa sarjeta de rua, por uma noite de inverno pelotense. (...) Se os letrados ouviram sempre com certo desdém os gemidos dolorosos de Lobo da Costa, razão porque influiu pouco na poesia culta, na admiração popular reservaram-lhe um posto de honra, junto do Negrinho-do-Pastoreio, de

Sepé Tiaraju e de outros infelizes. Virou símbolo (CESAR, 1971, p. 238-239).

Paralelo a esses autores pelotenses que colaboravam diretamente no *Partenon Literário*, existia na imprensa da cidade um grupo de autores que se decidiu pelo Naturalismo: Paulo Marques, Laranja Filho, Pedro Osório, Albino Costa, Gomes Corrêa, Francisco de Paula Pires, entre outros. Paula Pires exerceu considerável influência sobre os jovens literatos e colaborou com os principais órgãos de imprensa literária. Redigiu a *Tribuna Literária* e o *Álbum Literário*, de onde a juventude da época alvejou a metafísica e o gosto romântico. Com galhardia, os jovens literatos apregoavam o fim do Romantismo e a adesão ao Positivismo, movimento filosófico que, surgido na França, espalhará-se pela Europa e partes do Brasil.

E assim, no período, a culturalmente ativa cidade de Pelotas dispôs de forma paralela de escritores como Lobo da Costa e Paulo Marques. Um expoente do ultra-romantismo, o outro, precursor do Realismo, cada um a seu modo provocou uma agitação fora do comum nos meios culturais da cidade e da região sul do Brasil. Em nenhum outro momento posterior isso se repetirá, nem mesmo depois do surgimento de João Simões Lopes Neto, a figura máxima do regionalismo gaúcho.

Ratificando que o Naturalismo surgiu no Rio Grande do Sul ao mesmo tempo em que nas demais províncias, Guilhermino Cesar em sua *História da literatura do Rio Grande do Sul*, de 1956, apresenta o pelotense Paulo Marques e o folhetim *Vênus ou o dinheiro*, de 1881, como prova da sintonia da produção gaúcha com o centro do país. E, em outro trabalho, de 1968, intitulado *Koseritz e o Naturalismo*, Cesar retoma a tese do paralelismo literário cultural gaúcho e brasileiro, acrescentando algumas questões de que me aproprio para ilustrar a importância do estudo desse período:

Seria de todo conveniente aprofundar-se o estudo da vida literária nessa época. De certo, não encontraremos aí grandes autores, nem se trata disso, mas convém captar com mais nitidez a atmosfera peculiar que então se criou,

carregada de intenções renovadoras – fermentação utópica generalizada, que muito serviu para dissolver os resquícios coloniais da nossa cultura. Afinal, foi essa atmosfera comum ao país; sem ela, não teria surgido, concomitantemente (1881), no Maranhão, *O Mulato* e no Rio as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Mas, aqui, teve ela um colorido muito particular, devido em parte à forte contribuição estrangeira e ao inconformismo do espírito anti-monárquico remanescente de 1835. Além do que, o Realismo, como processo cultural, não mereceu ainda as investigações regionais necessárias, sem embargo do interesse que haveria em fazê-las bem minuciosamente, tanto para servir à literatura como à história das idéias. (...) Um Paulo Marques não figura nem mesmo na cronologia do Realismo; e um Koseritz, que tão fortes repercussões despertou, como defensor do naturalismo filosófico, não figura senão de passagem – quase por favor – em alguns dos mais recentes ensaios sobre o movimento filosófico da segunda metade do século XIX. Contudo, suas ligações com os pensadores alemães e, no Nordeste, com Tobias Barreto e Sílvio Romero, sua prodigiosa atividade de publicista, facilitaram enormemente a difusão das idéias da Escola do Recife no extremo Sul. (...) Ora, tudo isso nos mostra que tais investigações ainda não se fazem muito a sério, no Brasil, tanto por dificuldades bibliográficas, como por inércia ou comodismo. Quem escreve no Norte ou no Centro ignora o que se publicou no Sul, e vice-versa (CESAR, 1968, p. 89-90, grifos meus).

É dentro dessa lacuna de trabalhos que abordam o Realismo literário brasileiro dentro dos estados que esta dissertação se alicerça, resgatando e analisando o romance *Vênus ou o dinheiro*, de Paulo Marques, e a sua atuação no contexto literário gaúcho do século XIX.

1.4 História da literatura, fontes primárias e resgate de textos literários

Ao crítico, assim como ao historiador, só cabe a analogia com o caçador se lembrar que um e outro não só perseguem rastros, mas que, assim fazendo, produzem outros rastros: os rastros do rastreador. Luiz Costa Lima

Maria da Glória Bordini, em “Acervos e história da literatura: a fonte primária na escrita dos eventos” lembra que foi somente a partir de 1980 que a investigação de acervos e periódicos literários tornou-se importante para a historiografia da literatura brasileira e adquiriu estatuto científico. Bordini assinala que efetivamente os acervos existiam anteriormente, mas só atraíram a atenção dos historiadores literários quando o modelo de História da Literatura deixou de ser o periodológico, em reação ao anti-historicismo estruturalista e a partir do prestígio alcançado pela Escola dos Anais.

Assim sendo, os pesquisadores passaram a orientarem-se por uma concepção de história não-linear, não-essencialista ou causalista e começaram a recortar, das séries documentais disponíveis, os dados que pudessem testar diferentes hipóteses interpretativas. Ao contrário dos historiadores da “velha guarda”, que consultavam os acervos que conseguiam encontrar, sem indagarem do seu projeto historiográfico, e reproduziam o historicismo romântico, em que os documentos serviam a um centramento narrativo.

Desde as minhas primeiras pesquisas com o resgate da produção literária produzida na região sul do Rio Grande do Sul no século XIX, percebi que o trabalho com fontes primárias, conforme ensina Regina Zilberman (2009), “incidem não apenas numa história ou numa cronologia, mas igualmente numa concepção de história”. Essa concepção de história que evidenciaremos nesse capítulo, balança os alicerces dos pressupostos que estabeleceram a criação e a instituição da Teoria da Literatura e da História da Literatura.

No artigo citado, Zilberman enfatiza que a passagem do século XX para o XXI proporcionou a avaliação dos eventos abrigados pelos últimos cem anos. Nessa avaliação, destacaram-se as conquistas científicas, os avanços tecnológicos, as descobertas na área da genética e da medicina, as transformações nos processos de produção e difusão da arte e das mercadorias, a expansão e a consolidação dos estudos literários e dos estudos lingüísticos. Lembra a ensaísta que os estudos literários efetivamente começaram no século IV a.C, já que fazia parte da educação do cidadão ateniense, situando-se assim o surgimento dos estudos literários na Antiguidade Clássica.

Partindo deste marco temporal, Zilberman traça o percurso diacrônico dos estudos literários, passando pela escolástica e sua atuação no século XVIII, transita pelos trabalhos surgidos na Alemanha que, tendo atrasado sua unificação política, conseguiu estabelecer uma uniformidade cultural e considerável primazia na literatura e na filosofia.

Na literatura, a Alemanha antecipou movimentos como o Romantismo, inaugurado pelo Sturm und Drag, de Goethe e Schiller e preponderou na Filosofia através dos trabalhos de Kant e Hegel. Na Estética, registra entre seus fundadores Alexander Gottlieb Baumgarten e Gotthold Efraim Lessing e, na História da Arte e História da Literatura, J. Winckelmann, F. A. Wolf, August W. Schlegel e Friedrich Schlegel, que publicaram seus trabalhos iniciais no século XVIII. Também a reforma e a modernização da Universidade começaram na Alemanha com Wilhelm Humboldt, que impôs a divisão do conhecimento e as distinções entre as áreas do saber.

Cabe mencionar que, nesse momento histórico, pairava sobre a Europa uma atmosfera em que devido a uma série de transformações sociais, o homem sentia-se num processo contínuo de mudanças com conseqüências diretas sobre a vida de cada indivíduo. A consolidação do sentimento nacionalista, a revolução burguesa, a ascensão e queda de Napoleão alavancam uma consciência histórica crescente e levam à construção e a reinterpretações do passado. Assim, a historiografia

estabelece-se como ciência no momento da construção da tradição européia, da construção de imagens de um passado que fundamentava as atitudes culturais do presente e lançava as bases de uma autoridade partindo do continente europeu.

Hayden White, em *Meta-história – A imaginação histórica do século XIX*, manifestando-se em relação às fases da consciência histórica do século XIX, informa que:

Durante o primeiro terço do século XIX, três “escolas” distintas de reflexão histórica tomaram corpo: a “romântica”, a “idealista” e a “positivista”. E ainda que discordassem entre si quanto ao método correto de estudar e explicar a história uniam-se no repúdio da atitude irônica com que os racionalistas do final do Iluminismo tinham abordado o estudo do passado. Essa compartilhada antipatia pela ironia em todas as suas formas explica em grande parte o entusiasmo pelos estudos históricos que foi característico da época e o tom autoconfiante da historiografia do começo do século XIX, que prevalecia a despeito de divergências cruciais sobre questões de “metodologia” (WHITE, 1992, p. 53).

Georg Hegel e a sua filosofia da história fazem parte desse esforço de criação de uma legalidade advinda da tradição inventada e idealizada pela Europa, que acaba se confundindo com o próprio espírito da História Universal. Edward Said, em *Cultura e imperialismo*, informa que é neste momento que “as elites dirigentes da Europa sentiram claramente a necessidade de projetar seu poder sobre o passado” (1995, p. 47), a fim de construir “uma história e uma legitimidade que só podiam advir da tradição e da longevidade”.

A Estética e a História da Literatura nascem no bojo dessas transformações do final do século XVIII. E, neste contexto, Regina Zilberman alerta que a História da Literatura tornou-se caudatária da História, principalmente das histórias nacionais e regionais, comprometendo a sua origem perante a História da Arte. Além de, muitas vezes, ter se tornado “dependente da psicologia, invocando motivos de ordem biográfica e pessoal para explicar questões de poética e estilo” (ZILBERMAN, 2009).

Na sequência do seu ensaio, Zilberman registra que tendo nascida dos objetivos que garantiram a renovação universitária, a Teoria da Literatura, ao final do século XVIII, encontra na academia o seu espaço ideal em contraposição a seu objeto, a literatura e seus usuários, fossem criadores ou leitores. A “esses se ofereceu o mundo da espontaneidade e do consumo; aos teóricos da literatura, o âmbito da expertise, do saber especializado e compartilhado entre iguais” (ZILBERMAN, 2009).

É neste momento que a História da Literatura volta-se para a tarefa de definir o cânone, constituído por nomes e valores examinados, qualificados e avaliados pela Teoria da Literatura, não obstante o *corpus* de trabalho da História ser constituído a partir de documentos que registram e certificam o passado e a Teoria da Literatura tender a abrir mão desse material, privilegiando a obra publicada. A História da Literatura acompanhou essa escolha e alinhou e elencou no tempo o produto legitimado pela Teoria. Zilberman é taxativa ao apontar as consequências desta escolha:

Por não percorrer o caminho de volta, que levaria da obra publicada às suas origens e repercussão, a História da Literatura des-historiciza seu objeto; com isso, contradiz sua natureza e acaba por fornecer à Teoria um objeto desmaterializado, um ser ideal a que não corresponde algo concreto (ZILBERMAN, 2009).

Logo, a História da Literatura acaba por configurar-se num espaço idealizado, em que no caso da História da Literatura brasileira, sem um passado clássico, vai utilizar a cultura do colonizador, a tradição europeia como inspiração para as histórias da literatura nacional.

Marisa Lajolo ensina que Ferdinand Denis e Almeida Garrett, como intelectuais europeus que se ocuparam da literatura brasileira e atribuíram superioridade virtual à literatura brasileira sobre a portuguesa, em virtude das suas possibilidades naturais e “cor local”, acabaram apontando o caminho e despertando o nacionalismo literário, que se desenrolava em outras partes do mundo ocidental, acrescentando ainda que:

Constatar, contudo, que o nacionalismo que paira no horizonte da nossa literatura desde o seu nascimento é parente próximo do nacionalismo que igualmente pairava sobre as nascentes histórias literárias do mundo ocidental, evidentemente, não iguala nem nacionalismo nem histórias literárias, mas dá a questão um tom de álbum de família (LAJOLO, 1988, p. 29).

E, manifestando-se em relação a este nacionalismo histórico aludido, João Barrento, em seu *História literária*, afirma que:

a visão histórica do século XIX está, desde as suas origens (nas construções míticas e transfiguradoras da história pelos romantismos nacionalistas) ao serviço do poder: o “sentido histórico” do século e os feitos/fatos históricos servem a esse poder, não só de acesso ao pedestal, como também de instrumento de legitimação, uma vez instalado (BARRENTO, 1986, p. 14-15).

Zilberman refere que o mesmo século XX que presenciou a consolidação e a expansão dos estudos literários viu a crise desse paradigma, através do aparecimento de denominações como Estudos Culturais, Desconstrutivismo, Pós-Modernismo e Pós-Estruturalismo. A partir destas disciplinas, muitas delimitações foram condenadas e fronteiras foram questionadas, fazendo escapar das mãos da Teoria da Literatura o seu objeto, já que as definições e formas que a literatura vem tomando suscitam indagações que as formulações tradicionais não têm conseguido responder.

As principais indagações, segundo Zilberman, dizem respeito às afinidades existentes entre Teoria da Literatura e História da Literatura e aos limites e contornos dos objetos manipulados por essas áreas do conhecimento.

Para resolver estas questões, a pesquisadora defende que as investigações que utilizam as fontes primárias podem ajudar, uma vez que são concretas, palpáveis e materiais, estando na contramão desse processo mencionado. Essas podem se mostrar na condição de sintomas, rastro ou sinais, instituir séries temporais não coincidentes e podem alterar concepções de história. Além disso, incorporam-se no texto e suscitam uma reflexão que, necessariamente, incorpora campos

diferentes do conhecimento, uma vez que elas não costumam explicar-se por critérios de especificidade e valor.

É nesse sentido que o trabalho com fontes primárias corresponde não a uma simples atitude entre as várias possibilidades disponibilizadas ao pesquisador, mas a elaboração de um programa que requer um enfrentamento em face da configuração atual da Teoria e da História da Literatura, correspondendo ainda a uma tomada de posição perante o canônico e o marginalizado.

Assim, o trabalho com fontes primárias constitui-se numa cronologia, isto é, numa história que supõe uma continuidade entre o passado e o presente do pesquisador, num diálogo permanente. O presente pode ser explicado pelo percurso de seus inícios, relativizando-se o seu estatuto de poder, uma vez que não se pode impor como entidade autônoma. O início pode ser considerado origem, mas dada sua condição histórica, constitui ainda resultado de um evento anterior. Ou seja, uma fonte é primária em relação a um evento secundário, mas ela pode ser também secundária em relação a um acontecimento anterior e assim continuamente.

Nesta direção apontada por Zilberman, Nascimento e Cury, em *Fontes primárias: saberes em movimento* (1997) defendem que atualmente “o saber é uma construção, que se faz na relação eu/outro, no cruzamento de olhares e práticas sobre o objeto, na busca de uma significação em movimento”. Os teóricos consideram que o estudo das fontes primárias, em diversas áreas do conhecimento, tem adquirido novas inflexões que assinalam para uma dimensão desconstrutora dos objetos de pesquisa e investigação, uma vez que:

a crítica do saber científico, de alguma forma, vem atingindo ao pesquisador e o obriga à revisão de posições. Com isso pode-se dizer que, hoje, na área das Ciências Humanas, a própria exigência dos temas que se é obrigado a tratar leva a uma revisão não só do *corpus*, nosso objeto de trabalho, mas dos instrumentos metodológicos de investigação e de pesquisa (NASCIMENTO; CURY, 1997).

Ambos apontam no fragmento selecionado para um objetivo que está na base das pesquisas com fontes primárias, que é a possibilidade de rever-se o *corpus* e os instrumentos metodológicos tradicionalmente utilizados nas pesquisas literárias. Esta posição dos pesquisadores relaciona-se com a hipótese assinalada por Zilberman de que as pesquisas com fontes primárias proporcionem elementos para a busca de ângulos menos “viciados” de pesquisa, que sintonize o estudioso com as recentes linhas de investigação e proporcione instrumentos para questionar a própria História da Literatura.

Naturalmente, estes questionamentos formatados a partir das pesquisas com fontes primárias provocam reações que não são de todo pacíficas e o discurso contundente dos pesquisadores envolvidos com fontes primárias não deixa dúvidas em relação aos objetivos almejados.

Na direção dessas reflexões que questionam, além do *corpus*, os instrumentos metodológicos utilizados pelos pesquisadores da Teoria e da História da Literatura, menciono a posição de Márcia Abreu que, em *Os caminhos dos livros*, afirma:

parece necessário repensar o *corpus* de textos com o qual críticos e historiadores literários tem trabalhado no sentido de alargar o conjunto de obras consideradas e o campo de interrogações. Deixando de ver na literatura um objeto ideal, definido por uma imanente literariedade percebe-se que sua composição é socialmente construída, assim como sua leitura. (...) Textos ignorados ou superficialmente examinados às vezes têm parte preponderante nesse jogo (ABREU, 2003, p. 137, grifos meus).

E, Artur Emilio Alarcon Vaz defende que:

a recuperação de fontes primárias tem-se tornado um importante objeto de investigação, não só no Brasil como em outros países, no intuito de modificar e transformar os conhecimentos que se têm da literatura. (...) Assim, com o retorno à fonte original, algumas idéias amplamente aceitas e divulgadas são analisadas de outra forma, favorecendo um rearranjo do cânone (VAZ, 2005, p. 9-10, grifos meus).

Dos argumentos selecionados para o embasamento teórico deste trabalho, fica explicitado que os pesquisadores que têm trabalhado com

fontes primárias na área dos estudos literários objetivam: testar diferentes hipóteses interpretativas, elaborar elementos que levem a se repensar o *corpus* dos textos utilizados, alargarem o campo de interrogações, favorecerem a possibilidade de que textos ignorados ou examinados superficialmente (como, por exemplo, *Vênus ou o dinheiro*), eventualmente possam fazer parte do novo *corpus* de pesquisa e que isso provoque um rearranjo do cânone literário.

Tudo isso repousado no entendimento de que a pesquisa com fontes primárias, em nome das genealogias, corresponde a um processo descontínuo, segundo o qual não se estabelece inícios ou finais absolutos. Da mesma forma não se elabora situação auto-suficiente que se baste a si mesma, e “desconsidera a possibilidade de uma origem mítica, já que o início desloca-se permanentemente, variando, às vezes, tão apenas em função do olhar do pesquisador” (ZILBERMAN, 2009).

Operando dessa forma, retiramos das fontes primárias a noção errônea de que ocupariam um lugar fixo de instalada origem, para que ocupem elas mesmas esse estatuto a ser explicado. Logo, estão sujeitas à desconstrução e à prática de variações dialógicas das significações consagradas, sem podermos desconsiderar que, como quer Edson Nascimento e Maria Zilda Ferreira Cury (1997), “sobrevalorizando as fontes ou considerando-as como determinantes exclusivas do conhecimento do objeto em estudo, faz-se com que se congelem as suas efetivas possibilidades de construção de um saber em movimento”.

O desprestígio que as pesquisas com fontes primárias recebem em certos ambientes de investigação literária, origina-se no fato de que muitas vezes não se reconhece a necessidade de investigar o lugar que as mesmas ocupam na história, ou a forma que tomaram na memória da sociedade, uma vez que “as Teorias da Literatura, formuladas ao longo do século XX, tenderam a postular que, uma vez convertida à origem em obra literária, rompem-se os laços que remetem essa última a seus começos, o que avalizaria e comprovaria sua autonomia e auto-suficiência” (ZILBERMAN, 2009).

Não obstante, como já mencionei anteriormente, as pesquisas com fontes primárias, aliadas à crítica contemporânea do saber científico, apontam para a necessidade da revisão de posições consagradas. O cruzamento de textos e a intertextualidade passam a ser a especificidade do relacionamento das fontes primárias com os objetos de investigação. Lembrando que, como quer Roland Barthes, “para se fazer interdisciplinaridade, não basta tomar um ‘assunto’ (um tema) e convocar em torno duas ou três ciências. A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém” (BARTHES, 1988, p. 99).

Nascimento e Cury mencionam em seu artigo de 1997 que, anteriormente se concebia o leitor como um ser passivo diante das significações contidas num texto. Hoje, no entanto, a ampliação conceitual de texto não só alterou a metodologia da escrita como desestabilizou o conceito que se tinha de leitor. Atualmente, cada vez mais se concebe o leitor como agente que deve participar e operar as significações. Assim, verificamos que o texto: “não é o depósito das significações prontas, mas elas precisam ser aprontadas na instabilidade da relação que une texto e leitor, pois a significação é resultante da determinação recíproca do ler e do escrever” (NASCIMENTO; CURY, 1997).

Este entendimento remete, no campo da metodologia das pesquisas, para a necessidade de se pôr um fim à “cultura acadêmica sedimentada”, que denunciei na introdução desta dissertação e que Guilhermino Cesar alerta ser comum ao nosso “fregolismo intelectual, partidário das cores brilhantes e do descompromisso orgulhosamente inteligente” (1971, p. 17), pois, da mesma forma que se desestabilizou o conceito tradicional de leitor, urge que os pesquisadores literários concebam de fato os seus objetos de estudo, abertos e sujeitos à intervenção de múltiplas leituras. Ao pesquisador contemporâneo, cabe a tarefa de articular os significados sempre provisórios e sujeitos a uma instabilidade relativa.

Verifica-se que, atualmente, o trabalho do pesquisador aponta mais para a colocação de desafios do que para a construção de certezas. Portanto, requer-se do pesquisador contemporâneo a postura sugerida por Bertrand Russel: “é preciso que se tenha grande desejo de saber, combinado a grande cautela quanto ao que se julga saber; deve-se ainda, possuir penetração lógica e o hábito do pensamento exato” (1954, p. 9).

Os trabalhos de resgate das fontes primárias na área da literatura têm colaborado para que a crítica contemporânea liberte-se da obsessão com o texto no seu sentido estrito. Com isso, têm ocupado a cena analítica elementos como rascunhos, manuscritos, artigos de natureza crítica publicados, anotações, cartas, posfácios, prefácios, introduções, notas, que podem ser rastreados pelo descentrado olhar do crítico estudioso da marginália, palavra entendida na acepção de um conjunto de anotações feitas nas margens de um manuscrito ou de uma página impressa.

Verifiquei que como quer Maria Eunice Moreira, em *Fontes primárias e história da literatura*, “sem documentos não pode haver historiografia e sem rastros que dêem conta do passado, não pode haver história” (MOREIRA, 2009). Assim, a importância das fontes primárias verifica-se no fato de que “rastros são restos, mas em sua síntese aproximam a marca deixada pelas singularidades do passado ao presente vivido por nós”.

Assim, a cada dia que adentramos no século XXI, revestem-se da maior importância as pesquisas e o resgate literário em periódicos, revistas e almanaques do século XIX, na intenção de disponibilizar aos historiadores e estudiosos, matéria real para fundamentar estudos futuros dos sistemas literários regionais. E, assim, a natural inquietude do pesquisador, ao reconhecer-se de saída impotente para “apreender” os diversos fios de significados, é atenuada pela abertura de caminhos e possibilidades que ele produzirá para outros pesquisadores, num contexto de saber em movimento.

E corroborando mais ainda esta nossa “programação”, cito Mauro Nicola Póvoas que em *Fontes primárias e dúvidas literárias: o caso Murmúrios do Guaíba*, defende que:

O pesquisador que traz à luz um texto submerso nas estantes de uma biblioteca torna exequível a possibilidade de que novos olhares sejam lançados à produção recém-descortinada. Deste modo, essa produção será passível de receber aportes críticos e analíticos antes inexistentes, sendo estabelecidas relações entre o novo, o redescoberto, e obras e conceitos bastante conhecidos e divulgados (PÓVOAS, 2009).

Logo, a pesquisa com fontes primárias e o trabalho de investigação e perseguição dos rastros do passado, pode oportunizar-nos: “revisar a Teoria da Literatura e a História da Literatura a partir da contribuição que, na sua condição material, oferecem a essas áreas de conhecimento e reflexão” (ZILBERMAN, 2009). É com esses pressupostos aludidos que pretendo nesta dissertação, buscar rastros do alvorecer da prosa naturalista no Rio Grande do Sul, através do resgate do romance *Vênus ou o dinheiro*, de Paulo Marques.

2 UMA PEDRA DE ESCÂNDALO NA SOCIEDADE GAÚCHA⁸

O papel do crítico não é dizer se ele vê o mundo da mesma maneira que o escritor, e sim compreender de modo imanente a estrutura e o universo da obra de que fala.

Lucien Goldmann

Enquanto o Romantismo focalizava normalmente as agruras dos personagens para que o amor pudesse realizar-se, superando os obstáculos e finalizando explicitamente com a máxima “foram felizes para sempre”, o Realismo literário vai geralmente abordar o relacionamento dos seres fictícios a partir do casamento. A vida familiar com os seus episódios domésticos e as suas cenas íntimas, a vida cultural com as suas convenções e suas modas, a vida social com os seus rituais e os seus atos públicos, são alguns desses universos.

E o que neste aspecto fica citado, estende-se ao Naturalismo, acrescentando-se as particularidades que a doutrina naturalista literária requer. O Naturalismo, através do romance, vai configurar um mundo amplo e profundo habitado por seres que se relacionam entre si por laços familiares, profissionais ou sociais. Ao mesmo tempo, o romance naturalista vai privilegiar uma elaboração temporal de caráter retrospectivo para, desta maneira, tentar explicar certos fenômenos e comportamentos, mergulhando no passado dos personagens.

O Realismo sofre uma forte influência do francês Gustave Flaubert, em que a análise da sociedade e dos caracteres individuais elabora-se “de dentro para fora”, principalmente por meio da análise psicológica que se centra mais no indivíduo, elaborando uma linguagem que utiliza a ironia, para mais sugerir do que afirmar. Já o Naturalismo recebe sua influência maior do francês Émile Zola e a análise e investigação da sociedade e dos caracteres se elaboram “de fora para dentro”, configurando os personagens como verdadeiros joguetes dos

⁸ Este título tomei emprestado de Guilhermino César, exposto na sua *História da literatura do Rio Grande do Sul*, p. 331.

fatores históricos, biológicos e sociais que determinam suas ações, sentimentos e pensamentos.

O tratamento dos temas no Realismo, ao procurar a imparcialidade e a objetividade, aliada à abordagem psicológica, garante ao leitor um espaço de interpretação e elaboração de suas próprias conclusões a respeito das obras. Já no Naturalismo o tratamento dos temas é alicerçado numa visão determinista que vai conduzir e direcionar as conclusões do leitor.

Assim sendo, a base realista/naturalista vai verificar-se na orientação antiidealista e anti-romântica que o movimento cultivava no seu propósito de adotar em relação à realidade observada uma atitude desapassionada, fundamentando uma crítica social reformista.

O Determinismo, baseado no pensamento do francês Hippolyte Taine (1828-1893), constitui uma importante referência para o Naturalismo, que vai abordar e valorizar os fatores de determinação como o meio, raça e momento histórico, além das condicionantes como a educação e a hereditariedade. Esses fatores levam os escritores naturalistas a configurarem no universo ficcional um causalismo de caráter fatalista que vai apresentar as personagens desprovidas de livre arbítrio.

Essas orientações ideológicas ajudam a entender a eleição de certos temas por parte de alguns autores que, na segunda metade do século XIX, acolheram, difundiram e praticaram as lições do Naturalismo literário. Não obstante tais diferenças, às vezes, é complexo apontar-se o que num determinado autor é Realismo e o que é influência do Naturalismo.

Geralmente vamos encontrar nos textos naturalistas personagens degradadas moral e fisicamente, movimentando-se em cenários urbanos promíscuos e poluídos. E inserem-se, nesses universos, temas relacionados a temperamentos perturbados por histeria, prostituição, adultério, corrupção, fanatismo religioso, luxúria, ambição desmedida.

Antes da análise textual do romance *Vênus ou o dinheiro*, cabe mencionar a escolha do suporte de onde foi resgatado o texto. A

presente dissertação foi elaborada transcrevendo-se o romance existente na Biblioteca Rio-Grandense, edição de 1885 (em que faltam as quatro páginas finais) e completado com o epílogo – de forma integral – do folhetim publicado no jornal *Onze de Junho* em 1881, existente no acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

Nesse cotejo, percebi que Francisco de Paula Pires efetuou diversas mudanças na edição do romance de Paulo Marques. Transcrevo como exemplo, dois parágrafos, o primeiro do folhetim (1881) e o segundo do romance (1885):

Vênus era mulher de alto bordo. Recebia *tout le monde* e, em cinismo por certo, outra não havia em todos os bordéis da corte. Apresentava-se em todos os lugares públicos, trajando veludos e seda de alto preço e, andava toda recamada de brilhantes. (1881)

Vênus era a mulher de alto coturno. Apresentava-se em todos os lugares públicos, trajando veludos e seda. (1885, p. 165)

No folhetim publicado em 1881, há um P.S. após a palavra “Fim”, que foi cortado na edição de 1885:

P.S. Uma mulher já bastante idosa esperava-o dentro de um carro, o qual logo partiu a trote com destino a cidade. A velha era a Joana. (1881)

As pesquisas que efetuei confirmaram que, do grupo que veio a constituir o jornal *A Tribuna Literária*, Paulo Marques é o que efetivamente melhor havia compreendido o positivismo e a literatura moderna configurada e divulgada por Emile Zola, Gustave Flaubert e Eça de Queiros, que eram os seus paradigmas. A reputação alcançada em vida por Paulo Marques deveu-se ao fato de que o mesmo destacava-se intelectualmente no grupo pelotense, haja vista que “quebrou na cidade de Pelotas, com a sua ficção atrevida, a unanimidade, o conformismo, a rotina, e outros lhe seguiram o passo” (CÉSAR, 1971. p. 307-308). O quanto ele havia entendido do positivismo e do naturalismo está registrado em sua obra. Enquanto que, o escritor que se revela Francisco de Paula Pires em seu romance *Quadros horripilantes* (1883), segundo Guilhermino Cesar, “mostram um escritor sem imaginação,

sem estilo, seco e direto, que se compraz em referir despudores chocantes numa crônica demasiado crua para ser considerada obra literária” (CESAR, 1971, p. 333).

Deve ser esta a explicação do por que não se encontra nenhuma alteração que se possa considerar um rebuscamento no sentido de melhorar o romance de Paulo Marques. É razoável imaginar que Francisco de Paula Pires pretendeu “ajustar” o texto de Paulo Marques às suas concepções de literatura moderna, que, no entanto, ele nunca chegou a compreender. Verifica-se que Francisco de Paula Pires “enxugou”, em diversas partes do folhetim, aquilo que Guilhermino Cesar percebeu que lhe faltava como ficcionista: a fantasia, a imaginação e o poder de recriar a realidade.

Por essas razões elencadas, decidi preparar uma edição do romance que fosse o mais fiel possível com aquela que Paulo Marques publicou em vida em 1881, transcrevi o epílogo do romance diretamente do jornal pelotense *Onze de Junho*. Não pude transcrever todo o romance do jornal porque a coleção está em avançado processo de deterioração, inclusive não estando mais disponível ao acesso do público. A transcrição do epílogo só foi possível pela aglutinação da sorte, simpatia e diplomacia deste pesquisador na elaboração deste trabalho. Também transcrevi o epílogo da edição de 1885 do acervo da PUC-RS integralmente e anexei nos paratextos dessa dissertação para análise e comparação dos interessados.

A publicação do folhetim *Vênus ou o dinheiro* (1881), de Paulo Marques, é a primeira experiência naturalista empreendida por um autor gaúcho na literatura brasileira. Tendo por espaço a cidade do Rio de Janeiro quase no fim do Segundo Reinado, apresenta como personagens principais o Dr. Justo de Abreu, engenheiro, e Túlia, uma bela e interesseira mulher, em que, desde o início da narrativa, fica evidente a descaracterização da idealização da mulher romântica. A personagem feminina é apresentada ao leitor a partir da informação de quem eram os seus progenitores:

Basta dizer que era filha do comendador Anastácio Paredes, que exercia há muitos anos o emprego de chefe de seção numa das nossas repartições públicas, sendo amigo de todos os ministros e, figura obrigada em todos os cortejos. Contava 60 anos de idade, mas ninguém tal diria: a carnação rija conservava uma frescura quase juvenil e, a calva luzidia e rósea guarnecia-se de umas melenas grisalhas, já alvejantes. Musculatura valente e temperamento sangüíneo; era jovial, alegre e de poucas ambições. Em compensação possuía crédito em toda à parte, fazendo desta arte muitas dívidas, sem escrúpulos. Sua mulher, linfática e adoentada, guardava-se isoladamente, vivendo encerrada nos seus aposentos e nunca aparecendo à sociedade (MARQUES, p. 1).⁹

Túlia, portanto, era filha de um homem bonito e caloteiro, sem escrúpulos e de uma mãe doente e neurótica que vivia encerrada em seus aposentos. Essas informações inseridas nos postulados naturalistas exercitados por Paulo Marques antecipam implicitamente ao leitor, o tipo de indivíduo que haveria de surgir fruto desse consórcio. Esta informação vai ser ratificada e explicitada mais adiante, acrescentada da ressalva de que este tipo de mulher é comum na sociedade.

Mulher na forma, lama no fundo, era a imagem viva de certas representantes do seu sexo na nossa sociedade. Vaidosa, tola, educada como já o dissemos no capítulo antecedente, sem virtudes, nua de sentimentos bons, egoísta, dissimulada e às vezes parva e indiscreta. Tipo real, mas, ascoso. Sua beleza, porém, era incorrigivelmente ofuscadora: um sorriso, um olhar seu, subjugavam, dominavam... (p. 10-11)

Na realidade, verifica-se no decorrer da narrativa que as personagens de Paulo Marques estão situadas fora da possibilidade concreta de ação e transformação, já que elas não possuem qualquer domínio sobre a história vivida. A concepção cíclica do tempo narrativo vai confirmar que as ações das personagens são condicionadas e pré-

⁹ Todas as referências à obra *Vênus ou o dinheiro* remetem a edição transcrita nesta dissertação (2009), que corresponde à edição de 1885, atualizada e completada com o epílogo do folhetim ainda existente na Biblioteca Pública Pelotense, na coleção do jornal *Onze de junho*. Assim, passarei a indicar apenas a citação com o número da página entre parênteses.

determinadas no plano mental por influência da hereditariedade e do meio social.

O protagonista masculino, Justo de Abreu, é apresentado ao leitor como um homem que demonstra estar familiarizado com a engrenagem capitalista incipiente, declarando: “Sei perfeitamente que o dinheiro é a mola real da vida” (p. 8) e que traz ainda fortemente enraizado em si mesmo ideais e valores românticos. Isso se depreende das primeiras falas da personagem no romance, quando concorda com o amigo Oscar ser uma exceção entre os homens de alta posição, visto nunca ter se prevalecido do poder financeiro. Justo confia ao amigo que: “Até a idade em que me vês nunca soube o que fosse amar uma mulher e, menos seduzi-la” (p. 8).

A personagem feminina, com fortes traços que a divorciam das heroínas românticas, ao conhecer e informar-se a respeito de quem era Justo de Abreu, vê no engenheiro uma excelente oportunidade para a realização dos seus planos e ideais de vida, uma vez que o mesmo “descendia de uma família importante, filho único de um dos mais ricos fazendeiros de Minas” (p. 3). Enquanto Túlia era movida por interesses financeiros, Justo de Abreu vê na beleza ofuscadora da moça a realização de seus sonhos românticos:

Túlia era para ele um esplêndido tesouro! Era o seu amor, a sua alegria, os seus sonhos, a sua vida, enfim! ... Alma sublime sucumbia à voracidade imensa da paixão. Ergia belos castelos – visava um futuro todo de paz e de alegrias (p. 31).

Do primeiro encontro até o pedido de casamento por parte de Justo transcorreram-se apenas quinze dias. O “inteligente” engenheiro “além de ser um cavalheiro distinto, era formado em ciências físicas e naturais e senhor de um talento invejável” (p. 5) revela-se um ingênuo sonhador em relação ao amor conjugal e às mulheres, não suspeitando, nem procurando informar-se de que:

Túlia era mulher de procedimento equívoco, tinha-se já prestado algumas vezes a entrevistas noturnas, fora vilipendiada pelo filho de um banqueiro que deu às de Villa Diogo no dia imediato ao da sedução. Enfim, a moça só não era virtuosa (p. 13).

O engenheiro não percebia que Túlia dirigia os seus objetivos sentimentais pelo interesse financeiro que a influenciava de tal maneira que “todo o seu pensamento era casar com um homem muito rico, muito bonito e muito instruído” (p. 3). E o narrador informa explicitamente ao leitor que ao consorciar-se com o jovem engenheiro, na realidade “A moça das Laranjeiras casava com as cinqüenta mil libras do Dr. Justo de Abreu” (p. 12)¹⁰. Assim sendo, enquanto o casamento para Justo de Abreu é a realização de um ideal romântico, para Túlia é a concretização de um plano de ascensão social há muito tempo acalentado:

- Como se deve ser feliz, dizia ela, tendo-se uma grande casa, ricas mobílias, muitos escravos, carruagens, jóias... Dar-se concertos, reuniões e bailes!... Atravessar as ruas num *coupé*, puxado por cavalos castanhos, fogosos, levantando poeira!... Descer no Largo de S. Francisco, subir a rua do Ouvidor e andar por entre aquela multidão vagabunda, conquistando olhares!... (p.3)

Esta informação do narrador, a luz de uma análise sociológica literária¹¹, aponta para a coisificação do sujeito ao avançar o estabelecimento do capitalismo na sociedade moderna. Comentários da personagem como “Ah! Dinheiro! Dinheiro! E eis tudo!” (p.3) indicam o processo de reificação condicionando o valor do sujeito, a supremacia do ter sobre o ser, da aparência sobre a essência, que será explorada ao extremo pelo Realismo literário.

No universo ficcional de *Vênus ou o dinheiro*, esta lei é ampliada para a análise de procedimentos sociais em que o relacionamento público adquire uma forma tirânica. Os personagens apresentam-se obcecados por subir na hierarquia social, porque justamente acreditam que a tranqüilidade psicológica provém de uma imagem exterior e pública, construída conforme o posto ocupado na escala. Daí provém à

¹⁰ Este mesmo processo de reificação do indivíduo encontra-se nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis. Note a semelhança temática com Machado: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos”.

¹¹ Cabe destacar a importância de leituras de Guilhermino Cesar, Flávio Loureiro Chaves, Antonio Candido e Lucien Goldmann para o embasamento desse trabalho.

fixação das mulheres no casamento, único caminho para ascender socialmente, conforme assinala o fragmento abaixo em que se revela a preocupação da moça:

O papai nada tinha e estava velho, mais dia menos dia, fechava os olhos e adeus sonhos dourados. O único recurso de que podia lançar mão era a casa em que morava, mas, se a vendesse teria de habitar outra de modesta aparência, o que não era com ela (p. 8).

E provém a fixação dos homens no ganho monetário ou em ostentar uma imagem de sucesso, conforme fazia o deputado Ângelo de Queirós quando era um advogado sem clientes, que “todo o dinheiro que ganhava empregava-o em roupas e perfumarias” (p. 9). Assim, todos os atos dos personagens são praticados objetivando alguma espécie de ganho material, já que a força individual é assegurada pela potência do dinheiro. Como consequência direta o texto revela ao leitor que todos os seres e todas as coisas têm o seu preço e que tudo pode ser comprado e/ou vendido. Este processo de coisificação vai transparecer em todas as atitudes dos personagens principais: está presente em Túlia, está presente em Ângelo de Queirós, está presente na beata Jacinta e, conforme demonstrarei adiante, também está presente no “ingênuo” Justo de Abreu.

Nesse contexto, o casamento dos protagonistas oportuniza ao narrador focalizar e apresentar alguns tipos que configuram o estrato social brasileiro de então:

A sociedade que ora se achava nos salões do velho Anastácio, era a *fina* e a *alta* . As damas arrastavam sedas e veludos e enfeitavam doces sorrisos nos lábios, verdadeiros reservatórios de carmim. Os cavalheiros *enfronhados* nas suas casacas, animavam por sua parte aquela festa nupcial. Uma extravagante criatura apresentou-se então em uma das salas: era o comendador Arrocho de Góes, quarentão debochado, larápio de profissão, que chegou a capitalista por intermédio da mais disfarçada gatunice. No peito da casaca brilhava-lhe uma comenda que dizia ele, tinha sido ganha com as suas ações honrosas (p. 16).

O fragmento ainda revela o costume da elite brasileira da época de se vestir à moda européia e da obtenção de títulos de nobreza por

parte de indivíduos moralmente contaminados: “larápio de profissão”. Essa crítica explícita visa despertar no público leitor a consciência das mazelas sociais advindas e sustentadas pelo quadro político monarquista brasileiro. Vale salientar que os realistas/naturalistas identificavam-se com o positivismo e eram abertamente republicanos e abolicionistas, além de anticlericais. A crítica social ainda configura a ação, o pensamento e o entendimento de que o fazer literário, o fazer artístico em geral, deveria estar comprometido com as transformações sociais.

Com a realização das bodas os protagonistas passam a residir num palacete no bairro de Botafogo, cercados de luxo e conforto, conforme se observa pela descrição do gabinete particular de Túlia:

As janelas do suntuoso compartimento, semicerradas, apenas deixavam uma fresta por onde penetrava a luz. Respirava-se ali uma atmosfera impregnada de sândalo. O gabinete era esplendidamente belo, tal era a sua paramentação e luxo. As paredes forradas de rico papel branco e douradas eram adornadas de belíssimos quadros e espelhos de cristal. Nos ângulos formados pelas mesmas, uma estátua de mulher seminua, de altura natural, sustentando nas mãos vasos e cestos, ornados de lindíssimas flores; duas soberbas estantes repletas de livros, consolos de nogueira com finíssimos espelhos, moldurados com muito gosto e arte. Um divã de molas, forrado de damasco azul, jarras, candelabros, arabescos e inúmeras quinquilharias, adornavam as mesas. Cobria o soalho um tapete felpudo representando lindas paisagens. As cortinas das janelas eram de fino damasco, limitadas por largas e vistosas franjas. No centro uma pequena mesa redonda, coberta com um pano cor de pérola, tendo em cima um álbum de música, conchas, pedras raras e um elefante em miniatura, levando às costas quatro beduínos. Nas horas de melancolia, Túlia encerrava-se ali, abria um livro para dormir depois de ter lido algumas páginas, até que o marido chegasse (p.33).

Aqui temos exemplos da descrição minuciosa do espaço que constitui um decisivo processo de representação da realidade para o Realismo/Naturalismo. Com isso, os autores pretendem mostrar para o leitor o perfil exato, a fotografia – em palavras – dos referentes. A linguagem utilizada nessa descrição é plena de elementos sensoriais e

por causa dos excessos das descrições a narrativa realista/naturalista costuma desenvolver-se com lentidão.

Ao saber que está grávida, Túlia fica bastante contrariada e entristece, porque teme perder a perfeição das formas, além de ter de abandonar os divertimentos da Corte por algum tempo:

Um belo dia sentou-se aborrecida, vieram-lhe vômitos, dores de cabeça e moleza pelo corpo, estava grávida. Quando confessou ao esposo o seu estado, ele cingiu-a pela cintura com extrema carícia e beijando-lhe a fronte disse: - Já o adivinhava! Faço idéia do anjo que nos vai a natureza dar. É o resultado do casamento minha pombinha. Também um casal sem filhos deve ser cousa horrível. Túlia mordia os lábios. Tinha, pois, certeza que perdia metade da beleza: ficaria magra e desmaiada. Para que havia de ter filhos? Se não fosse um crime desmanchava o que estava feito... Mas podiam sobrevir conseqüências fatais... Enfim seria o último (p. 21).

O temor da personagem em relação às alterações físicas que poderão ocorrer em seu corpo com a maternidade, demonstra que ela identifica-se com um contexto social que maximiza o valor da aparência exterior em detrimento da essência do indivíduo. E, ainda revela que ela chegou a pensar em realizar um aborto para interromper a gravidez não planejada, não efetuando o ato provavelmente por razões religiosas e pelo temor de que com o aborto recebesse como castigo a morte, já que “podiam sobrevir conseqüências fatais...” (p. 21).

A pedido de Túlia, o casal retira-se para o bairro da Tijuca para aguardar o nascimento da filha que ao nascer é batizada com o nome de Virgínia, e o pai Justo de Abreu, concorda, desde que: “outro que vier, se for macho, há de chamar-se Paulo” (p. 64). Num intertexto com o romance romântico *Virgínia e Paulo*¹², que no caso em tela é ainda o antônimo, por assim dizer, da relação do casal protagonista de *Vênus ou o dinheiro*. E, após o retorno para a Corte a menina é fonte de grandes alegrias para o pai e contrariedades para a mãe.

¹² *Paul et Virginie*, romance escrito em 1787 pelo francês Bernardin de Saint-Pierre, que utilizou os conceitos de Jean-Jaques Rousseau, defendendo uma educação do homem natural longe da civilização, no enriquecimento de seu caráter e com noções de honestidade e moralismo.

Incentivada por uma beata jesuíta chamada Jacinta, Túlia volta a se relacionar com o deputado Ângelo de Queiroz, seu antigo namorado, que foi dispensado anteriormente porque era um “advogado sem clientes”, logo, sem valor comercial para o casamento. E a beata argumenta com a moça de maneira que a traição amorosa represente o ideal romântico da paixão.

E então? Há algo mais poético neste mundo do que uma entrevista amorosa! Perigosa!... Longe da casa que se habita! Há horas próprias! Receando-se a todo o instante a aparição do marido? Gozar-se meia hora nos braços do amante, aquilo que seria um martírio nos braços do homem a quem não se ama? (p. 36).

Além da idealização registrada no argumento da cafetina beata, é importante mencionar que Ângelo de Queiroz, agora como deputado e até mesmo como aspirante a ministro da Guerra, voltou a despertar na jovem Túlia, a atração que o poderio financeiro costuma exercer em algumas mulheres.

O Dr. Ângelo de Queiroz sabia desfrutar a existência como deputado... Esquecia-se algumas vezes que há dois anos atrás, não passava de um advogado sem clientes, sem fama e sem talento. O caso é que conseguiu galgar aquela posição, como muitos dos seus colegas há tem galgado... Isto é, a força de um poder misterioso e indigno: a proteção – documento inquestionável e comprobatório da falta de mérito real (p. 39,40).

O fragmento, além de revelar ao leitor quem era anteriormente Ângelo de Queiroz, denuncia o costume comum na sociedade brasileira, que é a indicação para cargos públicos por nepotismo e apadrinhamento. Observa-se, portanto, que a crítica naturalista direcionada à monarquia continua atual e pertinente, mesmo com a proclamação da república brasileira. Verifica-se que a elite que assumiu o poder com a queda da monarquia incorporou o mesmo subterfúgio do antigo regime em proveito próprio e de seus aliados.

Ao receber a resposta da carta que enviara a Túlia e inteirar-se da possibilidade de poder reatar o antigo romance, o deputado exulta de alegria e prazer, demonstrando seu caráter negativo que se enaltece

com a probabilidade de possuir uma mulher proibida pelas leis sociais e religiosas:

Ser amante de uma mulher casada, formosa, rica, uma Vênus enfim, como Túlia, eis todo o seu desejo, todo o seu orgulho. (...) Os olhos faiscavam-lhe às vezes, incendiavam-se como se fossem dois relâmpagos. Tremiam-lhe as pernas, contraindo-se lhe os músculos. A flor dos lábios pairava-lhe um sorriso satânico, saturado de sensualismo. Estava disposto a tudo, mesmo ao escândalo se preciso fosse, com quanto que angariasse a posse daquela mulher admiravelmente bela. Cerrá-la contra o peito, devorá-la com uma cascata de beijos, gozá-la, enfim, sabendo que era um ladrão da honra alheia, um infame sedutor, era para ele um triunfo sem par (p. 45).

Fica explícito na leitura do fragmento o prazer de cio animal do personagem, ao imaginar-se desfrutando dos prazeres carnis prometidos pelos atributos físicos de Túlia, indicando o orgulho de poder possuir como amante uma mulher casada: “estava disposto a tudo, mesmo ao escândalo” já que ser “um infame sedutor, era para ele um triunfo sem par”. Neste, entre outros trechos do romance de Paulo Marques, defrontamos-nos com uma visão biológica do homem, já que o ser humano é focalizado a partir de uma abordagem darwinista que concebe o homem como um animal, como um ser que, apesar das suas faculdades mentais, não se diferencia dos outros seres vivos. Isso é percebido nesta obra literária na atribuição de caracteres animais aos personagens e, na comparação entre ambos, para demonstrar que os instintos são mais fortes que a razão.

Quanto à velha jesuíta, o narrador revela que:

Era D. Jacinta, viúva de um major de polícia que tinha morrido pobre. A velha conhecia Túlia desde menina e em outros tempos tinha lhe metido na cabeça uma boa quantidade de caraminholas. Era jesuíta por conveniência e tinha lábia para enganar a quem não a conhecesse de perto (p. 22).

A falsidade de Jacinta que ostenta uma aparência de beata ao andar sempre com um crucifixo preso a um terço nas mãos e vestida de preto demonstra-se em suas atitudes de: “apreciadora duma

aguardente” e que tem sempre o mesmo motivo para procurar as pessoas: “era sempre para pedir dinheiro ou para coisa que lhe rendesse o mesmo” (p. 22). A personagem utiliza a sua condição de viúva para sensibilizar as pessoas com suas lamúrias de mulher caridosa, beata e necessitada.

Após entregar a carta enviada pelo deputado a Túlia, a jesuíta ao retirar-se não deixa de exercitar sua arte, demonstrando grande hipocrisia religiosa e moral:

pediu a Túlia uns cinco mil réisinhos, para fazer umas compras de necessidade, no que foi estritamente atendida, prometendo que iria rezando pelo caminho uma certa oração, para que nada se descobrisse dos amores de Túlia com o deputado (p. 26).

A carta do deputado desperta na personagem Túlia, a antiga paixão que ela resolve, no entanto, esconder da velha beata. E o narrador explicita o motivo:

O que a perversa não queria era atirar-se já as chamas daquilo que chamava amor, depois, receava que Jacinta fosse denunciá-la ao esposo, porque, pensava ela, há nesta vida indivíduos cujo caráter amolda-se perfeitamente ao desempenho de toda e qualquer espécie de papel na sociedade: basta brilhar-lhe aos olhos uma moeda de ouro. Queria ser discreta até com a mulher que a impelia a perdição. Estava mesmo resolvida a desenganá-la de vez (p. 36).

O fragmento, além de revelar a astúcia da personagem, denuncia que a modernidade transforma os sentimentos e as relações sociais em mercadorias que se articulam num constante jogo de interesses, configurando o fenômeno de reificação dos indivíduos. A personagem, consciente ou inconscientemente, demonstra entender que isso ocorre quando revela que “há nesta vida indivíduos cujo caráter amolda-se perfeitamente ao desempenho de toda e qualquer espécie de papel na sociedade: basta brilhar-lhe aos olhos uma moeda de ouro” (p. 36). Essa assertiva corrobora a visão capitalista moderna de que não se deve confiar em ninguém, quando há aspectos financeiros em jogo.

Cabe registrar que, antes de efetivar a traição, o narrador revela ao leitor o estado de ânimo da personagem que parece debater-se entre entregar-se aos desregramentos da paixão proibida que acende o seu corpo e os deveres de esposa:

Túlia de um pulo voltou ao gabinete e cerrou a porta. Tornara-se pálida, indecisa, vacilante, trêmula: uma enxurrada de lágrimas invadiu-lhe os olhos e puxando seus lindos cabelos atirou-se no divã a soluçar. - Oh! Meu Deus! Meu Deus! Que martírio! Esse homem... E eu o amo com todas as forças de minha alma! E tornou a erguer-se completamente desfigurada, caindo de joelhos diante do retrato do esposo. - Perdão!... Justo!... Perdão! Sou indigna do teu amor! Perdão, mas... Eu amo a outro homem! E ocultou a face entre as mãos para chorar a vontade (p. 37,38).

Este embate de fundo moral da personagem foge dos esteriótipos normalmente utilizados pelos autores realistas e também pelos naturalistas, cujas personagens costumam assumir suas atitudes negativas sem qualquer abalo de consciência. Nesta leitura do romance, acreditamos que o autor focaliza este evento para melhor demonstrar que, apesar dos bons sentimentos que eventualmente habitem no sujeito, via educação ou formação religiosa, a carne é fraca e ele vai acabar obedecendo a sua constituição genética e as determinantes do seu meio social: “o dever rolava impotente aos olhos da mulher esposa, para ceder lugar aos sentimentos perversos da mulher-coisa” (p. 35).

O romance de Paulo Marques ainda alarga o campo semântico da crítica naturalista, ao alvejar a idealização amorosa espiritualista romântica, contrapondo-a com a satisfação sexual que a personagem obtém na relação com o amante, possibilitando ao leitor imaginar que a mesma era “mal amada” pelo marido, impregnado de conceitos românticos:

Em todos os seus gestos lia-se patentemente a sede dos prazeres. Arfavam-lhe os seios cetinosos e alvos, recipientes dos beijos vaporosos do deputado que conhecia a fundo o segredo de atear impetuosamente as chamas candentes das comoções amorosas. Túlia sentia um bem estar incrível, somente ao lembrar-se das cenas que se iam dar daí a uma hora (p. 87).

Além de agir como um capitalista romântico, literalmente comprando uma mulher bela e apetitosa, cujos olhos já anunciavam ser ela constituída de um temperamento que era um “incêndio perpétuo”, o engenheiro desconsiderou que se casava com uma mulher voluptuosa que precisaria de um marido atento e experiente para satisfazer seus anseios. Desconsiderou ainda que tal mulher necessitava, além de conforto material, de alguém que, como o deputado, “conhecia a fundo o segredo de atear impetuosamente as chamas candentes das comoções amorosas” (p. 87).

No momento em que é informado, pela empregada Joana, do adultério de Túlia e comprova a veracidade do mesmo, o que destrói seu mundo previamente ordenado e calculado, Justo de Abreu quase enlouquece e expulsa a esposa de casa:

– Miserável!... Foge, miserável, se queres que te seja poupada a vida! Túlia exclamou, caindo sobre o patamar de joelhos: - Justo!... Justo!... Perdão! O engenheiro ergueu uma perna e sentou-lhe o bico do pé direito nos peitos, fazendo-a rolar os degraus da escada. - Nesta casa jamais porás os pés... Vai... Levanta-te!... Volta para os braços do teu amante! - Túlia apoiou as mãos sobre o piso do patamar e entre soluços exclamou: - Justo!... Justo!... Pelo amor de nossa filhinha!... Perdão, meu marido! Perdão! (...) Justo, que se conservava no patamar da escada, apontava-lhe a porta da rua. - É por ali *senhora*... É por ali o caminho. Vá! Fuja de meus olhos! Saiba que nunca mais porá a vista sobre minha filha! Justo!... Como tu és cruel!... Exclamou ela num oceano de angústia e acrescentou: Juro-te... Oh! Juro-te... que... O engenheiro cortou-lhe a frase: Saia, prostituta, saia, ou eu mando expulsá-la por um criado! Túlia encarou-o cinicamente: - Expulsar-me? Pois bem... Adeus! Adeus... E retirou-se atravessando o jardim. As lágrimas orvalhavam-lhe a face. Na contração febril de seus músculos, sentia o solo faltar-lhe sob os pés e ia cambaleando, como se fosse uma ébria. E logo depois murmurou: - Meu Deus! Meu Deus!... E olhou para trás sem ver ninguém! As janelas tinham sido cerradas (p. 90,91).

O fragmento descortina literariamente a sociedade de base patriarcal que se estabeleceu no Brasil, em que o marido tinha “direitos” de vida e morte sobre a esposa e os filhos. Uma vez descoberto o adultério, a mulher perdia todos os escassos direitos que lhe destinava

o casamento. Era ato pacífico que o patrimônio construído antes e durante o casamento pertencia ao esposo e a mulher era expulsa de casa somente com a roupa do corpo, além de que perdia também o direito de ver os filhos.

Na maioria das vezes, restava-lhe somente o caminho da prostituição já que não lhe sobrava alternativas, conforme indicado metaforicamente pela frase do narrador: “E olhou para trás sem ver ninguém! As janelas tinham sido cerradas” (p. 91). Isso quando, como no caso em tela, o marido era “misericordioso” e não a matava. Nesse caso, no entanto, era o marido que passava a sofrer toda espécie de calúnia, conforme registra o romance de Paulo Marques, que também denuncia através dos comentários populares, ser comum os representantes do país terem mulheres casadas como amantes:

Justo era então caluniado sem dó. Nos cafés, nos bilhares, nos bondes, nas reuniões, enfim, não se falava em outra coisa senão na pessoa do engenheiro. Os maldizentes asseguravam que ele sabia de tudo, porém consentia que a mulher tivesse relações ilícitas com o deputado... E por que não? Um representante do país... Seria caso virgem? Os exemplos não superabundavam por ventura, no seio da sociedade? (p. 93)

Com o abandono do marido, Túlia passa a conviver com o deputado Ângelo de Queiroz, que a cerca de conforto em uma casa no bairro de São Cristóvão. Esse relacionamento arrasta-se até a dissolução da câmara dos deputados pelo Imperador, o que obriga Ângelo a abandonar a Corte e voltar a sua antiga vida de advogado sem clientes. Túlia fica bastante contrariada com o fato e logo ambos começam a aborrecer-se um do outro, até que um dia Ângelo não volta mais ao chalé. E o narrador informa que depois de muito meditar, Túlia resolve ser mulher pública e muda-se para um hotel localizado a Rua do Ouvidor, então a rua mais famosa da capital do Império.

A notícia da prostituição da mulher do engenheiro espalhou-se logo por todo aquele centro populoso. Túlia esperava a todo o instante ouvir baterem-lhe à porta, aparecendo-lhe ante os olhos, uma turba de indivíduos que viessem comprar-lhe os beijos e as carícias. Isso a fazia estremecer dos pés à cabeça. Nesses momentos

então, o arrependimento fulminava-a, e ela, levando as mãos aos cabelos, vertia em silêncio um pranto acerbo e dolorido. Povoavam-lhe a imaginação horríveis pensamentos e tremia-lhe o soalho sob os pés, como se fosse abrir-se um abismo para engoli-la de um só ato (p. 93,94).

Cabe destacar que Túlia chegou a sofrer as amargas dores do arrependimento tardio, ao ter consciência da sua nova condição de mulher repudiada pelo marido e arremessada ao grupo das mulheres-objeto. Não somente ao iniciar as atividades de prostituta, como também, durante a sua atuação:

Nas orgias, ela como bacante que era, corria por sobre a mesa, de taça em punho, completamente desvairada, seminua, entoando canções obscenas que a turba aplaudia com frenesi. Mas quando ficava só, caía de bruços sobre o leito e chorava amargamente, proferindo então frases angustiadas. A *estátua de carne* transformava-se então em *estátua de dor*. Levava as mãos ao cabelo e revoltava-o, apertava os seios com ânsia e corria a uma gaveta, abria-a e tirava de dentro uma medalha de ônix. Tremia-lhe as mãos de jaspe, abria a medalha e cobria-a de beijos fervorosos dizendo: - Justo!... Oh! Alma pura e sublime!... Perdão... eu estava louca! As lágrimas saltavam-lhe dos olhos afogueados e ela sepultava-se num lago de negras agonias. Contemplativa, depois, com os olhos fixos no retrato do marido, no mais profundo silêncio, arquejante, mordida pelo aguçado dente do remorso, cheia de horror de si mesma, inspirava dó e compaixão (p. 95).

Esse arrependimento que “inspirava dó e compaixão” por parte do narrador está relacionado à falta de livre arbítrio dos personagens de Paulo Marques e do Naturalismo em geral, já mencionado anteriormente nessa análise. No entanto, observa-se que o maniqueísmo típico do Realismo é modificado porque a personagem tem conflitos sentimentais, remorsos e horror da sua nova situação. E essa mesma condição existencial da personagem fica explicitada pela sua fala quando responde a carta do deputado: “obedeço ao sacrifício, porque o amo! Porque não posso fugir à lei do destino” (p. 38). E reafirma: “Cumpra-se o destino!” (p. 38). Logo, está estabelecida a simplificação dos personagens através da abordagem naturalista de

apresentá-los como joguetes, pacientes dos fatores biológicos, históricos e sociais que vão determinar suas ações, pensamentos e sentimentos, demonstrando na obra que os instintos são mais fortes que a razão.

A primeira pessoa que vai visitar Túlia no hotel é a beata Jacinta que “julgou ali achar uma fonte inesgotável de ouro” (p.94) e, ao confirmar o projeto da moça de dedicar-se a prostituição, resolve ajudá-la: “mediante uma boa retribuição” (p. 94). Assim, “a jesuíta, daquele dia em diante, ficou em companhia da moça e durante o dia andava oferecendo-a aos homens, como se fosse uma mercadoria” (p. 94).

Esse fragmento reafirma a coisificação da personagem Túlia ao identificá-la explicitamente com uma mercadoria. E, com a assessoria da cafetina travestida de beata, em poucos meses os amantes da jovem sucedem-se de maneira vertiginosa e logo passa a ser chamada de *Vênus*, numa analogia com a deusa grega do amor e da beleza sexual. *Vênus* costuma passear pelo Rio de Janeiro, sempre acompanhada da amiga inseparável, que aparentava sempre estar “entregue às orações e, inseparável do seu rosário” (p. 98) e “denotava-se lhe sempre aquele ar de consumada *beata*, de verdadeira *Madalena arrependida*, dessas que tanto formigam em nossa sociedade” (p. 98).

No fragmento, o narrador traz a lembrança do leitor à prostituta bíblica que, após ser perdoada por Jesus Cristo, recebeu a alcunha de Madalena arrependida e foi elevada aos altares da Igreja católica com o nome de Santa Madalena. Nesse contexto, esta ligação com o Cristianismo relacionada à personagem, ainda remete à famosa crítica de Jesus aos fariseus e escribas judeus: “sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia” (Mateus, 23: 27). Nesta crítica, o mestre nazareno queria advertir seus seguidores para a necessidade do homem buscar construir uma pureza interior, já que, segundo ele, sem pureza interior, toda atitude religiosa é sem valor. Na hierarquia dos valores cristãos autênticos, a essência tem primazia sobre a aparência, justamente ao contrário do quadro

social denunciado no romance de Paulo Marques, cujos personagens vão privilegiar a aparência em detrimento da essência.

Essa focalização literária ainda denuncia a subversão do princípio cristão de amar ao próximo como a si mesmo, substituído por um posicionamento egocêntrico que se fortalecerá cada vez mais com o avanço do capitalismo, até constituir-se na contemporânea e criticada atitude de alienação social em que cada indivíduo enxerga somente o seu próprio umbigo. No universo ficcional do romance, revela-se na atitude da cafetina que esse mascaramento religioso por conveniência estabeleceu-se como prática nas relações sociais, já que os exemplos “formigam em nossa sociedade” (p. 98).

Assim, a cafetina beata Jacinta e o deputado Ângelo de Queiroz configuram-se na trama do autor pelotense como metonímia de duas estruturas sociais corrompidas que precisam ser modificadas segundo a visão naturalista. O catolicismo romano fomentador de uma pureza baseada na aparência e a política nacional, cujo representante é ironicamente chamado pelo narrador de “digno representante do país”. É a utilização da capacidade representativa das personagens realistas que, através de certas características profissionais, econômicas ou culturais, encontradas em uma determinada profissão ou grupo social, fixam-se nos personagens que adquirem a dimensão de figuras emblemáticas.

Ângelo de Queiroz, destituído das benesses do poder público, sofre a estigmatização social geral. Primeiro por parte da velha cafetina beata que ao encontrá-lo “mal trajado e com as botas já um tanto *cambaias*” (p.95), observa impiedosamente: “como anda aquilo por baixo!” (p.96). E, em seguida, por parte da população e da ex-amante:

O ex-deputado era alvo de todos os olhares. Todos cochichavam a respeito da recente queda do representante do país, que andava agora cabisbaixo e taciturno. Túlia, vendo-o passar muitas vezes pela sua janela, soltava risadas estridentes, como se aquele homem lhe causasse nojo (p. 96).

Um importante registro sociológico é construído a partir do fragmento acima ao registrar a aparência de Ângelo de Queiroz após a sua destituição do poder, em contraponto com a sua aparência anterior: “Convenientemente vestido saiu do hotel Royal e entrou pela Rua do Ouvidor com certo andar grave, emproado e a olhar para os transeuntes com quixotesca soberania e pouco caso” (p. 61). Flagra-se, novamente no romance, através deste contraponto aludido, a supremacia do ter sobre o ser, da aparência sobre a essência condicionando o estado mental e psicológico do indivíduo. É a análise de procedimentos sociais naturalistas, denunciando os relacionamentos públicos estabelecidos através de forças tirânicas e opressoras, como se exemplifica na temática presente em *Vênus ou o dinheiro*. Daí os personagens apresentarem-se obcecados por subir na hierarquia social a qualquer preço, já que a força individual é assegurada pela potência do dinheiro.

Importa mencionar que Túlia, como Vênus, é adorada na Corte durante quatro anos, desfrutando do renome que conquistou através da sua imensa beleza e fortuna:

Seu luxo era desmedido e para sustentá-lo cavou a ruína de muitos pais de família e de outros tantos jovens inexperientes, levando ao lar doméstico, por essa forma, pungentes lágrimas e acerbos desgostos (p. 98).

Além da riqueza que Túlia conquistou como prostituta, o fragmento ainda informa que ela causou a ruína de “muitos pais de família” e, de “jovens inexperientes”. No entanto, é preciso salientar que para além da transcrição irônica registrada acima, está implícito na leitura do romance que o “crime” da prostituta é relativo, uma vez que são certos tipos de homens que correm atrás da sua beleza e formosura. E o narrador ratifica essa nossa leitura informando que “Vênus como o astro que era ofuscava, atraía, subjugava ao império do seu traquejo infernal, a vida das almas corruptas” (p.99, grifo meu).

Logo, o dinheiro que certos pais de família e certos jovens inexperientes lhe tributam, representa uma espécie de incenso com o qual eles conquistam os favores da deusa da beleza, que tal qual uma divindade recebe as ofertas de seus devotos. E o narrador demonstra

não ter simpatia por esse grupo social, relatando que era “essa mesma sociedade que corria para admirá-la como se ela fosse um astro de luminosa cauda!” (p. 98). Na mesma direção, o narrador, através da fala da personagem Joana, ratifica uma visão amarga e fatalista do contexto social do final do Segundo Reinado: “Está tudo podre! Caminhamos a passos de gigante para uma dissolução moral!” (p. 79).

Logo, a crítica naturalista de Paulo Marques presente no romance expande-se para todo o estrato coletivo, descortinando a hipocrisia social que valoriza o indivíduo pela aparência, sem importar-se com o que ele realiza para ostentar seu luxo. Vênus, por exemplo, “apresentava-se em todos os lugares públicos, trajando veludos e seda de alto preço e, andava toda recamada de brilhantes” (p. 94). Essa situação é análoga a do Comendador Arrocho de Góes, debochado larápio de profissão que chegou a capitalista, “através da mais disfarçada gatunice” (p. 16). E que, não obstante, carrega no peito uma medalha por suas “ações honrosas”.

O romance desvela ainda que como uma prostituta de luxo, Túlia é aplaudida e adorada pela sociedade, sem sofrer a estigmatização que costumam receber as prostitutas pobres. Assim, a denúncia literária aponta que na sociedade capitalista incipiente brasileira, o importante não é ser honesto, o que importa mesmo é aparentar honestidade. O foco literário naturalista ainda vai sugerir que é como produto resultante deste ambiente corrupto e hipócrita, que nascem os tipos que semelhantes a Túlia: “Morreria de desgosto se lhe fosse preciso deixar de aparentar” (p. 8).

E, através dessa abordagem na exegese do texto do autor pelotense, nos deparamos com o título da obra, *Vênus ou o dinheiro*, a instigar no leitor a curiosidade: Túlia é uma deusa Vênus ou um produto da reificação moderna. Afinal:

Nas tardes de estio a população fluminense via-a atravessar as ruas mais públicas reclinada artisticamente nas moles almofadas de um phaeton, puxado por dois fogosos cavalos de raça, que impelindo garbosamente as patas para o ar, tiravam faíscas das pedras do calçamento. *Vênus* olhava para todos com indiferença,

sustendo sobre os lábios coralinos um sorriso caótico e sardônico (p. 96).

Podemos imaginar que, conforme seu procedimento público descrito no fragmento e a indumentária com que se apresentava majestosamente, “trajando veludos e seda de alto preço e, andava toda recamada de brilhantes” (p. 94), ela seria uma “deusa” do amor e da beleza sexual motivada pela ganância em pleno exercício de sua missão. Ou ainda que fosse apenas uma bela mulher, como outra qualquer movida pelo desejo de adquirir dinheiro para conquistar prestígio e destaque social. Importando lembrar que uma alternativa não exclui necessariamente a outra.

Vênus vai ficando cada vez mais envolvida com a vida de prostituta e com o ambiente boêmio que vai suprimindo da sua personalidade todo sentimento bom. Comprovando essa forte mudança efetuada pelo meio em que agora vive, a morte dos próprios pais não chega a incomodá-la:

Uma noite Vênus recebeu inesperadamente uma notícia. Seu pai tinha falecido havia duas horas, de uma apoplexia fulminante. Ela rodou sobre os calcanhares, levou a mão ao rosto e verteu algumas lágrimas, afogando em seguida sua dor numa boa dose de gargalhadas. Daí a quinze dias nova notícia veio surpreendê-la, num desses momentos em que ela empunhava a taça no torvelinho da orgia, seminua e quase ébria. Sua mãe havia também falecido. Vênus encolheu os ombros e pulando sobre a mesa, levantou a perna e cantou aquelas quadras de um dos nossos poetas: Quando eu morrer / Ninguém chore, etc, etc. Meio ébria, trôpega, com os olhos injetados, ela erguendo o braço atirou a taça contra uma parede e deitou-se como uma gata vadia sobre a superfície da mesa, com as pernas nuas, o que provocou na assembléia uma roda de palmas (p. 100).

Em outro trecho, encontramos o mesmo ritmo degradante apossando-se cada vez mais da personagem que:

atravessou durante quatro anos, uma existência podre e sífilítica, no meio do mais enfatuado luxo, abismada nas grandes tempestades de orgia, zombando da sociedade,

em cuja face vomitava diariamente escarros de fel azedo, tendo sobre o tacão da bota à Luiz XV a moral presa como se fosse uma víbora, a qual precisava que lhe esmagassem a cabeça (p. 99).

O fragmento, além de revelar o tempo de atuação do reinado de Vênus, revela que ela era portadora de uma grave doença sexualmente transmitida: a sífilis. Assim, no meio de muito luxo e aplausos da sociedade que corria para admirá-la, ela debochava e zombava: “vomitava diariamente escarros de fel azedo” na face desta mesma sociedade, cuja “moral” ela trazia literalmente presa entre as pernas e debaixo do tacão da sua bota. A atitude debochada da prostituta funciona nessa leitura, como uma desforra contra o próprio sistema social, que, ao fim e ao cabo, incentivou e despertou nela a ganância e o desvario.

Ainda, sendo Túlia uma prostituta de luxo, é fácil imaginar que os “pais de família” e os “jovens inexperientes” que a procuravam na Rua do Ouvidor faziam parte da elite social. Esses homens, após se relacionarem com a prostituta Vênus, ficavam contaminados e transmitiam a doença sexual para as suas esposas, que não tratadas, geravam filhos portadores de sífilis congênita. Assim sendo, a dissolução moral da personagem causada por uma imposição física configurada pela hereditariedade e pelo meio, espalha-se a todas as pessoas que a cercam. E, implacável em sua denúncia, o narrador sugere metaforicamente que o próprio leitor do romance pode ser um elemento reificado e contaminado pela chaga da prostituta Vênus, uma vez que “o leitor imagina perfeitamente a realidade de tudo isso, já como ator, já como espectador ao mesmo tempo, no grande teatro do mundo onde a vida toma diversos caracteres” (p. 93).

Assim, Túlia encarnou Vênus e viveu, reinou e zombou da sociedade durante quatro anos, até que a decadência moral completa-se com a sua decadência física e tem a sua beleza destruída pela varíola que a transforma num ser repugnante, conforme relata a jesuíta Jacinta a Ângelo de Queiroz: “Do lado esquerdo da face, abriu-se uma chaga medonha. Os seios foram completamente roídos pelas feridas, os

lábios e as orelhas” (p. 101). Após quinze dias de muito sofrimento, sozinha e abandonada por todos, Túlia morre e, quando o féretro chega ao cemitério, um homem com uma menina pela mão pede ao cozeiro que abra a tampa do caixão:

O cadáver de Túlia estava enegrecido. Pelas fossas nasais, pela boca e pelos ouvidos saía-lhe ondas de pús pardo, meio verde. Não havia ali absolutamente um só traço que pudesse testemunhar ser aquela poça de pús a mais formosa das mulheres de seu tempo (p. 102).

O fragmento fotográfico da cena de Túlia no caixão arremata o discurso doutrinário naturalista presente no romance, testemunhando o que aconteceu com a formosa mulher, que sucumbiu aos costumes do seu meio social e as inclinações do seu temperamento, geneticamente contaminado. Esse homem observa o cadáver e deixa rolar uma lágrima por sobre a morta e se retira. A menina que ele traz pela mão começa a chorar e pergunta-lhe quem é a morta e o homem, agora identificado como Justo de Abreu, revela-lhe então que a defunta é a própria mãe da criança.

Além da decadência moral e física de Túlia, o romance ainda focaliza a decadência financeira do deputado Ângelo de Queiroz que voltou a ser um advogado sem clientes, da cafetina Jacinta que perdeu sua principal fonte de renda, além do doloroso processo de maturidade de Justo de Abreu. Evento esse que, na crítica naturalista, funciona como um recado ao leitor e como razão de existência da obra, razão mais uma vez explicitada pela fala da personagem Joana, que compreende que a traição que Justo de Abreu sofreu servirá para despertar o patrão: “É para que tu conheças o meio em que vives, é para que tu conheças o que é a mulher, o mundo e as coisas” (p. 79). Logo, verifica-se que não há na obra nenhum personagem heróico, já que todos são movidos por interesses mesquinhos e guiados pela aparência.

Acrescente-se ainda que a crítica do narrador volta-se explicitamente ao casamento constituído como um acordo financeiro: “o casamento comercial principiava a erguer a ponta da cortina em que se ocultam as suas conseqüências: o adultério” (p. 35). E para que não

fiquem dúvidas de que este tipo de relacionamento é usual na sociedade brasileira informa:

Encontram-se comumente na sociedade casais nas mesmas condições, pelo que o nosso romance não deixa de ser um retrato fotográfico tirado do próprio original (p. 117).

E, com essa transcrição, finalizamos a nossa exegese de *Vênus ou o dinheiro*, cujo enredo é característico do Realismo/Naturalismo com a sua preocupação de focalizar as chagas sociais que precisam ser modificadas e o adultério feminino como produto de uma educação mal dirigida por uma sociedade decadente.

A publicação de *Vênus ou o dinheiro* foi marcado pelo escândalo, já que o Naturalismo de Paulo Marques chocou o público provincial e burguês da sua época. Sua obra antiidealista é caracterizada por uma análise profunda da sociedade e pela busca da essência existente por trás das motivações aparentes dos indivíduos. O seu estilo literário expressa uma visão amarga e fatalista sobre a sociedade de seu tempo.

Em outros níveis estéticos e literários, semelhante tema encontra-se em outras obras paradigmáticas do período: em *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1857), na *Nana*, de Emile Zola, (1880) em *O crime do padre Amaro* (1874), e *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz. Com o seu Naturalismo, Paulo Marques antecede no tempo Pardal Mallet¹³, divulga a nova escola em terras gaúchas no mesmo ano em que Aluísio Azevedo surge com *O mulato* e Machado de Assis com as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, romances que respectivamente marcam o início do Naturalismo e do Realismo no Brasil.

Dessa forma o autor gaúcho colaborou para efetivar na prosa literária sulina o mencionado por Ronald de Carvalho, quando reflete a respeito do Realismo literário brasileiro:

¹³ João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (Bagé, RS, 9 dez. 1864 - Caxambu, MG, 24 nov. 1894) estudou Medicina no Rio e Direito em São Paulo e Recife, onde se diplomou, não voltando a residir no Sul, preferindo fixar-se na capital do país entregue à boêmia e ao jornalismo. Foi um dos propagandistas da Abolição e da República e o pendor naturalista despontou através da coletânea de contos intitulada de *Meu Álbum* (1887), escreveu ainda: *O Hóspede*, romance, (1887), e *Lar*, romance, (1888). É patrono da cadeira n. 30 da Academia Brasileira de Letras.

O romance deixou de ser um jogo de situações fabulosas, ou um poema de caráter panteísta e contemplativo, para tornar-se um elemento de combate, uma escola de aprendizagem, às vezes perigosa, é certo, porém quase sempre útil e proveitosa (CARVALHO, 1958, p. 319).

Importa acrescentar que, durante a elaboração desta análise, sempre tive por norte, que o objeto literário está além e acima de qualquer instrumento crítico adotado. Preferi utilizar uma abordagem à luz da sociologia do romance por entender ser o método que melhor permitia analisar a obra dentro de uma perspectiva sócio-histórica, além de me diferenciar dos críticos anteriores de Paulo Marques. Ciente de estar optando por uma hipótese de trabalho entre tantas outras, uma vez que não me seduzia fazer uma análise explanativa do romance. Não me interessou, por exemplo, fazer o mapeamento do espaço urbano ficcional e verificar e mencionar a sua relação com lugares existentes, por acreditar ser este tipo de análise mais pertinente ao sociólogo ou ao historiador do que propriamente ao crítico literário. Assim trabalhando, tive a pretensão de ter assimilado a lição de Antonio Candido, de que saia:

dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte (CANDIDO, 2000, p. 7).

E finalizo esta análise ratificando que numa perspectiva histórica a homologia das estruturas presentes no romance de Paulo Marques, permite acompanhar o processo de reificação moderna dos indivíduos ao avançar o progresso contemporâneo. Os personagens e o seu destino imaginado estão no romance para que possamos compreender melhor a engrenagem que movimenta a História. É a arte literária nascendo da realidade e sobre ela refletindo, inaugurando novas perspectivas e assinalando novos caminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação procurei demonstrar que o Rio Grande do Sul, não obstante o atraso cultural que sofreu em relação às outras províncias do Brasil no século XIX, relacionadas ao povoamento tardio e, a sua posição fronteiriça de baluarte contra as invasões espanholas, pôde recuperar em pouco tempo este atraso inicial, e acompanhar a produção literária produzida na capital do Império brasileiro.

Assim sendo, as novidades filosóficas e culturais que surgiam na Europa na segunda metade do século XIX eram divulgadas no Rio Grande do Sul, sobretudo pela importação de livros e da correspondência da população migrante que desde 1824 havia chegado à província, principalmente alemães e portugueses, com familiares que permaneceram na Europa.

Assim, registrei o surgimento da reação anti-romântica sintonizada com as correntes científicas européias através do periódico semanal de literatura, *Eco de Ultramar*, surgido em Porto Alegre em 1876 de propriedade de L. Kraemer Walter e que contava entre os seus colaboradores com Carlos Von Koseritz. Através deste periódico pude demonstrar que seus redatores compartilhavam dos preceitos positivistas e científicos defendidos no norte do Brasil por Tobias Barreto e Silvio Romero: “alistamo-nos de todo o coração, sob o glorioso pendão dos Tobias e Romeros que no norte do Império já vão encaminhando o que agora encetamos” (FERREIRA, 1975, p. 94).

Ainda, pude comprovar o empenho com que Carlos Von Koseritz, Luis Kraemer Walter e Argimiro Galvão, entre outros, discutiram e divulgaram, no Rio Grande do Sul, certos princípios do monismo, do transformismo e das demais correntes naturalistas do cientificismo europeu. E, registrei em 1876 um primeiro elo entre as atividades mentais do norte e do sul do Brasil, constatando a familiaridade que os gaúchos tinham com as obras de Emile Zola, Gustave Flaubert e Eça de Queirós. Demonstrei que apesar da sua breve existência, os objetivos do *Eco de Ultramar* continuaram a ser perseguidos cada vez com mais vigor

na província, encontrando ressonância, por exemplo, no *Álbum de Domingo*, fundado em 1878.

Comprovei que O *Álbum de Domingo* foi efetivamente o periódico mais significativo da província no século XIX ao posicionar-se contra a idealização romântica dominante no cenário literário sulino. Em suas páginas verifica-se que Carlos Jansen e Carlos Von Koseritz manifestaram o advento do Naturalismo e do Realismo, impregnados das tendências socialistas da época. E, que desta forma, o movimento de renovação do pensamento que se processava no país encontrou eco no *Álbum de Domingo*. Desvelei ainda que um dos mais atuantes propagadores das modernas correntes estéticas, ao lado dos publicistas alemães já citados, foi Damasceno Vieira, colaborador do semanário e que travou diversos debates pelas colunas desse periódico em torno da nova poesia.

Registrei que em outubro de 1880, surgiu a *Revista Mensal da Sociedade Científica e Literária Culto às Letras*, em Porto Alegre, fundada por oficiais alunos da Escola Militar com um programa bastante incisivo no tocante às novas idéias. Com essa publicação a Escola Militar passou a influir na opinião pública gaúcha transformando-se num núcleo de fermentação cultural e de pensamento. Foi principalmente por inspiração e divulgação dessas idéias que a propaganda republicana alastrou-se, a campanha abolicionista fortaleceu-se e, a Igreja católica foi atingida nos seus fundamentos, o “feudalismo econômico” sofreu as primeiras ameaças e variadas correntes filosóficas entraram em curso.

Assim sendo, pude verificar e comprovar que efetivamente, no período em estudo (1878-1881), paralela a uma produção romântica majoritária, existia na imprensa gaúcha um grupo de autores que defendiam o fim do Romantismo e a adesão ao novo movimento literário e intelectual que já vicejava na Europa. Alinhados ao pensamento filosófico moderno divulgado principalmente pelo jornalista alemão, Carlos Von Koseritz, desde a década anterior.

Naturalmente, este contexto cultural repercutiu na produção literária do Rio Grande do Sul e, pude constatar que já circulava no Rio Grande do Sul, através da imprensa, pelo menos desde 1878, contos, crônicas e artigos que apresentavam uma abordagem que fugia da idealização romântica tradicional.

Minhas pesquisas ratificaram que a imprensa foi efetivamente o primeiro veículo de divulgação da produção literária brasileira e que desde os primórdios, muitas obras diferentes entre si continuaram a ser publicadas em periódicos na estrutura de folhetim.

Guilhermino Cesar menciona que esta atmosfera de renovação no campo das idéias foi comum ao país, proporcionando o surgimento concomitante em 1881, no Maranhão, *O Mulato* e, no Rio de Janeiro, as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, pude adicionar, no Rio Grande do Sul, *Vênus ou o dinheiro*.

Lamentavelmente, como menciona o historiador, o Realismo como processo cultural não mereceu ainda as investigações regionais necessárias, sem embargo do interesse que haveria em fazê-las bem minuciosamente, tanto para servir à literatura como à história das idéias (CÉSAR, 1968, p. 89).

Em Pelotas, no período que analisei, existia na imprensa um grupo de autores que abraçou o Naturalismo: Paulo Marques, Laranja Filho, Pedro Osório, Albino Costa, Gomes Correa, Francisco de Paula Pires, entre outros. Desse grupo, destacou-se intelectualmente Paulo Marques, que foi poeta, romancista, dramaturgo e propagador do positivismo científico na região, além de defender o republicanismo e a abolição dos escravos. Com sua ficção atrevida, inspirado na produção de Emile Zola, de quem se dizia discípulo, Paulo Marques sacudiu o marasmo romântico da literatura local, fazendo que outros lhe seguissem o caminho.

Neste trabalho acadêmico, orientei-me sempre que possível pela consulta as fontes primárias para evitar divulgar informações equivocadas que, sendo repetidas, acabam distorcendo a compreensão que temos da nossa produção literária.

Argumentei e demonstrei por pesquisa bibliográfica de pesquisadores conceituados, a importância deste trabalho com as fontes primárias, já que, muitas vezes, é a única maneira que possuímos para desfazer equívocos que se perpetuam, principalmente por inércia e comodismo intelectual. Como uma maneira prática de combater-se o fregolismo intelectual, apresentei as características que a pesquisa na área das ciências humanas tem exigido dos pesquisadores na construção de um saber em movimento.

Comprovei que o romance *Vênus ou o dinheiro* sintonizou a produção literária gaúcha com a produção literária brasileira, confirmando a assertiva de Guilhermino Cesar do paralelismo literário na produção do Rio Grande do Sul, em relação à produção nacional nos momentos decisivos da História da Literatura.

Comprovei que a publicação do folhetim *Vênus ou o dinheiro* (1881) é a primeira experiência naturalista empreendida por um autor gaúcho na literatura brasileira. E, que com sua crítica social naturalista, Paulo Marques foi, literalmente, uma “pedra de escândalo” na sociedade provinciana do final do século XIX, ao abordar temas que a luz de uma análise sociológica literária, aponta para a coisificação do sujeito ao avançar o estabelecimento do capitalismo na sociedade moderna. E, assinalou assim, literariamente o processo de reificação condicionando o valor do sujeito, a supremacia do ter sobre o ser, da aparência sobre a essência que foi explorada ao extremo pelo Realismo literário. No universo ficcional de *Vênus ou o dinheiro*, esta lei é ampliada para a análise de procedimentos sociais em que o relacionamento público adquire uma forma tirânica. Os personagens apresentam-se obcecados por subir na hierarquia social, porque justamente acreditam que a tranqüilidade psicológica provém de uma imagem exterior e pública, construída conforme o posto ocupado na escala. Logo, todos os atos dos personagens do romance são praticados objetivando alguma espécie de ganho material, já que a força individual é assegurada pela potência do dinheiro.

Como conseqüência direta o texto do romance resgatado revela ao leitor que todos os seres e todas as coisas têm o seu preço e que tudo pode ser comprado e/ou vendido. Esses temas só eram tratados superficialmente no período pelos autores românticos gaúchos e, assim, sem embargo, Paulo Marques projetou sua produção literária para além dos domínios regionais.

E, foi dentro dessa lacuna de trabalhos que abordam o Realismo literário brasileiro dentro dos estados que esta dissertação alicerçou-se, procurando demonstrar o sistema literário sulino, focalizando principalmente os aspectos que rotineiramente têm sido marginalizados pelos pesquisadores.

Assim, verifica-se que passados quase 130 anos da publicação de *Vênus ou o dinheiro*, a leitura e análise da obra do autor pelotense desvela que em diversos aspectos a sua temática continua atual. Essa comprovação, somada aos elementos historiográficos literários e culturais, sinaliza para a necessidade de efetuar-se uma nova edição desta obra.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras; ALB; São Paulo: FAPESP, 2003.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. Notícias da vida literária na imprensa. In *História da literatura em questão. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, setembro 2004, p. 62-68.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade e outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- BAGUET, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: PARAULA, 1997.
- BARRENTO, João. *História literária – problemas e perspectivas*. Lisboa: Apaginastantas, 1986.
- BARTHES, Roland. Jovens pesquisadores. In:_____. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, 1970.
- BORDINI, Maria da Glória. *Acervos e história da literatura: a fonte primária na escrita dos eventos*. Disponível em www.pucrs.br/letras/pos/historiada_literatura/gt/maria_bordini.php. Acesso em 23 fev. 2005.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. *A Divina Pastora*. Ensaio crítico e fixação do texto por Flávio Loureiro Chaves; ensaio biográfico por Carlos Reverbel. Porto Alegre: RBS, 1992.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Cia Editores, 1929.
- CATÁLOGO dos livros do Gabinete de leitura da cidade do Rio Grande de São Pedro do Sul. Rio Grande: Tipografia do Artista de Antônio da Cunha Silveira, 1877. (Atual Biblioteca Rio-Grandense, de Rio Grande)
- CESAR, Guilhermino. *Koseritz e o naturalismo*. Separata da revista ORGANON n. 12 da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1968.
- CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do Romantismo*. Rio de Janeiro; Livros técnicos e científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *O mundo social do Quincas Borba*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1974.
- CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. Brasília: INL, 1979.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. 7. ed. rev. e atual. v. IV parte II: estilos de época: era realista/era de transição. São Paulo: Global, 2004.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: ABL, 2001.
- CUNHA, Jaqueline Rosa da. *Arauto das Letras: literatura e imprensa*. Rio Grande: 2004. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – FURG.
- CUNHA, Jaqueline Rosa da. *O jornal Arauto das Letras (1882-1883) na imprensa literária gaúcha*. VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira (org). *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo

Horizonte: FALE-UFMG; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Acervos: gênese de uma nova crítica*. MIRANDA, Wander Melo (org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995, p. 53-63.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Memorial*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.

DINARTE, Silvio (Escragnolle Taunay). *Estudos Críticos II literatura e filosofia*. Rio de Janeiro: Tip. De G. Leuzinger & Filhos, 1883.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1975.

FISCHER, Luís Augusto. *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

GALO, José Antônio da Rocha. A poesia utilitária ou realista. *Eco do Sul*. Rio Grande, 03 de outubro de 1880, n. 225, p. 1.

GARCIA, Sônia Tavares; LONER, Beatriz Ana. Relação de jornais existentes na Biblioteca Pública Pelotense. *História em Revista*, Pelotas, v. 6, p. 133-164, dez. 2000.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HESSEL, Lothar F. *et alii. O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Flama/IEL, 1976.

HOBSBAWN, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KOSERITZ, Carlos Von. *Alfredo d'Escragnolle Taunay*. Rio de Janeiro: Tip. De G. Leuzinger & Filhos, 1886.

LAJOLO, Marisa. *Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes*. Campinas: Unicamp, 1994.

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LIMA, Luiz Costa. Concepção de história literária na formação. In: D'INCAO, Maria Ângela; SCARABÔTOLO, Eloisa Faria (Org). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Sales, 1992.

MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-riograndenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Minerva, 1952.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande*. Pelotas: UFPEL: 1993.

MARQUES, Paulo. *Vênus ou o dinheiro*. Pelotas: Livraria Americana, 1885.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São Pedro, 1958.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

MOREIRA, Maria Eunice. *Fontes primárias e história da literatura*. Disponível em www.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura/gt/fontes2.php. Acesso em 15 abr. 2009.

MOURA, Reinaldo Araújo de. VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A prosa no jornal Eco do Sul (1874-1881)*. 11º Congresso de Iniciação Científica. Resumos. Rio Grande: FURG, 2002, p. 456.

MOURA, Reinaldo Araújo de. VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A mulher em poemas narrativos resgatados do jornal Eco do Sul*. In II Mostra da Produção Universitária. Resumos. Rio Grande: FURG, 2003. CD-ROM.

NASCIMENTO, Edson Campos; CURY, Maria Zilda Ferreira. Fontes primárias: saberes em movimento. *Revista Faculdade Educação*. v. 2, n. 1-2, São Paulo: 1997. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100016&script=sci_arttext. Acesso em 27 ago. 2009.

- PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Tese (Doutorado em Literatura). PUCRS, Porto Alegre, 2005.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. Fontes primárias e dúvidas literárias: o caso *Murmúrios do Guaíba*. In *Revista Iluminart*. Sertãozinho, v. 1, n. 1, p. 69-76, mar. 2009. Disponível em www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes_anteriores/volume1numero1/ARTIGOS/volume1artigo8.pdf. Acesso em 15 out. 2009.
- QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. Chile: Editorial Lord Cocharane, 1988.
- QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*. 15ª edição. São Paulo: Ática, 2004.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.
- RENAN, Ernest. Qu'est-ce qu'une nation? (1882). In MELLO, Renato de. Tradução: A nação de Renan. In *Caligrama – Revista de Estudos românicos*. Belo Horizonte, v. 4, p. 137-180, dez. 1999.
- RUSSEL, Bertrand. *Delineamentos da Filosofia*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Nacional, 1954.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense do século XIX. In *Fundamentos da cultura rio-grandense*. v. 5. Porto Alegre: UFRGS, 1958.
- SILVA, Inocêncio Francisco. *Dicionário bibliográfico português*. 8. tomo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867.
- SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Ars Poetica, 1994.
- VAZ, Artur Emilio Alarcon. A importância da divulgação de fontes primárias na internet. In VAZ, Artur Emilio Alarcon *et alii* (Org.)

Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Belo Horizonte: FALE-UFMG; Rio Grande. FURG, 2005, p. 9-25.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil Meridional*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras. UFMG, Belo Horizonte, 2006.

VELHO SOBRINHO, João Francisco. *Dicionário bio-bibliográfico*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti; MEC, 1937-40.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.

VIANA, Lourival. *Imprensa gaúcha (1827-1852)*. Porto Alegre: Museu de Comunicações Social Hipólito José da Costa, 1977.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre: SEC, 1974.

WHITE, Hayden. *Meta-história – A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *Fontes primárias e história da literatura*. Disponível em www.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura/gt/fontes.php . Acesso em 19 jun. 2009.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ZOLA, Emile. *Nana*. São Paulo: Hemus, 1982.

ZOLA, Emile. *Do romance*. São Paulo: Imaginário; Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

BIOBIBLIOGRAFIA DE PAULO MARQUES

Paulo Marques de Oliveira nasceu em Pelotas (RS), em 13 de outubro de 1857, filho de Paulo Marques de Oliveira e Antonia Bernardina de Oliveira. Foi militar durante quatro anos, entre 1877 e 1880 como descrito numa carta particular¹⁴, quando se supõe que teve contato com o Positivismo, tão em moda no meio militar de então.

Aparece na capa do número de julho de 1878, como um dos redatores da *Revista da Phenix Literária* (Rio de Janeiro), em que conforme o site do CEDAP, na revista: “verifica-se muito da influência positivista entre os autores, sendo este tema recorrente. A Escola Militar é uma das referências de alguns autores como Tito Amaral e Lauro Sodré, e até mesmo a presença do exército na revista parece ser relevante, apesar de ser uma revista literária, podemos perceber isso pela própria influência positivista, disseminada na época nas escolas militares”¹⁵.

Essa ligação com a Escola Militar, também é citada no estudo crítico de Homero Campista sobre o romance de estréia de Paulo Marques de 1880: “Recebi o romance *Os verdadeiros mistérios do Rio de Janeiro*, que me foi enviado por seu autor, o inteligente acadêmico da Escola Militar, o Sr. Paulo Marques, para que eu realizasse uma apreciação crítica”. (*A Discussão*, 06 de dezembro de 1881, p. 2)

Do romance *Os verdadeiros mistérios do Rio de Janeiro*, o crítico carioca acrescenta que:

A par de defeitos, uns graves, ligeiros outros, há no primeiro volume do romance do Sr. Paulo Marques, verdadeiras belezas artísticas. (...) O escritor algumas vezes toma por si a palavra, para defender ou atacar teorias. Faz brilhante e eloquentemente. (...) O seu primeiro romance é indício de que pode vir a ser excelente escritor. É o que sinceramente lhe deseja quem pede-lhe vênias para inscrever-se no número dos admiradores de seu talento (*A Discussão*, 06 de dezembro de 1881, p. 2).

A carta de Homero Campista confirma parte da informação de Francisco de Paula Pires, registrada na necrologia que escreveu na ocasião da morte de Paulo

¹⁴ Publicada na *Tribuna Literária* de Pelotas-RS, em 22 de janeiro de 1882 e disponível na coleção da Biblioteca Rio Grandense da cidade de Rio Grande-RS.

¹⁵ No catálogo do CEDAP, da UNESP de Assis, há outros detalhes sobre a revista, que “é caracterizada por uma seqüência de páginas ao longo de janeiro de 1878 a julho de 1879. (...) A comissão de redação do primeiro semestre de 1878 é composta por Rodolpho Paixão, Urbano Duarte, Dantas Barreto, Lucínio Cardoso e Pedro Ivo, essa comissão é substituída no segundo semestre por Antão Silvério, Lauro Sodré e Paulo Marques, juntamente com Urbano Duarte, que permanece”. Disponível em www.assis.unesp.br/cadap/cat_periodicos/popup/revista_da_sociedade_phenix_literaria. Acesso em 4 out. 2009.

Marques¹⁶, dando conta da publicação no Rio de Janeiro de dois romances em 1880 pelo autor: *Os verdadeiros mistérios do Rio de Janeiro* e *Alaisa*. Apesar da busca em diversas bibliotecas brasileiras e contatos efetivados com outros pesquisadores, não se encontrou ainda nenhum exemplar dessas obras. Também não encontramos nenhuma outra referência ao romance *Alaisa*, além da menção de Francisco de Paula Pires, que foi repetida por Sacramento Blake, Guilhermino César e Mário Osório Magalhães, sem fazerem referência a alguma busca por esses romances.

Paulo Marques retorna para Pelotas provavelmente no final de 1880, onde atua como jornalista, escritor, poeta e dramaturgo, tendo sido redator, da *Tribuna Literária* e do *Arauto das Letras*. Publicou *A Nora do Banqueiro*, cujo único exemplar que encontramos é um fragmento no acervo da Biblioteca Pública Pelotense, que – por sinal – não oferece condições para que se possa classificá-lo como conto, novela ou romance.

Entre 8 de julho e 9 de outubro de 1881, publica o folhetim *Vênus ou o dinheiro* no jornal pelotense *Onze de Junho*, o romance mais atrevido que se publicou no século XIX em terras do Rio Grande do Sul, no dizer de Guilhermino César. Imediatamente, ao fim da publicação do folhetim, começa pela imprensa pelotense uma forte e violenta questão relativa aos méritos da obra, formam-se partidos extremados, prós e contra o folhetim, assim sintetizado por Guilhermino César:

O que ali se apresentava, de forma poética algumas vezes, com um senso muito agudo do material romanesco escolhido, equivalia a uma revolução, e se as águas do S. Gonçalo não se tingiram de sangue, muito papel se encheu de tinta para alimentar polêmicas e diatribes. (CÉSAR, 1971,p.331)

Neste ambiente, de polêmicas e diatribes, em 17 de dezembro de 1881, estréia a comédia de Paulo Marques, *Por causa de um chapéu de sol*, com estrondoso sucesso de público e crítica. O jornal *A Discussão*, de 19 de dezembro de 1881, registra que o autor subiu ao palco para receber homenagens, que foi proferido um discurso por Laranja Junior e uma poesia pela menina Alice, filha de João Manoel dos Reis. Após, José Gomes Correa, futuro proprietário da *Tribuna Literária*, e José Procoro da Silva, recitaram poesias próprias em homenagem ao escritor e dramaturgo Paulo Marques.

Do poema declamado pela menina Alice, de autoria de Francisco de Paula Pires, constituído por quatro décimas, transcrevo abaixo a estrofe final que registra liricamente o destaque alcançado por Paulo Marques entre os seus contemporâneos:

No grande, no vasto Império
Do majestoso Brasil,
Tu te destacas ingente
Nas letras, astro gentil!

¹⁶ *Correio Mercantil*, Pelotas, 09 de agosto de 1884.

Nas lutas da inteligência
Com critério e sapiência
Ergueste altares à arte;
Por isso aqui, orgulhosa,
Nesta noite auspiciosa,
Poeta venho saudar-te!

Esse tom laudatório, tão comum no período, ocorre também no poema de José Gomes Corrêa, intitulado *Poeta* e constituído de quatro décimas, que finaliza com a seguinte estrofe:

Poeta! Prossegue avante
Na bela senda da glória,
Talvez que ela te conduza
Ao vasto templo da história...
E a essa coroa virente
Que circunda aurifulgente
Tua fronte de esplendores,
Junta a dádiva modesta
Que te ofertou nesta festa,
Estes versos – pobres flores.

Ainda no final de 1881, Paulo Marques vai atuar como redator do jornal *Tribuna Literária*, juntamente com Paula Pires, Albino Costa, Gomes Correa e Laranja Filho, grupo mantido durante os dezessete números publicados até 23 de abril de 1882 e constantes no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande, RS). Nessa coleção foram encontrados oito poemas de sua autoria e, na edição de 15 de janeiro de 1882, aparece a notícia da enfermidade do escritor:

O nosso distinto companheiro de redação, Paulo Marques, foi surpreendido em meio de seus labores, por uma enfermidade bastante impertinente e algum tanto grave. Por esse motivo, teve de ausentar-se desta cidade em busca de ares mais puros, deixando assim, na redação desta folha, uma lacuna difícil de preencher. Ao ilustrado e talentoso colega, desejamos pronto restabelecimento e curta ausência para satisfação de seus amigos e de nossos leitores, que estão inibidos de apreciar os arroubos de sua vigorosa inteligência. (*Tribuna Literária*, 15 de janeiro de 1882.p.2. n.3)

Em 22 de janeiro, no número seguinte do periódico literário, é publicada uma carta de Paulo Marques dizendo que está em Alto Belo, localidade próxima a Lagoa dos Patos.

Entre dezembro de 1882 e janeiro de 1883, enquanto se tratava no Rio de Janeiro, envia para publicação no jornal pelotense *Arauto das Letras*, uma série de críticas literárias denominadas “Cartas Fluminenses”. O objetivo das cartas é divulgar uma análise crítica que fora solicitada por Francisco de Paula Pires, relativa ao livro que o mesmo pretendia publicar, intitulado de *Pindo Rio-Grandense*, em que objetivava

divulgar autores pelotenses. Até onde conseguimos saber, este livro acabou não sendo publicado, e em meio a análise crítica encontramos Paulo Marques com ímpeto e candura, defendendo as posições da sua arte:

Lastimo que os meus comprovincianos, senão *in totum*; porém em parte, ainda permaneçam no coligoso terreno de plena metafísica no que diz respeito às ciências, e de completo romantismo no que diz respeito à literatura, influência do meio social onde se acumulam uma boa porção de preconceitos absurdos. (...) A convenção estúrdia e absoleta dos padres, têm apenas sido uma deturpadora cruel de certos e determinados deveres do homem para com o homem, deste para com a sociedade, e da sociedade para com o progresso. A luz se apresenta com todo o seu esplendor, e por isso mesmo ofusca e cega. (*Tribuna Literária*, 24 de dezembro 1882.)

E, acrescentará na última das *Cartas Fluminenses*:

A escola chamada realista e que outros com mais convicção denominam – naturalista, é sem contestação alguma, a mais brilhante fase a que têm atingido o espírito humano. Infelizmente, literatos há que sem conhecerem as bases sobre que repousa tão majestoso templo, produzem livros asmáticos, sem nenhum cunho de filosofia e que sem dúvida, outra coisa não fazem, se não desacreditar a nova escola. (...) Abaixo, pois os preconceitos, as convenções estultas e, sobretudo a traidora hipocrisia, máscara hedionda que se afivela á face de uma certa parte da sociedade atual!... (*Tribuna Literária*, 07 de janeiro de 1883)

Ao mesmo tempo, no Rio de Janeiro, “escrevia na *Gazeta da Tarde*” (PIRES, 1885, p. 7) artigos abolicionistas, além de ser redator da *Tribuna do Comércio*, onde também publicou pouco antes da sua morte diversos artigos em defesa do homem escravo e do Republicanismo.

Do Rio de Janeiro, Paulo Marques envia uma carta a Paula Pires, datada de 25 de maio de 1884, contendo a fotografia que ilustra a abertura dessa dissertação, juntamente com a solicitação de que o amigo lhe remetesse os originais do romance, *A canalha*, para que pudesse revisar antes da sua morte eminente:

Ando desconfiado que em breve bato a bota, tanto que estou fazendo passar a limpo os meus trabalhos; porque, caso eu morra, serão eles remetidos à Biblioteca Pública Pelotense. Não sei; sinto me mal e vejo a vida e as forças fugirem-me velozmente. Tenho um pulmão em estado grave de dissolução (PIRES, 1885, p. 14).

Paula Pires revela que não pode satisfazer a vontade do amigo por ter sido impedido pela diretoria da Biblioteca Pública Pelotense (cf. PIRES, 1885, p. 12). Pudemos verificar nas atas da diretoria que o original do romance foi realmente doado por Paulo Marques a Biblioteca Pública Pelotense, em 1881, quando o mesmo ocupava o cargo de secretário junto à diretoria. No entanto, na Biblioteca pelotense ninguém sabe nada a respeito do original, nem ouviu falar do mesmo. Faleceu aos vinte e sete anos no Rio de Janeiro, em 30 de julho de 1884, e não conseguimos saber se os trabalhos de Paulo Marques foram ou não remetidos a Biblioteca Pública Pelotense, por ocasião da sua morte.

2. POEMAS COLETADOS DO JORNAL *TRIBUNA LITERÁRIA*

“A M... D...”¹⁷

Tu és o sol garboso, esplêndido gigante
Que a imensa vastidão dos peitos ilumina,
- A lúcida esperança... a idéia que germina
Nos templos de minha alma em placidez constante.

Sobre a fronte te cai um casto véu, volante,
De cândida brancura, oh! Pudica bonina!...
E quem sabe por que tua face purpurina,
De palidez se veste às vezes um instante?

Das flores dos jardins da meiga Natureza
Ao hálito da aurora em pleno mês de Agosto
Ês a rosa que encerra a mais dulce pureza

As rosas dos jardins tem todas ao sol posto
Espinhos, duros, cruéis... q'ferem com rudeza...
Só espinhos não há nas rosas de teu rosto.

¹⁷ *Tribuna Literária*, ano I, Pelotas, 01 de janeiro de 1882.

“Descrença e crença”¹⁸

Não sei por que descreio deste mundo
Quando roça-me na alma a substancia
De uma meiga e serena mocidade
Recamada de lúcida fragrância!

É-me a vida um sepulcro de irrisões
Um mar tempestuoso... um mar profano
Onde errante o navio de meus sonhos
Soçobra... e se espedaça.... e vai ao fundo!

Não creio na fingida linguagem
Dos lúbricos salões da atualidade,
Onde a pálida e fina hipocrisia
Ostenta – pretendida honestidade!

Nas mulheres – nos homens... oh! Não creio
Nesse turvo conjunto mar de escolhos!
Eu só creio mulher, casta e sublime
NA MÁGICA PUREZA DOS TEUS OLHOS!

¹⁸ *Tribuna Literária*, ano I, Pelotas 08 de janeiro de 1882.

“Devaneio”¹⁹

A M... D...

Eras bela!... Te amei, - vendi-me aos olhos

Aos olhos teus morena!...

Um riso apenas teu – me fez cativo

E bem louco de amores por ti vivo,

Oh! Pálida açucena!...

Eras bela!... Tão bela como a aurora

Surgindo no oriente,

Poeta, - fiz gemer a minha lira

E minha alma que geme e que suspira

Por ti fez-se fluente!...

Eras bela!... No mar de teus cabelos

Meus lábios quis pregar...

Do teu colo – sentir magos perfumes

Do teus lábios – mistérios e queixumes

Nas noites de luar!...

Eras bela!... Matavas com o olhar!...

Matavas com o teu porte...

E soubeste enlear-me o coração,

Nas cadeias do amor – nesse grilhão

Que liga-nos a morte...

¹⁹ *Tribuna Literária*, ano I, Pelotas 15 de janeiro de 1882.

Eras bela!... Sonhei na rede imensa
De fulgida ilusão
Não quero despertar... Porque te amo,
Porque meu triste peito, ardente inflamo
Na sede da paixão!

Eras bela!... No mar dos teus cabelos,
Meus lábios quis pregar...
Do teu seio sentir – novos perfumes
Dos teus lábios – segredos e ciúmes
Nas noites de luar.

Maria

– À Maria da Matta Araujo –

Quando a vi só – apenas treze anos,
Treze anos contava... era formosa,
Tinha uns olhos rasgados, – atrevidos,
Um porte veronil, – de fada, – aviosa!

Chamava-se Maria; – era um modelo
Na forma caprichosa, – escultural,
Tinha os ares assim de uma duquesa
Diva imagem do meu puro ideal.

Cabelos negros, longos, perfumosos
Lambiam-lhe a cintura com incesto,
D'onde em ondas caía ao tornozelo
Um vestido de chita, – azul, modesto.

Os seios lhe apontavam sob as rugas
Da fina camisinha de cambraia...
Então não sei... beijei-lhe os olhos
Como a onda que à tarde beija a praia.

Pelotas – 1882 Paulo Marques

3. CRÍTICA LITERÁRIA COLETADA DO *ARAUTO DAS LETRAS*

*Cartas Fluminenses*²⁰

Por hoje passo a ocupar-me de um livro ainda inédito, firmado por Francisco de Paula Pires, e intitulado *Pindo Rio-Grandense*.

Conheço muito de perto esse escritor rio-grandense, e honro-me assaz em ser um de seus mais íntimos amigos; todavia isso não quer dizer que, por um instante só, no momento em que despreziosamente ousou analisar uma produção sua, deixe-me cegar pela amizade que lhe dedico, esquecendo o papel que vou representar, se não como crítico, pelo menos como apreciador.

É uma tarefa essa por demais penosa para mim; mas se não conseguir meu *desideratum*, forçoso é confessar que a culpa é toda minha.

O *Pindo Rio-Grandense* é realmente um livro útil; sua aparição é assaz necessária. É talvez o resultado de um esforço musculamente patriótico, que revela a eficácia supina de um escritor propenso ao bom e ao belo.

Paula Pires compreendeu que sua pátria, seu berço natal, eram também a pátria e o berço de um sem numero de talentos que andavam as quedas pelas trevas densas do desconhecido e naturalmente num momento de arroubo patriótico disse consigo:

Não! ... E necessário que o mundo os conheça! São verdadeiros filhos do trabalho que nobilita; do estudo que engrandece; do talento que orgulha, vivifica, eterniza.

Aperto sinceramente as mãos do meu ilustre amigo e comprovinciano.

Até aí provou que era um argumentador sincero da mais bela de todas as doutrinas positivistas.

O egoísmo, portanto, não tem entrada em seu peito.

Se no Brasil todos soubessem interpretar a nobre missão do altruísmo ninato, certamente não constituiríamos um povo boécio, tartufo, esqualidamente preconceituoso e atoleimado. Infelizmente, porém, o mal vem de traz, e quer queiramos ou não, havemos de ser o que somos, isto é, um montão ruinoso de coisas inúteis (!)

Conheço que a verdade é um tanto amarga, mas a César o que é de César. Jundrill diz:

L'humanité ne peut périr:
En vain l'on croit qu'elle chancelle,
Erreur! Elle se renouvelle
Pour un glorieux avenir.

²⁰ Este material crítico foi coletado e publicado por Jaqueline Cunha em sua tese de doutorado. Originalmente, publicado no *Arauto das Letras*, em seis números, de 3 dez. 1882 a 7 jan. 1883, sendo a atualização ortográfica de minha autoria. A mudança de número foi aqui indicada por [*].

Estes quatro versos têm o belo cunho da verdade. Se um brasileiro, porém os deparasse e lesse-os, certamente encolheria indolentemente os ombros e continuaria seu caminho, limitando-se a dizer:

- Sempre são versos! Estamos sempre a caminhar e nunca encontramos o futuro! ...

Eis aí como pensa a maior parte dos brasileiros.

Para essa maior parte, o progresso das idéias, a emancipação do espírito e a verdade pratica das ciências exatas, é um fato sem nenhuma importância.

Fiam-se indiferentemente naquilo a que dão baloufamente o título de bom senso. Não acreditam como o ilustre abade Gaume que: “Les âmes se guerissent par le mœns, et les mœurs se forment par l’éducation.”

Os homens de talento e que a par desse talento possuem um alto grau de erudição, nada valem, nada significam. Pouco mesmo se ocupam com eles ou nunca o fazem; e si o fazem é simples e puramente pela mera vaidade de querer passar por aquilo que não são, isto é, instruídos.

A ignorância é tão daninha, tão perversa, que poucas não têm sido as vezes que tenho ouvido dizer:

- É literato? Pois perdeu tudo para mim. No seio de minha família é que não entra semelhante “coisa”! ...

Quem é capaz de negar a veracidade do que afirmo?

- Escreve para jornais? Hi! Que boa bisca não é ou não deve ser! ...

É ou não audaz a ignorância? ...

[*]

Isto é para mostrar que o apreço que se dá àqueles que enriquecendo as letras pátrias, entregues ao mais árduo dos trabalhos – o estudo – que é o nobre, o sublime pão do espírito, eleva a sociedade, immortalizando a terra que lhes serviu de berço!... Condenem-se muito embora, porém hei-de dizer a verdade mesmo contra mim. Como brasileiro, como literato, tenho o direito de interpretar amplamente os ditames da mais sisuda imparcialidade. Estou no terreno da discussão e com essa poderosa arma esgrimir-me-ei com o primeiro que queira demonstrar-me o contrário.

O literato no Brasil se tem valor, só adquire nome, se tem o misterioso poder de romper a cortina nauseabunda da indiferença, quando a par de seus manuscritos, rolem notas do tesouro, essa mágica chave que abre a doirada porta que conduz aos salões da popularidade e do renome, sem a menor dificuldade.

Felizmente, porém no tenebroso dédalo desse caloroso torvelinho da indiferença, surgem espíritos fortes, rijos como o granito, nobres como a virtude, que lutando com todos os obstáculos, constroem sobre os muros dessa própria indiferença o templo omnigigante do triunfo! Refiro-me a Paula Pires. Esse corajoso moço nas longas noites de vigília escreveu um livro sublime.

Reuniu naquelas folhas, refulgentes de luz, os trabalhos quer literários, quer científicos dos seus comprovincianos, com o único fim de despertá-los da fria letargia do ceticismo e fazer da cada uma daquelas individualidades roladas no fundo abismo do esquecimento, um robusto batalhador no vasto uberrino campo do espírito.

- Dei-vos a mão! Trabalhai agora com coragem! Lutai e vencereis! Eis o grande, o magnânimo pensamento do inteligente Sr. Paula Pires.

[*]

Para mim, no meu humilde modo de pensar; o *Pindo Rio-Grandense* é um livro digno dos maiores elogios e que deve chamar a atenção dos Srs. Livreiros editores.

O livro abre com uma carta do ilustrado Sr. Arnizaut Furtado, talento superior e que apesar de toda sua modéstia, representa um dos mais dedicados apóstolos do magistério.

O prólogo que se segue depois, está escrito com bastante fôlego e encerra grande largueza de vista em matéria filosófica.

O Sr. Paula Pires reuniu os trabalhos dos seguintes escritores rio-grandenses: Alcides Lima, Alberto Cunha, Assis Brasil, Hilário Ribeiro, J. Arnizaut Furtado, Francisco Cunha, Apolinário Porto Alegre, Aristides Arruda, Artur Rocha, Antonio Macedo, Wenceslau Escobar, Antonio Rodrigues de Souza, Apeles Porto Alegre, Lecour de Menezes, J. J. Cezar, Frederico Sattamini, J. Ourique, G. F. Corrêa, Múcio Teixeira, Carlos Ferreira, Lobo da Costa, Bernardo Taveira Júnior, Felix da Cunha, Miguel Meirelles, Theodoro de Miranda, Damasceno Vieira, Fontoura Xavier, Menezes Paredes, A. J. Domingues, Augusto Totta, Santos Souza, Moriwald Costa, Borges de Soveral, P. A. Miranda, Duarte Nunes, E. Machado, Paulino Fontoura, Glodomiro Paredes, P. B. de Moura, Favila Nunes, M. F. do Bem, Luiz de Araujo, Colimério Leite, Lourenço Domingues, A. Chaves e Seixas Junior, D. D. Luciana de Abreu, Revocata Figueirôa de Mello, Julieta de M. Monteiro, Revocata H. de Mello, Cândida I. Abreu, Rita Barem de Mello, Clarinda Siqueira, D. B. da Cunha, Amalia Figueirôa, Anna Ely, e Amelia de A. Souza.

Li com suficiente calma todos os trabalhos dos diversos autores, colecionados pelo Sr. Paula Pires e, muito admirado fiquei, quando entre escritores de fôlego, de verdadeiro mérito, tive de ler outros nomes que nada significam nada traduzem como literatos, verdadeiras mediocridades, que só se recomendam pela astúcia e sobre tudo pela audácia; pois outra coisa não são do que meros aventureiros literários.

Ê para lastimar que isso aconteça e que a par de Bernardo Taveira Junior, A. Furtado, H. Ribeiro, A. Brasil e outros apareçam alguns *insuportáveis*, cujos nomes escuso citar, porque são eles bem conhecidos no mundo das vulgaridades literárias.

[*]

Não posso e nem poderia deixar de neste ponto fazer justiça aqueles que para alcançarem um nome glorioso, curvam-se ao estudo sério, consciencioso, de gabinete.

Peço ao meu ilustre amigo que antes de publicar o seu livro ampute-lhe esses fanhosos parasitas que em vez de acreditar a pátria, vão ao contrário subordiná-la à galhofa!

Para mim, esses melros não passam de uma horda de *Hicsos* literários. Rua com eles! Aponte-lhes o caminho das bibliotecas! Que vão aprender primeiro! ...Tudo se conquista por meio do trabalho!

Bernardim de S. Pierre, disse:

“Heureses les sociétés des hommes, si elles avaint autant de sogesse et de goût pour le travail que celles des abeilles.”

E eu acrescento:

Feliz dos homens se eles se compenstrassem dessa verdade!

That is the question! É assim que se exprimem os ingleses, na fria concepção de seu espírito.

Rua, pois com essas excrescências literárias. É necessário compreender que dar atributos a quem os não merece, é fazer em vez de benefício, um mal atroz, pois é palpável e até mesmo matemático que se por um excesso de condescendência mal entendida qualificarmos de bons os homens maus, o que ficará para os bons? Estes se tornarão por sua vez maus, pois que ambos têm a mesma qualificação. É lógico que só pode resultar daí, como consequência direta de um erro de consciência, um congresso de individuos inúteis.

Fazer bem a quem não merece, é aumentar o número dos bandidos, diz sir Herbert Spencer, o mais distinto dos filósofos ingleses, na sua *Introdução à ciência social*. O *Pindo Rio-Grandense* muito tem a ganhar com essa *amputação*, é a minha opinião.

Passando a outra ordem de idéias, lastimo que os meus comprovincianos, senão *in totum*; porém em parte, ainda permaneçam no colignoso terreno de plena metafísica no que diz respeito às ciências e de completo romantismo no que diz respeito à literatura, influência do meio social, onde se acumulam uma boa porção de preconceitos absurdos.

Estamos passando por um período de crítica, de anarquia mental e moral. A convenção estúrdia e absoleta dos padres têm apenas sido uma deturpadora cruel de certos e determinados deveres do homem para com o homem, deste para com a sociedade e da sociedade para com o progresso.

A luz se apresenta com todo seu esplendor e por isso mesmo ofusca e cega.

A luta do passado com o presente trava-se indômita, ferrenha, atroz; a reconciliação é um impossível, impraticável; nada natural. A morte de um há de abandonar os créditos de outro.

É um velho decrépito que faz frente a um moço robusto, musculoso, forte, corajoso: - Passado e presente! ... A Vitória só pode caber a este, que tem direito a ela,

do progresso das idéias novas que constituem por si e de per si, um tribunal jurídico, onde a justiça é reta, imparcial e intransigente.

O passado está condenado à morte, bem como tudo que lhe pertence. Se um ponto de contacto pode existir entre ele e o presente como entre esse e o futuro é a relatividade.

O mundo moral está para o mundo mental como este para o mundo material. Dessa tríplice aliança só pode resultar – evolução – progresso.

O transformismo é uma lei natural, infalível, certa, inalterável.

Nada acontece neste mundo casualmente, mas tudo é objeto de uma causa efetiva, disse o grande Demócrito 500 anos antes de Cristo.

Darwin, o imortal fundador da esplêndida teoria da evolução é também o fundador da bela doutrina do transformismo.

O transformismo é igualmente uma lei de progresso; as ciências e as artes emancipam-se, desenvolvem-se, da observação passam à experiência. A experiência é a grande espada que decapita o preconceito e a ignorância. Transformismo quer dizer desenvolvimento, sob a fiel patrulha da heterogeneidade capital. A perfectibilidade é seu fim, seu único *desideratum*.

[*]

A filosofia moderna, que nestes últimos tempos tem tido grande desenvolvimento na Alemanha e na Inglaterra, já conta felizmente grande número de milhões e novecentas vezes maior, que não compreendendo seus altos designios, a abjura inconscientemente. O mesmo se dá com a literatura de nossos dias. Reputam imoral aquilo que vem justamente nibiliar a moral.

Será objeto tudo isso de o mundo social viver sujeito ao sentimento?

Tem a palavra o sábio Herbert Spencer:

(*) "Ideas do not governand over throw the world; the world is governed or overthrow by feelings to twich ideas serve anly as guides. The social mechamism does not rest finally upom opinions at almost wholly upon charater. Not in intellectual anachy, but moral antagonism, is the cause of political crises. All social phenomena are produced by the totaliz of human emotions and biliefs; oswhich the emotions and mainly predetermined while the bel'est are mainly postt determined... the social stat at any time existerig; is the resultant of all the ambitions, solf interets, fears, reverences, indignations, sympathies, etc., of ancestral andexisterig atigeris. Practically, the popular character and the social state determine what idéas shall be current; instead of the social state and the charater. The modification of men'sma rol natures, coursad by the continuons discipline of social life, wich adapts them more and more to social relations, is the se fore the chief proximate cause of social progress."

*Social Statics

Se o mundo é governado pelo sentimento e não por opiniões, preconceitos e convenções estúpidas, como querer impedir a marcha do progresso, como resultado da evolução?

A. Comte, assim exprime-se sobre este assunto, no seu *System de philosophie positive*: “Cen’est pas aux lectures de cet ouvrage, que je croirai jamais devoiser prouver que les idées gouvernent le monde, ou, en d’autres termes, que tout le mécanisme social repose finalement sur des opinions. Ilssavent surtout quela grande crise politique et moral e des sociétés actuelles tient, en dernière analyse, à l’anarchie intellectuel.”

Se a literatura, pois seguisse a marcha dos sentimentos em cujo meio se desenvolve certamente a anarquia não seria um fato prático, como é em pleno século XIX.

Queria dizer; a literatura, como tudo neste mundo, está sujeita à lei de evolução. Se isso não é *jovialidade* do espírito do ilustre *Darwin*, não tem razão de ser o estacionarismo, posto que a lei do progresso imponha-se de *per si* e haja de arrancá-lo à prostração, indicando-lhe a estrada a seguir.

Os meus patrícios são literatos sonhadores, metafísicos até o excesso. Só conheço um que segue à risca as pegadas da grande escola naturalista, é Arthur Rocha.

Tem-no provado como dramaturgo. Espírito trabalhado para as grandes concepções da filosofia moderna tem dado palpitantes provas de que há de alcançar o lugar que lhe compete entre os literatos científicos, a que tem incontestável direito.

[*]

A literatura moderna, aquela que por si só é capaz de reconstruir os costumes, pela maneira franca e leal com que se apresenta, estudando, comparando e tirando conseqüências, não conseguiu ainda ser convenientemente interpretada.

Estudar a sociedade, penetrar no mais íntimo de seus órgãos, é certamente tarefa muito precária. Para se conseguir esse fim, é mister haver primitivamente estudado o homem debaixo de todos os pontos de vista que ele se possa apresentar.

A escola chamada realista e que outros com mais convicção denominam – naturalista, é sem contestação alguma, a mais brilhante fase a que têm atingido o espírito humano.

Infelizmente, literatos há que sem conhecerem as bases sobre que repousa tão majestoso templo, produzem livros asnáticos, sem nenhum cunho de filosofia e que sem duvida outra coisa não fazem se não desacreditar a nova escola.

Permitam os leitores que fale um pouco da minha obscura individualidade.

Hão de estar lembrados da tempestuosa questão que se levantou ai pelos jornais que se publicam na bela cidade de Pelotas, após a publicação do meu último romance, *Vênus*, feita em folhetim, no *Onze de Junho*.

Um anônimo bastante audacioso e ignorante, sim, porque só a ignorância tem o tolo capricho de ver as coisas com os olhos vendados, querendo erguer-se à altura de crítico, não só, em vez de cumprir a missão que se impôs, passou-me uma tremenda descompostura como também me caluniou. E tudo isso porque eu apresentei à sociedade a sua fotografia real, tal qual ela é.

Pudica criatura!...

Não foi sem razão que o grande filósofo Massilon afirmou que “toda a virtude dos ímpios, limita-se a esconder a profunda corrupção de seu peito... e um só não há que em segredo, não se tenha dado a todos os vícios.”

Deu-se, porém com o crítico, o que se está dando diariamente com um certo gato que possuo. Esse estúpido animal todas as vezes que me sento à mesa de trabalho, tem a mania de sentar-se acocorado sobre a mesma com o focinho voltado para a pena com que escrevo. O bruto, com toda sua carícia felina, empurra o focinho na pena e borra-me com as patas a escrita.

Resultado imediato: dou-lhe um bom sopapo e o patife dá as de *Villa Diogo*. Este ao menos me borra a escrita, o crítico quis, porém não chegou a borrar-me os créditos. Aquele consegue sempre o que este jamais o fará, com toda sua racionalidade.

Ao animal felino ferro eu diariamente inúmeros cascudos, com os quais se vai ele já habituando; porém com o crítico animal fiz pior; injetei-lhe uma boa dose de desprezo. Conclusão: entre um gato e um mal crítico, escolheria o gato, com toda sua perversidade inconsciente.

Vou explicar agora ao leitor porque falei de mim, quando devia tratar dos outros. É muito simples: Eu disse há pouco que muitos literatos, produziam livros que nada traduzindo pelo que pudessem ter de útil, vinham desacreditar a escola nascente.

Ora é claro que tendo sido assim qualificado pelo tal *crítico*, eu me defenda de tão réproba quanto injusta proposição. Eu produzi um livro, é verdade, que não tenho a baloufa pretensão de dizer que seja bom; porém o que eu protesto é que ele seja uma obra imoral, esturdamente prejudicial à moral social.

E é quem sabe, por esta razão, que os meus ilustres colegas rio-grandenses, ainda se conservam em pleno estado metafísico, literariamente falando.

É porque temem os zoilos, esses miseráveis espectros de todas as eras. Estou crente que os meus patrícios adoram o progresso das idéias e nem pode deixar de assim ser, pois a pratica tem-no demonstrado eficazmente.

Coragem, pois! Destroquem-se os balaustres do preconceito, derribem-se convenções estúrdias e entre-se por uma vez no domínio do espírito emancipado acompanhando *in totum* os sentires da geração hodierna.

A literatura como uma das mais nobres artes, deve ser a síntese da verdade, a encarnação fiel do ideal sonhado pelo artista, sob a direção íntima do verdadeiro sentimento, que é o *eu* em toda a plenitude de seu significado.

A arte, porém como tudo, está sujeita à lei fatal da evolução e, nesse período de evolucionismo progressivo, ela como que se vai adaptando necessariamente ao meio em que se vai desenvolvendo, para o que, claro é, vai tomando também uma nova forma, um visível, ainda que lento aperfeiçoamento.

É certo que os gostos e as opiniões divergem a seu modo; com tudo, não é isso elemento capaz de impedir a marcha do progresso, que é uma lei tão certa quanto natural.

As letras como as ciências não são mais do que continuidades de si mesmas, e é nesse fato justamente que está o grande ponto do contacto que as liga solidariamente.

É a relatividade que mostra a natural e mútua dependência que entre elas existe.

A escola realista é o prolongamento da escola romântica, debaixo de outra forma, como a romântica é seguimento da escola clássica, sob outro aspecto diferente. A verdade é esta, e esta há de ser sempre.

O grande filósofo de Montpellier descobrindo a eminente lei dos três estados, veio provar sistematicamente uma eminente verdade, que a prática felizmente nos indica a cada passo.

A literatura, a filosofia e as ciências, assim como tudo que a natureza pertence, se têm submetido, se submete e se submeterá a essa lei.

Abaixo, pois os preconceitos, as convenções estultas e, sobretudo a traidora hipocrisia, máscara hedionda que se afivela à face de uma certa parte da sociedade atual!...

Esquivo-me de falar do autor do livro porque é ele bem conhecido entre aqueles que cultivam sua amizade.

É um literato consciencioso e se por alguns invejosos não tem ele sido entendido é por ser filho do lugar, que é uma péssima recomendação para o indivíduo. O que, porém afirmo, é que o Sr. Paula Pires é um talento superior e que, além disso, é um não vulgar adepto das doutrinas modernas, quer em literatura quer em ciências. Repito, o autor do *Pindo Rio-Grandense* é digno dos maiores louvores; e é por isso mesmo que admirado fiquei; vendo que ele em seu livro, a par de verdadeiros literatos, colocasse verdadeiras mediocridades!

Extraídas essas excrescências de sua obra, ela vem preencher um utilíssimo fim às letras e à sociedade.

Entretanto não posso deixar de acrescentar, de repetir mesmo: - Os ilustres literatos, cujas produções intelectuais foram compiladas pelo Sr. Paula Pires, devem olvidar preconceitos, para entrarem em pleno estado positivo.

O meu ilustre comprovinciano, o Sr. Bernardo Taveira Junior, não tem razão alguma para continuar a marcar passo em terreno tão fastidioso, pois reconheço em si, um talento cientificamente cultivado, capaz de entrar nos mais graves problemas sociológicos, com a facilidade de um indivíduo que entra em sua própria casa às escuras, e que tanto lhe conhece os cantos e a disposição dos móveis, que não receia um abalroamento qualquer.

Nestes casos, estão muitos outros literatos rios-grandenses.

Vou concluir.

O *Pindo Rio-Grandense* é útil debaixo de um duplo ponto de vista. Reerguendo da humildade nomes caramente preciosos, para atirá-los à popularidade a que têm todo o direito, vem igualmente servir de incentivo para àqueles, que ainda se conservam no período de seu embrionarismo.

4 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A FIXAÇÃO DO TEXTO

1. Tomamos por base o exemplar da edição de 1885, publicado em Pelotas-RS, pela Tipografia da Livraria Americana, pertencente à Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande-RS, mais o epílogo, transcrito do folhetim publicado em 1881 e, ainda acessível na coleção do jornal, *Onze de Junho*, pertencente à Biblioteca Pública Pelotense;
2. Invertemos a ordem dos paratextos, aqui colocados ao final;
3. O epílogo do romance, obtido recentemente, foi incluído ao final;
4. Corrigimos os lapsos tipográficos evidentes;
5. Uniformizamos a ortografia;
6. Modernizamos a pontuação com vistas à clareza, corrigindo-a nos casos de erro ou engano;
7. Eliminamos a vírgula antes da aditiva “e”;
8. Mantivemos todos os grifos que o autor empregou;

Rio Grande, novembro de 2009.

VÊNUS
OU O
DINHEIRO

Romance brasileiro por
Paulo Marques

Falava-se muito em diversas rodas do próximo casamento de Túlia, a mais formosa moça do bairro das Laranjeiras. A língua do povo, graças à sua flexibilidade ilimitada, não cessava de apregoar o escândalo em que ela figurava como heroína. Os dândis da moda, que tinham tido suas pretensões sobre a mão da moça, mordiam os lábios de raiva e, para se vingarem dela que lhes havia feito uma figa, dilapidavam-lhe o crédito debaixo de todos os pontos de vista.

Seu nome voava de boca em boca, saturado de insinuações rafadas e que satisfaziam à ansiedade dos novelistas desocupados. Nas palestras dos botequins e no cochicho íntimo dos bondes, entre os goles saborosos do café e os tragos excitantes do conhaque, a maledicência covarde espojava-se sobre os créditos da menina, rasgando umas gargalhadas amplas e retumbantes.

Túlia era uma sirigaita ridícula, cheia de pretensões; queria fazer-se muito fina, mas caía como qualquer outra. O leitor deve estar curioso por saber de que família procedia a nossa formosa Túlia. Basta dizer que era filha do comendador Anastácio Paredes, que exercia há muitos anos o emprego de chefe de seção numa das nossas repartições públicas, sendo amigo de todos os ministros e figura obrigada em todos os cortejos.

Contava 60 anos de idade, mas ninguém tal diria: a carnação rija conservava uma frescura quase juvenil e a calva luzidia e rósea, guarnecia-se de umas melenas grisalhas já alvejantes. Musculatura valente e temperamento sangüíneo; era jovial, alegre e de poucas ambições. Em compensação possuía crédito em toda à parte, fazendo desta arte muitas dívidas, sem escrúpulo.

Sua mulher, linfática e adoentada, guardava-se isoladamente, vivendo encerrada nos seus aposentos e nunca aparecendo à sociedade. Túlia obtivera a tal educação do saber ler, escrever, tocar piano e alinhar um pouco de francês. Verdade é que possuía muito talento e, sobretudo, espírito.

No bairro, o seu nome era assunto de fervorosas palestras e sua formosura não dava menos que falar. A moça era vaidosa em extremo, partindo tudo isso da certeza de ser causa de muita cabeça andar batendo pelas paredes, todo o seu pensamento era casar com um homem muito rico, muito bonito e muito instruído.

- Como se deve ser feliz, dizia ela, tendo-se uma grande casa, ricas mobílias, muitos escravos, carruagens, jóias... Dar-se concertos, reuniões e bailes!... Atravessar as ruas num *coupé* puxado por cavalos castanhos, fogosos, levantando poeira!... Descer no largo de S. Francisco, subir a Rua do Ouvidor e andar por entre aquela multidão vagabunda conquistando olhares!... Ah! Dinheiro!... Dinheiro!... E eis tudo!

Túlia afundava-se numa meditação enervante, uma espécie de nevralgia sopitava-lhe o corpo e as faculdades imaginativas operavam livremente. Sua corte era numerosa, porém, a todos tratava ela com

desdém. - Uns pingas!... Sem atrativos físicos, sem dinheiro!... Não era com ela.

Nas grandes reuniões da fina sociedade, Túlia figurava sempre como rainha, vendo rastejar-lhe aos pés todas as homenagens. Sua voz, seu porte, seu sorriso, o volver dos olhos negros magnéticos, tudo fascinava e prendia...

Em um dos concertos do Mozart, viu um rapaz de vinte e três anos, moreno, de olhos vivos e cabelos negros que lhe chamou a atenção por espaço de alguns minutos. Indagando quem era, soube logo que descendia de uma família importante, filho único de um dos mais ricos fazendeiros de Minas. Chamava-se Justo de Abreu e, além de ser um cavalheiro distinto, era formado em ciências físicas e naturais e senhor de um talento invejável. O Dr. Justo era solteiro. Túlia viu brilhar no céu das suas douradas ambições, o sol esplendido e luminoso que a guiaria ao seu *desideratum*.

Havia de apanhá-lo e isso naquela mesma noite. Ela tinha de se fazer ouvir e não estava longe o momento de tocar a sua vez. Se não era uma artista, possuía pelo menos uma voz fresca, metálica, exuberante e expressiva. Antes de subir ao estrado, Anastácio Paredes disse-lhe a meia voz: - Vê se não vais fazer fiasco...

Ela enrubesceu ligeiramente, sorriu-se e encolhendo os ombros murmurou: - Tenho muita confiança na minha voz para temer um fiasco. Vê lá, vê lá! Tornou o bom velho. Túlia sorriu-se de novo, escondendo a face com o leque de fina madrepérola. Ao subir o estrado foi recebida com uma salva de palmas. Com bastante naturalidade agradeceu a ovação inclinando gentilmente a cabeça.

Bem, agora os espectadores não respiram: o *rouxinol das Laranjeiras* ia embriagar os ouvidos dos convivas cantando um dos mais belos trechos da *Fosca*, do nosso Carlos Gomes.

O Dr. Justo de Abreu não pode conter o seu pasmo observando que a moça era deslumbrantemente bela. Seus cabelos cor de ouro cintilavam à luz do gás, seus lábios traduziam um sorriso mágico semelhante aos das estátuas que houvera visto uma vez na galeria de um artista em Nápoles. Tão surpreso ficou que lhe escapou esta exclamação:

- Nunca vi beleza igual!

Túlia, relanceando seus lindos olhos sobre a sala, não deixou de encará-lo com vivacidade e eloquência. Aquilo produziu no engenheiro um efeito explosivo. Se fora uma bomba teria estourado ali mesmo. Mal Túlia deu começo ao seu canto, o doutor abriu a boca ficando com o *queixo caído*, como um palerma. Ele acompanhava todos os gestos da cantora. Quando Túlia teve de chegar ao ponto em que o poema diz: *Io t'amo, Paolo!* Volvendo os olhos para ele, fixou-o com enlevo.

Os aplausos estrugiram na sala e o Dr. Justo exclamou com toda a força dos seus pulmões: - Bravo! Bravo! Túlia deitou-lhe novo olhar e agradeceu-lhe os aplausos com um significativo aceno de cabeça. Então fez ele um movimento maquinal,

sentindo arrepiarem-se-lhe os cabelos. A sensação era agradável, o coração batia-lhe com veemência. A moça compreendeu o seu triunfo e disse de si para si: - Está seguro!

O Dr. Justo tratou logo de tomar informações acerca de Túlia. Encontrando-se em uma das salas com um antigo companheiro apertou-lhe a mão e perguntou-lhe em seguida:

- Diz-me cá uma coisa...
- Duas, meu caro amigo.
- Conheces essa moça que acabou de cantar?
- Muito.
- Como se chama?
- Túlia.
- Onde mora?
- Oh! Diabo! Aonde vais tu com tantas perguntas? Pelo que vejo estás apaixonado pela pequena?
- É possível, porém responde-me.
- Mora nas Laranjeiras.
- É muita vaga a resposta, disse o doutor mordendo os lábios, coçando a cabeça, voltando os olhos para o chão e murmurando: pelo que vejo sabes tanto como eu. Não me disseste o nome da rua.
- Porque não lhe sei o nome, mas se quiseres amanhã posso passar por lá contigo.
- Está dito! Exclamou o engenheiro, espero-te amanhã.
- Aonde?
- No *Café do Rio*, às 5 horas da tarde. Não faltes!
- Não faltarei.
- Bem.
- Pelo que vejo estás realmente apaixonado por Túlia!
- Estou. Não sei o que sinto depois que vi essa mulher! Tem um porte majestoso e uns olhos que escravizam.
- Tu me dizes meu D. Juan, replicou o rapaz a rir-se, batendo-lhe amistosamente com a mão no ombro.
- Nunca o fui, crê? Objetou o Dr. Justo de Abreu. Até a idade em que me vês nunca soube o que fosse amar uma mulher e menos seduzi-la.
- É para admirar! Na tua posição.
- Na minha posição tenho sabido conservar-me sempre escravo do dever.
- És uma exceção da regra!
- Sou, sei perfeitamente que o dinheiro é a mola real da vida, porém jamais abusei do meu poder para descer ao ridículo e a infâmia. Se fosse pobre julgar-me- ia três vezes mais feliz do que sou.
- E por quê?

- Porque saberia dar apreço ao dinheiro e quando soubesse o quanto me custava ganha-lo, sabê-lo ia empregar melhor do que o emprego hoje.

- Bravo meu doutor! Pensas como um filósofo!

- O meu sonho dourado é encontrar uma mulher que preencha os fins que julgo indispensáveis à boa mãe de família. Não quero saber de que condição seja nem de que origem procede; exijo, porém que saiba desempenhar o seu papel quer na família quer na sociedade, digna e honesta.

- Seria o céu na terra, seria não tem dúvida! Mas esqueces tu acaso a sociedade em que vives? Não sabes que uma mulher nessas condições é muito difícil encontrar-se?

- Não, não é possível! Que o seja na opulência não duvido, mas, na pobreza meu caro amigo! A pobreza é irmã gêmea da virtude.

- Vejo que estás inspirado, mas, vejo também que desconheces ser a pobreza ambiciosa.

- E quem não ambiciona nesta vida? O homem do trabalho? O homem trabalhador, o operário quantas vezes sonha com os europeus! E será crime alimentar-se uma aspiração dessa ordem?

- Não, não é. Quando digo que a pobreza é ambiciosa, quero dizer que nela é muito comum o tráfico das consciências.

- Calúnia!... Calúnia meu amigo. Olha, se bem que o lugar não seja próprio para uma discussão desta ordem, que já vai chamando a atenção dos curiosos, digote: não se deve condenar uma classe que de per si é complexa nos seus elementos. Por exemplo: os ociosos, as moças mal educadas, as famílias sem moral, os pais sem dignidade, são os únicos que mercadejam com a consciência. Porém isso é uma parte dessa classe que não deve chamar-se a dos pobres, mas ao contrário – a dos miseráveis.

- Bravo doutor! Pelo que vejo tenho diante de mim a sombra de Spencer.

- Tens diante de ti um homem comum e mais que vulgar – vulgaríssimo. Entretanto, sabe ser sempre homem, compreendes? Agora me dá o braço e dirigamo-nos ao salão.

- Como quiseres.

O rapaz que acompanhava o Dr. Justo chamava-se Oscar e era bem parecido. Podia ter quando muito 23 anos. Quando ambos chegaram ao salão terminava o concerto. Túlia percorria com a vista impregnada de avidez a multidão. O doutor tinha desaparecido ter-se ia ele ido embora? Isto a desgostava imenso. Estava aflita! Tinha perdido as esperanças que ainda há pouco nutria fervorosamente no peito. Um

milionário que não era feio e que possuía um título científico! Que pena! Que fatalidade cruel!

De nada lhe tinham valido certos olhares, que lhe deitara na ocasião em que cantava! Todos se retiravam e nada de ver quem tão ansiosamente procurava com a vista! Por fim, eis que passava a seu lado de braço com Oscar, o seu contentamento foi tamanho que deu um *ah!* De verdadeiro júbilo! Vendo que o engenheiro tinha parado para olhá-la de frente, sorriu-se firmando a vista fixamente.

Com certeza triunfaria desta vez. Tinha convicção de que era formosa em extremo e que atraía. Os seus dotes naturais muito tinham de comum com uma rede de pescar. A multidão queria sair a um tempo, Túlia teve ocasião de ficar perto do doutor que sem poder conter-se exclama a meia voz:

- É realmente formosa! É um anjo...
- Moro nas *Laranjeiras*, murmurou ela aconchegando o leque aos lábios de coral.
- Amanhã irei visitá-la, tornou o doutor.
- A que horas?
- Às cinco da tarde.

Então Túlia sorriu-se arditamente e saiu de braço com seu pai, e chegando à rua embarcaram numa carruagem com destino às *Laranjeiras*. O Dr. Justo estava satisfeito como nunca em sua vida! Separando-se de Oscar tomou um tilburi e dirigiu-se ao *Hotel dos Estrangeiros*, onde estava hospedado. Uma vez recolhido aos seus aposentos, sentou-se ao pé de uma pequena mesa e reclinando a cabeça sobre a mão, ficou meditativo e absorto. Era o resultado de uma impressão feliz. Há mulheres que como certas flores produzem efeitos perigosos. O Dr. Justo poderia afirmá-lo depois que teve ocasião de encontrar-se com Túlia.

O jovem engenheiro, porém, não era como ele mesmo dissera a Oscar, um homem vulgar. Só uma modéstia como a sua teria chegado até ai, pelo contrário, possuía grandes qualidades morais e, além disso,

era senhor de princípios sãos, tanto que voltando-lhe a calma, disse consigo:

- Não há dúvida que aquela mulher é formosa e que eu estou apaixonado por ela! Mas será tão formosa no fundo como na forma? Isto é o que resta saber... Se fosse e eu a desposasse, seria o homem mais feliz do mundo. Hei de estudá-la. Se for um enigma como tantas outras, ainda assim hei de decifrá-lo... E atirou-se ao leito, depois de haver se despido.

Há mesma hora, Túlia em fralda de camisa, recostada negligentemente num divã com os cabelos soltos, só e bem só nos seus aposentos de moça solteira, dava largas ao espírito e construía castelos sobre castelos. Estava ali, estava rica gozando a vida, como uma verdadeira rainha. O papai nada tinha e estava velho, mais dia menos dia, fechava os olhos e adeus sonhos dourados. O único recurso de que podia lançar mão era a casa em que morava, mas, se a vendesse teria de habitar outra de modesta aparência, o que não era com ela. Morreria de desgosto se lhe fosse preciso deixar de aparentar.

Em toda a sua vida tinha tido uma paixão voluptuosa por certo pilantra que lhe fizera a corte: um advogado sem clientes. Porém, o cupido tinha os bolsos chatos, todo o dinheiro que ganhava empregava-o em roupas e perfumarias, por isso deu-lhe de tábua. O que ela queria ele também almejava, com uma diferença: ele andava iludido, ela não.

Agora o caso mudava de figura, o Dr. Justo de Abreu era milionário e, além disso, tinha cara de ser um indivíduo passivo: ouro sobre azul. Túlia perdera completamente o sono, nem se lembrava mais das estrepitosas ovações de que fora alvo naquela noite no Mozart. O seu espírito mergulhava-se em altas questões de *comércio*, com quanto não fosse lá muito bonito, podia suportar-se. Talvez a convivência trouxesse a amizade. Também que significava o amor? Amor é poesia e, em pleno século XIX vive-se de realidades. A moça por fim fatigou-se das muitas reflexões que havia feito e adormeceu.

Se um artista observasse-lhe o sono sereno teria esplêndido modelo para um quadro. Túlia estava seminua, as formas arredondadas

salientemente carnudas, cor de leite, cobertas por uma pele aveludada, constituíam o que pode haver de mais caprichoso num corpo de mulher. Os seios arfavam a medida que a respiração se operava. Com os lábios entreabertos, sorridentes, desnudavam-se duas fileiras de pérolas. As mãos róseas, pequeninas, exalando um aroma embriagador conservavam-se – uma apoiando a cabeça e a outra sobre os quadris. A fimbria da camisa um tanto indiscreta, deixava ver-se-lhe os joelhos, um pouco acima dos quais se destacavam as lindas ligas azuis que lhe prendiam as meias sedosas e cor de carne, formando na frente dois magníficos topes. Aquele espetáculo suntuoso estava reservado para o Dr. Justo de Abreu.

II

No dia seguinte o Dr. Justo de Abreu foi ter com Oscar que pouco depois lhe mostrou a casa de Túlia. Ela estava debruçada à janela e, não podendo conter a sua alegria ao ver o engenheiro, sorriu-se. Oscar, guardando as conveniências, despediu-se do doutor e voltou dizendo com os seus botões: - A tal menina dissimula perfeitamente, quem não a conhece que a compre.

A casa em que Túlia habitava sobressaía a todas as outras pelo esquisito da arquitetura. No tempo de D. João VI construíam-se casas mais para acomodar do que para aparentar, de sorte que o prédio em que habitava Anastácio Paredes oferecia o aspecto grotesco de um velho solar, sem nele observar-se as belas molduras dos tempos presentes.

A escadaria que ia ter ao vestíbulo era de pedra bruta, das cinco janelas que fronteavam o edificio só três conservavam-se abertas, as outras duas, estavam sempre hermeticamente fechadas. O jardim, apenas cerrado por um gradeado de ferro pintado de verde, bem plantado, com grandes árvores verdejantemente copadas, constituíam um belo recreio de estio.

Túlia, em companhia de outras moças que a visitavam, muitas vezes passava ali as tardes, sentada em um rústico, porém elegante

banco. Agora mais do que nunca, lhe parecia útil e agradável o jardim. Podia ali receber o Dr. Justo e conversar à vontade com ele. Logo que viu o engenheiro veio ter ao jardim dizendo consigo:

- Ele há de voltar, é quase noite e poderemos conversar. Se perco *este*, adeus meus sonhos. A moça estava realmente aflita. Suspirava de vez em quando, inquietava-se, murmurava frases desencontradas, tremiam-lhe os lábios e os membros e porejava-lhe um suor abundante por todo o corpo.

A alegria a fulminava, a incerteza, porém de triunfar mergulhava-a ao mesmo tempo num vértice de angústias passageiras e, então, ficava pensativa, mordendo os lábios, com os olhos fitos no chão.

Mas isso era um momento apenas, logo depois, voltava-lhe a presença de espírito e recomeçava a sonhar com o futuro que tanto almejava.

Mulher na forma, lama no fundo, era a imagem viva de certas representantes do seu sexo na nossa sociedade. Vaidosa, tola, educada como já o dissemos no capítulo antecedente, sem virtudes, nua de sentimentos bons, egoísta, dissimulada e às vezes, parva e indiscreta. Tipo real, mas, ascoso. Sua beleza, porém, era incorrigivelmente ofuscadora: um sorriso, um olhar seu, subjugavam, dominavam.

O Dr. Justo de Abreu voltava a passo ordinário a casa de Túlia, mal ela o viu de longe, fez um gesto para retirar-se do portão do jardim, porém uma força poderosa a fez voltar ao lugar primitivo. Estava com as pernas tremulas e apoiou-se ao portal, para poder suste-se. Tinha caído à tarde, a noite estendera por toda a abóbada celeste seu véu negro e espesso, salpicado de estrelas. O doutor apressou então o passo até que chegou próximo ao portão onde estava a moça, que lançou-lhe um olhar enlanguescido. O engenheiro, a pesar seu, deteve-se e descobriu-se respeitosamente para cumprimentá-la.

- Boa noite minha senhora. V. Ex. esperava-me?
- Esperava-o, murmurou ela, depois de haver recuperado o sangue frio.
- Permite-me duas palavras?

- Não! Respondeu ela e acrescentou depois: duas seria egoísmo. O senhor pode dirigir-me mil, com a maior satisfação ouvi-lo-ei.

- É possível! Exclamou o Dr. Justo, com verdadeira surpresa e plenamente penhorado pela condescendência de Túlia.

- Se é possível? E porque não? Quando nos deixamos impressionar por um homem chegamos a cometer indiscrições, como a que estou praticando agora. Nunca estive só e há esta hora no lugar em que me vê!

- V. Ex. é encantadora! E se nunca ouviu dos lábios de um homem a palavra amor ouvi-la a agora dos meus, pode crer-me.

- Se assim fosse... Murmurou a moça, baixando os olhos com tanta arte que o engenheiro achou-a ainda mais formosa.

- Olhe... Eu nunca amei... Nunca!... E sabe por quê? É que até o dia de hoje não tinha encontrado um rosto meigo e suave como o de V. Ex. que não sabe quem sou nem que posição ocupo na sociedade, e...

- Quando se ama a um homem não se procura saber quem ele é, interrompeu-o a moça, com hipócrita ternura.

- Nem sempre minha senhora. Túlia tornou-se completamente pálida, para ela a terra metamorfoseava-se em céu e julgava-se dominando a sociedade.

- O casamento! Que sonho auriverde! O casamento rico. Eis tudo o que preocupava o espírito da nossa heroína. O ouro! Nunca o sonante metal fascinara a ninguém como a ela!

O Dr. Justo por sua vez deixou-se cegar pela formosura da mulher que hora motivava-lhe certo desarranjo mental, muito natural quando se recebe fortes impressões. Demais, parecia-lhe que a mulher amada sintetizava o ideal que tantas vezes sonhara nas horas de madura reflexão. Achava-se excessivamente tímido, com certeza a futura esposa reservava-lhe dias felizes e uma existência tapetada de flores.

Quinze dias se passaram depois da primeira vez que teve ocasião de falar no jardim com a filha de Anastácio Paredes. Durante este tempo, o engenheiro comparecia às entrevistas que lhe facultava Túlia

no jardim. No décimo sexto dia tratavam casamento e no seguinte Túlia era pedida ao empregado público, que de tudo sabia e que era o primeiro a consentir em tais encontros clandestinos porque dizia ele:

- A rapariga não é tão tola que a convençam com palavras. Sei a filha que tenho, se ele é um *finório vem de carrinho*.

O dia do casamento ficou designado. Era o tempo de tratar dos papéis e preparar a noiva. A notícia do casamento de Túlia divulgou-se logo. Falava-se em diversas rodas desse próximo acontecimento.

Todos estranhavam o fato, que, aliás, era naturalíssimo. O deputado Ângelo de Queiroz que fora quando simples advogado, um dos *repudiados*, ria-se a bandeiras despregadas e não cessava de dizer que ainda havia de ser amante da moça, mesmo com o marido vivo. Pois quem não tinha olhos para ver a verdade clara e nua?

A moça das *Laranjeiras* casava-se com as cinquenta mil libras do Dr. Justo de Abreu e, quem, com uma fortuna igual, não obteria a mão da mais enfeitada e bela mulher? Era um casamento comercial e que havia de ter conseqüências fatais. Pobre do engenheiro! Que sorte lhe estava destinada! Seria mais um para o grupo dos maridos condescendentes.

O despeitado representante do país não punha termo às suas considerações acerca daquele futuro himeneu. Em diversas rodas dissertava-se a grande, relativamente ao assunto.

Túlia era mulher de procedimento equivoco, tinha-se já prestado algumas vezes a entrevistas noturnas, fora vilipendiada pelo filho de um banqueiro que deu às de Villa Diogo no dia imediato ao da sedução. Enfim, a moça só não era virtuosa.

O Dr. Justo de Abreu andava alheio ao que se dizia com referência à sua futura esposa, tão preocupado andava com os arranjos da casa que destinara habitar logo depois das núpcias. Túlia era toda cuidados com o seu enxoval.

O velho empregado público pediu dinheiro emprestado com a condição de pagá-lo em duas prestações com o seu ordenado. Túlia

prometeu reembolsá-lo depois de casada, ao que ele respondia com um abraço, um beijo ou uma carícia, dizendo:

- Sim filha, o que eu quero é a tua felicidade.

- Diga, a nossa, murmurava ela.

- Sim, a nossa, tornava o velho.

Chegou enfim o dia aprazado, o casamento teria lugar na matriz da Glória. Em casa de Anastácio Paredes andava tudo em rebuliço infernal. A paramentação da sala fora feita por um dos mais hábeis sirigueiros da Corte, o Sr. Gaspard, um velhote carcomido, magro como um espeto e, vivo como azougue.

Túlia ao despertar ergueu-se sorridente, alegre, satisfeita como nunca em sua vida. Debruçou-se no peitoril de uma janela para respirar o ar puro da manhã. Depois, voltando para o interior da casa, postou-se defronte de um grande espelho do lavatório de mármore. Estava pálida. Seus belos cabelos soltos rolavam-lhe sobre as espáduas cor de espuma, com se fossem novelos de fios de ouro.

A realidade parecia-lhe um sonho. Ia casar enfim! Às nove horas da noite teria um senhor, e ele? Teria uma rainha! Escrava do marido teria nele um súdito. Estava muito de acordo com a lei da compensação e percebia então diante de si novos horizontes.

Possuiria tudo, satisfaria os seus caprichos de moça. O Dr. Justo ao contrário, desejava só e unicamente uma esposa que o amasse, que fosse a sua companheira na vida e que soubesse compreender os seus carinhos. E, não estava longe o momento de ver realizado o seu anelo. Amara a Túlia e chegara enfim o dia de cingi-la nos braços e dizer-lhe:

- És minha com eu te pertença. Vivamos para nós mesmos.

Às nove horas da noite o engenheiro recebia como esposa a filha do empregado público. O templo estava cheio de curiosos. Os convidados superabundavam, entre eles via-se Oscar, casacalmente trajado, trazendo a competente claque sob o braço direito. Durante a cerimônia, muita cabeça espichada por cima dos ombros que sustinham outras tantas cabeças, observava a cena.

A um lado, uma rapariga vermelha como um camarão cozido, risonha, faceira, com os olhos a lhe saltarem das órbitas, não se podia conservar um instante calada. A noiva tinha cara de sem vergonha, não sabia fingir acanhamento.

O noivo estava comovido. Um velhote meio aparvalhado, tresandando a álcool, maltrapilho, agarrando-se pelas paredes com a velha cartola achatada dizia:

- Esses é que vão desfrutar a vida, que dizem vocês? Um grupo que o ouvia desatou a rir.

Uma velha com pretensões a moça, toda arrebicada, reclinada ao braço do rotundo esposo, um Sr. Cornélio, pintor comum, fazia dissertações sobre o vestuário da moça.

- Não te lembras que quando nos casamos trazia um vestido assim?

- Tira-te daí, mulher! Pois não vês que aquele é de cetim? Mas que rapariga de truz! Acrescentou ele, que braços! Que cintura! Que porte!

A matrona deu-lhe tão forte beliscão que o pintor pulou e acompanhou o pulo de um guincho, vociferando ao mesmo tempo:

- Olha que me tiras um naco de carne! Safa!

- É para ficares caladinho...

- Ciumenta!... Murmurou ele.

- Olha a pretensão do *pinta monos*, mamãe, disse uma *ingênu*a moçoila de trinta e duas primaveras, com o rosto crivado de sinais de bexigas, zarolha e desdentada para maior desgraça.

- *Eu bem que o vi*, respondeu a pessoa a quem a rapariga se dirigia que, sem acréscimo, representava uma dessas figuras de caixa de fósforos, pelo respeitável abdome e volumosos seios. Tinha a dengosa mamãe, uma caraça informe, bochechuda e a mais horrível boca de bagre.

Uns rapazes, que lhe estavam ao lado, disseram em coro:

- Que formidável repolho! Ao que o enorme cetáceo respondeu: - Malcriados!

A cerimônia havia terminado. Abriram-se alas para passarem os noivos, Túlia reclinava-se sobre o braço do engenheiro com ar insolente, ligando pouca importância à multidão que a cercava.

- Como vai aquilo! Dizia um.
- Está com o rei nas tripas, continuava um outro.
- Feliz marido! Murmuravam muitos.

Um minuto após rodavam seis *coupés* pelas ruas do bairro das *Laranjeiras*.

Durante o trajeto o venturoso noivo, beijou muitas vezes a mão da esplêndida noiva: a luva não o inibia. Estava enfim realizada a sua mais ardente aspiração.

Túlia sorria reclinando o corpo sobre o marido, que se sentia feliz com aquele doce e agradável contato.

As salas da casa de Anastácio Paredes achavam-se brilhantemente iluminadas. Quando os noivos desceram do *coupé*, Anastácio abraçou o genro e a filha e, sua alegria foi tamanha que as lágrimas enuviaram-lhe os olhos. Túlia foi alvo de sucessivos parabéns e o Dr. Justo foi muito felicitado e abraçado.

A sociedade que ora se achava nos salões do velho Anastácio, era a *fin*a e a *alt*a. As damas arrastavam sedas e veludos e enfeitavam doces sorrisos nos lábios, verdadeiros reservatórios de carmim. Os cavalheiros *enfr*onhados nas suas casacas animavam por sua parte aquela festa nupcial.

Uma extravagante criatura apresentou-se então em uma das salas: era o comendador Arrocho de Góes, quarentão debochado, larápio de profissão, que chegou a capitalista por intermédio da mais disfarçada gatunice. No peito da casaca brilhava-lhe uma comenda que dizia ele, tinha sido ganha com as suas ações honrosas.

Um *cavalheiro*, que lhe havia ajudado a passar moeda falsa, bateu-lhe no ombro e exclamou:

- E eu que o posso afirmar! O senhor é um modelo de virtudes!

O comendador embatucou deveras, fez-se pálido, mas, breve recuperou o sangue frio e respondeu:

- Ainda bem que me conhece, o senhor não me deixa mentir. Noutra roda, a filha do conselheiro Ariosto de Almeida afirmava que Túlia era uma finória sem igual, que amava tanto o marido como ela. Uma outra acrescentou:

- Muito poder tem o dinheiro!

- E tola será a que não proceder como ela, juntava uma loirinha impertigada como um varapau e que já estava condenada a ficar para tia, graças aos seus dotes físicos.

Só Túlia não se apercebia das dissertações equivocadas de que era objeto. A meia noite, depois de um excelente chá, os convidados retiraram-se. O Dr. Justo ficou inteiramente livre, ao lado de sua idolatrada esposa. Anastácio Paredes não cabia em si de contente. Ia passar uma velhice invejável

Há uma hora menos um quarto embarcavam os noivos no último *coupé* que estava postado defronte ao jardim. Dirigiam-se para a casa que o engenheiro havia mandado preparar com o fim de nela residir com sua mulher. Essa casa estava situada na praia de Botafogo, era um palacete muito bem acabado. Quando ali chegaram, as salas estavam brilhantemente iluminadas. Meia hora depois se sucederam as trevas e as janelas foram cerradas.

O palacete tomou então um aspecto sombrio e melancólico, ao longe ribombava de espaço a espaço o trovão, acompanhado de ligeiros relâmpagos. Pela madrugada, grossos pingos de chuva fustigavam os vidros das janelas e, os galhos do arvoredo, vergados por uma brisa fresca e agradável, produziam um sussurro brando e contristador. Os noivos dormiriam acaso felizes nos braços um do outro? Quem sabe?

III

Soavam 10 horas no relógio principal da casa do Dr. Justo. Uma criada grave, mulher de seus quarenta anos, de regular estatura, gorda, simpática e inteligente, parecia muito atarefada, andava de um lado

para outro, dando ordens às outras criadas que a ouviam com muito respeito, executando suas ordens sem retrucar uma palavra.

Depois, dirigiu-se aos aparadores da sala de refeição e encheu os vasos de flores. O suor corria-lhe em bagas pela fronte que ela enxugava com a manga do vestido de chita. Felizmente estava tudo arranjado, agora os noivos que se levantassem quando muito bem quisessem.

A boa Joana foi sentar-se a um canto e começou a percorrer as colunas de um dos jornais do dia. Sem o esperar deparou a seguinte notícia: “Casou-se ontem na matriz da Glória, o ilustrado Dr. Justo de Abreu com a Exma. Sra. D. Túlia Paredes. Dias felizes desejamos aos jovens consortes”.

- Está bom, está bom, murmurou a Joana, eu também lhes desejo o mesmo: fui ama seca do meu querido Justo, tenho-lhe verdadeiro amor de mãe. E, continuou a leitura.

Não vá o leitor chamar-nos de indiscreto porque, sem consentimento dos noivos, penetramos no suntuoso aposento. Às nove horas da manhã os felizes mortais dormiam profundamente. Os cortinados do leito estavam cerrados. As vestes de Túlia permaneciam sobre um lindo divã, forrado de damasco de seda azul, o véu e a grinalda sobre um pequeno móvel de mogno, o leque, o lenço e o *bouquet*, sobre o outro, as botinas de cetim branco de quatorze botões, a Luiz XV sobre o tapete ao pé do leito nupcial. Sobre as costas de uma poltrona, a casaca e o colete de gorgurão branco do noivo.

Quando este abriu os olhos, a claridade do dia devassava o suntuoso compartimento. O Dr. Justo sentou-se no leito, Túlia dormia a sono solto voltada para ele.

O lençol de cambraia de linho, bordado esplendidamente, moldava-lhe os quadris numa saliência arredondada, a camisa, desabotoada, deixava patente às vistas do esposo os voluptuosos seios túrgidos; olhos cerrados, boca entreaberta, descortinando duas fileiras de alvíssimos dentes, miudinhos e uniformes. Cabelos soltos a lamberem-lhe as espáduas curvilíneas, exalando o suave aroma de sândalo. O Dr. Justo não pode conter o seu pasmo perante tanta

maravilha e esplendor. Aquele composto de graças, de beleza e encantamentos, pertencia-lhe...

Seus lábios, trêmulos de amor, roçaram-lhe de leve pela fronte e apertou entre as suas as róseas e pequeninas mãos de Túlia, que despertou.

- Dorme, minha querida, dorme, velarei teu sono.

- A moça não respondeu: sorriu e tornou a cerrar as pálpebras.

Cinco minutos depois murmurou:

- Porque não dorme também? Deite-se!

O Dr. Obedeceu sem dizer uma palavra. Seus olhos estavam fixos no semblante da esposa, que continuou a falar, mesmo com os olhos fechados.

- Sonhei tanto esta noite!

- E foi comigo que tu sonhaste?

- Não, foram uns sonhos tão esquisitos! Não vale a pena narrá-los. Temos tão pouco tempo para estarmos assim juntinhos. E, erguendo o braço de neve, cingiu o esposo pelo pescoço. E ele fez o mesmo, aquele doce contato sepultou-os num mar de gozos felicíssimos. Túlia sentia perpassarem-lhe pelo dorso uns arrepios agradáveis.

- Quando eu havia de pensar que há esta hora estaria assim a teu lado! Disse Túlia, abrindo os olhos lânguidos e aproximando os lábios à fronte do esposo. Beijou-o... Ele colocou-lhe os lábios convulsos no alvo e esplêndido pescoço fazendo-a estremecer na comoção de um desejo indefinido. A felicidade conjugal não divisa limites.

O Dr. Justo abraçou-a com a mais comovedora ternura, beijou-lhe muitas vezes a boca, um perfumoso botãozinho de rosa.

- Ai que me mágoas os lábios.

- É que eu te amo muito e o amor cega, mata, endoidece minha adorada Túlia.

Então ambos encostaram as fronte e principiaram a olharem-se, mudos, silenciosos, gozando os doces momentos da primeira manhã de

noivado. E por que não fazê-lo? Não estavam sós ali? Quem ousaria interromper aquela cena de amor?

Principiaram a construir castelos sobre o futuro, imaginavam já a posse de umas criancinhas louras, traquinas, uns anjinhos terrestres, frutos do seu amor celestial... O apaixonado esposo lembrou-se de efetuar um passeio a Europa, já tinha estado por vezes em Paris e, para si não havia mais esplêndida cidade do que a capital de França. Gostava imenso dos costumes parisienses

Havia de levar Túlia ao Pantheon, ao Louvre, à Grande Opera, à Igreja da Madalena, aos boulevards, a Notre Dame, à Escola Militar de S. Cyro, ao Père Lachaise; havia enfim de mostrar-lhe todo a Paris.

Quando lá esteve habitara um belo aposento à Rua Rivoli, depois se mudara para outro na Rua de Vivienne, por cima de uma loja de livros. Túlia já pensava que estava em Paris. Que felicidade para ela, o viajar por muitos países!

- E não se estranhará o clima?
- Qual! Nada.

Soavam dez horas quando acharam que era conveniente abandonar o leito. O Dr. Justo tomou um fato de linho branco, calçou uns sapatos de verniz, alisou os cabelos e sentou-se na poltrona. Túlia tomou um penteador de musselina que ficava a matar-lhe, conservando os cabelos soltos, apenas seguros na testa por uma linda travessa de madrepêrola. Depois se dirigiu para junto do esposo, passou-lhe as mãos sobre os ombros e, com uma carícia invejável beijou-lhe os olhos muitas vezes.

Passados poucos minutos o esposo levantava-se e abria muito de manso a porta do quarto que dava para o corredor dizendo: - Vou ver se Joana cumpriu o que lhe ordenei. Túlia só na alcova colocou-se defronte do espelho, olhou em roda, passou a mão pelos cabelos e disse consigo: rica! Rica da noite para o dia! Que vida esplêndida lhe havia reservado o destino! Podia acaso desejar mais do que aquilo que hoje lhe pertencia?

Estava moça ainda, era bela, formosa, encantadora, seria uma parva se olvidasse os prazeres da vida, era o que somente dela se levava para o túmulo. Que diriam aquelas que a tinham na conta de rivais? Como haviam de estar furiosas! Com certeza metiam-lhe a bota à grande. Não se importava ela com o que se dissesse a seu respeito. Estava rica, eis tudo!

Afinal resolveu-se a sair do quarto e dirigiu-se para a sala de jantar, onde estava seu esposo. Joana veio dar-lhe os bons dias. As criadas punham o almoço na mesa. O Dr. Justo convidou sua esposa para dar um passeio pelo jardim, ao que ela acedeu de boa mente. O terreno estava um tanto úmido, a grama verde e cuidadosamente aparada, conservava brilhantes gotas de orvalho. As roseiras e os jasmineiros estavam esplendidamente floridos.

Túlia correu sobre os bicos dos pés, desembaraçando-se primeiro do braço de seu esposo e foi colher uma bela camélia carmesim. O Dr. advertiu-lhe que ia molhar-se, mas a moça não lhe dava a mínima atenção. Satisfeito o seu capricho, voltou com o vestido arregaçado, deixando ver o começo de uma grossa e bem torneada perna.

- Que tontinha que tu és, Túlia... Molhando os pés na relva!

- Fiquei com tanto desejo de colher esta camélia. Parece que estava reservada para mim.

- Agora orna com ela os teus cabelos, deve ficar-te a matar.

A moça achou que devia contrariar o esposo, pela primeira vez: franziu os lábios e sorrindo disse: - Não, fica melhor no seio, não achas? E, colocou-a no decote do roupão, prendendo a haste entre os seios de alabastro.

Encaminharam-se então para o pé de um lindo tanque, cercado de bonitos e viçosos arbustos. Havia ali um banco de pedra, por detrás do qual se erguia um frondoso caramanchão. Túlia ficou de pé, com os braços cruzados, contemplando os peixinhos que de quando em quando subiam a tona d'água. Aquele fato produzia-lhe um bem estar que não se descreve. Veio desperta-los uma criada que anunciou o almoço, retirando-se em seguida.

Voltaram ambos à sala de refeição e almoçaram satisfatoriamente. Daí em diante o casal parecia absorver os mágicos perfumes da família. Quando o engenheiro saía, a moça, para passar o tempo, lia romances. O seu autor predileto era Bellot. Apreciava imenso a leitura de umas cenas saturadas de volúpia e sensualismo.

Um belo dia sentou-se aborrecida, vieram-lhe vômitos, dores de cabeça e moleza pelo corpo, estava grávida. Quando confessou ao esposo o seu estado, ele cingiu-a pela cintura com extrema carícia e beijando-lhe a fronte disse: - Já o adivinhava! Faço idéia do anjo que nos vai a natureza dar. É o resultado do casamento minha pombinha. Também um casal sem filhos deve ser coisa horrível. Túlia mordida os lábios. Tinha, pois, certeza que perdia metade da beleza: ficaria magra e desmaiada.

Para que havia de ter filhos? Se não fosse um crime desmanchava o que estava feito... Mas podiam sobrevir conseqüências fatais... Enfim seria o último.

O Dr. Justo não sabia de que forma havia de patentear mais a sua amizade, ao passo que sua esposa parecia não lhe dedicar nenhuma. Dava-se por satisfeita quando o via tomar o chapéu e sair porta a fora.

A velha Joana já tinha observado isto, mas punha uma rolha na boca e estendia o lábio inferior, franzindo a testa, como se dissesse: - He! He! A coisa já não vai lá muito bem!

Era tarde. Uma criada introduzira na sala de jantar uma mulher de meia idade que vinha visitar a ama. Era D. Jacinta, viúva de um major de polícia que tinha morrido pobre. A velha conhecia Túlia desde menina e em outros tempos tinha lhe metido na cabeça uma boa quantidade de caraminholas. Era jesuíta por conveniência e tinha lábia para enganar a quem não a conhecesse de perto.

Túlia já não a via há um ano, Jacinta lhe merecera sempre simpatia. Era uma boa velha, que só tinha o defeito de falar em milagres e promessas de Santo Antônio. A filha do empregado público

foi ter com ela, que parecia estafada de fadiga, pois limpava a fronte com um lenço de chita vermelho, já úmido de suor.

- Ora viva! A D. Jacinta por esta nossa casa! Que milagre!

- Que quer! Vim vê-la! A beata sorriu. Seus olhos andavam sempre ocultos por uns óculos cor de fumo, porque, dizia ela, estava sofrendo muito da vista. Trazia ao braço um guarda-chuva de alpaca, já muito usado. O toucado era original. Nos cabelos grisalhos e corridos, chafurdava um grande pente de tartaruga e acomodava um *coque* verdadeiramente pândego. Ao pescoço trazia enrolado um pequeno véu de renda preta, ornado de vidrilhos. De uma magreza singular, raquítica, feia ao extremo, bexigosa, amarela, com a pele encarquilhada e rugosa, tinha predileção pela aguardente. O motivo das suas visitas era sempre para pedir dinheiro ou para coisa que lhe rendesse o mesmo.

- Então a menina casou! Tive notícias que o seu marido era muito rico... Ele é doutor, pois não é?

- É engenheiro.

- Ah! Murmurou a beata. E vive feliz menina? Túlia franziu os lábios.

- E porque não? Acaso não sou rica bastante para iludir a tristeza que possa trair a paz do meu coração. E calou-se para murmurar depois:

- Saiba que breve serei mãe!

- É possível? Pois já, tão depressa? Andou ligeiro, assim mesmo! Túlia achou graça na expressão de Jacinta e soltou uma gostosa e ampla risada.

- De que está rindo assim? Pois não dizia eu a verdade? E se apenas casou há três meses.

- Quem lhe disse tal? Há oito meses deixei a casa de meu pai.

- Ora vejam só! Como passa o tempo depressa! Estava persuadida que havia casado há três meses! Como corre o tempo santo Deus! Onde está o Doutor? Estou com tanta vontade de conhecê-lo!

- Justo está presentemente sob as ordens do governo. Penso que foi nomeado chefe de uma comissão, com o que não o deixam parar um instante em casa!

- Como a menina há de ficar triste sozinha! Eu faço idéia! Jacinta estava a fazer letras no chão, com a ponteira da sombrinha. Túlia sentada ociosamente num sofá tinha as pernas estendidas para frente e as mãos cruzadas sobre o ventre.

Joana atravessou nessa ocasião a sala, lançando um furtivo olhar sobre a velha. Fazia um calor abrasador, as janelas que davam para o fundo do jardim, conservavam-se semicerradas, havendo no recinto apenas a claridade suficiente para se andar livremente, sem tropeçar em algum móvel. Na cozinha cantarolava uma criada, muito senhora de si. Túlia e Jacinta estavam silenciosas. Esta rompeu o silêncio:

- Então, nunca mais viu o deputado? Túlia franziu a testa, olhou-a com ferocidade e levou o indicador aos lábios. Jacinta compreendeu a mímica e abanou a cabeça, muito significativamente.

Túlia ergue-se então e disse-lhe que a acompanhasse: tinha que lhe falar sobre um negócio. A jesuíta sorriu-se com astúcia, seguindo-lhe os passos, até penetrarem no recinto de uma sala luxuosamente mobiliada.

- Olhe, sente-se ali, enquanto fecho aquela porta. Joana, que observava todos esses movimentos e que duvidava da sinceridade de Jacinta, sem que ninguém a visse, entrou num quarto que tinha comunicação com o gabinete.

- Desconfio muito desta coruja! Aqui anda coisa: temos gato encerrado! Isto é tão certo como eu me chamo Joana. E sentou-se numa cadeira, com a maior discrição possível, a fim de não fazer o mínimo rumor.

Túlia que havia ido fechar a porta voltou e sentou-se ao lado da velha.

- Então, para que demônio tanta cautela? Tem medo de algum espião?

- Não, mas... Às vezes!

- Diz bem... Às vezes, sem que se queira, ouve-se o que não se tinha feito propósito de ouvir. Túlia franziu novamente a testa e apertou a mão da jesuíta.

- Fale baixo D. Jacinta! Porque razão a amiga falou-me a pouco no deputado?

- Ora! Pois foi para isso que me trouxe para aqui?

- Está agora a senhora com evasivas! Bem sabe que não sou tola. Vamos. A sua inesperada visita fez-me adivinhar que é portadora de uma... Carta para mim. A senhora me conhece desde menina e sei o quanto me estima. Jacinta apertou os lábios e colocou o guarda-chuva sobre um tamborete.

- Olhe menina... Eu queria deitar *verdes* primeiro, porém não foi preciso: estou vendo que o deputado é mais feliz do que seu marido. A senhora ama o deputado, não é assim?

Túlia tornou-se vermelha e olhou de relance para a velha, aquela mulher havia de ser a causa de sua perdição! Tinha-lhe medo. Se seu marido sonhasse que aquela víbora não tardava em lhe morder a honra! As reflexões superabundavam-lhe de um jato.

Joana, por mais que colasse o ouvido à fechadura nada conseguia ouvir, falavam baixo, tão baixo que se não podia ouvir uma única palavra! Túlia ouviu soar cinco horas, o marido só estaria em casa às sete. Tinha tempo suficiente para conversar com Jacinta.

- Olhe menina, ninguém melhor do que eu sei o que são essas coisas. O deputado não à ama de hoje, a senhora repudiou-o, porque nesse tempo ele era um simples advogado. Bem sei que não o fez porque não o amasse. Um moço bonito como ele... Que trajava no rigor da moda... A senhora tem-no visto passar constantemente por aqui?

- Tenho. E sempre que me vê cumprimenta-me com o mesmo carinho dos outros tempos.

- Então?... Tenho ouvido sempre dizer que as primeiras impressões são as que ficam.

- Diz bem, D. Jacinta... Eu posso afirmá-lo.

A jesuíta não tinha já a menor dúvida: a moça estava caída pelo *representante* do país. Assim pensando, julgou oportuno o desempenho da missão que este lhe inspirara.

- Pois, menina tenho aqui um *objeto* para a senhora.

- Para mim? Quem o mandou?

- Duvida-o ainda? Olhe... E tirou do seio um envelope, sem endereço algum. Tome... Agora muito cuidadinho, hei de vir buscar a resposta, amanhã, há estas mesmas horas.

- Pois bem, minha amiga. Quero, entretanto, pedir-lhe o cumprimento de uma promessa.

- Para que santo, menina?

- Não é para santo nenhum, é para a minha honra. Jura-me que seus lábios serão mudos para toda a revelação que possa destruir a minha felicidade?

- Ora, menina! Então quem pensa que eu sou? Pois não a vi nascer, pode-se assim dizer, como pode duvidar da minha sinceridade? Jacinta estava já de pé e ia embora. Joana pode enfim ouvir estas últimas palavras, que foram pronunciadas naturalmente, safou-se então, como um relâmpago, do quarto e para que ninguém desconfiasse da espionagem, foi regar as flores do jardim.

A jesuíta, ao despedir-se, pediu a Túlia uns cinco mil réisinhos, para fazer umas compras de necessidade, no que foi estritamente atendida, prometendo que iria rezando pelo caminho certa oração, para que nada se descobrisse dos amores de Túlia com o deputado. A esposa do Dr. Justo, logo que se viu só, trêmula e agitada, rasgou o envelope para ler a carta.

IV

No gabinete reservado podia estar à vontade, ninguém viria perturbá-la. O que lhe diria naquela carta o deputado? Era ousado, assim mesmo! Trêmula, como se fosse um vime açoitado pela brisa, sentou-se ao pé de uma mesa e rompeu o envelope, tendo o cuidado de juntar os fragmentos. Seus olhos brilhavam de curiosidade! Desdobrou afinal uma folha de papel que continha o seguinte:

“Túlia é uma ousadia, bem sei, perdoa. O amor tem destas indiscrições... Quando se ama, quando se tem o coração inflamado de amor, quando a paixão nos cega – vê-se o abismo a nossos pés e a gente precipita-se nele... Se você de novo repudiar-me, hoje, que pertence a outro homem e que está unida a ele por indissolúveis laços, porque é seu esposo, rompa esse documento do meu amor. Esforçar-me hei por então esquecer-la, fugirei a luz fascinadora desses seus olhos divinos, para sempre, para toda a minha vida. Em caso contrário, responda-me, peça-me o próprio sangue das veias... Túlia! A febre do amor devora-me os sentidos... Só me alimenta no mundo uma esperança: a de ser amado por ti. Rasga esta carta, se teu marido a visse eu teria levado a esse lar a desarmonia e a desonra, quem sabe? Espero ansioso a sua resposta. – X.”

Túlia ficara pálida como um aljôfar, ao terminar semelhante leitura! Perdendo a ação nos dedos, deixou-a cair sobre a mesa, ocultando a face entre as mãos trêmulas e crispadas.

Assim permaneceu por espaço de cinco minutos. O coração palpitava-lhe descompassado. A idéia de que ia ser adúlterina, abatia-a, fazia-lhe experimentar os mais veementes remorsos!... Justo... Uma boa alma!... Que lhe queria tanto... Que dia por dia inventava uma nova carícia e finalmente... O pai do filho que tinha nas entranhas!...

Era horrível!... Como poderia encará-lo sem tremer?... Não! Era preciso esquecer o infame sedutor, não lhe dar resposta alguma! E rompeu a carta em mil fragmentos. Levantou-se com a firme resolução de não dar ouvidos a *Tenório*, apanhou um por um os pedaços da carta, colocou-os sobre o mármore de um móvel, acendeu um fósforo e deitou-lhes fogo. Contemplou a pequena labareda até vê-la extinta. Juntou cuidadosamente à cinza e lançou-a pela janela.

Quando voltou, pôs a mão sobre o peito. Estava aliviada de um grande peso. Podia agora esperar pelo marido, sem receio que a fisionomia a traísse.

Joana ainda simulava regar as flores do jardim. Começava a anoitecer. Túlia indo à janela da sala de refeição debruçou-se no peitoril e vendo a velha ama de Justo, perguntou-lhe se tinha já terminado a sua tarefa.

- Já minha ama, não há de ser por falta de rega que as flores venham a morrer. Também o tempo está com cara de chuva...

- Quall!... Duvido muito que chova! E pôs-se a encarar o horizonte, como que examinando o tempo.

- Com o calor que tem feito, não é de esperar-se outra coisa, demais tenho visto *fuzilar* de vez em quando.

- Olha Joana, amanhã bem cedo me apanha umas flores para os vasos da sala: não te esqueças.

- Não senhora.

- E se as camélias estiverem abertas, apanha também algumas: é a minha flor predileta.

- Não tem mal gosto, minha ama, a defunta mãe do Dr. também gostava das camélias, é pena que tão linda flor não tenha aroma. Eu por mim gosto mais do jasmim do cabo: tem um perfume delicioso!

O estalo de um beijo foi ouvido. Era o Dr. Justo que acabava de entrar, no bico dos pés e que cingindo a esposa pela cintura, dera-lhe um beijo na face.

- Que susto meu Deus!...

- És medrosa assim?... Olha trouxe-te um presente.

- O que é?
- Não te digo... Adivinha vai!
- Estás bem avisado, não sei adivinhar.
- Se soubesses como estás hoje formosa!
- Lisonjeiro!
- Sou incapaz, minha querida. Fecha os olhos.
- Para que? Estás caçoando.
- Fecha, quero fazer-te uma surpresa. Túlia fechou os olhos. O Dr. Justo tirou da algibeira uma caixinha de veludo roxo e, de dentro um magnífico colar de pérolas.
- Não vás abrir os olhos. E prendeu-lhe o colar ao pescoço, guardando a caixa novamente.
- Agora vai ao espelho. Fica-te a matar! Túlia levou a mão ao pescoço e julgando ser um rosário chamou-o brejeiro.
- Anda, vai ver, disse ele. A moça correu ao espelho e exclamou a rir-se:
 - Que lindo! Onde o compraste Justo?
 - No Lacroix, era o único. Lembrei-me que gostavas muito de pérolas. Não me dás agora um beijo? Túlia abraçou-o e beijou-lhe a fronte.
 - Pensei que não viesses hoje! Porque te demoraste tanto?
 - Estive numa conferência com o ministro. Estavas com saudades minhas?
 - De certo! Pois fico sozinha aqui!... Que inferno para mim!... O que me vale é que passo a ler. O Dr. Justo sentou-se num divã e disse:
 - Sabes que temos hoje uma visita?
 - De quem?
 - Do Oscar, convidei-o para tomar chá conosco.
 - E vem só?
 - É provável. Não lhe conheço outro amigo a não ser eu, damos-nos desde meninos, estudamos juntos os preparatórios.
 - Ele é formado?

- É engenheiro militar, capitão do estado maior de primeira classe.

- Nunca o vi fardado.

Creio que não têm predileção pelo militarismo. Oscar tem mais jeito para filósofo do que para militar. É verdade! Queres ouvir amanhã a *Aida*?

- Quero.

- Vou mandar ver bem cedo duas galerias nobres. O Dr. Justo já não sabia mais como sintetizar o seu amor à cara esposa. Logo que se visse livre da tal comissão do governo partiria para a Europa.

Retirou-se para a alcova, mudou o fato que trazia e reapareceu de ponto em branco. Eram oito horas quando Oscar foi recebido em casa do Dr. Justo. Trocaram-se os cumprimentos do estilo.

Túlia mostrou-se muito jovial. Ela mesma tomou o chapéu e a bengala de Oscar e colocou os sobre uma mesa. O moço tinha uma fisionomia extraordinariamente simpática. Poucas eram, porém, as vezes que sorria naturalmente. Polido, de fino trato e, muito social, conversava sobre qualquer assunto, por mais elevado ou simples que ele fosse.

Seu olhar meigo e desprezioso revelava a mais extrema melancolia. Era amigo de infância do Dr. Justo e este lhe queria muito. Foi então apresentado a Túlia que, delicada e afável por hipocrisia, recebeu-o quase que indiferentemente.

- Pensei que não viesses, exclamou Justo consultando o relógio e recostando-se na poltrona.

Oscar murmurou:

- Um pequeno acidente obrigou-me a não ser pontual. Túlia que se tinha sentado ao lado de uma mesa e guardado numa pequena caixa o crochê em que trabalhava, ladeou os olhos e sorriu-se, dizendo:

- Um incidente? Diga logo: uma moça roubou-me o tempo e... Justo bateu palmas, olhando para o amigo, que ligeiramente corou. Oscar brincando com a corrente do relógio sorriu-se e depois respondeu:

- A senhora D. Túlia errou.
- É possível que sim, mas...
- Mas a tua opinião é essa, não é assim, Túlia?
- De certo! Respondeu a moça, sem erguer os olhos. Oscar achou prudente não contrariar a esposa do querido amigo.

A velha Joana, que punha a mesa para a ceia, observava a ama, crente de que em breve aquela casa estaria virada de *pernas para o ar*. Arreceava-se do futuro e lamentava a sorte daquele casal.

Túlia dissimulava perfeitamente, pensava a velha criada, não amava o marido, tinha negócios misteriosos com aquela mulher. Estava disposta a tornar-se dali em diante uma cautelosa espiã. Se houvesse adultério ela levaria ao conhecimento de Justo.

Servida a ceia, Justo obrigou Oscar a fazer bem ao estômago. Cearam alegremente em família. Às dez horas o capitão de estado maior retirou-se, deixando o casal extremoso.

O Dr. Justo conversou muito tempo com sua formosa esposa, acariciando-lhe as mãos entre as suas, beijando-as como de costume. Túlia consentia em tudo, porém, aborrecia-se já de tantas festas, que se iam tornando assaz enfadonhas para ela.

Era um prazer para Justo deitar a cabeça no delicado ombro da esposa, enlaçando-a pela cintura. Aquele meigo contato fazia-o feliz. Túlia prestando-se a ídolo supunha enorme o sacrifício e perguntava a si mesma se tudo aquilo não teria fim algum dia.

O seu marido era cego... Jamais percebia a sua condescendência. *Alguém*, entretanto, tinha olhos de lince para ler em seu coração toda a verdade.

.....

Esse alguém era a velha Joana, que se mordida de pesar vendo tão mal recompensado um amor sublime como o que alimentava o seu bondoso filho do coração. Cedo ou tarde a verdade refletiria aos olhos de Justo. Não estava longe esse dia.

Joana começara a odiar aquela mulher comprada, sem sinceridade e talvez sem honra. Imagem fiel do interesse e da desfaçatez.

O Dr. Justo não pensava assim: Túlia era para ele um esplêndido tesouro! Era o seu amor, a sua alegria, os seus sonhos, a sua vida, enfim! Alma sublime sucumbia à voracidade imensa da paixão. Erigia belos castelos – visava um futuro todo de paz e de alegrias. A idéia de que em breve ia ser pai tornava-o tolo como um menino que possui um brinquedo pela primeira vez.

Inventava passeios, divertimentos, caricias, para diminuir o tédio de Túlia, que julgava ser devido a seu estado interessante. Joana afligia-se cada vez mais com a frieza da ama. Chamava-a alma de granito, coração de amianto.

Túlia havia se tornado pensativa depois que a *coroca* lhe proporcionara meios de obedecer à natureza irritada e histérica que possuía. Amoldavam-lhe as formas uns roupões bem talhados e frouxos na cintura, com mangas perdidas.

Seus belos cabelos, esparsos, soltos com desleixo, rolavam-lhe pelos ombros como novelos de fios de ouro. A melancolia dos seus olhos negros, puro contraste daquele corpo de duquesa, abismava-se, por assim dizer, num dédalo de voluptuosidade! A palidez do rosto, um longínquo sorriso que de costume sobrenadava-lhe nos lábios de cereja, o ar abstrato, o isolamento, enfim, a que se entregava, - demonstravam facilmente o seu estado asfixiante e nervoso.

Não podia esquecer-se de Ângelo. Um combate de sentimentos contrários fervia-lhe o cérebro a esbater-se num sem número de meditações torpes e desconexas. Às vezes erguia-se, ligeira como a gazela, da cadeira em que estava sentada, corria ao piano, abria-o, dedilhava nele um trecho de música qualquer, alucinadamente, a fim de espaiar o espírito atordado.

Mas um poder misterioso congelava-lhe o sangue nas veias, roubava-lhe o tato dos dedos e ela aturdida, soltava uma risada estridente, como se tivesse sido surpreendida por um torpor perene.

Voltava-lhe em seguida o sangue frio e, senhora então das suas emoções, suspirava livremente, crente de que esse pavor que às vezes a suplantava não era mais que um simples receio, um simples receio e mais nada. Amava Ângelo e tarde era já para recuar na estrada que encetara. Tudo aquilo havia de ter um fim.

V

Soavam três horas da tarde. O dia estava claro e sereno. No firmamento azul não se divisava a menor nuvenzinha. Uma aragem suave, roçando pela copa do arvoredado, ondulava-o ligeiramente.

Ao longe, ouvia-se esse ruído crescente das cidades populosas. O sol reverberava na laje das calçadas. Os passarinhos chilravam a beira dos telhados e esvoaçavam de um para outro lado. As cortinas das janelas balouçavam, intumescidas pela brisa, que mansamente soprava do ocidente.

A casa do Dr. Justo tinha as janelas semicerradas. No gabinete reservado, negligentemente recostada num sofá, com os olhos cerrados, imóvel, com as mãos cruzadas sobre os seios, tendo no colo um livro aberto, quase modorrando, estava Túlia que, somente às vezes, de longe em longe, deixava escapar dos lábios carmesins expressivos e prolongados suspiros.

As moscas pousavam-lhe sobre os cabelos em desordem, apenas presos por uma fita de seda azul. Era o tipo ideal desses tipos dos romancistas *piegas* que, na sua composição mística esculpem no mármore do mais rançoso lirismo a imagem de mulheres impossíveis?

Não! Túlia não deixava de ser uma mulher comum. Embora dotada de peregrina formosura, tendo cabelos loiros e olhos pretos como o ébano e se parecia às vezes uma figura de cera com moldes talhados a capricho, não deixava de ser uma mulher muito real.

Na sociedade encontram-se bastantes desses tipos e na prostituição superabundam mulheres em tais condições. Túlia, nessa posição, quase deitada, conservava as pernas estendidas.

Calçava-lhe o pé um lindo sapatinho de verniz e sob a fimbria do roupão de musselina que trajava, patenteava-se o começo de uma perna caprichosamente torneada e carnuda, calçada por finíssima meia de seda cor de rosa.

As janelas do suntuoso compartimento, semicerradas, apenas deixavam uma fresta por onde penetrava a luz. Respirava-se ali uma atmosfera impregnada de sândalo. O gabinete era esplendidamente belo, tal era a sua paramentação e luxo.

As paredes forradas de rico papel branco e douradas eram adornadas de belíssimos quadros e espelhos de cristal. Nos ângulos formados pelas mesmas, uma estátua de mulher seminua, de altura natural, sustentando nas mãos vasos e cestos, ornados de lindíssimas flores; duas soberbas estantes repletas de livros, consolos de nogueira com finíssimos espelhos, moldurados com muito gosto e arte.

Um divã de molas, forrado de damasco azul, jarras, candelabros, arabescos e inúmeras quinquilharias, adornavam as mesas. Cobria o soalho um tapete felpudo representando lindas paisagens. As cortinas das janelas eram de fino damasco, limitadas por largas e vistosas franjas.

No centro uma pequena mesa redonda, coberta com um pano cor de pérola, tendo em cima um álbum de música, conchas, pedras raras e um elefante em miniatura, levando às costas quatro beduínos.

Nas horas de melancolia, Túlia encerrava-se ali, abria um livro para dormir depois de ter lido algumas páginas, até que o marido chegasse. O Dr. Justo já sabia onde estava oculta a sua mulherzinha e mal entrando em casa, se não a visse logo, dirigia-se ao gabinete reservado, dava-lhe um beijo na fronte, um abraço, outro, mais outro. Túlia sorria-se e, arrastada por uma benevolência estranha, erguia a fronte, conversava com o esposo indiferentemente e após tornava-se pensativa.

O engenheiro contemplava-a então absorto, escondia entre as suas as mãos da esposa querida e reclinava-lhe a cabeça no ombro. Era ela a sua única felicidade, amava-a com todo o devotamento de uma

alma nobre e pura, julgando ser em tudo retribuído. Não invejava a sorte de mortal algum, ao contrário, às vezes por uma espécie de orgulho dizia consigo: - Não há esposo mais feliz do que eu!

Túlia era o constrangimento em pessoa.

Jacinta voltara como dissera, no dia imediato para receber a resposta da carta do deputado. O seu ar, ainda mais misterioso do que ontem, deu que pensar à velha Joana que conhecendo o adiantamento da crise que futurava, correu ao seu posto, a fim de ouvir a conversa da ama com aquela mulher sinistra.

Túlia levava-a, como fizera pela primeira vez, para o seu gabinete reservado, tendo para isso corrido às cortinas e fechado à porta com a cautela necessária. Seu rosto iluminava-se por um assomo original, seus olhos faiscavam e os seios arfavam-lhe agitadamente, as pernas lhe tremiam e as mãos crispavam-se-lhe sobre a superfície da fazenda do casaco que vestia.

Jacinta olhava para a moça, crente que ela obedecia estritamente à sede de uma paixão fulminante. Túlia sentou-se a seu lado e, inclinando-se lhe disse e meia voz:

- Veio buscar a resposta daquela carta?
- Vim, murmurou à velha.
- Sabe que sou casada?
- Certamente!
- Que tenho um marido e que, além disto, tenho que dar contas da minha conduta à sociedade?
- E quem diz o contrário?
- Sabe também que estou em vésperas de ser mãe, que sou amada pelo pai de meu filho como talvez esposa alguma o seja?
- Tudo é possível, menina, porém, diga-me: ama seu marido?

Túlia encarou-a em silêncio, abrindo os olhos cheios de fogo e, escondeu a face entre as mãos de jaspe para exclamar apenas:

- É uma fatalidade!...

A velha aproveitou a ocasião para sorrir-se à vontade. Vencia o amor? Ou esse desejo bruto da carne que deturpa os sentidos e os sentimentos?

O casamento comercial principiava a erguer a ponta da cortina em que se ocultam as suas conseqüências: o adultério!... Túlia sentia-se à beira do abismo e nele estava quase a arrojarse. O dever rolava impotente aos olhos da mulher esposa, para ceder lugar aos sentimentos perversos da mulher-coisa.

- Então, que é isso menina? Cala-se?

Túlia ergueu a cabeça, sacudiu os cabelos para as costas e repousou a face na cândida mão dizendo:

- A carta do deputado... Rasguei-a.
- Rasgou? O que está dizendo?
- Rasguei sim, e depois a reduzi a cinzas.
- E porque, minha querida menina?
- Porque assim era preciso. Eu não poderia olhar mais para Justo se respondesse a semelhante carta.

Jacinta franziu os lábios, remexeu-se toda na poltrona em que estava sentada e limpou a fronte suarenta. Túlia principiou então a estalar as juntas dos dedos.

Joana que tinha o ouvido colado à porta impacientava-se por não ter podido ouvir uma única palavra desse diálogo, tal era a discrição das duas mulheres. A velha criada bramia com tal decepção! Daria dez anos de vida para poder ouvir a tal conversa. Outra vez procuraria um lugar mais apropriado para a sua espionagem.

Não perderia mais de vista a *boa* da ama e em ocasião precisa denunciaria tudo a seu filho de criação que tão iludido andava, graças à sua boa fé e ao seu amor. Enquanto ela mordida-se de raiva, no outro gabinete Túlia e Jacinta reatavam o fio da conversa interrompida.

- Então, a menina despreza o deputado?
- Desprezo!... Como tenho consciência de que ele não deve, não tem direito de amar a uma senhora casada.
- E por quê? Ora essa!

- Porque pertenço a outro homem.
- Ora, aí está uma coisa bem simples! Pertence a outro homem...

E que têm isso? Acaso seria a menina a primeira que, pertencendo a um homem, não pudesse pertencer a outro... Pelo coração? O primeiro é o marido, - o segundo o amante, o que é já se ser romântica. Trair o esposo pelo amor do amante.

- Acha que sim, D. Jacinta?

- E então? Há algo mais poético neste mundo do que uma entrevista amorosa... Perigosa... Longe da casa que se habita... Há horas próprias... Receando-se a todo o instante a aparição do marido?... Gozar-se meia hora nos braços do amante, aquilo que seria um martírio nos braços do homem a quem não se ama? Túlía ouvia tudo isto completamente absorta. Simulava render tributo ao dever, como se lhe fosse dada à assistência de um sentimento tão nobre.

O que a perversa não queria era atirar-se já as chamas daquilo que chamava amor, depois, receava que Jacinta fosse denunciá-la ao esposo, porque, pensava ela, há nesta vida indivíduos cujo caráter amolda-se perfeitamente ao desempenho de toda e qualquer espécie de papel na sociedade: basta brilhar-lhe aos olhos uma moeda de ouro. Queria ser discreta até com a mulher que a impelia a perdição. Estava mesmo resolvida a desenganá-la de vez.

- A senhora quer saber de uma coisa, D. Jacinta? Diga ao deputado que não torne a escrever-me e, mais - que na minha posição não admito que se me falte com o respeito... Que se no passado *brincamos*, hoje devemos esquecer esse tempo, compreende?

- Ora já se viu!... Resmungou a velha.
- Compreende-me, D. Jacinta? Tornou ela alteando a voz.
- Compreendi menina.

Esta pergunta e resposta foram perfeitamente ouvidas pela Joana que, abrindo a boca, fechou os olhos para murmurar consigo:

- Ué!... Pelo que estou ouvindo a velha está sendo repreendida pela menina. Bravo!... Parece-me que não estava fazendo justiça à pobrezinha!... Ela repele!... Bravos, bravos!... Estou mais satisfeita.

- Neste caso... Articulou Jacinta, baixando os olhos, vermelha de vergonha.

- Sim!... *Neste caso* escusamos de estar aqui a tratar de um assunto nojento como este. Acabemos com isto de uma vez.

- Acabemos, sim, é melhor... Não me vá agora comprometer com seu marido.

- Eu?... E com que fim?... A senhora não tem culpa...

- Ah! Nenhuma... Nenhuma... Atalhou a velha. Juro-lhe que sou inocente. Esta última expressão era digna de uma gargalhada. Túlia conteve-se, porém. Estava defronte de uma velhinha bem *ingênu*a... Graças a sua *inocência*.

- Bem... Eu retiro-me. Sempre pensei que amasse o deputado. Olhe, fala-se por aí que breve sai ministro...

- De que D. Jacinta? Perguntou Túlia zombando.

- Da guerra, menina, da guerra, se não me engano.

- Logo vi!... Pois o que eu quero é paz no seio da minha família. Isto de guerra não cheira bem...

- Adeus, menina, disse a velha estendendo à mão a moça que se havia erguido para abrir a porta.

- Não vá agora desertar... Apareça sempre! Somos sempre amigas!

- Hei de aparecer... Hei de...

Jacinta estava brava como um escorpião. Que decepção! Se fosse uma bomba estourava ali mesmo. Túlia conduziu-a até ao corredor. A velha abriu panos e pôs-se ao fresco. Túlia de um pulo voltou ao gabinete e cerrou a porta. Tornara-se pálida, indecisa, vacilante, trêmula: uma enxurrada de lágrimas invadiu-lhe os olhos e puxando seus lindos cabelos atirou-se no divã a soluçar.

- Oh! Meu Deus!... Meu Deus!... Que martírio!... Esse homem... E eu o amo com todas as forças de minha alma!... E tornou a erguer-se, completamente desfigurada, caindo de joelhos diante do retrato do esposo...

- Perdão!... Justo!... Perdão!... Sou indigna do teu amor! Perdão mas... Eu amo a outro homem!... E ocultou a face entre as mãos para chorar a vontade. Depois se levantou, correu a secretária, abriu uma gaveta, tirou uma folha e escreveu as seguintes linhas, cujos caracteres trêmulos indicavam perfeitamente a emoção que se achava possuída: “Dr. Ângelo. – Obedeço ao sacrifício, porque o amo... Porque não posso fugir à lei do destino. Amanhã, às dez horas da noite, no jardim do largo do Machado, do lado que fronteira a matriz da Glória, espere-me. – X. P.S – Saiba ser discreto tanto quanto ordena a nossa posição social”.

Uma pessoa, porém, via toda aquela cena, tendo já para isso aberto a porta. Era Joana que com os olhos saltados fora das órbitas, tinha os sentidos voltados para o movimento da mulher do engenheiro.

- Cumpra-se o destino!... Exclamou esta ocultando a carta no seio.

Joana desapareceu como por encanto. Túlia levantou-se e dirigiu-se para a sala de refeição. Joana cantarolava ao lado de uma janela simulando conversar com uma criada que estava no jardim.

VI

Jacinta foi de vento em popa, como diz o vulgo. Seu primeiro cuidado foi cumprir a risca a missão que se impusera. Para com mais rapidez chegar ao seu destino tomou um tálburi, dizendo ao cocheiro:

- Para a Rua Fresca, Hotel Royal. Sabe onde é? O condutor do veículo olhou para ela um tanto encafifado, fazendo apenas um ligeiro movimento com a cabeça. Era um português de meia idade, gordo, vermelho, ruivo, de olhos azuis, um tipo assim de inglês dos *Grampiaus*.

Jacinta levou toda a viagem a conversar com o *tilbureiro*, se assim nos podemos exprimir. Tudo isto para tornar-lhe menos penosa a jornada. Em pouco mais de vinte minutos o trem parava defronte do hotel mencionado. A velha saltou em terra, depois de haver pago a passagem e penetrou no edificio bem contrariada. Com que cara havia de aparecer ao deputado?

No meio da escada quis descer, poupando assim uma futura vergonha, porém cara de estanho que era deu um muxoxo e, continuo a galgar os degraus até o topo dizendo:

- Se ela não quis a culpa não foi minha. Lá são brancos, lá se entendam... O que eu quero é os cobres para o bolso, o resto que corra por conta de quem quiser.

Eram quatro e meia da tarde, com certeza o homem estava no quarto, salvo se a sessão não houvesse acabado ainda. Esperaria em todo caso.

Chegando à porta do gabinete do *representante do país e futuro ministro*, bateu de manso e pressentiu ruído no interior.

- Está ai, felizmente! Exclamou a bruxa, levando o lenço a boca. A porta foi aberta e ela entrou. A pessoa que a recebeu era o deputado. Um homem bonito, elegante, bem recomendado pelo físico e especialmente pelo traje e maneiras.

Imagine-se um homem com trinta e dois anos, alto, elegante de formas, cabelos alourados, crespos, sobre uma cabeça nobre e volumosa, uns olhos entre pretos e castanhos, vivos, rasgados, chamejantes, um bigode louro, basto, sedoso, que lhe colorindo os lábios erigia-se nas pontas delicadamente torcidas, um rosto enfim, redondo, alvo e pálido, com um toque de melancolia, uma fisionomia simpática, - e tem-se aí o retrato do deputado.

Recebia ele cinquenta mil réis diários, pelo que ocupava um suntuoso compartimento no Hotel Royal. Uma sala com duas janelas de frente para a baía, forrada de papel azul com lindos dourados, atapetada, cortinas de damasco cor de rosa, espelhos, estantes com livros de direito, de medicina e de engenharia, mobília de estofado encapada, uma mesa coberta com um pano de casemira amarela, sobre a qual se via livros, mapas, desenhos, jornais em profusão, etc.

O Dr. Ângelo de Queiroz sabia desfrutar a existência como deputado... Esquecia-se algumas vezes que há dois anos atrás, não passava de um advogado sem clientes, sem fama e sem talento. O caso é que conseguiu galgar aquela posição, como muitos dos seus colegas

há tem galgado... Isto é, a força de um poder misterioso e indigno: a proteção – documento inquestionável e comprobatório da falta de mérito real. Apreciemos, porém, de perto as ações do homem para ajuizarmos das suas emoções.

- Então? Trouxe a resposta?

- Não. Murmurou Jacinta, com uma cara assim de quem procura o que é impossível achar.

- Não? Tornou o deputado admirado e suspenso.

- Não! Repetiu à velha.

- E então?

- Sei lá...

- Explique-se.

- É só o que não posso fazer.

- E por quê?

- Porque não sei mesmo o que tenha a explicar a V. Ex. Fui até lá, falei-lhe, via-a quase disposta a responder-lhe.

- E depois?

- E depois... Saí como tinha entrado. Aquilo é uma trincheira inexpugnável! Pois há de V. Ex. acreditar que a menina disse-me nas bochechas que era casada! Que responder a V. Ex. seria trair a fé conjugal! Representar um papel indigno! Degradante! Que finalmente, é uma senhora que não sabe traficar com o dever!... E depois...

- E depois? Fale senhora Jacinta!

- E depois acrescentou: diga ao deputado que não torne a escrever-me, e mais ainda: - que na minha posição de senhora casada e honesta não admito que se me falte com o respeito.

Que havia eu de fazer a tudo isto? Raspei-me, pus-me ao fresco. Não acha V. Ex. que obrei prudentemente?

- De certo! Murmurou o Dr. Ângelo confusamente. E ambos emudeceram. O deputado ficou meditativo. Jacinta sentia comichões pela sola dos pés, observando o cavaco do Dr. Passado algum tempo este se ergue, dizendo:

- Está bom! E consultando o relógio voltou-se para a velha.

- Quer jantar comigo, senhora Jacinta?
- MUITÍSSIMO obrigada. Vou já para casa. O que me resta é pedir um favor a V. Ex. antes de retirar-me.

- Oh! Pois não, fale!
- Não vê V. Ex. que esta manhã o senhorio da casa em que estou morando...

- Pois não! Interrompeu o deputado, de quanto precisa?
- De uns vinte mil réis. São suficientes. Ângelo abriu a gaveta da secretária, tirou uma nota de 20\$000 e dirigindo-se a velha, disse:

- Aqui tem senhora Jacinta.

A jesuíta deu um pulo de contente, dobrou a nota e guardou-a no fundo da bolsa. Não se demorou nem mais um minuto, despediu-se e saiu.

O doutor, isto é, o bacharel, cerrou a porta e caiu sentado no divã, verdadeiramente confuso e colérico. Tremiam-lhe os membros e no auge da decepção, limitou-se a bater com o pé sobre o tapete, murmurando frases saturadas de fel. Essa mulher divertia-se com ele, zombava da sua posição, era preciso torcer-lhe a vaidade, subjugar-lá, enfim! Insistir... Insistir sempre! Era o que lhe cumpria, era o que ia fazer doravante. Insistir até conseguir. Túlía não era quem dizia ser. E depois tinha certeza que ela não amava o marido.

O deputado ergue-se, por fim, fechou a secretária e dirigiu-se à sala de refeição. Deixemo-lo devorando o seu desapontamento e vejamos o que se passa na casa do engenheiro.

Túlía, depois de haver escrito aquela memorável carta, veio sentar-se na sala de jantar. Joana simulava conversar com uma criada.

O abatimento da moça naquele instante era naturalmente visível. Simular, fingir, quando uma forte alteração operava-se na sua fisionomia seria um fato impraticável.

A própria Joana, querendo patentear sua ignorância, observou-lhe que estava muito pálida, com cara de doente.

Túlía mordendo os lábios, ladeando os olhos com volubilidade, perguntou-lhe com muita ingenuidade se já tinha visto mulher grávida

sem alteração na fisionomia. A criada concordou com essa evasiva e chegou até a considerar-se bem tola.

Túlia cerrou os olhos, recostando-se no sofá. Era quase cinco horas. Justo não podia tardar. Na posição que tomara, sua delicada mão passou sobre o seio, junto da carta que ali havia ocultado. Assaltada por uma idéia, ergueu-se de um jato e correu ao gabinete.

Que grande louca! Guardar aquele documento no seio! Entregar a revelação do seu crime às mãos do seu marido... Um ligeiro calafrio percorreu-lhe o corpo. Tomou a carta e escondeu-a em uma pequena caixa que fechou colocando a chave no bolso do roupão.

Ficou mais tranqüila e tornou a voltar para a sala de jantar onde uma criada punha a mesa, sob a direção de Joana. Justo entrava nessa ocasião, alegre e sorridente. Depôs a cartola sobre uma mesa, todo carinhos e amor, abriu os braços para cerrar contra o peito a sua querida esposa e, beijou-lhe a fronte.

Ela deixou-se estreitar e beijar entreabrindo os lábios para prodigalizar ao esposo um sorriso impregnado de culpabilidade. Joana, franzindo a testa, meneava a cabeça com manifesta expressão de lástima.

- Que tens minha querida? Estás tão pálida?
- Sei lá... Tenho estado tão aborrecida!
- Adivinho! Caminhas para a época da maternidade! Também...

Nove meses... Como vamos ser felizes! Imagino o anjinho que me vais dar!

E tornou a abraçá-la com efusão, depois do que foram jantar um ao lado do outro. Túlia, recuperando o sangue frio, parecia mais alegre. Conversava a miúdo, mostrando desejos de assistir à noite ao espetáculo.

Representava-se naquela noite, no teatro *Lucinda*, o drama de Dumas Filho, *O demi-monde*, que todos conhecem como uma lição de moral às senhoras casadas, cujos maridos ninguém conhece, porquanto juntam-se em conluios e desfrutam a fétida existência das mulheres perdidas.

- Hás de ir em pessoa comprar um camarote, sim, Justo?
- Que capricho é este teu agora, minha querida?
- Achas que é capricho? Pois então não vás.
- Irei, irei. Mas é que desejava passar à tarde ao teu lado. Tão curtos são os momentos que passo junto a ti nestes últimos tempos!
- Ora Justo, penso que sou tua mulher por toda a vida.
- Antes fosse por toda a eternidade.

A exigência de Túlia não partia senão da necessidade da ausência do esposo por uma ou duas horas. Era preciso enviar a carta ao correio. Terminada a refeição, Justo alisou os cabelos, tomou o chapéu e saiu dizendo: - É um pulo. Prepara-te, sim?

A moça, logo que o viu pelas costas, correu ao gabinete, debruçou-se ao peitoril da janela que dava para o lado leste do jardim e chamou o guarda do mesmo, que se aproximou respeitosamente.

- V. Ex. chamou-me?
- Sim, aqui tem esta carta, vá levá-la ao correio, aqui está o dinheiro para selo e seguro. Guarde o recibo para me ser entregue quando mandá-lo chamar e exigi-lo.
- Sim senhora, murmurou o guarda, tomando a carta e uma nota de mil réis que a moça atirou sobre a grama.
- Vá já e volte, disse Túlia, retirando-se em seguida para os seus aposentos, onde principiou a sua toaleta.

Cerrou as cortinas do suntuoso compartimento, pôs-se completamente nua a fim de contemplar os encantos do seu corpo, somente a proeminência do ventre a aborrecia. Que tédio!... Sentia nas entranhas a mover-se o fruto de um casamento fatal. Não conceberia por certo um segundo.

Defronte de um grande espelho, sua vaidade ainda exaltava-se assim. Um corpo como o seu, talhado a capricho, esbelto, alvo, carnudo. Deitou-se a fio comprido num sofá. Seus cabelos soltos lambiam-lhe os quadris, arqueados, cheios de curvas.

Naquela posição estudava um meio de bem satisfazer o desejo que a dominava. Amava o deputado e havia de ser sua amante. Quem seria

capaz de desconfiar de sua conduta? Por que, pois, temer conseqüências más? Ergue-se e principiou a vestir-se. Quando Justo voltou sua esposa estava pronta. Envolvia-lhe o corpo um rico vestido de veludo azul-ferrete, obra bem acabada e do mais apurado gosto. Sobre a cabeça um belo chapéu no rigor da moda, pingentes de brilhantes nas orelhas, pulseiras de ouro cravejadas de esmeraldas, um magnífico colar de pérolas e luvas cor de oca.

A palidez do rosto, a melancolia do olhar, um sorriso, enfim, que lhe pairava a flor dos lábios de romã, tornavam-na ainda mais formosa do que era. O próprio Dr. Justo ao vê-la recuou de pasmo.

- Como estás formosa minha adorada Túlia!
- Foi para ti que me fiz assim, respondeu ela.
- Lisonjeira! O engenheiro estreitou-a nos braços e colou-lhe os lábios na pequena boca. Joana que do corredor apreciava a cena, apertou os beiços como de costume e franziu o sobrolho.

A carruagem, um belo *coupé*, puxada por uma rica parilha de cavalos baios, estava postada à porta do jardim.

Justo dirigiu-se aos aposentos, vestiu-se e voltando deu o braço à esposa, dirigindo-se ambos à carruagem, que logo rodava vertiginosamente em direção à cidade, conduzindo-os ao teatro *Lucinda*. Justo não cabia em si de orgulho. Túlia parecia mais alegre que de costume.

Joana, que os vira partir, disse com os seus botões: hum!... Hum! Vejo nuvens muito negras no horizonte! Deus queira não tenhamos breve grande tormenta por aí! Ah! Dinheiro!... Dinheiro!... Como tu és funesto! E retirou-se para o jardim.

VII

No dia seguinte o deputado recebeu pelo correio a carta de Túlia. Leu e releu aquele papel precioso, completamente estupefato. Que queria dizer toda aquela história da diaba velha? Ter-lhe ia ela mentido?

Tinha dado meio dia e não lhe passava sequer pela mente que havia uma sessão importante, porque ia ser interpelado o ministro da guerra por um deputado mineiro. O amor cegava-o a ponto de faltar ao dever.

O conteúdo da carta que tinha entre as mãos, imergia-o num imenso mar de gozos ideais. Túlia amava-o! Prometia-lhe uma entrevista! Estavam, pois realizados os seus sonhos!

Ser amante de uma mulher casada, formosa, rica, uma Vênus enfim, como Túlia, eis todo o seu desejo, todo o seu orgulho. Como custariam a passar as horas naquele dia! Ele tornou-se pálido e suarento, esquecendo-se até de almoçar.

Os olhos faiscavam-lhe às vezes, incendiavam-se como se fossem dois relâmpagos. Tremiam-lhe as pernas, contraindo-se lhe os músculos. A flor dos lábios pairava-lhe um sorriso satânico, saturado de sensualismo. Estava disposto a tudo, mesmo ao escândalo se preciso fosse, com quanto que angariasse a posse daquela mulher admiravelmente bela.

Cerrá-la contra o peito, devorá-la com uma cascata de beijos, gozá-la, enfim, sabendo que era um ladrão da honra alheia, um infame sedutor, era para ele um triunfo sem par. Deitou-se a fio comprido no sofá, sem, contudo abandonar a carta, que repetidas vezes cobria de beijos torpemente ferozes.

Alguém veio interromper aqueles doces momentos, fazendo soar a junta dos dedos sobre a porta. O deputado ficou contrariadíssimo e, não teria ido abri-la se não ouvisse o criado dizer distintamente:

- S. Ex. está em casa. O recém chegado era Oscar, o capitão de engenheiros.

- Entre, doutor, disse o deputado, oferecendo-lhe acento no sofá.

- Peço perdão, se venho interromper a V. Exa.

- De modo algum, podemos estar a gosto. Não fui hoje à sessão por achar-me um pouco incomodado, porém, felizmente, acho-me melhor.

- O que bastante me alegra.

- Obrigado doutor.

- Vim, pois, pedir-lhe um favor, aliás, de suma importância para mim. E como reconheço em V. Exa. a generosidade em pessoa...

- Ora, doutor, bem sabe em que conta o tenho. Estou às suas ordens.

- Indo hoje à secretaria da agricultura, a fim de tratar de um negócio com o meu respeitável amigo Justo de Abreu, que é atualmente chefe de uma comissão... O deputado estremeceu ao ouvir pronunciar o nome do marido da futura amante, porém simulou o suficiente sangue frio, dizendo:

- Sei, sei, conheço muito o Dr. Justo. Mas então o que há?

- Coisa muito simples. Justo, em conversa particular comigo, demonstrou grande empenho em abandonar essa comissão, a fim de obter outra, na estrada de ferro Pedro II, porquanto é menos penosa e mesmo oferece-lhe mais descanso. Porém, como sei o quanto é escrupuloso e independente, pelo que é inimigo de pedir, venho espontaneamente dirigir-me a V. Exa. e...

- Pode ficar certo que será servido. Dou-me intimamente com o ministro e tenho plena certeza que há de atender-me.

- Não é que Justo necessite de um emprego para viver, pois é bastante rico como sabe, e pode desfrutar a existência com a renda dos seus avultados capitais, todavia é um homem trabalhador e isento de preconceitos.

- Diz bem. O Dr. Justo é o que se pode chamar um homem de raras qualidades. Quero que nos apresente. Desejo estreitar relações com ele, depois, porém, de haver desempenhado a minha palavra.

- Obrigado, disse Oscar, visivelmente alegre. Hei de apresentá-lo a V. Ex^a.

O deputado viu brilhar no céu das suas esperanças miríades de astros fulgurantes. Tudo corria à mercê dos seus desejos. O que se tornava essencialmente preciso era muita discrição e ainda mais hipocrisia. Tudo, porém ficava a cargo dele e dela. Oscar, satisfeitíssimo por ter julgado amenizar os serviços de seu querido amigo, retirou-se.

O deputado compreendeu logo a necessidade de ir naquele mesmo dia falar ao ministro sobre a comissão da estrada de ferro. Com efeito, eram seis horas da tarde quando se metendo em um trem, dirigiu-se para a Tijuca, onde morava o membro do gabinete. Quando voltou eram oito horas da noite. Trazia impressa no rosto a mais exuberante satisfação.

.....

O deputado, penetrando no gabinete, dirigiu-se à secretária, abriu uma gaveta e dela tirou um papel dobrado. Abriu-o. Era a carta de Túlia. Ele consultou o relógio. Daí a duas horas tinha de achar-se no jardim do Largo do Machado. Como iam decorrer mansamente essas duas horas! O céu estava sereno e estrelado: parecia uma cúpula imensa salpicada de brilhantes, sob um fundo preto.

Em casa do engenheiro dava-se uma cena singularmente íntima. Túlia, que houvera passado o dia como de costume, encerrada na luxuosa antecâmara, contando as horas e os minutos naquela doce melancolia das almas apaixonadas, com a idéia voltada num só ponto - a entrevista. Quando o marido chegou lançou-se-lhe nos braços, cheia de uma ternura sem fim. Nunca o carinhoso esposo fora alvo de tanta dedicação.

Ela abraçava-o, cerrava-o contra o peito, beijava-o, e ele extasiava-se nesse inebriamento feliz! Idolatrava a esposa, prodigalizando-lhe as meiguices de um coração sinceramente devotado ao verdadeiro amor.

Túlia era a metade de sua vida, na mágica ilusão de uma felicidade sem limites e na generosidade de suas crenças, não visava outra religião que a do lar, outra existência que a que fruía nos braços de sua mulher. Ela atraía-o, porém. No meio de toda aquela opulência, rica, formosa e moça, mendigava aquilo que a pobre mulher do operário prodigaliza às mãos cheias a seu esposo - a verdadeira felicidade.

A idéia de que era preciso iludir o marido para não trair as emoções que a dominavam, já era um grande flagelo para si. Suportar o peso de uma máscara torpe como a da hipocrisia consistia em ver expulsas as alegrias da alma.

O adultério, como o imã, atraía-lhe os sentidos, arrastava-a e estava prestes a subjugá-la a seu império. Daí até a consumação da desonra era apenas um passo. Justo, na sublime cegueira de seu amor, oferecia inconscientemente a sua honra em holocausto.

- Estás tão alegre hoje minha Túlia!

- Queres que esteja triste? Não me desejas ver satisfeita?

- E por que não minha querida? E afagou-lhe a face com as mãos.

- Sabes? Vou hoje fazer uma visita a meu pai. Ele mandou me chamar. Disse-me que fosse só. Tinha que me revelar uma história. Que será? Justo fixou-a com bondade.

- Sei lá, Túlia? Algum fato de tua família. Talvez que somente hoje se resolvesse a revelar-te.

- Já pensei nisso... Mas é estranho que só hoje se tivesse lembrado de semelhante coisa.

- Quem sabe? Talvez tenha medo de morrer sem te fazer depositária de algum segredo importante. Deves ir, Túlia.

- Tem me dado o que pensar, é verdade!

Túlia tomou a posição de quem medita. O Dr. Justo aproveitou o ensejo para saciar a vista no busto cleopátrico da esposa. Parecia uma estátua burilada por Fídias. Naquela posição, com os olhos semicerrados, cabelos soltos e crespos, pálida, como a virgem dos jardins de Capuleto, suavemente abatida e melancólica, inebriaria o mais insensível dos homens.

Vinha bem a propósito parodiar o papa Xisto V com relação à Isabel Tudor, rainha da Inglaterra: *“É pena! Se não fosse uma adúltera valeria um mundo!”* Túlia depois de alguns instantes, perguntou:

- Que horas são, Justo?

- Quase nove.

- Vou vestir-me.
- E eu terminar um pequeno desenho, enquanto vais à casa de teu pai.

Túlia chamou um criado para que mandasse o cocheiro atrelar a carruagem. Justo retirou-se para o gabinete de trabalho. A moça dirigiu-se à alcova, trancou-se, vestiu-se, perfumou-se, auxiliada por Joana, que na mudez dos lábios perguntava a si mesma o que significava tudo aquilo!

Nunca vira a ama tão satisfeita da vida! Aí havia coisa! A luz brilhante do gás aclarava o luxuoso compartimento, dando-lhe um aspecto deslumbrante. As cortinas do leito, hermeticamente cerradas, de uma brancura diáfana, deixavam transparecer a colcha de damasco azul. Sobre um consolo estavam às luvas cor de pérola, o rico leque e as esplêndidas jóias.

- Achas que estou bonita para ir ver meu pai? Perguntou ela a criada.
- E quando foi que a minha formosa ama deixou de o ser?
- Também tu és lisonjeira?
- Eu? Só digo o que sinto.
- Bem, vai ao gabinete de teu amo e diz-lhe que chegue até cá.

A criada saiu. Túlia ficando só, levou a mão aos seios, abaixou os olhos e sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Uns ligeiros arrepios percorreram-lhe os membros. Que ia fazer? Estava louca! Cavava a sua ruína. Uma voz íntima vibrou-lhe aos ouvidos esta palavra áspera e dura: PROSTITUTA!

Era a voz da consciência. Gelou-se-lhe o sangue nas veias e foi preciso deixar pender a cabeça para traz, a fim de não sufocar. Quando Justo entrou no quarto ela apertou os lábios e teve horror do marido, como se a ré visse chegar o algoz. O engenheiro correu a seus braços, imerso em verdadeira satisfação.

- Como estás bonita, minha querida! Como teu pai vai ficar deslumbrado diante de tanta formosura! Túlia não respondeu. Para não

trair-se principiou a esfregar os olhos dizendo que a luz fazia-lhe mal e foi tomar as luvas.

Joana sabia que Justo não acompanharia Túlia e isto a incomodava imenso. Se fosse possível ir-lhe nas pegadas por certo que o fazia. Mas ela ia de carruagem... Ah! Teve uma idéia luminosa: o cocheiro poderia informá-la de tudo no dia seguinte.

Túlia, chegando à sala da refeição, relanceou os olhos para o relógio: eram quase dez horas... Faltavam dez minutos.

O marido foi acompanhá-la até ao trem, que logo depois principiou a rodar para as Laranjeiras. A meio caminho, a moça dirigindo-se ao cocheiro ordenou-lhe que parasse o veículo no portão do jardim do Largo do Machado, do lado que fica em frente à Escola Pública da Glória.

Logo depois o trem parava no lugar designado. Túlia desceu e penetrou no jardim, dizendo ao cocheiro que a esperasse. Uma vez ali, apressou o passo e dirigiu-se ao portão indicado por ela ao deputado para ponto de encontro. Soavam justamente dez horas no relógio da matriz.

Um vulto encaminhou-se para ela, que indecisa reteve-se ao lado de um banco. Era o deputado. Túlia sentiu bater-lhe o coração apressadamente e, no momento de encarar frente a frente com o Dr. Ângelo que lhe estendia a mão, ela avançou um passo e cumprimentaram-se.

- V. Ex. é pontual... Acabam de soar dez horas. Túlia caiu sentada sobre o banco, dizendo:

- Sente-se. Só temos quinze minutos para conversar. O deputado sentou-se ao lado da formosa mulher.

O jardim estava deserto. O lugar em que se achavam, perto de um pequeno bosque, onde a luz do gás era menos intensa, oferecia-se cômodo e sedutor para a entrevista. Túlia conservando os olhos baixos, na posição humilde e natural duma primeira entrevista, emudeceu por alguns instantes.

O deputado devorava-a com a vista. Escondeu as mãos da moça entre as suas, levando-as depois aos lábios tímidos de gozos infinitos: - a senhora emudece? Túlia fixou-o então, com os seus olhos negros, rasgados, grandes e flamejantes.

- Sabe o que é amar, doutor?

- Ah! Se sei! Não fosse eu vítima do seu terrível império!

- Ainda bem que o afirma! Outrora, em tempos que já lá vão, nos vimos e amamo-nos. Nós não tínhamos posição e os preconceitos separaram-nos.

- Assim foi, formosa Túlia! A fatalidade presidiu nossos destinos.

- Hoje...

- Hoje? Acabe... Acabe que esta incerteza me mata. Túlia suspirou.

- Hoje sou casada: pertenço a outro homem!

- Mas, talvez esse homem não possua como eu o seu amor. O seu procedimento, os seus olhos divinos, isto me afirmam. Túlia encarou-o com a eloquência das Impérias sensuais e apertando-lhe as mãos entre as suas, exclamou:

- Se te amo! Se te amo!

O deputado enlaçou-a pela cintura e ia beijá-la, ela reclinou-lhe a fronte sobre o ombro.

- Túlia! Vivamos para o amor. A moça ergue-se então, pálida como as pétalas do jasmim.

- Sinto o abismo sob os meus pés! Adeus doutor. E estendeu-lhe a mão.

- Partir? Exclamou o deputado alucinadamente.

- Sim, amanhã dirigir-lhe-ei uma carta.

- E o seu amor?

- Há de ser sempre o mesmo, juro-lhe. Tenho, entretanto um pedido a fazer-lhe.

- A mim? Oh! Fala mulher idolatrada.

- Conhece a conduta de Jacinta? Sabe que espécie de mulher é aquela? Pois bem, é preciso que ela ignore tudo o que possa existir entre nós, desde hoje até... O deputado terminou a frase:

- Até a morte de um de nós.

- Sim, Jacinta tem cara para tudo. Agora, adeus!

E olhando para todos os lados, como se temesse o olhar de algum indiscreto pendeu o corpo sobre o Dr. Ângelo e beijou-lhe a boca com delirante transporte.

- Como te amo! Murmurou ela, com esse tom de voz próprio das almas voluptuosas. O mórbido sensualismo daquela natureza histérica estuprava-lhe os sentidos.

O deputado, na irritação nervosa que o assaltava, cingindo-a pela cintura queria devorá-la com seus beijos de amor. O assobio de um garoto que por ali passava acidentalmente, em companhia de outros, fê-los então se separarem. A esposa do Dr. Justo de Abreu só teve tempo de exclamar:

- Vem gente! Adeus! E desapareceu aos olhos do deputado, que disse:

- Venci! É minha!

Os garotos que por ele passavam dirigiram-lhe pilhérias menos leves, ignorando que o faziam a um *representante do país*.

Às dez horas e meia, o elegante coupé do Dr. Justo parava no portão de ferro do belo edificio do bairro de Botafogo. O cocheiro levava a perguntar a si mesmo, durante o pequeno trajeto, que diabo teria vindo fazer aquela mulher no jardim do Largo do Machado, onde apenas se demorou um quarto de hora. Na sua concepção de cocheiro, emparelhavam-se na mente umas tantas idéias extravagantes a respeito daquele passeio noturno e mesmo muito original, pelas horas em que era efetuado. Que pensar? Quem sabe lá?

Segundo a teoria das probabilidades ele, piscando os olhos com a manha de todos os cocheiros particulares, achou que aquilo se não era um *namorico* era coisa muito semelhante. Assim fez-se mudo, grudando

os lábios para toda a revelação que lhe pudesse custar à perda do emprego.

Túlia, uma vez reclinada nas almofadas da carruagem, com o coração a lhe querer saltar fora do peito, verdadeiramente sepulto no medo que lhe imprimiu aquele primeiro encontro, receando que alguém houvesse espionado e seguido seus passos, vítima de uma acusação formal que se levantava no tribunal de sua consciência, mergulhou-se num torvelinho de mágoas acerbas.

Era preciso formular uma mentira para ao chegar a casa satisfazer a curiosidade do marido, a quem traía infamemente. Que lhe havia de dizer? Longamente imergiu o espírito em reflexões profundas para conseguir uma história fácil de convencer o marido.

O seu nervosismo moral e físico, porém, entorpecia-lhe o cérebro a ponto de não lhe acudir uma idéia qualquer, por mais extravagante que fosse.

A carruagem, no entanto, rodava vertiginosamente pelas ruas da cidade. Túlia sentia faltar-lhe o ar e quase se sufocava. Arquejava-lhe o peito em convulsão veemente. Que situação a sua!

Tinha quase certeza que a fisionomia condená-la-ia ao marido. Justo poderia pela primeira vez desconfiar da sua conduta e era preciso que nem por sonhos pensasse em tal coisa! Era horrível! De repente teve um pensamento e levando a mão ao seio, deixou escapar dos lábios esta frase:

- Achei! Estou salva! E tornou-se menos agitada. Faiscaram-lhe os olhos e o rosto iluminou-se, por um assomo de prazer indizível. O trem acabava de parar. Justo, que estivera todo o tempo à janela do gabinete, correu ao encontro da esposa.

- Já de volta minha querida?
- Achas que fui depressa?
- Pois então? Não te demorou uma hora!
- Que tinha eu que fazer na rua?
- Como está teu pai?
- Não o achei.

- Então te logrou?
- Não: é que fui tarde. Devia ter ido mais cedo. Até as oito horas

esteve em casa.

- Irás amanhã.
- Não, não irei, ele virá.
- É mesmo?

Justo satisfez as saudades com alguns ternos abraços e doces beijos. Túlia queixou-se de dor-de-cabeça. Estava com sono e correu aos aposentos, onde se despiu. Justo ajudou-a.

- Quem sabe se o ar frio da noite fez-te mal?

- Talvez. Túlia cerrou as pálpebras e um longo suspiro morreu-lhe então à flor dos lábios.

- Tenho febre! Não me sinto boa.

Justo tomou-lhe o pulso e receou-se que sua mulher passasse mal à noite.

- Vou mandar chamar um médico.
- Não te incomodes, não quero.
- Por quê?
- Não é preciso, isto passa.
- Em todo o caso eu achava prudente...
- Pois se te estou dizendo que não é preciso!
- Está bom, não te enfades.

Túlia ergueu o braço nu, esplendidamente torneado e passou a mão pequenina pelo pescoço do esposo. – Sabes Justo? Sinto que se aproxima o dia de te dar um filho. O engenheiro ficou louco de alegria.

- Oh! Como havemos de ser felizes! Se for mulher há de chamar-se Virginia, se for homem chamar-se a Paulo. Que dizes?

- Pensas bem, Paulo e Virgínia amaram-se muito.

- Como nós nos amamos, não é minha querida? Túlia não respondeu. Um sorriso nervoso assomou-lhe à flor dos lábios e abriu os olhos para observar aquele que assim falava.

- Por que me olhas assim?

- Por que tu tens uma alma tão cândida e pura como outra não pode haver. Porque és um homem sublime, Justo.

- E tu minha querida. Tu que me amas tanto!... E tu?...

- Eu? Sou tua mulher.

- És mais que isto, tu constitues a metade do meu ser.

Túlia tornou a cerrar as pálpebras e retirou a mão do pescoço. O engenheiro imergiu-se na doce contemplação daquela estátua de carne.

Depois, crendo na febre de sua esposa, julgou prudente deixá-la dormir tranqüila e retirou-se para o gabinete a fim de terminar um pequeno trabalho que encetara.

- Deixá-la-ei descansar, coitadinha!

Túlia abriu os olhos em seguida e sentou-se no leito, com os cabelos soltos, rolando-lhe em ondas sobre os ombros nus.

- Como ele se ilude, murmurou ela, reclinando a fronte sobre o travesseiro. Eu sou uma miserável! Tenho horror de mim mesma! Como prevejo um abismo sob os meus pés! Como sou arrastada para ele! Eu sou uma miserável!

Seu rosto contraiu-se, o remorso acabrunhava-a. O peito arquejava-lhe com veemência. Fez-se um silêncio profundo. Roçavam-lhe na mente as asas da paixão criminosa que, como incêndio, principiava a avolumar as chamas impetuosamente. Extingui-las era tentar o impossível!

Mas ainda assim, dava-se no intimo de Túlia uma luta horrível, entre o medo e a idéia do adultério.

Joana, que na sua indiscrição sublime pode observar por uma fresta da porta o desalinho mental de Túlia, correu ao encontro do cocheiro que se preparava para dormir.

- José! Ó José!

- Quem está aí? Perguntava de dentro José, com mau humor.

- Sou eu, Joana!

- Já vou lá. É só vestir as calças, estou nu. Espere um pouco.

- Que grande malcriado! Murmurou a velha consigo. A porta foi aberta e no limiar da mesma apareceu José.

- Boa noite, senhora Joana. É alguma ordem que têm a dar-me?
- Não, deixe me entrar um pouco. Quero fazer-lhe uma pergunta.
- Ora, essa é boa, entre, queira estar a gosto. Então: temos alguma novidade?
- Não, mas falemos baixo.
- Então é mistério? O cocheiro começou a coçar a cabeça, um tanto admirado.
- Diga-me onde levou minha ama esta noite? O cocheiro arregalou os olhos.
- Onde foi que a levei? Ora esta! Mas por que pergunta, senhora Joana?
- Não devemos entrar em explicações. Por agora se trata de, sim, de uma grande descoberta.
- Olé! Já sei, já sei, trata-se de... A senhora bem me entende.
- De que, José? Vociferou Joana com severidade. Queira dizer-me onde levou a esposa de meu *filho de criação*.
- Pois seja! Exclamou o cocheiro. A coisa é simples, levei nossa ama ao Jardim do Largo do Machado. O coupé parou no portão e ela descendo penetrou no jardim, onde se demorou uns vinte minutos.
- E depois?
- Depois voltou, embarcou e ordenou-me que viesse para casa. Joana estremeceu. A ama tinha se prestado a uma entrevista amorosa. Que perda! José, que viu a velha meditativa, riu-se com malícia.
- Por que se está rindo?
- Eu sei lá! Estas coisas, enfim a senhora bem me entende. Com amos não se brinca, hoje em dia.
- Que está dizendo José? Você está levantando uma calúnia! Uma calúnia, ouviu?
- Uma calúnia?
- Sim, uma calúnia! É preciso não fazer maus juízos de nossa ama. Sabe você, por ventura, o que ela foi fazer no jardim do Largo do Machado?

- Eu não estou dizendo que sei, pareceu-me apenas...

- Pois fique sabendo que nossa ama é uma grande alma. Agora tenho certeza que ela continua a proteger uma irmã natural, que é muito pobre. Foi por isto que eu vim informar-me de você.

- Que me está dizendo, senhora Joana? Pois é possível que nossa ama seja uma alma tão caridosa? Oh! Meu Deus! E eu a pôr em dúvida a honestidade da santa senhora! Joana levantou-se e despediu-se do cocheiro.

- Até amanhã, senhora Joana. A velha retirou-se muito satisfeita, por ter sabido o que ignorava sem haver nem de leve comprometido a honra de Túlia.

O cocheiro, fechando a porta, exclamou todo surpreso: - Ora vejam só como se fazem juízos temerários!

Joana tornou a encostar-se na porta do aposento de Túlia e observou que a moça não havia mudado de posição! Tal como a deixara, tal a encontrara. E era essa a mulher que em breve ia dar um filho a Justo, aquele grande coração afeito ao verdadeiro amor.

A velha criada sentiu-se fulminada pela cólera, a ponto de sentir o sangue acudir-lhe ao cérebro, fugiu, porém aquele espetáculo indigno, para não trair as mágoas que lhe exacerbavam a alma.

Túlia, com os membros fatigados, ébria de gozos, mergulhou o corpo nos níveos lençóis e repousou a fronte.

- Como eu o amo! Oh! Meu Deus!

VIII

Encerrada no gabinete particular, logo que Justo partiu para tratar dos seus negócios, completamente só, escreveu a seguinte carta ao deputado: "Meu amigo. O que lhe prometi ontem o cumpro hoje. Desejo imenso que compreenda a nossa situação no mundo moral, por isso, cedendo-lhe o meu amor, não quero nem por sonhos, que um dia a minha conduta e a minha desonra, vão ecoar aos ouvidos do meu marido! Tenha a certeza que o amo: ontem dei-lhe a primeira prova,

arrastada pela violência de uma cega e profunda paixão, que entorpece os sentidos e que faz-me sucumbir sob o peso do mais terrível desatino. Que quer, Ângelo? Quando se ama desconhece-se impossíveis e segue-se a risca os ditames dos nossos sentimentos. Eu quero que compreenda o império do meu amor, quando vir que olvido o dever para rolar nas faces do adultério. Amanhã deixo a Corte, pretendo ausentarme dela por três meses. Não lhe mando dizer para onde vou porque sei evitar um encontro que poderia ocasionar conseqüências menos favoráveis ao nosso amor. Compreende-me? Não lhe digo também a razão do meu procedimento, um dia sabê-la-á. Logo que volte escrever-lhe-ei anunciando a minha chegada. Adeus!”

Subscrita a carta, correu a janela e chamou o jardineiro, que se aproximou respeitosamente. – Preciso que vá a cidade já, compreende? – Estou às ordens de V. Ex. A moça, tomando a carta e enrolando-a numa cédula, atirou-a sobre a grama. - Vá, ande depressa, e não se esqueça de registrá-la e trazer-me o recibo. O jardineiro, pondo a missiva no bolso, afastou-se para cumprir a ordem.

O dia estava sereno. As árvores copadas, frondosas, simulavam dormir, tal era a quietude da sua folhagem. Não corria a menor aragem e fazia um mormaço febril, os passarinhos chilreavam alegres e, algumas nuvens pardacentas toldavam a serenidade do céu.

Túlia debruçou-se no peitoril da janela e imergiu a vista nos cerros, cujo panorama extasiou-a. Depois, passando os róseos dedos pelas lindas madeixas, foi sentar-se ao piano e tocou o trecho do quarto ato da *Martha*, quando ela diz:

I segui d’or – della ricchezza,
Posso obliare – posso spezzar;
Solo l’amor, - la terenezza,
Vó rammentare, - voglio serbar.

O harmônico instrumento parecia ceder ao impulso dos seus dedos, despreendendo uma sução esplêndida de vozes saturadas de célica harmonia. Nunca Túlia compreendera tão bem a partitura de Flotow.

Quando Justo entrou em casa a esposa correu-lhe ao encontro e abraçando-o com meiguice, exclamou: - estava ansiosa pela tua vinda!

- Sim, minha pombinha! Então o que há?

- Vamos, Justo, tira primeiro o chapéu, sentemo-nos ali, tenho muito a dizer-te. Tu sabes que estou aqui e estou mãe.

- Como tu dizes isto, minha querida. Olha que aumentas o meu orgulho de futuro pai!

- Pois bem: preciso mudar de ares.

- Mudaremos, e quem será capaz de contrariar-te? Pelo menos eu sou incapaz disso. O que queres tu que eu não queira também?

- Estou com vontade de passar três meses na Tijuca, concordas?

- Por certo que sim, há lá um hotel muito bom e, além disso, os ares ali são puríssimos.

- Então amanhã partimos? Quero dar a luz ao nosso filho naquele pitoresco arrabalde.

- Porém, logo que a criança nascer voltaremos.

- Sem dúvida.

- Agora passo a contar-te uma novidade.

- Sim?

- É verdade! O ministro demitiu-me da chefatura da comissão em que estava e nomeou-me para outra, na Estrada de Ferro Pedro II. Estou mais satisfeito e agradeço esse serviço ao meu amigo Oscar.

- Pois foi ele?

- Então?... Sabendo que eu andava desgostoso, foi ter com um deputado, amigo do ministro, e obteve-me a troca. Hoje fui apresentado pelo Oscar ao deputado, que me deu o seu cartão. - E metendo a mão na algibeira tirou a carteira e de dentro dela um cartão, que entregou a Túlia.

.....

- É um belo moço. Tratou-me excessivamente bem.

.....

Joana acabava de penetrar na sala e, como de costume, saudou o seu *filho de criação*, que lhe disse:

- Mãe Joana, mande arrumar a minha roupa e a da senhora, amanhã partiremos para fora. Você vai conosco, a partida será de madrugada.

-Tudo ficará pronto esta noite. A velha criada afastou-se para cumprir a ordem recebida, sem, contudo deixar de perguntar a si mesma o motivo da inesperada viagem.

- Nada! Aqui anda gato encerrado! Quem sabe se ele, como eu, não estuda a conduta da mulher?

Túlia procurou serenar o espírito, encaminhando a conversa para outro assunto. Ela como criminosa que era, procurava o mais possível não encontrar os olhos com os do marido, que poderia levantar uma ponta da cortina negra da verdade.

Os olhos, na sua eloqüente e natural mudez, traem tão facilmente as emoções, que os bandidos, para fugirem às unhas da polícia, tapam-nos com óculos de vidros escuros, porque de todos se arreceiam e de tudo desconfiam.

No seu íntimo, Túlia muitas vezes julgava que alguém sabia de tudo e, isto para ela tornava-se um martírio indescritível. A própria Joana causava-lhe medo, posto que a criada tudo simulasse com muita arte.

Além disso, sentia uma áspide que a mordida sem dó: - a consciência, esse grande tribunal de justiça que funciona no nosso Eu. Justo jamais lhe passou pela mente que acariciava uma víbora de aguçado dente. Trilhava um caminho de lúcidas ilusões, com a boa fé dos homens de bem... Túlia, como o leitor vê, era a mais perfeita imagem da hipocrisia e do disfarce.

Encontram-se comumente na sociedade casais nas mesmas condições, pelo que o nosso romance não deixa de ser um retrato fotográfico tirado do próprio original.

O Dr. Ângelo, nesse mesmo dia, recebeu a carta de Túlia. Eram seis horas da tarde quando o empregado do correio foi levá-la ao hotel Royal.

Estava na sobremesa de um opíparo jantar. Mal relanceou os olhos no subscrito sentiu bater-lhe o coração de alegria e, murmurou consigo: - é dela!

Leu a carta com sofreguidão, não deixando de estranhar o procedimento de Túlia. Retirar-se em semelhante ocasião! E por quê? Seria um capricho? Quem sabe? Iria em companhia do marido? Não era provável, porquanto na presente época seus serviços eram indispensáveis ao governo.

Voltou, pois a ler a apaixonada missiva e, erguendo-se em seguida, foi encerrar-se no gabinete. Era já noite fechada, preparou-se para sair. Estava satisfeitíssimo da vida, era um homem verdadeiramente feliz: tudo lhe saía à mercê dos seus desejos. Tendo lhe sido apresentado o Dr. Justo, achou que aquele marido tinha cara de condescendente e tolo. Ouro sobre azul.

Breve seria apresentado à mulher e, então... O resto correria por sua conta. Cumpria-lhe um dever, se não de homem de bem ao menos de discreto: emudecer com respeito à semelhante conquista.

Um representante do país, que sonhava continuamente com a posse de uma pasta ministerial... Não podia ostentar de *Faublas* ou *Louvelace*. Em todo o caso era preciso obstar que aparecesse algum *Corsário* que o alcunhasse de *safado*, *canalha* e *sedutor*. Era um representante que sabia guardar as conveniências...

Convenientemente vestido, saiu do hotel Royal e entrou pela Rua do Ouvidor com certo andar grave, emproado, e a olhar para os transeuntes com quixotesca soberania e pouco caso.

Entretanto, ao desembocar no Largo S. Francisco, uma mulher, que pelo traje demonstrava ser pública - vendo-o, acenou-lhe e o fez parar e conversaram pelo espaço de cinco minutos.

Era uma alcazarina, a *Rose Cassard*, que então estava no galarim da fama, por ser uma completa beleza e sobre tudo por possuir umas carnes e umas formas de *Nana*. O deputado, apertando-lhe a mão, prometeu procurá-la a noite, perguntando se podia aceitá-lo, ao que ela respondeu:

- Oui! jê vous attendrai! Je demeure à present à l'hôtel des Princes, chambre n.4, au deuxième étage.

IX

Seria quando muito oito horas da manhã do dia imediato. O engenheiro, sua mulher e Joana, já se achavam perfeitamente acomodados no Grande Hotel Tijuca, no bairro do mesmo nome.

Era um magnífico edificio, construído segundo os modernos preceitos da arte e de acordo com as exigências da higiene: sobremaneira espaçoso e bem situado. Os compartimentos patenteavam luxo e gosto. Tinha o edificio salas para recreio, biblioteca, casa de banhos, deslumbrante terraço e, além disto, um magnífico jardim, artisticamente cultivado. As janelas do aposento de Túlia davam para essa agradável dependência do hotel.

Joana, sem atinar com o motivo pelo qual tinham vindo para ali, coçava a cabeça repetida vezes e, na mudez de seus lábios, ruminava em coisas do arco da velha.

O Dr. Justo, logo que se instalou no hotel, observando que Túlia em breve seria mãe, julgou prudente chamar uma parteira. A moça concordou com esta deliberação. O engenheiro andava cheio de si, brilhava-lhe nos olhos, eloqüentemente, o fogo do amor paterno e boiava-lhe sobre os lábios um sorriso de natural alegria.

Túlia, quando se via só, imersa naquele doce abatimento das almas sensuais, deixava escapara dos lábios uma aluvião de suspiros ternos e apaixonados. Seu espírito imergia-se então no seio encrespado de um infinito mar de desejos brutais.

A imagem do deputado não lhe saia da memória. Por mais que tentasse olvidá-lo um instante, era impossível. Aquele homem a dominava poderosamente: imperava-lhe, mesmo, nos sentidos. Muitas vezes, em intima conversação com sua consciência, media a profundidade do ato que havia de enguli-la muito breve, então se possuía de um estranho horror. Que senda era essa que trilhava? Que

conduta era a sua para com seu marido. E a sociedade? *A vox-populi*? E o dever?

Se Justo soubesse, ou apenas desconfiasse apenas do seu procedimento, o que lhe estaria reservado? Seria capaz de assassiná-la num momento de cólera, ou pelo menos expulsá-la de casa... Que suplicio! E a pensar assim a moça reclinava a cabeça sobre o peito, escondendo a face entre as mãos.

O deputado, ignorando a razão da repentina ausência de Túlia, procurou sabê-la por intermédio de Oscar. Casualmente, uma noite encontrou-se com ele na Rua do Ouvidor. Oscar prontamente satisfez a curiosidade do Dr. Ângelo, que ficou sabendo também a próxima maternidade de Túlia.

Os dias se passaram. Uma noite, a toda pressa, foi Joana acordar a parteira, que dormia num quarto próximo e, pela madrugada, Túlia dava à luz uma esbelta criança.

Era fêmea.

Justo jamais em sua vida considerou-se tão feliz. Joana achou que a recém-nascida parecia-se muito com a defunta mãe do engenheiro. Era, dizia ela, o retrato *vivo e pintado* da virtuosa velhinha: pois quem não tinha olhos para ver a verdade? Que galantinha que era a pequerrucha! Parecia uma bolinha, de tão gorda que era!

Túlia viu-se finalmente livre de tal embaraço. Agora não havia de conceber mais... Não estava resolvida a ficar velha antes do tempo. Logo que se levantasse trataria imediatamente de voltar para Botafogo.

Assim foi. Passando quinze dias, em uma manhã, Túlia disse ao marido: - quero voltar amanhã para a nossa casa. O engenheiro, que tinha a filhinha nos braços, sorrindo respondeu: - Iremos sim, amanhã bem cedo, também eu estou com saudades da nossa casa.

Túlia trajava um lindo roupão de musselina. Seus belos cabelos soltos rolavam-lhe em ondas sobre os ombros. Um leve toque de palidez sombreava-lhe as feições.

Joana pôs-se a fazer festa à recém-nascida e em seguida afastou-se dali. Pouco depois, Justo observando que a menina havia

adormecido, foi, com todo o cuidado, deitá-la no seu lindo berço. Após veio colocar-se ao lado da esposa. – Estás tão triste, minha querida!... Túlia ladeou os olhos com dificuldade e murmurou:

- Tenho dores de cabeça!... Precisamos voltar para nossa casa, estou já aborrecida deste sitio.

- Pois sim, amanhã cedo partiremos: o que eu não quero é ver-te assim *macambúzia*. Escuta – agora temos uma filhinha, minto, temos um anjinho. Precisamos batizá-la daqui a um mês. Que nome lhe havemos de dar?

- Sei lá, Justo, escolhe tu.

- Pois já que me dás esse direito, vou eu mesmo dar-lhe o nome.

Há de chamar-se... Túlia olhou para o marido e sorriu-se.

- Há de chamar-se... Margarida.

- Margarida? Que lembrança! Exclamou Túlia.

- Achas feio?

- De certo, é horrendo!

- Nesse caso escolheremos outro.

- Virgínia!

- Bravo! Concordo chamar-se à Virgínia. E o outro que vier se for macho, há de chamar-se Paulo.

Túlia franziu os lábios, como se dissesse: - espera por isso... Não faltava mais nada...

.....

Infelizmente as Túlias superabundam na sociedade moderna. A mulher do engenheiro julgava que o adultério era um fato muito natural. Uma entrevista amorosa, um passo errado na vida em desproveito da moral, um assalto à honra própria e alheia, tudo isto se fazia sem grande responsabilidade desde que houvesse discrição... O ponto era ter coragem... A ocasião não podia ser mais própria para ceder aos impulsos do seu coração.

Vejamos como pensava o Dr. Ângelo de Queiroz. Ele não era lá um Romeu, a mulher do engenheiro era esplendidamente bela e apetitosa, pelos olhos demonstrava ser uma organização de fogo, um

incêndio perpétuo. Além disto, era superior em beleza a certa italiana, prima-dona de grande conceito, a quem fizera a corte na última estação lírica, sem ter podido conseguir da filha do Adriático um único sorriso.

Desta vez, porém, o mimoso sabiã das Laranjeiras tinha posto o pé no laço que lhe havia armado e, portanto, estava seguro. Mais dia menos dia, seria o herói de uma batalha, o combate seria decisivo e pronto. Quando se aborrecesse... Faria o que todos fazem: objeto usado vai para o lado.

A velha criada, porém, pensava muito diferente. Às vezes levava a mão ao queixo e punha-se a pensar horas inteiras: que significava tudo isto que seus olhos viam? Que queria dizer, uma mulher casada, rica, possuidora de um marido exemplar, trair com tanto cinismo e desfaçatez a fé conjugal?

Quem seria esse homem a quem ela se dirigia por meio de suspiros e em quem pensava? Era preciso descerrar um pouco a cortina que ocultava a verdade. Quando voltassem para casa havia de tornar-se a sua sombra.

Justo, na manhã do dia imediato, seguiu para a cidade, em companhia da esposa, da filha e da criada.

Chegados a casa, com verdadeiro contentamento, Túlia tomou um belo roupão de casimira cor de pérola, desmanchou o penteado, atirou para traz os lindos cabelos, segurando-os com uma riquíssima travessa, deixando rolar sobre a fronte nobre uns belos crespos, que lhe ficavam a matar.

Tornou-se um desses tipos de romance da velha escola: uma Margarida Gauthier, por exemplo. A moça tinha grande predileção pelo delírio asfixiante das almas corrompidas.

Justo não sabia conter tanta alegria, ante a imagem da esposa idolatrada e da linda filhinha, que estreitava docemente nos braços.

Túlia imitava-o nas carícias à filhinha, levada, entretanto, mais por condescendência do que pelo amor de mãe. Uma tarde em que Justo estava ausente Túlia dirigiu uma carta ao deputado. Para isso encerrou-se no gabinete reservado.

Joana, a quem os movimentos da ama não passavam despercebidos, espionava a cena. Túlia, abrindo uma caixinha de veludo azul, tirou de dentro uma folha de papel e começou a escrever:

“Ângelo

Estou de volta. Amanhã, logo que ele vá para a repartição, hei de sair. Esteja, portanto, às 11 horas do dia no terraço do *Passeio Publico*. Adeus. – 12 de março de 1879. – X.”

Dobrou a carta, deixando escapar um volumoso suspiro e, colocou-a no invólucro subscrito. Em seguida correu a janela do jardim e chamou pelo guarda. – Tome leve esta carta ao correio, segure-a, e me traga o recibo, como tem feito sempre.

Joana, ouvindo aquela recomendação, retirou-se e correu ao portão do jardim. Quando o guarda passava chamou-o e perguntou-lhe aonde ia.

- Vou a mandado da senhora.
- Ah! Já sei, vai ao correio.
- E como sabe disso vosmecê?
- Ora! Para quem é a carta?
- Sei lá! Bem sabe que de leitura não pesco.
- Deixe ver a carta.
- O guarda tirou-a do bolso e mostrou o subscrito à velha, que o leu de um lance d’olhos, dizendo-lhe em seguida: ande, vai depressa. Também não sei a quem é essa carta dirigida. Estou já tão falta de vista!

Joana cerrou violentamente os punhos e vociferou consigo: - Ah! Grandíssima coisa à toa. Escreve para o tal Dr. Ângelo, o deputado! E pôs-se a puxar pelas idéias.

- Número... Número... Ah! Número 3, Rua Fresca! Não me esquecerei jamais. Ah! Desgraçada! Treme de mim! Treme, porque eu denuncio-te. Não te perderei mais de vista. Se desonrares teu marido e tua filha juro-te pelos meus cabelos brancos, que de tudo ele há de ser sabedor. Joana tinha os olhos rasos de lágrimas e soluçava como uma criança.

O deputado ao receber a carta de Túlia, deu pulos de contente, consultou o relógio, que marcava dez menos dez. Era chegado o momento! Ia realizar os seus sonhos e desejos. – Às 11 horas, mandou-me ela dizer! Sim! No terraço do *Passeio Público*.

O firmamento estava límpido e sereno, como a consciência dos *justos*. Nem uma nuvem sequer toldava-lhe a serenidade. Ângelo de Queiroz apressou-se em fazer o toalete e, quando terminou a tarefa, que não durou menos de meia hora, saiu com ar triunfante e subiu pela Rua do Ouvidor.

No ponto dos bondes encontrou-se com alguns amigos políticos, que o detiveram por alguns minutos. Falava-se então na queda do ministério por aqueles dias. A crise era certa e havia quem afirmasse que alguns ministros já haviam pedido demissão. Após, o deputado tomou um bonde no Jardim Botânico.

Túlia, logo que viu o marido pelas costas, foi ter com Joana que embalava o berço da criança. – Preciso sair, vou fazer algumas compras e talvez chegue a casa de meu pai. Toma conta da menina.

- Uhe, minha ama! Pois para que estou eu aqui? Pode ir descansada. Vai a pé?

- - Não, vou tomar o bonde.

Joana sentiu o coração pulsar-lhe violentamente. Era desta vez que havia de convencer-se da verdade, vendo com seus próprios olhos. Enquanto Túlia correu aos aposentos para vestir-se, a criada voou ao lado do cocheiro.

- José! José! Faça-me um favor. Corra à rua S. Clemente e traga-me um *tilbury*, preciso dar uma fugida à cidade, a fim de ver um doente.

- Pois não, senhora Joana é em dois tempos.

- Olhe, diga ao cocheiro que não pare aqui na porta.

- Onde então deve parar?

- Um pouco afastado, não quero que minha ama veja-me sair.
- Bem, bem, eu lá vou!

O português saiu como um raio, em busca do *tilbury*. Joana, que estava em trajos de sair, voltou de novo para o lado da criança, completamente convencida de que naquele dia tudo havia de descobrir.

Túlia, cheia de animo e coragem, de volúpia e cinismo, cobriu-se de sedas e brilhantes, perfumando-se dos pés a cabeça. Não estava longe o momento em que ela seria a mais venturosa de todas as mulheres. Sobre os lábios úmidos boiava-lhe um sorriso luxurioso, ardentemente sensual. Às vezes faltava-lhe o ar e então, apertava os seios com ambas às mãos, a ponto de afluir-lhe o sangue à face delicada, tornando a escarlata. Que se passava então no íntimo daquela mulher?

Faltavam trinta minutos para as onze quando ela saiu dos aposentos, tão deslumbrantemente trajada que fazia inveja a mais enfatuada duquesa. Joana eximiu-se de encará-la com receio de trair a sua ansiedade.

- Escuta Joana, se a menina chorar, engambela-a, que eu daqui a três horas devo estar de volta. Joana não respondeu. Quando Túlia saiu à velha ordenou a uma criada que tomasse conta da criança, ela já voltava.

Não perdeu a ama de vista. De longe observou que Túlia tomara um bonde, com direção à cidade e, embarcou no *tilbury*, que estava postado não longe dali.

No largo do Machado a história ia complicando-se, porque Túlia quase deu com os olhos na criada, o boleiro, porém, destro e versado nestas empresas, fez voltar o trem e tomou outra direção.

Joana fez ver ao cocheiro que continuasse... O que o homem fez, soltando uma risadinha frouxa e significativa. No Largo da Lapa o bonde parou e Túlia desceu dirigindo-se em seguida pela Rua do Passeio. O veículo seguia sempre rodando ligeiro sobre os trilhos. No momento em que a moça aproximava-se do portão do Jardim, Joana

disse ao cocheiro: - pare. Espere-me aqui, no Largo. Qual é o número do tilbury?

- 38.

- Bem, aqui tem cinco mil réis.

Joana costeou o gradil do Jardim até ao portão. Em seguida penetrou no Passeio e pode observar que a ama encaminhava-se para o terraço, apressadamente, tendo tomado a rua principal.

A criada tomou uma das ruas à esquerda e apressou-se, em direção ao mencionado terraço. O jardim estava quase deserto. Só um ou outro vagabundo dormia a sono solto sobre os bancos. Joana sentia o sangue latejar-lhe nas artérias.

Pulsava-lhe o coração dentro do peito com desmesurada violência e, o chão parecia-lhe extraordinariamente tortuoso, porque andava a dar tropeços sucessivos. Da frente e pelo rosto rolavam-lhe grossos bagos de suor, e o menor rumor causava-lhe grave impressão. Desenhavam-se na fisionomia pálida e sumarenta, os lampejos expressivos da mais manifesta curiosidade.

Conseguindo aproximar-se da escada lateral, que dava para o terraço, parou de repente e aplicou o ouvido a fim de ouvir passos ou vozes. O vento, porém, o rumorejar das árvores e o embate das ondas que se desenrolavam na praia, impediam-na da menor observação. Então se revestiu de máscula coragem e subiu os degraus da escada até certo ponto, dali pode observar com espanto que a ama conversava com um indivíduo, cujas feições não lhe foi possível descortinar por que ambos achavam-se justamente na outra escada, isto é, na outra extremidade do terraço.

Tremiam-lhe os músculos e rangiam-lhe ruidosamente os dentes. Se ela fosse Justo, correria sobre ambos, esmagava-os, estrangulava-os ao mesmo tempo. Túlia, com efeito, encontrara-se com o deputado, que no delírio imenso do seu amor, abriu os braços para cerrar contra o peito a encantadora mulher do engenheiro.

- Até que enfim, Túlia!

- Não me abrace assim num lugar destes! Não vê que podemos ser observados? Isto é uma imprudência. O deputado recuou e disse ternamente:

- Tens razão, mulher formosa, rainha do meu coração, o amor, entretanto, me cega e cego não sei o que faço.

- Demoremo-nos aqui o menos tempo possível, só posso dispor de duas horas. E, com os olhos injetados, trêmula convulsa, delirante e nervosa, tomou as mãos do deputado e vociferou a meia voz:

- Ângelo! Ângelo! Estou perdida!

O deputado deu-lhe o braço e ambos desceram rapidamente a escada. Joana desceu também, não para encontrá-los, porém com o fim de observá-los, sentando-se em um banco não mui longe do portão do jardim, oculta por uns copados arbustos. A ânsia da velha criada era indescritível.

Os minutos se foram passando sem que seus olhos descortinassem Túlia e o amante, logo após, porém, saíram eles de braço dado pelo portão do jardim, onde se separaram. Túlia tomou direção oposta à do deputado: ela caminhou pela direita e ele pela esquerda.

Joana aproveitou o ensejo e saiu por sua vez, a passos largos, onde viu o deputado que, parado perto de um carro fechado parecia falar com o boleeiro, fazendo gestos para a esquerda.

Joana observou ainda que o deputado voltara, provavelmente para encontrar-se de novo com Túlia e que o carro desfilava para aquele lado, parando no extremo do jardim. Túlia conservava-se de pé e embarcou na carruagem. Joana tomou o *tilbury*, dizendo ao cocheiro:

- Agora não percamos de vista aquele carro. O trem que conduzia a mulher do engenheiro e o Dr. Ângelo, percorreu a Rua do Passeio, dobrou na Rua da Ajuda, tomando depois pela Guarda Velha, Largo da Carioca, Rua da Assembléia, da Misericórdia, Largo do Paço e, finalmente, pela Rua Fresca, parando na porta do Hotel Royal, onde morava o deputado.

Joana, que a certa distancia convenceu-se de que ambos haviam chegado ao seu termo, disse ao cocheiro que parasse, pagou-lhe e despediu-se. Do carro fechado tinham descido os misteriosos passageiros e, penetrado no hotel.

Joana teve ímpetos de penetrar ali também, para interpor-se à desonra de seu carinhoso filho de criação, porém, alma de fina tempera, apenas murmurou:

- És uma falsária! O teu cinismo, alma corrupta, há de fazer-te de hoje em diante a mais desprezível das mulheres. Pobre Justo, mal sabes que tens acariciado no teu seio de homem de bem uma víbora de aguçado dente!

A velha criada voltou para casa e ali chegada dirigiu-se ao berço da infortunada menina e tomando-a nos braços, cobriu-a de beijos, exclamando, lavada em lágrimas:

- Pobre anjo! És o fruto de um amor comprado! Tua mãe é a última das mulheres, é uma devassa, uma prostituta! E a criança pôs-se a chorar inconscientemente.

Joana embalou-a nos braços, entrecortada de soluços, até que a menina adormeceu. Depois a deitou outra vez no berço e puxando para perto dela uma cadeira, sentou-se para contemplar a imagem da mais pura inocência.

XI

No pequeno relógio da sala de jantar, o ponteiro marcava três horas e meia. De repente, abriu-se a porta do corredor e o vulto de uma mulher penetrou no interior do edifício. Era a esposa do engenheiro, que sem perder tempo, correu à alcova, onde encontrou Joana na mesma posição em que a havia deixado três horas antes.

A moça tinha os cabelos revoltos, sobre a delicada face cunhava-se com expressão visível palidez. Estava mesmo abatida. Seus olhos, perdendo aquele brilho ofuscante, imergiam-se agora num oceano de

profunda melancolia. Arfavam-lhe os seios e as róseas narinas dilatavam-se à passagem de uma respiração pesada.

Joana observou desde logo o desarranjo fisionômico da desgraçada adúltera, fingindo com toda discrição que nenhuma suspeita nutria com respeito à demora da ama e sorrindo para a moça disse-lhe:

- Então, passeou muito? Túlia atirou-se para cima de um divã, limpando o suor que lhe inundava o rosto:

- Estou com muito calor! Caminhei tanto! Olha, fui em primeiro lugar à Rua do Ouvidor, depois fui fazer uma visita a uma amiga, em seguida estive em casa de meu pai e de lá vim para casa. É verdade!... A menina chorou muito?

Joana olhou para a ama misteriosamente e apontou para o berço:
- Dorme desde que minha ama saiu. – Também Justo não deve tardar. São quase quatro horas, podes ir tratar do teu serviço. A criada levantou-se, dirigindo-se para o interior.

Túlia, vendo-se só, ergueu-se de um salto e voou para frente do espelho, murmurando: - porque diabo me olhou ela tanto? Haverá em mim algum indício? E mal fronteou o espelho, levou as mãos à cabeça. – Céus! Que desarranjo! Teria ela percebido alguma coisa? Estou perdida! E, tornou a mirar-se no espelho, cheia de medo, aterrorizada. – Como estou desfigurada! Preciso compor a fisionomia.

Mal terminou estas palavras começou a desataviar-se das vestes. A menina havia acordado e principiara a chorar. Túlia olhou desdenhosamente para o berço e disse: berra pra ai... Vai-te para o diabo! Em seguida enfiou um penteador, afogando o rosto numa bacia com água. Tinha os cabelos em desordem, as pernas bambas e o sangue havia-se afluído às faces, fazendo-as cor de carmim.

A criança, entretanto, continuava a chorar com mais violência, Túlia correu ao berço e, sem dó nem compaixão, deu-lhe alguns safanões dizendo: - toma! Cala a boca! Não estou para aturar-te. A inocente encarou-a como se quisesse dizer: - tenha compaixão, basta!

A adúlterina colocou-se de novo em frente ao espelho e pulverizou o rosto com uma forte dose de pó de arroz. Vendo, porém, que a filhinha estava em silêncio, correu ao berço e caiu de joelhos. A criancinha ergueu os braços. Túlia tomou-a no colo e cobrindo-a de beijos, banhou-lhe a face com uma torrente de lágrimas.

- Perdão, perdão!... Minha filhinha! Eu estou louca, perdão! Perdão!...

Seus lábios impuros pousaram sobre a fronte angelical da inocente criaturinha e cobriram-na de beijos fervorosos. O coração de Túlia parecia querer saltar do peito. O sangue latejava-lhe nas artérias, e uma agonia horrível suplantava-a num vórtice de amargura sem fim!...

Foi nessa posição que o Dr. Justo veio a encontrar a esposa. Ele completamente surpreso, correu para ambas, verdadeiramente emocionado. – Que é isto minha querida? Que te aconteceu? Porque tens os olhos rasos de lágrimas?

Túlia mal ouviu a voz do marido, sentiu tão profunda impressão que, se isso pudesse ocasionar a morte instantaneamente, ela teria sucumbido ali mesmo. Mas a mulher-coisa soube escudar-se no sangue dos cínicos.

- Ah! És tu, Justo? Que susto levei! O engenheiro estava bastante comovido. Pondo-se de joelhos ao lado da mulher, tomou a si a criança dizendo: - porque choras, minha doce amiga? Fala, dize! Não sabes quanto me afliges por ver-te assim? Ela apertou os beiços para murmurar: - eu chorava porque fiquei arrependida das lágrimas que fiz correr à nossa filhinha! Eu bati-lhe.

- Que estás dizendo? Tu batestes em nossa filhinha? Coitadinha! E beijou a criança carinhosamente.

- Tu me perdoas, Justo?

- Que é isto minha querida? De que te devo perdoar? Vamos enxugar as lágrimas, sim? O engenheiro e a esposa estavam já de pé. Aquele abraçou a moça, beijando-a na face.

Justo começou a passear na alcova, com a menina nos braços e com aquele nobre afeto das almas bem formadas. Túlia retirou-se para o gabinete reservado, a fim de esconder o seu crime.

Joana procurava a todo o transe um meio de expor a Justo a verdade em toda a sua plenitude. Entrava e saía do quarto e sentava-se a beira da cama, a meditar profundamente.

- Não! Não é possível!... Vou revelar tudo, e isto hoje, não posso conter-me! Esta mulher é indigna de compaixão. É uma miserável prostituta! Um ente nojento! Vou denunciá-la. E levantou-se, com o fim de dirigir-se ao engenheiro, mas faltou-lhe a coragem e murmurou: - que vou fazer? Se ele sabe de tudo é bem capaz de perder-se, num momento de cólera. É capaz de matá-la!

A criada mordida-se de impaciência, contraíam-se-lhe os músculos, vociferava, chorava e depois lhe sobrevinha à cólera e o desespero. - Não! Semelhante crime não deve ficar impune. Esta mulher é uma ingrata! Um ente sem alma! Vou contar tudo. Justo não deve viver iludido por mais tempo. Depois, ele é meu filho de criação. Eu sou sua mãe, sua amiga, sua companheira fiel na vida. A velha criada, pronunciando essas frases, cruzava as mãos para derramar um dilúvio de lágrimas pungente.

Considerando muito sobre o caso, ela achou que a melhor ocasião para conversar com o amo seria quando ele encerrava-se no gabinete de trabalho para ler ou escrever. Evitando o mais possível que lhe lessem nos olhos o seu segredo, fingiu estar naquele dia com dores de cabeça, aparecendo poucas vezes, quer ao amo, quer a ama.

Túlia, porém, observou qualquer diferença nela e isto veio impressioná-la muito mais. O engenheiro, depois de haver feito adormecer a filhinha, deitou-a no berço e foi ter com a esposa, que lia um livro, se é que lia.

- Que livro é este, minha lindinha?

- É a *Dama das Camélias*, respondeu ela, sem tirar os olhos da página que estava lendo.

- É um esplêndido romance! Não achas?

- É, e bem triste.

- Depois, que coisa mais sublime do que a regeneração da mulher pelo amor!

- Coisas de romances! Não creio nessas baboseiras.

- Estou te estranhando minha Túlia, pois tu não crês nessa história?

-Não! Margarida Gauthier é um tipo fantástico, extravagante mesmo.

- Vejo que pensas como aqueles que já compreenderam a *escola moderna*.

- Pode ser que sim, pode ser que não, como tão dubiamente se expressou o nosso *histórico ministro*. O que é certo é que as Margaridas só abraçam a cruz da regeneração no que lêem pela pena dos escritores.

- Bravo! Bravo, minha pombinha! Pelo que vejo, queres levar a questão para a filosofia. Como isto me orgulha! A criada veio anunciar o jantar. Justo deu o braço a sua mulher e vieram ter à sala da refeição, sentando-se a mesa, que estava profusamente servida. Comeram.

Túlia retirou-se depois para o gabinete. O engenheiro ficou saboreando um finíssimo Havana. Joana que tinha feito mais de cinquenta investidas para pedir uma pequena *audiência* ao amo, revestindo-se de máscula coragem foi a seu lado.

- Preciso que me dê dez minutos de atenção.

- Estou as suas ordens, Joana. A criada encarou-o fixamente e curvando o corpo, disse a meia voz:

- Aqui? Impossível.

- Mas que mistério é este então? Perguntou o engenheiro, verdadeiramente confuso.

- Não é mistério! Trata-se de um fato de melindrosa importância. Se quer ouvir-me não há de ser aqui! Meu filho, meu bom amigo! Exclamou Joana.

- Nesse caso vamos para o meu gabinete.

- Sim, vamos para lá... Disse a criada.

Justo ergue-se da cadeira em que estava sentado e dirigiu-se em companhia da criada ao gabinete, onde se trancaram. Túlia, nesse momento reclinada a fio comprido num divã, em posição de quem medita, com os olhos cerrados, parecia uma estátua, pela sua completa quietude.

Destilava-lhe a fronte um suor frio e abundante. De longe em longe, porém, entreabria os lábios de rubi, para abrir passagem a um prolongado suspiro e então, estremecia como se tivesse tido contato com uma pilha elétrica.

Pelas janelas entravam lufadas de vento, que intumescendo as cortinas faziam alvoroçar-lhe os cabelos cor de âmbar. Ouvia-se perfeitamente fora, o cantarolar grosseiro e chulo do guarda do jardim, que andava a regar as plantas, muito satisfeito da vida.

Dissemos que Justo e a velha Joana tinham se encerrado no gabinete, agora o leitor ficará ciente da cena que entre ambos se deu. O engenheiro, um tanto impressionado, sentou-se numa poltrona, com os olhos fitos no semblante da criada, que estava com ares de meio confusa.

Ela conservou-se de pé e antes de pronunciar a primeira palavra, uma torrente enorme de lágrimas inundou-lhe a face rugosa, mas simpática.

- Porque choras tu, mãe Joana? Perguntou Justo, verdadeiramente comovido.

- Porque tenho um coração que lhe pertence desde que comecei a embalá-lo nestes braços.

- Não te compreendo, minha excelente amiga, fala pelo amor que me tens!

Joana ajoelhou-se aos pés do engenheiro e, depois de beijar-lhe as mãos, disse:

- Perdão! Perdão, meu filho, por ser eu quem lhe venha arrancar as suas mais doces e santas ilusões para lançá-lo no abismo dos desenganos!

- Que estás dizendo? Exclamou ele, arregalando os olhos sinistramente.

- Acalme-se, e, enquanto não se comprometer de que não há de praticar o menor desvario, não abrirei a boca para dizer o que sinto e o que sei. Promete?

- Prometo.

- Jura?

- Juro, murmurou Justo.

- Pois bem! Ouça, mas sem me interromper.

- Fala, fala que eu começo a enlouquecer! Vociferou ele, tremendo de emoção e quase que alucinado. Joana fitou-o comovida e principiou assim:

- Houve um dia em que eu ouvi de sua própria boca estas palavras: “sabes, Joana, vou casar-me, achei uma mulher digna do meu amor”. – Eu respondi:

- Que o mais brilhante futuro seja o sublime prêmio da venturosa família.

- Sim! Sim! Tudo isto é verdade, chega, entretanto ao fim da tua história que estou flagelado com semelhantes metáforas.

- Ouça-me, filho querido, ouça-me por quem é. Justo tinha os cabelos hirtos e o sangue fervia-lhe nas veias. Joana continuou:

- Um dia tudo se realizou. O seu casamento com essa moça foi uma verdadeira prática.

- Joana! Joana! Que desespero eu sinto! Oh! Meu Deus! O Dr. Justo apertou a fronte entre as mãos tremulas e crispadas.

- Não se aflija meu filho, ouça a verdade, a verdade mais nua e cruel que lhe vai apunhalar a alma cândida e pura.

- Já sei de tudo, Joana. Minha mulher é uma miserável prostituta, é uma adúltera, uma messalina infame!

- É isso mesmo. O engenheiro deu um murro na poltrona e ergueu-se, correndo para a porta. Joana precipitou-se sobre ele e segurou-lhe nas mãos, que já haviam alcançado a chave.

- Não! Não! E a sua promessa? E o seu juramento? Justo deixou cair os braços a fio comprido e caiu sentado em uma cadeira.

- Fala Joana, fala! Conta-me tudo. Eu morro sufocado! Joana abraçou-o pelo pescoço e disse-lhe ao ouvido:

- Prudência! Prudência, meu filho! Lembra-te que tens uma filhinha!

- A minha filha! Oh! Inferno! Oh! Dor profunda! Exclamou Justo, lavado em lágrimas. Joana conseguiu acalmá-lo um pouco e reatou a sua narrativa.

- Tua mulher nunca te amou! Nunca! Nunca! Juro-te por estes cabelos brancos! Casou contigo porque eras rico. Aqueles sorrisos, aquelas carícias, tudo foi objeto da mais nojenta hipocrisia!

- Parece incrível! Porém, quem é esse miserável que me desonra? Quem é? Conhece-o? Já o viste? Sabes seu nome?

- É um grande potentado, meu filho. É o deputado Ângelo de Queiroz.

- É o deputado Ângelo de Queiroz? É ele? E como provas tu, mãe Joana, que ele é o amante de Túlía?

- Porque tudo sei! Porque tudo vi!

.....

Joana contou então ao engenheiro toda a sua infatigável espionagem, desde a primeira entrevista de Túlía com a jesuíta até a Rua Fresca. Justo espumava de cólera. Estava alucinado. O peito lhe arquejava ansiosamente.

Todo o seu ar demonstrava um perfeito desarranjo mental. Havia deixado rolar a fronte para traz numa prostração horrível e medonha. Contraia-se-lhe os músculos e num movimento febril ergueu-se violentamente, vociferando:

- Vou matá-la! Porque como disse um escritor: *a mulher que adúltera*, mata, ela é uma assassina, ela deve morrer! Vou arrancar a vida a essa miserável! Joana abraçou-se com Justo:

- Não! Não! Pelo amor de Deus! Pelo amor de tua filhinha! Que horrível punhalada para o Dr. Justo esta frase – *tua filhinha!* Ele recuou três passos para correr a abraçar a criada dizendo:

- Tu velarás por ela!...

- Está louco? Matar uma mulher que é indigna da morte! Desconhece meu filho, que a vida é o maior castigo que se pode dar aos criminosos? Ela deve ser expulsa de tua casa! É expulsa, oh! Há de pagar bem caro a sua ingratidão!

- Dizes bem, minha velha amiga, não devo lavar o futuro de minha filha no sangue de sua mãe. Eu vou expulsá-la desta casa e já.

- Não! Só o farás depois de presenciares com os teus olhos a verdade. Amanhã ela irá ter com o deputado. Vai espioná-la, certifica-te da verdade, e então cumpre com o teu dever de homem honrado. *Expulsa-a desta casa!* Justo em meio de soluços doloridos apertou de novo a fronte entre as mãos, com funda agonia:

- Parece-me um sonho! Oh! Meu Deus! Meu Deus! Quando foi que eu pensei que esta mulher tão cedo trairia meu amor?

- Tranqüiliza-te, meu amado filho! É para que tu conheças o meio em que vives, é para que tu conheças o que é a mulher, o mundo e as coisas. Está tudo podre... Caminhamos a passos de gigante para uma dissolução moral!

- Justo quase que agonizava. Verdadeiramente abatido imerso em sentido pranto, abriu os olhos para cerrar contra o peito o busto da velha criada, deixando rolar a fronte sobre seu ombro.

- Ah! Minha velha amiga! E a desonra? A desonra? Joana estremeceu dos pés a cabeça. Mais forte do que Justo, ela fê-lo sentar-se em uma poltrona, sentando-se igualmente a seu lado.

- Escuta meu filho, acalma-te, a tua desonra há de ser vingada cruelmente.

- Que dizes? Acalmarm-me, quando sinto traspassar-me o peito a lamina de um punhal acerbo? Oh! Tu não sabes então o que é semelhante ignomínia! Joana fixou-o com ânsia.

- Suponhamos que estejas dizendo uma verdade, porém é preciso descansar um pouco. Não saias deste gabinete e hoje não deves falar com tua mulher. Eu me encarregarei de dizer-lhe que tiveste necessidade de sair e que só talvez muito tarde da noite esteja de volta. Assim evitas o escândalo, quando mais não seja. Amanhã, então... Justo olhou-a com dor.

- Sim! Sim. Amanhã. Oh! Tremo só em pensar no dia de amanhã.

- Bem, bem, fica-te com Deus, meu filho. Joana saiu do gabinete e penetrou na sala de refeição. A porta do gabinete tornou a cerrar-se. Justo mal se viu só, atirou-se sobre um sofá, entrecortado de soluços.

XII

Joana, desejando ir ao encontro da ama, procurou um motivo para entrar na *antecâmara*. Túlia, mal a viu entrar, voltou o rosto para ela perguntando:

- Que queres, mãe Joana?

- Vinha ver se as flores dos vasos precisavam ser mudadas. E dirigiu-se para os consolos, sobre os quais se achavam os vasos.

- É melhor fazer isso amanhã, disse a moça, e acrescentou: - hoje não vale a pena, é quase noite. A velha fitou-a com tédio e murmurou entre si:

- Amanhã a coisa mudará de figura: essa máscara de hipocrisia há de ser arrancada pela mão da honradez e arrojada no lodaçal de onde veio.

- Onde está teu amo?

- Ah! É verdade! Como tivesse urgente necessidade de sair, ordenou-me que lhe dissesse que só voltaria muito tarde da noite. Penso que foi chamado pelo ministro.

- Pelo ministro? Perguntou Túlia.

- Penso que sim. Parece-me que ouvi meu amo dizer que ia a uma conferência.

- É estranho isto para mim. Justo nunca saiu de casa sem que primeiro viesse ter comigo!

- Mas as circunstâncias do caso? E depois, creio que o chamado era urgente, tanto que mal acabou de ler o ofício, pôs o chapéu na cabeça e saiu, dando-me apenas o recado que lhe transmiti já.

- Está bom, murmurou Túlia. Joana saiu mordendo os lábios.

Túlia cerrou os olhos voluptuosamente, seus belos cabelos rolavam-lhe em ondas sobre o colo, como um montão de nuvens cor de ouro. O roupão amoldando-lhe as formas numa saliência arredondada dava-lhe uns ares de romantismo exagerado. Seus delicados pés, trançados, repousavam sobre uma pequena almofada de cetim cor de rosa, caprichosamente bordada à seda. Às vezes estremecia de um jato e descerrava as pálpebras espantadamente, volvendo os olhos em redor de si, como se temesse algum observador indiscreto. O coração batia-lhe agitado e ela levava a destra sobre o seio, como querendo suste-lhe as pulsações.

Pousavam-lhe na mente afogueada umas idéias sinistras, como as trevas da noite. Dentro de si havia qualquer coisa que a sobrepujava num oceano de amarguras téticas. Que seria de si se Justo soubesse de sua conduta? A imagem do adultério apresentava-se-lhe cheia de conseqüências ltuosas.

Do adultério à vida cínica dos bordéis, era um passo! Horror!... Ela levava as mãos ao rosto e os cabelos eriçavam-se-lhe no crânio. A prostituta sentia sob os pés um dédalo sinistramente profundo.

Prostrada naquele amargo leito de remorsos, de instante a instante entreabria os lábios para soltar umas risadas extravasadas de vírus, voltando-lhe as primitivas idéias de continuar nos doidos, materiais e fulminantes prazeres da carne!

Era noite fechada quando a moça erguendo-se correu à alcova. Tinha-lhe parecido ouvir a filha chorar. Mal se aproximando do berço observou o contrário, porque a pobrezinha dormia a sono solto. Já haviam acendido o gás.

Joana, sentada ao lado de uma janela, tinha uma pequena almofada sobre os joelhos e estava ou parecia estar cosendo. Entretanto, sua imaginação febril, no coordenar das idéias, futurava coisas horrendas, no dia imediato.

Aquela mulher sem pudor ia pagar com o mais pungente desprezo a sua infâmia. Ia roer o pão das agonias, absorvendo a atmosfera hedionda dos bordéis, que havia de ser forçosamente o seu fim.

A adúlterina sentia o peso de morfeu sobre as pálpebras. Dirigiu-se à alcova e adormeceu. Joana observou-lhe todos os movimentos, contemplando o efeito de uma pesada resolução no sistema nervoso da ama, já pelo seu abatimento físico, que se patenteava a olhos vistos, já pelo desalinho notável que a caracterizava e murmurou: - amanhã hás de ver como tudo se acaba para ti. E retirou-se

Justo, depois que caiu prostrado sobre o divã, pareceu imergir-se numa pesada letargia. Se lhe observassem as contrações dos músculos, o semblante pálido e cadavérico ter-se-ia diante dos olhos a perfeita imagem do flagelo. Às vezes mergulhava-se num oceano de cólera e então levava as mãos à cabeça, *estalando* os dentes, uns sobre os outros, e erguendo-se blasfemava, para em seguida arrojá-lo no divã, entrecortado de soluços.

Tudo lhe parecia um sonho profundo e febril! Jamais lhe passara pela mente que beijava os lábios de uma serpente traiçoeira! Estavam de uma vez para sempre desfeitos os seus mais dourados castelos!

O futuro reservava-lhe uma estrada tortuosa, marchetada de aguçados espinhos. Que desespero sentia quando lhe atravessavam o cérebro idéias tão sinistras!

Durante toda a noite Justo agonizou, como um Cristo que era. Havia de espionar a mulher e, se seus olhos convencessem-no da verdade, então ele tomaria uma vingança terrível.

Túlia, alta noite acordou com os choros da filhinha, e, voltando-se no leito sentou-se, surpresa por não ver a seu lado o Dr. Justo.

- Pois que? ... Justo não terá vindo? Que horas serão?... Isto deve ser já muito tarde! Desceu então a moça da cama e, tomando os

chinelos de marroquim, correu em direção ao berço da filha e tomou-a nos braços.

A casa era toda um silêncio sepulcral. Logo depois o relógio soou duas horas. – Duas horas! Murmurou ela com espanto! É bastante tarde! Desconfio desta demora de Justo. Quem sabe se ele... Não! Quem viu? Certamente ninguém! Com certeza a conferência prolongou-se. E, dizendo isto, observou que a criança tornara a cerrar as pálpebras e foi deitá-la de novo no berço, sentando-se à beira do leito.

- E o caso é que me deitei vestida! Como anda esta minha cabeça! E desembaraçando-se das vestes mergulhou o corpo sob os lençóis de alvo linho. Perdeu o sono. Qualquer coisa dominava-lhe o espírito. Apoderou-se dela um terror sem limites e o coração começou a agitar-se lhe desordenadamente.

.....

Tinham-na denunciado ao marido e ele premeditava uma vingança.

De manhã, muito cedo, Joana correu ao gabinete do amo. Este na posição de quem medita profundamente, mal a viu entrar baixou os olhos.

Joana, observando o abatimento do seu querido *filho de criação*, exclamou:

- Meu Deus! Parece um cadáver!

- Bom dia, mãe Joana. Sabe que preciso sair daqui? Estou muito doente.

- Sim! Agora corra ao encontro de sua mulher, como se tivesse chegado neste momento. Porém muito cuidado. Não lhe demonstre o menor desgosto, contrafaça-se, trate-a com o costumado carinho. Diga-lhe que se sente indisposto porque passou a noite em claro, e ela conformar-se-à.

Justo olhou para Joana com os olhos rasos de lágrimas. Tremiam-lhe os músculos, cerrando os dentes e espumando os lábios de ira. – Fingir? Eu, o Dr. Justo de Abreu? Oh! Não! Nunca! Se for ter

com ela... Será... Há de ser para... Esmagá-la. Esquartejá-la... Beber-lhe o sangue. Porque, a mulher que adúltera, na frase de um grande pensador – mata. Vociferou o engenheiro, pondo-se prontamente de pé e cerrando violentamente os punhos.

- Acalme-se, acalme-se meu filho... Pois bem, vou evitar tudo isso, indo eu mesma ter com ela. Dir-lhe-ei... Isto é, nada lhe direi. Olhe, chegue-se para o pé desta mesa.

- Para que?

- Venha... Peço-lhe. Justo obedeceu, sentando-se ao lado da mesa indicada.

- Agora tome à pena e escreva tudo quanto eu lhe for ditando.

- Que estás dizendo? Mas, escrever o que?

- Escreva... Em nome de sua filha... O engenheiro estremeceu dos pés à cabeça, tomou à pena e disse:

- Muito bem! Vejo que é prudente.

- Escreva... E Justo escreveu:

“Túlia minha adorada pomba.

Como negócios de alta importância me preocupam a atenção junto da pessoa do ministro da agricultura, escrevo-te para dizer-te que só hoje de noite posso estar a teu lado. Um beijo em nossa adorada filhinha. – Teu marido Justo”

- Agora me dê à carta. Joana, empossada da carta, encerrou-a num envelope e deu-a ao amo.

- Bem. Ponha o subscrito.

- Mas, que queres tu fazer, Joana?

- Escreva. Justo obedeceu.

- Agora, murmurou à velha, fique ainda encerrado neste gabinete e não saia senão quando eu lhe avisar. Joana dirigiu-se a porta e saiu.

Justo correu a chave na fechadura e caiu sentado em uma cadeira. A criada foi ter com a ama, que dormia a sono solto.

- Minha ama! Oh! Minha ama! Túlia não respondeu. Joana resolveu-se a gritar-lhe ao ouvido:

- minha ama! Então a moça acordou.

- Que é? Que queres tu?

- Aqui tem uma carta que vem por parte do ministério. Túlia imediatamente sentou-se no leito e rasgando o envelope, correu os olhos sobre o bilhete dizendo: - é dele, sim, é dele. Está muito atarefado.

- Ah! Murmurou à velha, pensei que tivesse acontecido alguma coisa. Já me estava dando cuidado a demora de meu amo.

- Bem... Bem. Quando forem nove horas vem acordar-me.

- Sim, senhora, articulou Joana, saindo logo dali. Mal se viu só, porém murmurou:

- Hás de ver hoje como o raio te cai em casa.

Túlia acreditou sinceramente no bilhete que recebera e respirou livremente como se houvesse se livrado de um pesadelo. E, logo após adormeceu. A aurora com seus raios luminosos devassavam o ambiente do suntuoso compartimento, verdadeiro reservatório de coisas bonitas.

Às horas marcadas Joana foi ter com Túlia e acordou-a, ouvindo esta murmurar:

- Sim... Sim, já sei... E Joana perguntou:

- Quer que mande por o almoço na mesa?

- Sim manda. Vou levantar-me já. E tornou a cerrar as pálpebras, deitada de bruços, com a face voltada para fora. A meio-descomposta, com os seios nus, opressos contra o colchão, o lençol amoldava-lhe os contornos olímpicos e as formas alabastrinas. Com os braços erguidos, roliços, voltados para a cabeça, deixava em nudez os pelos cetinosos, cor de ouro, do sovaco. Sobre os ombros carnudos formigavam com abundância, pintas cor de sangue, provenientes das picadas imprudentes dos mosquitos.

Era esplêndido vê-la nessa posição! De repente, ergue-se sobre os joelhos esfregando os olhos com as falanges do dedo indicador.

A diáfana camisa de cambraia de linho, desabotoada até... perto da cintura, oferecia em espetáculo um busto incorrigivelmente detalhado, branco como leite. Sob a fimbria da camisa, que lhe tocava o joelho, deixava-se ver uma perna sem competência na grossura e na forma. Túlia era realmente um tipo encantador!

Marco Antônio, se a tivesse visto ao lado de Cleópatra, cair-lhe-ia aos pés para adorá-la, sem hesitar na escolha. A moça depois de vestir-se foi ter à sala de refeição.

Servido o almoço Túlia retirou-se para o gabinete. O relógio marcava dez horas menos vinte e cinco minutos. – Que tarde, meu Deus! Exclamou ela. Ângelo deve contar os minutos! Às dez horas tenho que sair. Disse que voltaria e, não está longe o momento de... Creio que Justo só de noite deve estar de volta. Se não sou tontinha, creio que tenho campo vasto, portanto.

O dia estava claro e sereno, nem uma nuvem sequer toldava a serenidade do céu. Foi assim que deliberou ir ao encontro do amante. - Caminhemos para a grande fogueira do amor, disse ela penetrando na alcova, onde estava Joana a embalar a linda criancinha.

- Vai sair minha ama? Perguntou a velha Joana.

- Vou. Como tenho certeza que tu és muito carinhosa para as crianças, saio tranqüila.

- Oh! Por certo que sim, articulou a criada. Eu quero muito esta queridinha. E deu na pequena um expressivo beijo. Túlia sorriu-se.

Logo depois a criada correu ao gabinete de Justo. – O que há? Perguntou ele.

- Ela prepara-se para sair, vai ao encontro do amante.

- Ah! Miserável! Rugiu o engenheiro, eu mato essa mulher... Estrangulo-a... bebo-lhe o sangue!

- Psiu! Fale baixo! Não se precipite! Vou prevenir tudo. Joana foi ter com o cocheiro particular da casa.

- José, ó José!

- Pronto! Que me ordena Vmce?

- Vá outra vez à rua de S. Clemente e traga um *tilbury*. Mande o cocheiro parar naquele mesmo lugar. Preciso ir à cidade. O português arregalou os olhos e disse com os seus botões:

- Nada!... Aqui anda gato encerrado. E coçando a cabeça saiu para cumprir aquela ordem.

Joana veio de novo ter com o Dr. Justo, que passeava de um para outro lado da sala.

- Agora está tudo arranjado. Mande buscar um *tilbury*, logo que ela saia o senhor partirá também. O veículo ficará postado a certa distância do jardim. Mande o *tilbury* seguir o bonde em que ela há de embarcar e...

- Não! Não farei isso, Joana! Vociferou o engenheiro. A criada olhou para ele, transida de espanto.

- Não?

- Não! Replicou Justo. Basta que me vá postar defronte do *Hotel Royal* e veja a pérfida entrar. Tudo isto me parece ainda um sonho, porque nunca me passou pela cabeça semelhante infâmia! O engenheiro tinha os olhos rasos de lágrimas e chorava como uma criança.

- Avisa-me logo que essa mulher sair: quero convencer-me da verdade. Quero ver com os meus olhos a minha e a sua desonra... Porque desejo castigar severamente essa messalina desbriada.

O ouro! O ouro!... Como é funesto o seu poder! Ah! Maldita, que me iludiste! Mas treme de mim, treme, porque te farei pagar bem caro tanto cinismo... O engenheiro delirava. A cólera invadia-lhe o coração.

Joana tomou a iniciativa de ir espreitar a ama e foi ter a alcova, onde Túlia fazia a *toilette*. Estava quase pronta. O vestido de veludo cor de rosa que trazia, contrastava singularmente com a palidez de sua face alabastrina. Por sobre os lábios brincava-lhe um sorriso excessivamente voluptuoso. Brilhava-lhe nos olhos a profunda languidez das Imperias, nesses momentos febris de alucinação convulsiva.

Em todos os seus gestos lia-se patentemente a sede dos prazeres. Arfavam-lhe os seios cetinosos e alvos, recipientes dos beijos vaporosos do deputado que conhecia a fundo o segredo de atear impetuosamente as chamas candentes das comoções amorosas.

Túlia sentia um bem estar incrível, somente ao lembrar-se das cenas que se iam dar daí à uma hora... Quando concluiu aquela tarefa, foi ter com a velha, que embalava o berço da criança.

- Vou sair Joana, se Justo chegar antes de mim, diga-lhe que fui à modista e que não devo demorar-me. Toma conta da menina.

- Sim, senhora. Cumprirei com o meu dever. Túlia dirigiu-se ao jardim e foi tomar o bonde. Joana deu um pulo ao gabinete.

- Já saiu! Tome o *tilbury* e parta.

Justo, que estava preparado para sair tomou o chapéu e encaminhou-se para o jardim, chegando ao portão avistou Túlia, que se dirigia para o lado da rua de S. Clemente e tomou assento no veículo.

- Para a Rua Fresca!

Em menos de vinte minutos o engenheiro desembarcava a porta de um armazém que ficava em frente ao Hotel Royal, de onde podia observar, por entre as vidraças de uma janela, quem entrava e saía do estabelecimento.

Posto que tentasse simular sangue frio, o dono do armazém, que era seu conhecido, denotou certa alteração em sua fisionomia. Justo sentia uma aflição indescritível imperar-lhe nos sentidos. Seus olhos não podiam conservar-se fixos num só ponto.

De repente estremeceu, como se houvesse sofrido um choque elétrico, empalidecendo a ponto de parecer ao comerciante que era vítima de uma síncope.

O engenheiro tinha visto Túlia penetrar no hotel! Estava provada sua desonra. Imediatamente desembarçou-se do comerciante, que impertinente o interrogava e, saiu desorientado pela porta fora.

Túlia, penetrando nos aposentos do deputado, que a esperava com ânsia, pediu-lhe que cerrasse as portas e as janelas.

O Dr. Justo penetrou no hotel alucinado e trêmulo. O sangue afluía-lhe ao cérebro. Espumando de raiva e dor, venceu com dificuldade os degraus da escada e foi ter com um criado, que mal o viu, receou que estivesse falando com algum louco, fugado do *Hospício Pedro II*.

O engenheiro estava gago, as lágrimas corriam-lhe em bica dos olhos faiscantes de cólera. E gaguejando perguntou:

- O Sr. deputado Ângelo de Queiroz? O criado que preventivamente estava industriado respondeu:

- S. Ex. não está.

- Não está? Vociferou Justo, mente, mente miserável! Ouviu?

- Ouvi sim senhor, ouvi, porém, ponha-se no olho da rua, enquanto não lhe atiro pela escada abaixo!

Justo avançou para o criado e cerrando-lhe a mão na roupa murmurou: - sempre és um miserável! Um vendilhão da própria consciência! Tratante! E dizendo isto, deu-lhe as costas e desceu a escada, receando cometer algum desvario.

Chegando à rua, tomou um carro ao acaso e ordenou que se dirigisse à praia de Botafogo. Joana, que se impacientava pela volta do amo, mal o viu descer do veiculo correu a encontrá-lo.

- Então, viu? Convenceu-se?

O engenheiro não respondeu o peito lhe arquejava e a voz ficava-lhe presa na garganta. Dir-se-ia que ele fora acometido de uma paralisia da língua. Trêmulo, sombrio, cadavérico e asfixiado, abriu somente a boca para soltar um gemido que dizia tudo quanto lhe ia à alma, de dor e ferocidade.

- Que é isto, meu filho? Descanse! Vamos para o seu gabinete, deite-se um pouco. Justo olhou então para a velha e, levando as mãos ao cabelo, murmurou:

- Ah! *Minha mãe*, ainda não enlouqueci, quero ver minha pobre filha! Oh! Quero vê-la, sim! E avançando para a alcova, debruçou-se no berço da menina, tomando-a nos braços.

- Minha filha! Minha rica filhinha! Quanto somos desgraçados!

E colou os lábios na fronte da inocente criaturinha, lavando-lhe o rosto com as lágrimas que lhe saltavam dos olhos. Joana não quis perturbar aquela cena sublime de pai para filha.

O engenheiro, abraçado ao vulto angelical e sublime da filha, verteu amargurado pranto, desabafando assim as negras e profundas mágoas que lhe atrofiavam o coração. Depois a deitou novamente no

berço e retirou-se para o gabinete, onde se trancou. Havia uma janela que dava para a rua. Joana receava alguma cena de sangue...

Justo era capaz de praticar um ato de violência. O esposo traído e desonrado esperava a cada momento a volta da adúltera, para calcá-la com o tacão da bota, como se faz às víboras peçonhentas. Sua agitação não tinha limites, arquejante e febril, com os dentes cerrados e espumando de ira, estava pronto para precipitar-se sobre a hiena a quem dera um nome honrado e sem mácula.

O portão do jardim abriu-se a meio e Túlia penetrou naquele recinto. Justo só teve tempo de vociferar em tom acentuadamente horrível:

- Ah! Miserável!... Infame!... Prostituta!... E com agilidade de um tigre, abriu a porta do gabinete e correu à do corredor, para encontrá-la. Túlia, mal o encarou, levou um choque indescritível. Mas, refazendo-se, abriu de longe os braços para enlear o marido.

- Estavas com saudades minhas, Justo? O engenheiro só pode balbuciar:

- Miserável!... Foge miserável, se queres que te seja poupada à vida!

Túlia exclamou, caindo sobre o patamar de joelhos:

- Justo!... Justo!... Perdão!

O engenheiro ergueu uma perna e sentou-lhe o bico do pé direito nos peitos, fazendo-a rolar os degraus da escada.

.....

- Nesta casa jamais porás os pés. Vai... Levanta-te! Volta para os braços do teu amante! Túlia apoiou as mãos sobre o piso do patamar e entre soluços exclamou:

- Justo!... Justo!... Pelo amor de nossa filhinha! Perdão, meu marido! Perdão!

Joana que tudo ouvia, sentia o coração pulsar-lhe aceleradamente. Túlia conseguira erguer-se. Os soluços embargavam-lhe a voz. Justo, que se conservava no patamar da escada apontava-lhe a porta da rua.

- É por ali *senhora*... É por ali o caminho. Vá! Fuja de meus olhos! Saiba que nunca mais porá a vista sobre minha filha!

- Justo! Como tu és cruel! Exclamou ela num oceano de angústia e acrescentou:

- Juro-te... Oh! Juro-te que... O engenheiro cortou-lhe a frase:

- Saia, prostituta, saia, ou eu mando expulsá-la por um criado!

Túlia encarou-o cinicamente:

- Expulsar-me?... Pois bem... adeus!... Adeus...

E retirou-se atravessando o jardim. As lágrimas orvalhavam-lhe a face. Na contração febril de seus músculos, sentia o solo faltar-lhe sob os pés e ia cambaleando, como se fosse uma ébria. E logo depois murmurou:

- Meu Deus!... Meu Deus!... E olhou para trás sem ver ninguém... As janelas tinham sido cerradas. Ocultando as lágrimas que lhe invadiam a face, enxugando-as com um lenço, embarcou em um carro, ordenando ao cocheiro que tocasse para o *Hotel Royal*.

O deputado estava muito longe de julgar que pudesse tornar a ver naquele mesmo dia a sua amante, mas assim não aconteceu, porque Túlia bateu agitadamente dizendo:

- Abra, abra!... Ângelo, mal ouviu a voz de Túlia, abriu a porta, tomado de grande espanto.

- Então, o que houve? Que aconteceu? A moça abriu os braços e correu sobre ele.

- Ângelo! Ângelo! Sou a mais desgraçada de todas as mulheres! Justo sabe de tudo!

- Teu marido?

- Sim!...

O deputado empalideceu de repente, levando as mãos à cabeça e recuando três passos.

- Que dizes? Estás perdida! E ela exclamou a soluçar:

- Sim, estou perdida! Ele expulsou-me de casa! Ele, o malvado!

- Que dizes?

- A simples verdade, porém estou disposta a tudo! Serei tua amante por toda a vida, se tu, como ele, não me expulsares também de teus braços.

- Oh! Nunca! Nunca, minha querida Túlia! Ser-te-ei fiel até a morte. E já que teu marido expulsou-te do lar, farei suas vezes, oferecendo-te aqui um asilo, até que encontre uma casa para acomodarte. Túlia imprimiu seus lábios cor de rosa na fronte do deputado, dizendo:

- Oh! Obrigada, obrigada! E depois, como se um pensamento bom lhe viesse à mente, murmurou:

- E minha filha? Minha pobre filha?! Oh! Meu Deus! Que horrível vai ser o meu castigo.

Túlia caíra num abismo de dores sem fim. Ocultando o rosto com as mãos, soluçava imersa em agonias. O deputado, cingindo-a pela cintura, beijou-lhe as faces, dizendo:

- Coragem, Túlia! Coragem, minha amiga! Vamos! Limpa essas lágrimas e esquece o que já passou. Túlia ergueu os olhos para quem assim lhe falava e estendeu-lhe a mão:

- Dizes bem! Agora o remédio é ficar em tua companhia. Ficarei, não tenho que dar satisfação da minha conduta a ninguém. O resto que o leve o diabo.

- Bravo! Tens mais coragem do que eu pensava! Vivamos para o nosso amor! Exclamou o deputado, entreabrindo os lábios sorridentes. A moça ficou aquela noite em companhia do amante.

No dia seguinte o Dr. Justo vendeu a casa em que morava e, dentro de 15 dias partiu para Paris, com a filha e a velha criada Joana. Túlia, por conveniência social do deputado, anuiu ao seu pedido de ir morar em um chalé, no bairro de S. Cristóvão.

A *vox populi*, desde o dia em que Túlia saiu de casa do marido, ergueu-se, para desfechar sobre aquele inditoso casal toda a sorte de insinuações equivocadas. O deputado também lhe serviu de alvo. O Dr. Ângelo de Queiroz era um felizardo! Havia conquistado uma mulher de encher o olho. Um peixão... Breve seria a Nana fluminense.

Justo era então caluniado sem dó. Nos cafés, nos bilhares, nos bondes, nas reuniões, enfim, não se falava em outra coisa senão na pessoa do engenheiro. Os maldizentes asseguravam que ele sabia de tudo, porém consentia que a mulher tivesse relações ilícitas com o deputado. E por que não? Um representante do país. Seria caso virgem? Os exemplos não superabundavam por ventura, no seio da sociedade?

O leitor imagina perfeitamente a realidade de tudo isso, já como ator, já como espectador ao mesmo tempo, no grande teatro do mundo onde a vida toma diversos caracteres.

EPÍLOGO

Túlia habitava em um lindo chalé, em S. Cristóvão. Ângelo de Queiroz cercava-a de luxo e pode se dizer que morava com ela, em menosprezo de si próprio e da moral social.

Não durou muito tempo essa concubinação, porquanto, tendo sido dissolvida à câmara, o deputado teve de deixar a Corte, tendo de voltar à antiga vida de advogado (sem clientes). Túlia franziu o nariz quando soube da próxima partida do deputado, se bem que ambos iam-se aborrecendo um do outro.

Um belo dia o ex-deputado procurou um motivo para ver-se livre da moça e retirou-se, não voltando mais ao chalé. Então a moça achou oportuna a ocasião para procurar nova vida e mudou-se para a cidade.

Foi essa uma resolução que lhe custou muitas noites de vigília. Ia ser mulher pública, convivendo com o vício, entregando-se assim em corpo e alma aos tufões medonhos da orgia. Resolvida a dar esse passo, alugou um cômodo no Hotel Ravot, à Rua do Ouvidor.

A notícia da prostituição da mulher do engenheiro espalhou-se logo por todo aquele centro populoso. Túlia esperava a todo o instante ouvir baterem-lhe à porta, aparecendo-lhe ante os olhos, uma turba de indivíduos que viessem comprar-lhe os beijos e as caricias. Isso a fazia estremecer dos pés à cabeça. Nesses momentos então, o

arrependimento fulminava-a, e ela, levando as mãos aos cabelos, vertia em silêncio um pranto acerbo e dolorido. Povoavam-lhe a imaginação horríveis pensamentos e tremia-lhe o soalho sob os pés, como se fosse abrir-se um abismo para engoli-la de um só ato.

A primeira pessoa que a foi visitar no hotel foi a Jacinta que, sob o poder misterioso da hipocrisia, julgou ali achar uma fonte inesgotável de ouro. - A senhora por aqui?

- Eu mesma, menina! Pois que quer? As amigas costumam sempre aparecer às amigas justamente nas ocasiões em que são precisas. Soube do que lhe aconteceu e creia, tive pena de você e venho prestar-lhe os meus serviços. A moça convidou-a para entrar. Contou-lhe então tudo quanto se deu entre ela, o marido e o deputado, ao que a jesuíta parecia prestar religiosa atenção. Jacinta conhecia a fundo o segredo de iludir. Fingindo grande comoção, disse:

- E porque não volta para casa de seu pai? Depois, sua mãe está tão doente!

- Eu D. Jacinta? Voltar para casa de meus pais? Nunca! Antes morrer, mil vezes!

- Se é que pensa assim, articulou a velha, arrastando uma cadeira para junto de Túlia, dizendo-lhe que a querer ser mulher pública, ela podia lhe prestar bons serviços, servindo-lhe de mensageira, mediante uma boa retribuição. Túlia, considerando no oferecimento da jesuíta, achou que era ótimo, mas não deixou de pensar que era preciso muito cinismo para desempenhar tão asqueroso papel. Na sociedade, porém, estes tipos superabundam.

A jesuíta, daquele dia em diante, ficou em companhia da moça e durante o dia andava oferecendo-a aos homens, como se fosse uma mercadoria. Dentro de poucos meses Túlia começou a ser chamada Vênus.

Vênus era mulher de alto bordo. Recebia *tout le monde* e, em cinismo por certo, outra não havia em todos os bordéis da corte. Apresentava-se em todos os lugares públicos, trajando veludos e seda de alto preço e, andava toda recamada de brilhantes.

Um rico fazendeiro apaixonou-se por ela e gastou uma boa dezena de contos de réis, crendo que era amado pela Impéria. Ela o traiu dando entrada a um *petit-maitre* em seus aposentos, pelo que o fazendeiro, ferido na sua dignidade de amante a deixou. Túlia torceu apenas o nariz para dizer:

- Vai-te, disse ela, outro virá em teu lugar...

Nas orgias, ela como bacante que era, corria por sobre a mesa, de taça em punho, completamente desvairada, seminua, entoando canções obscenas que a turba aplaudia com frenesi. Mas quando ficava só, caía de bruços sobre o leito e chorava amargamente, proferindo então frases angustiadas.

A *estátua de carne* transformava-se então em *estátua de dor*. Levava as mãos ao cabelo e revoltava-o, apertava os seios com ânsia e corria a uma gaveta, abria-a e tirava de dentro uma medalha de ônix. Tremia-lhe as mãos de jaspe, abria a medalha e cobria-a de beijos fervorosos dizendo:

- Justo!... Oh! Alma pura e sublime! Perdão, eu estava louca!

As lágrimas saltavam-lhe dos olhos afogueados e ela sepultava-se num lago de negras agonias. Contemplativa, depois, com os olhos fixos no retrato do marido, no mais profundo silêncio, arquejante, mordida pelo aguçado dente do remorso, cheia de horror de si mesma, inspirava dó e compaixão.

Dir-se-ia que Túlia compreendia agora a sublimidade da religião e da família, certa e convicta de que jamais gozaria os doces encantos de sua primeira posição. Às vezes um ou outro homem vinha encontrá-la em tais contemplações, porém ela fechava rapidamente a medalha e guardava-a de novo na gaveta.

Os beijos daquele arrancavam-na da sua profunda melancolia e ela, repentinamente, esquecia-se da cena anterior, abria os braços e desfazia-se em caricias a quem vinha comprar-lhe o pudor.

Jacinta, encontrando certo dia o ex-deputado, admirou-se de vê-lo mal trajado e com as botas já um tanto *cambaias*.

- Oh! V. Ex.! Exclamou ela com admiração. Ele limitou-se a responder:

- Como vai, minha senhora? Passa bem? E continuou seu caminho.

- E esta padre? Articulou a jesuíta. O homem fez pouco em mim! Olhe que *bisca!* Como anda aquilo por baixo!

O ex-deputado era alvo de todos os olhares. Todos cochichavam a respeito da recente queda do *representante do país*, que andava agora cabisbaixo e taciturno. Túlia, vendo-o passar muitas vezes pela sua janela, soltava risadas estridentes, como se aquele homem lhe causasse nojo. *Vênus*, entregando-se ao deboche e à crápula, absorvia dia a dia os sentimentos no torvelinho miasmático da concubinação.

Nas tardes de estio a população fluminense via-a atravessar as ruas mais públicas, reclinada artisticamente nas moles almofadas de um phaeton, puxado por dois fogosos cavalos de raça, que impelindo garbosamente as patas para o ar, tiravam faíscas das pedras do calçamento. *Vênus* olhava para todos com indiferença, sustentando sobre os lábios coralinos um sorriso caótico e sardônico.

Freqüentava os teatros da ópera cômica. A roda de uma mesa, no jardim dos teatros, em companhia de meia dúzia de pálidos *D. Juans*, desde o menino louro de 20 anos até ao pai de família de 60, sorvia a longos tragos o champanhe que lhe despejavam na taça. Embriagava-se e, na febre voraz da embriaguez, pousava a fronte no ombro daquele que estivesse mais próximo e proferia palavras saturadas de sensualismo.

.....

Oscar, o velho amigo de Justo, um dia escreveu-lhe a seguinte carta, depois de haver observado de perto a conduta de *Vênus*:

“Justo

Este mundo é um grande teatro, e quantas vezes, mal gradados nosso não somos obrigado a presenciar as cenas deste terrível drama chamado *Vida social?* Aí onde te encontras ao lado de tua filha, muito

longe desta terra, cujo solo só tem para ti – duros e cruciantes espinhos – talvez não calcules que a mulher a quem um dia deste a tua mão e o teu nome honrado, cada dia cava mais profundamente o abismo que a deve tragar. Mulher a quem falta o pudor – perdoa a dureza da frase – messalina comum e, gravita em roda do asqueroso baluarte do vício e da prostituição!

Os frascários de casaca chamam-na agora – Vênus – e a messalina é a mais vil de todas as mulheres. Se foras um espírito mais analista e, se, além disso, fosses menos inexperiente, terias talvez considerado de outra forma. Sobre o que te disse uma noite no *Club Mozart*, quando viste pela primeira vez aquela que foi mais tarde tua esposa.

Sei e avalio quais e quantos são os teus padecimentos, meu velho, meu sincero amigo, mas arreda para bem longe do teu pensamento que tiveste um dia uma esposa, que tão cinicamente atraçou o teu amor sublimado. Adeus, Justo, vive para ti e para a tua filhinha, sem esqueceres que existe ainda neste país um amigo que jamais saberá olvidar a amizade que te vota há tantos anos. – Teu: Oscar Borba.”

Não procuremos testemunhar de perto a sensação do engenheiro, ao ler esta carta, acompanhemos antes, os passos da mulher adúltera, da messalina desbriada que se tornou indigna do lar doméstico, impulsionada pelo vício e pela própria *condição*, percorrendo a senda escabrosa do vício, onde se esterilizou para sempre.

.....

Perdendo de todo o pudor, *Vênus* esqueceu-se logo que fora casada. Apresentava-se em face da sociedade, com a irônica desfaçatez das Imperias, sorvendo a longos tragos o veneno corruptor do vício, em meio ao delírio estrangulador, que contamina as almas corrompidas.

Os diamantes cintilavam-lhe ainda nos dedos e nas orelhas. Quando passeava pelas ruas da cidade, reclinada nas luxuosas almofadas de um *coupé*, muitas vezes teve ocasião de observar as famílias correrem a janela para verem-na passar, glorificando-se em ouvi-las dizer:

- Olha Nenê, sabe quem é?
- Não! Que linda! É uma mulher à toa, pois não é?
- Pois não estás vendo?
- Como se chama?
- Ora, ora, chama-se *Vênus*.
- *Vênus*? Que bonita que ela é!

Isto a enchia de soberba e orgulho. Volvendo então os olhos chamejantes por toda aquela pasma expectativa, ela entreabria os lábios de carmim, para dedicar-lhes um sorriso cheio de mofa e desdém. Seu luxo era desmedido e para sustentá-lo cavou a ruína de muitos pais de família e de outros tantos jovens inexperientes, levando ao lar doméstico, por essa forma, pungentes lágrimas e acerbos desgostos.

E assim, mordendo as vísceras da moral social com aqueles aguçados dentes de víbora, afrontava essa mesma sociedade que corria para admirá-la como se ela fosse um astro de luminosa cauda!

Jacinta era a sua companheira inseparável, por toda parte a velha jesuíta seguiu-lhe as pegadas, entregue sempre às suas orações e, inseparável do seu rosário.

Denotava-se lhe sempre aquele ar de consumada *beata*, de verdadeira *Madalena arrependida*, dessas que tanto formigam em nossa sociedade. Um belo dia *Vênus* aborreceu-se dela e a colocou no andar da rua: - Que fosse plantar batatas! Estava cansada de aturá-la. A velha rogou-lhe um grande número de pragas, chamando-a de *poço das misérias humanas*. *Vênus*, nem por isso deixou de ser a mesma.

Uma noite, no jardim do *teatro Sant'Anna*, um velho aristocrata entretinha-se durante o espetáculo, a dar escândalo com ela, que lhe puxava pelas barbas grisalhas e o enlaçava nos braços torneados, cobrindo-o de beijos bestialmente sensuais.

- Ah! Meu caro amigo! Tenho-te um amor sem fim! Quando estou a teu lado não me posso dominar! O velhote sorria-se de satisfação e alegria. *Vênus* o embriagava. Era uma mulher carnuda, bem feita. Uma empada não faria efeito tão satisfatório aos olhos de um consumado

gourmet, como aquela bacante aos olhos do aristocrata, que se mordida de impaciência por não poder satisfazer naquele momento, os seus instintos brutais.

Vênus como o astro que era ofuscava, atraia, subjugava ao império do seu traquejo infernal, a vida das almas corruptas.

O aristocrata foi mais tarde uma das suas inúmeras vítima e, tão infeliz e fatalmente se lançou na chama do sacrifício, que cavando sua ruína e desonra, cavou igualmente a de sua família, que daí por diante só teve dores e lágrimas sobre a cruelíssima estrada que lhe apontou a sorte.

Vênus, porém, sorriu-se de mais esse triunfo. O homem a quem ela se entregara, isto é, a quem prodigalizava verdadeiras carícias, era certo pelintra, janota de força, tipo de moral equivocada, desses que vivem a custa de mulheres públicas, porquanto tem menos verniz na face do que qualquer carcamano o tem nas solas dos grossos sapatos pregados a parafuso.

Vênus tinha cega paixão pelo rafeiro de bordel, que qual outro abutre arrancando as vísceras a Prometeu, dilacerava as entranhas à moral-social, convivendo na sociedade, iludindo-lhe a boa fé.

Vênus sacrificava-se pelo benzinho a quem fazia representar os mais nojentos papéis. Obrigava-o a acompanhá-la nos passeios, em toda parte fielmente, como se fosse um cãozinho atrás da dona. Ele dizia muitas vezes consigo:

- Sou um homem feliz! Mas também se o sou é porque sou lindo e sedutor. Apesar da fulminante paixão que ele inspirou na prostituta, ela não poucas vezes, levada por uma espécie de ciúme brutal, ia-lhe a pele, chibatando-o a vontade.

Vênus atravessou durante quatro anos, uma existência podre e sífilítica, no meio do mais enfatuado luxo, abismada nas grandes tempestades de orgia, zombando da sociedade, em cuja face vomitava diariamente escarros de fel azedo, tendo sobre o tacho da bota a Luiz XV, a moral presa como se fosse uma víbora, a qual precisava que lhe esmagassem a cabeça.

Uma noite *Vênus* recebeu inesperadamente uma notícia. Seu pai tinha falecido havia duas horas, de uma apoplexia fulminante. Ela rodou sobre os calcanhares, levou a mão ao rosto e verteu algumas lágrimas, afogando em seguida sua dor numa boa dose de gargalhadas. Daí a quinze dias, nova notícia veio surpreendê-la, num desses momentos em que ela empunhava a taça no torvelinho da orgia, seminua e quase ébria. Sua mãe havia também falecido. *Vênus* encolheu os ombros e, pulando sobre a mesa, levantou a perna e cantou aquelas quadras de um dos nossos poetas: quando eu morrer / Ninguém chore, etc.etc.

Meio ébria, trôpega, com os olhos injetados, ela erguendo o braço, atirou a taça contra uma parede e deitou-se como uma gata vadia sobre a superfície da mesa, com as pernas nuas, o que provocou na assembléia uma roda de palmas.

.....

Em 187... seriam 7 horas da manhã uma mulher velha, bastante trêmula, apoiada a um bordão conversava com um indivíduo, mal trajado na esquina de uma rua.

- Mas que me está dizendo, Jacinta?

- É a mais pura verdade, doutor. Eu logo vi que outro não podia ser o seu fim.

O Dr. Ângelo coçou a cabeça, mordendo os lábios.

- Mas então, morreu esta noite?

- Exatamente. Seriam três horas da manhã quando entregou a alma ao Criador. Oh! Causa pasmo e horror contar a realidade. Dizem que a pobrezinha, antes de dar o último suspiro, já se achava num estado deplorável. Era um fedor que ninguém podia estar perto dela.

- Então estava podre em vida?

- Oh! Arrepiam-se-me as carnes! Quem a visse não a reconheceria mais.

- Mudou tanto assim?

- Não faz idéia. Caiu-lhe o cabelo todo, as pestanas e as sobrancelhas. Do lado esquerdo da face, abriu-se uma chaga medonha. Os seios foram completamente roídos pelas feridas, os lábios e as orelhas.

- Mas que fim tão negro e fatal teve Túlia! Quem havia de pensar!

- E olhe que isso foi em quinze dias!

- E quem estará velando o corpo?

- Sei lá! O diabo que ature semelhante fedor! Eu por certo lá não ponho mais os pés!

- Muito menos eu! Mas é singular! Murmurou o Dr. Ângelo depois de alguns minutos de silêncio. Os transeuntes passavam aos grupos, acotovelando-se, os carros subiam à rua e os bondes desciam-na cheios de passageiros. Os raios do sol, amarelo, fustigavam indolentemente os vidros das janelas dos sobrados mais altos. O comércio principiava a dar o primeiro sinal de vida, pelo seu movimento crescente, ruidoso, progressivo.

Nas portas dos cafés e das lojas, muitos indivíduos liam as folhas do dia. O leitor que tem viajado sabe perfeitamente o que é uma manhã no centro de uma cidade populosa. Um rapazinho que passava, vendo o Dr. Ângelo a conversar com a jesuíta, murmurou com os seus botões:

- Que duas biscas! Que estarão fazendo aqueles dois *estupores*?

O Dr. Ângelo disse a Jacinta que estava bastante arrependido de ter sido ele a causa de semelhante acontecimento. A jesuíta sorriu-se misteriosamente e apertando-lhe a mão, despediu-se dele.

O ex-deputado meteu a mão na algibeira e tirou um charuto que acendeu, tomando então destino a um café. Nesse lugar um grupo de rapazes falava em *Vênus*.

- Sabem quem morreu?

- Não! Quem foi?

- Adivinhem! Adivinhem!

- Não somos cartomantes!

- Pois foi à mulher mais bela da Corte, foi...

- Quem?

- Foi *Vênus*.
- *Vênus*!
- Disse *adeus* ao mundo! Dizem que morreu podre!
- Podre?
- Sim! Reduziu-se a uma pústula!
- Que pena!
- Coitada!
- A terra lhe seja leve!
- Sim, sim! Com o Pão de Açúcar em cima!
- Que blasfêmia!

O Dr. Ângelo ouviu tudo no maior silêncio e retirou-se em seguida para casa. Às duas horas da tarde desfilava um carro fúnebre pela Rua do Catete com destino ao cemitério de S. João Batista. Na porta do cemitério, foi conduzido o caixão para a vala comum.

Alguém que estava em pé, ao lado da grande cruz de madeira preta, em companhia de uma criança de seis para sete anos de idade, encaminhou-se para o lugar em que fora descansado o caixão. Era um velho, não talvez pela idade, porém pela neve de seus cabelos e barba que reluziam como prata sobre uma face pálida e rugosa, documento inquestionável de amargosos sofrimentos. Quando chegou perto do caixão, voltou-se para o coveiro.

- Tenha a bondade de abrir este caixão!

A criança que acompanhava o desconhecido era uma formosa menina, de olhos negros, muito vivos, e cabelos crespos da mesma cor. Quando o coveiro abriu ambas as tampas do caixão, o desconhecido mal lançado os olhos sobre o cadáver, recuou um passo, estremeendo dos pés a cabeça.

- Céus! É isto possível?

O cadáver de Túlia estava enegrecido. Pelas fossas nasais, pela boca e pelos ouvidos saía-lhe ondas de pús pardo, meio verde. Não havia ali absolutamente um só traço que pudesse testemunhar ser aquela poça de pús a mais formosa das mulheres de seu tempo.

Túlia era um horror!

Quando o desconhecido, pendendo-se sobre o caixão, para examinar de perto o efeito da sífilis, deixou rolar sobre a fronte inerte de Túlia uma lágrima, pareceu-lhe que o corpo da morta tinha se mexido.

- Horror! Vamos, minha filha!

- Quem é aquele defunto papai?

O desconhecido olhou então para a filha e cerrando-a contra os braços, com a voz embargada pelo pranto, sufocado de dor e agonia, exclamou:

- Aquele cadáver, filha de minha alma, é o de tua mãe!

FIM

P.S. Uma mulher já bastante idosa esperava-o dentro de um carro, o qual logo partiu a trote com destino a cidade. A velha era a Joana.

AO PÚBLICO

Durante os meses de setembro, outubro e novembro de 1881, o *Onze de Junho* publicou em folhetins o romance *Vênus ou o dinheiro*.

Mal terminou aquela publicação, começou pela imprensa uma calorosa polêmica relativa ao mérito da obra: uns acusavam-na, outros a defendiam.

Foi nessa ocasião que o meu amigo e inteligente jornalista Sr. Albino Costa, publicou pelas colunas do hoje extinto *Jornal do Comércio* os belos artigos que se seguem.

Neles não se depara nem a benevolência do amigo, nem o zoilismo abjeto dos invejosos e pessimistas.

Foi o critério que nesses artigos se revela que me levou a trasladá-los para este livro, dando lhes o título de – JUÍZO CRÍTICO.

Setembro de 1884.

Paula Pires

NECROLOGIA

Paulo Marques

Já não é deste mundo o ilustre e talentoso rio-grandense. As ventanias da adversidade bateram sem cessar sobre o seu delicado organismo e rojaram-no no pó da eternidade. E quantas ilusões, quantas esperanças embalaram aquela preciosa existência!

Inda na primavera da vida, quando o seu robusto talento amadurecia na maior sofreguidão do estudo; quando molhava a sua pena de ouro para decantar o amor e a liberdade; quando o bem da pátria era o seu maior anelo; quando já contaminado pela enfermidade, escrevia na *Gazeta da Tarde* esplendidos artigos, em defesa do homem escravo; – foi justamente quando a morte – lei natural mas terrível – o arrebatou de nós para sempre!

E quanta lembrança nos deixou aquele que a 30 de Julho exalou na corte o ultimo suspiro! Só pode dizê-lo quem, como o autor destas linhas, foi o seu maior amigo.

Paulo Marques de Oliveira, filho legítimo de Paulo Marques de Oliveira e D. Antonia Bernarda de Oliveira, nasceu a 13 de outubro de 1857, nesta cidade de Pelotas.

Acentuou a robustez do seu talento nas seguintes obras:

Aláisa, romance publicado na Corte em 1880; *Vênus ou o dinheiro*, publicado em folhetim, no *Onze de Junho*, em 1881, e que motivou uma longa polémica literária; *Os verdadeiros mistérios do Rio de Janeiro*, romance publicado na Corte e tão bem aceito que foi esgotada a primeira edição.

Este romance mereceu um esplêndido elogio do ilustre literato brasileiro Sr. Dr. Homero Campista e foi também criticado pelo conhecido escritor Sr. Silvio Dinarte; *Por causa de um chapéu de sol*, belíssima comédia levada à cena no teatro desta cidade, pela companhia Simões, em 17 de dezembro de 1881, obtendo o mais esplêndido sucesso.

Por essa ocasião foi Paulo Marques alvo de uma ruidosa manifestação de apreço, por parte de seus amigos e admiradores.

Além de muitas outras provas de consideração que recebeu naquela memorável noite o distinto escritor, recordo-me que o elegante publicista Sr. Machado Tavares, abraçou-o em pleno cenário.

A interessante menina Alice Reis, recitou na mesma ocasião a seguinte poesia, composta pelo autor destas linhas:

Eu que prezo e admiro
As almas nobres e grandes,

Compartilho da alegria
Em que poeta, te expandes !
Nas lutas da inteligência,
Com critério e sapiência,
Ergueste altares a arte;
Por isso aqui, orgulhosa,
- Poeta, venho saudar-te.

Já que ofertaste um tesouro
A nossa literatura,
Recebe, pois, mais um louro,
Alma de artista, alma pura.
Recebe da mocidade
As mais justas oblações;
Segue os passos de Alencar,
De Macedo e Zaluar,
De Dante, Tasso e Camões.

Poeta! É longa a jornada
Mas é também gloriosa:
- De espinhos é circundada
- A mais purpurina rosa;
Avante poeta, avante!
Quero ver-te triunfante
No vasto campo da glória !
Deu-te o céu merecimento,
Deu-te virtude e talento,
Conquista, pois a vitória.

No grande, no vasto império
No majestoso Brasil,
Tu te destacas ingente
Nas letras, astro gentil!
Nas lutas da inteligência
Com critério e sapiência
Ergueste altares a arte;
Por isso aqui, orgulhosa,
Nesta noite auspiciosa,
Poeta, venho saudar-te !

Terminou a serie de saudações o inspirado vate e inteligente escritor Sr. José Gomes Corrêa,
recitando com o maior entusiasmo a mimosa poesia que se segue:

Poeta!
Levanta a fronte
Onde o talento transluz !
Onde fulgem mil idéias
Quais catadupas de luz!
Ergue-a, sim!... E se tua alma
Até aqui serena e calma
Sentir-se agora agitar,
É porque vê neste instante
O nome teu rutilante
Nas mãos da gloria a brilhar !

Oh! Como é belo! – não sentes ?

Ver assim as multidões
Aclamarem-te – poeta –
Da gloria aos grandes clarões?
Que importam cardos? O espinho
Que te feriu no caminho,
Se o futuro te sorri ?
Tem sido amarga a jornada ?
Que importa? Se ao fim da estrada
A gloria te trouxe aqui !

Esta festa tão risonha
Que belas coisas traduz !
- A mocidade te aplaude,
- A gloria te esparge luz !
E, como ao vate de outrora,
Conduz-te o povo nesta hora
Ao capitólio, ao porvir...
E tua frente inspirada
Reverbera aureolada
Por astros mil a fulgir.

Poeta ! prossegue avante
Na bela senda da gloria,
Talvez que ela te conduza
Ao vasto templo da história...
E a essa coroa virente
Que circunda aurifulgente
Tua frente de esplendores,
Junta a dádiva modesta
Que te ofereço nesta festa,
Estes versos – pobres flores.

A Biblioteca Pública Pelotense possui o manuscrito do seu bellissimo romance *A canalha*, modelado na escola realista e escrito em linguagem elevada, polida e correta.

A doação desta obra à biblioteca foi feita em plena sessão de diretoria, como consta do respectivo livro de atas.

O então presidente da Biblioteca Sr. Dr. Saturnino Epaminondas de Arruda, atendendo ao pedido do ilustre doador, nomeou uma comissão composta do 1º secretário Domingos Fernandes da Rocha, diretor J.L. d Arnizaut Furtado e o autor desta necrologia, para assistir à leitura da obra.

A comissão desempenhou em parte sua missão, isto é, assistiu à leitura do romance até mais da metade, suspendendo seus trabalhos com a partida do autor para a corte.

Isto não obsteu a que eu lesse o romance até o final, e muito atentamente.

O maior desejo de Paulo Marques era ver seu livro publicado, e que a biblioteca obtivesse algum resultado dessa publicação

Quando tratava eu de angariar uma assinatura a fim de publicar-se a obra, recebi da corte uma carta de Paulo, pedindo-me que lhe remetesse o romance, pois desejava retocá-lo.

Não satisfiz o pedido do amigo porque não dependia ele de mim.

Além das obras a que já me referi, sei que foram aprovadas pelo conservatório dramático da corte várias comédias e dramas do talentoso rio-grandense.

Ultimamente, já quando Paulo Marques reconheceu-se perdido pela enfermidade, enviou-me da corte a sua fotografia com a seguinte dedicatória, e acompanhada de uma carta da qual transcreverei adiante alguns tópicos:

“Paulo Marques, o teu sincero e talvez o mais verdadeiro dos teus amigos, envia-te este retrato. E sabes por quê? Eu te explico: - Morro breve e não desejaria que tal fato se desse sem que te confiasse a minha fotografia no quase derradeiro período da minha vida. Assim não me perderás nunca as feições. Penso que nunca mais nos veremos, porque o destino assim o ditou. Sou filho que perdendo a santa mãe, precisa fugir ao mundo e aos homens. Eis as minhas crenças no presente. Tenho algozes”. Paulo Marques dispensava a maior consideração às instituições literárias.

A Biblioteca Publica Pelotense, que ele chamava o *Partenon da minha terra*, sentia não poder ser bom como desejava, mas dizia sempre que por sua morte legar-lhe-ia todas as suas produções literárias.

Na carta que me dirigiu em 25 de Maio p.p., dizia-me ele:

“Ando desconfiado que em breve bato a bota, tanto que estou fazendo passar a limpo os meus trabalhos; porque, caso eu morra, serão eles remetidos à Biblioteca Pública Pelotense.

Não sei; sinto-me mal e vejo a vida e as forças fugirem-me velozmente. Tenho um pulmão em estado grave de dissolução”.

Paulo Marques, além de ser prosador de merecimento, era poeta inspirado. Às vezes descurava da forma para esmerar-se no fundo. Eis uma mimosa produção sua:

“Não sei por que descreio deste mundo
Quando roça-me na alma a substancia
De uma meiga e serena mocidade
Recamada de lúcida fragrância!

Ê-me a vida um sepulcro de ilusões,
Um mar tempestuoso, um mar profundo,
Onde errante o navio dos meus sonhos
Soçobra... se espedaça... e vai ao fundo !

Nas mulheres, nos homens... Oh! Não creio
Nesse turvo conjunto – mar de escolhos!
Eu só creio mulher casta e sublime,
Na mágica pureza dos teus olhos”.

E quando o poeta escrevia estas lindas quadrinhas, eu sei que ele amava loucamente uma mimosa flor do jardim pelotense. Então ele dizia, num devaneio, a M...D...:

“Eras bela! Te amei, - rendi-me aos olhos

Aos olhos teus morena!
Um riso só dos teus me fez cativo,
E bem louco de amores por ti vivo,
Oh! Pálida açucena.

Eras bela! No mar dos teus cabelos
Meus lábios quis pregar...
Do teu colo sentir magos perfumes,
Dos teus lábios – mistérios e queixumes,
Nas noites de luar.”

.....

Antes de terminar estas ligeiras linhas, julgo conveniente dizer que Paulo Marques foi redator da *Tribuna do Comercio* e da *Revista da Phenix Literária*, ambas publicadas na corte; que aqui foi um dos redatores da *Tribuna Literária*, onde deixou importantes artigos, devido ao seu não vulgar talento, e que ultimamente, na corte, ocupou vantajosamente o lugar de redator da *Gazeta da Tarde*, sem dúvida alguma um dos mais importantes jornais deste grande império brasileiro.

Em toda a sua vida de escritor público foi vítima dos zoilos e avantajou-se sempre das mediocridades pretensiosas, porque tinha muito talento e regular ilustração e possuía idéias adiantadas.

Em ciências seguia as doutrinas de Comte, de Littré, de Spencer e de outros; em literatura ria-se do velho e decaído romantismo hugoano e abraçava gostosamente o realismo de Zola. Com ele convivi por algum tempo; com ele aprendi o pouco que sei de filosofia positiva.

Como simples cidadão, Paulo Marques foi sempre um modelo de inapreciáveis virtudes. Em homenagem à sua memória escrevo estas linhas e continuarei a fazê-lo para o futuro, em outra ordem de publicações.

F. de Paula Pires.

(Do *Correio Mercantil*, de 9 de agosto de 1884)

JUÍZO CRÍTICO A ESCOLA REALISTA

Da comunhão assombrosamente arrebatada do século atual, das lutas pelo belo e pelo maravilhoso, da marcha interminável, progressivamente vertiginosa dos inventos, banhada pela luz das constelações ideais, refundidas nas temperas finíssimas dos cérebros augustos, a literatura – reflexo da civilização dos povos – ressurgue, luta, vacila e passa impelida pela lufada inovadora do progresso acentuado em todos os tempos, em todas as idades, o rastro resplandecente da sua passagem!

Dir-se-á que cingindo ao manto alvíssimo a eterna fosforescência da inteligência humana, ou agitando herculeamente as assas longas pelos horizontes tempestuosos ou serenos das artes e das ciências, ela é predestinada à perfectibilidade, a eleita para levar ao porvir a sagração dos povos!

Ela é a espuma ideal que os temporais impelem as praias do futuro, burilando ao cântico das ondas, nas rochas afastadas, os nomes imortais dos gênios que atiram um punhado de sóis às evoluções, às dores fundas, aos grandes júbilos e as isolações das gentes e dos estados, enquanto que emoldurados em bronze seus bustos, - atalaias esplendidas da gloria e do pensamento - lá estão a desafiar a poeira dos tempos e a cólera das eras!

Hoje, mais que nunca, a literatura divide-se, tendendo, contudo sempre ao mesmo fim; ela vai na sombra da indigência procurar a ciência que tantas vezes por lá anda solitariamente a peregrinar e, revestindo essas pálidas mendigas das cores prismáticas da fraseologia concisa, batiza-as e as apresenta cheias de vigor, luxuosas, arrebatadoras, às ondas populares, arremessando conjuntamente ao porvir um nome até ali ignorado!

De todas as veredas em que se divide - repelidas umas pelo bom gosto, abandonadas outras pela precipitação das transições inovadoras, ou porque o abuso as viciasse - sobressai vantajosamente nesta época de análise, a escola realista propagada por E. Zola, Eça de Queiroz, G. Crespo, Guerra Junqueiro e tantos outros que de além-mar como do Brasil, têm sempre um eco de entusiasmo para as manifestações do belo, sempre uns acordes suaves a corresponderem harmoniosamente ao maravilhoso.

A propensão dos grandes talentos para a nova escola é admirável!

As doutrinas realistas têm sobre o velho romance e o lirismo anacrônico vantagens prodigiosas.

Elas varrem do cenário das letras esses decrépitos indolentes, como quem varre uma legião de vadios dos antigos solares por imprestáveis e imprime nos fatos e nas coisas o cunho austero da originalidade, insuflando na artéria popular a vida e o labor jovial.

A nova idéia, despertando energicamente o homem da letargia moral e nefanda que o envolvia, apontou-lhe os horizontes abertos, intermináveis, límpidos, cheios de luz, dizendo-lhe:

“trabalha! Eu encherei de sóis as tuas fadigas, de espigas as tuas searas, de grãos os teus celeiros e de tranqüilidade a tua alma. Eu derramarei às mãos cheias o sol no teu espírito, risos na tua herdade, abundância em tuas sementeiras”.

Uma rajada de sentimentos bons, generosos, estremeceu-lhe no peito ansioso. Esfregou rapidamente os olhos, contemplou maduramente: ao redor, a natureza e os seres, os montes toucados de flores e as várzeas revestidas de brotos. Lá os rouxinóis e as cotovias entoavam docemente as cantigas do alvorecer. Então empunhando a

enxada, o alvião, a pena ou a palheta, partiu para o trabalho.

O suor que a terra embebe legado glorioso dos mártires, dos proletários, é prenuncio da abundância...

Ao entardecer voltou ao lar, enlevado, tranqüilo, expansivo, em busca de repouso e de refeição!...

Irradiava-lhe nos lábios o sorriso franco das almas desoprimidas. Lá vinha ele em direção à aldeiazinha, pelas devesas rescendentes de perfumes e gorjeios, cantarolando ao por do sol umas canções estranhas, suaves, encantadoras, de uma fresquidão ideall!...

A nova idéia consolida acima de tudo a base sã dos princípios morais. Enquanto o lirismo diz ao infeliz: “choras inconsolavelmente? – faz um poema das tuas mágoas, envolve-te nessa mortalha lívida e vai deitar-te a dormir tranqüilamente, sobre uma lousa plácida – ela será o epitáfio das tuas amarguras!”, a nova escola, cruzando o cenário das nossas afeições, se por lá encontra tristeza e a desolação diz-nos: “trabalha! Na atividade do espírito encontrarás o lenitivo e o esquecimento para as tuas dores, cada gota de suor afadigoso que te correr pela fronte pálida será o bálsamo à tua ferida íntima e, as constelações de tuas alegrias de outros tempos, como as andorinhas, voltarão à soledade do teu albergue... trabalha!...”

A escola realista como a compreendemos, é a exposição austera e fiel da verdade, orvalhada suavemente na palheta do sentimento.

É o visível, o palpável, na grande escala dos seres, das coisas e dos fatos físicos em comunicação direta com o invisível, com o incorpóreo, abstrato – razão, espírito e sentimento – no turbilhonar assombroso da existência moral! Tudo marcha, palpita, resfolega, pensa e sente! Tudo, fatalmente sujeito às leis da mutação, das grandes metamorfoses físicas, sucumbe e passa do mundo visível ao sorvedouro caliginoso do insondável! Enquanto que a vida íntima – a alma – absorvendo tristemente a decomposição e o nada miserável da matéria, isola-se pelo infinito, saudosamente, em busca de luz mais límpida, até retomar a encarnação de um ser classificado na grande obra das coisas físicas!

Se a escola realista se resumisse simplesmente no mundo visível, era pobre, era um tratado miseravelmente imperfeito da configuração das coisas, segundo a percepção individual! Mas não, ela vai perscrutar o incorpóreo, o abstrato... Fala-nos da existência interior, da vida que se dilata pela onipotência do sentir, que não apalpamos, mas que realmente analisamos e afirmamos, porque ela é o nosso Eu, - que nos dói, que nos punge, que nos enleva e diviniza!

Quantas vezes na nossa vida árida e triste não choramos as nossas misérias e as do próximo? Não vertemos lágrimas de sangue sobre o cadáver de um ente estremecido – que não nos pode ouvir, que não nos sente que não nos verá jamais – porque ali existe só, no estado natural, a realidade física, enquanto que a realidade moral – perfume, o encanto a compreensão e a vida, desprenderam-se dos fios tênues

da nossa percepção e partiram para a região do incógnito, do misterioso, do insondável?!

A essência, partícula imaculada, voará da habitação do lodo às regiões puríssimas, enquanto que a matéria, misto ignóbil de lama e podridão, espera o aniquilamento, sob quatro pás de terra, no banquete legionário dos vermes.

Dois infinitos se contemplam, interrogam-se, falam-se, comunicam-se, compreendem-se e abraçam-se – o moral e o físico. O exterior, na expressão dura e severa dos fatos, recebe do mundo interior, pela larga senda, as tintas suaves do sentimento e o conceito luminoso da razão, como a um cadáver a que se insufla a vida, como a uma fronte a que se dê expressão. Eis a escola realista como a compreendemos.

II

A escola realista cria, divaga, estuda e conceitua. Despreza aquelas meias tintas fantasiosas do velho romantismo porque as encontra cheias de alucinações, de sonhos desvairados, febris ou absurdos, que roubam a atividade ao espírito, bestializando-o inutilmente.

Para cenário requer simplesmente âmbitos claros, daquela luz como a das consciências límpidas, que refletem a verdade, que emana do estudo e da experiência. Suas imagens firmes, encantadoras, são como as da escultura grega – nuas demasiadamente algumas vezes, porém verossímeis e esplendidas.

Considerada esta escola utilitária sob este ponto de vista, passo a fazer a breve análise de um romance recentemente publicado, produção do inteligente jovem Paulo Marques. Não é uma crítica doutrinal e severa a que me imponho, não, escrevo simplesmente umas considerações francas e desprevenidas, interpretes de uma opinião – a minha.

Estudar, decompor, fazer a crítica de Vênus ou o dinheiro, era o meu desejo; porém o encargo, demasiadamente pesado para ombros frágeis, poderia ocasionar a queda em meio da viagem. A crítica desliga, indaga, sonda, decompõe fria e cuidadosamente, para com a ponta do escapelo, levantar o belo, soerguer o bom e o útil.

Há livros que não valem a crítica, há críticas que nem se quer valem o estudo de um conceito. Analisar o trivial, ter experiência e lucidez bastante para destacar gradualmente o sublime, o horrível, o maravilhoso, encarados segundo a escola a que pertencem, é o dever do crítico.

Por mais severa que seja a crítica, eleva sempre, ela aponta os escolhos e os desvios do caminho, como também a vereda útil, certa e desassomburada, é o farol utilíssimo para o escritor. A crítica é necessária a um livro como os raios do sol às plantas.

A crítica que destrói é injusta, a que tudo eleva insensata, a que desbasta,

aproveitável e boa.

Quando os grandes espíritos, como Ramalho Ortigão, Guilherme de Azevedo, S. Romero e outros se propõem a fazer a crítica de um livro, estudam-no maduramente, não vão como as enxurradas que vêm do alto, derribando conjuntamente com o joio os brotos e as plantações viçosas – fruto do trabalho árduo e esperança única do lavrador – não!

Escrevem sob a análise comparativa da ciência as suas cogitações, retemperadas nas forjas da herdade, destacando o sublime e sublinhando o belo, esplendidamente arremessado às calmas e às lufadas do tempo e das discussões, divinizado ao sol resplandecente dos seus conceitos!

A tarefa do crítico é pesada, longa e afadigosa, não pode ser levada a cabo por alentos curtos como o meu.

Vênus ou o dinheiro é um livro bom, útil e moralizador, poucos conheço mais dignos de um sério estudo. É bom, porque o leitor, logo desde o principio, sente o espírito atraído para aquelas páginas, onde o enredo desenvolve-se com arte e naturalidade; útil e moralizador, porque seu autor, de harmonia com os preceitos de uma escola racional, apresenta-nos os defeitos de uma sociedade viciosa, desveste-os, castiga-os, mostrando-nos ao mesmo tempo o resultado de um casamento leviano, feito às pressas, como o do Dr. Justo e Túlia.

As sociedades mais civilizadas são também aquelas onde a corrupção lavra com mais intensidade, devido fatalmente às educações mal dirigidas. À medida que um povo com a ilustração adquire a lucidez e a análise, não sei que estranho cepticismo lhe vai minando o coração, esterilizando-o na maior parte.

Quantas inteligências não vemos nós por aí indiferentes, retraírem-se ao silencio criminoso, como se os seus donos tivessem o direito de inutilizar esse dom com que a natureza os privilegiou?

Da indisposição provém a inércia moral, que corrompe e avilta, sacudindo dos corações os sentimentos generosos e as melhores aspirações.

O Dr. Justo de Abreu era uma daquelas almas cândidas, quase angélicas, que vê em todos os caracteres a bondade sublime de suas consciências límpidas. Há poucos tipos como o do Dr. Justo.

Encontrou ele um dia na sociedade fluminense uma mulher fascinadora, de uma beleza rara, porém de sentimentos levianos, quase perversos, devido a uma educação livre e mal dirigida. Apaixonava-se quando queria e desprezava os namorados quando lhe fazia conta. Era uma vivandeira do amor, chamava-se Túlia.

Há na sociedade muitas destas mulheres, prostituídas na alma, que sob o véu do artifício sabem aparentar num sorriso angélico, afetos que nunca sentiram cujos encantos são incapazes de conhecer.

Pode uma mulher entregue ao vício, à crápula, conservar a pureza da alma e tornar-se um dia boa e dedicada, não pode, porém uma dessas que por aí andam,

como Túlia, ser jamais esposa fiel e mãe de família carinhosa.

O Dr. Justo dedicou o melhor dos seus afetos a Túlia – amou – a. Se nesta mulher a beleza moral correspondesse à perfeição da matéria, ela seria então um anjo. O Dr. Justo declarou-se. Aquela mulher que estava fadada para representar um grande papel na história de sua vida devia ter um bom coração, convinha-lhe para esposa: era linda, devia ser também virtuosa.

Túlia, que via no engenheiro um excelente arranjo, porque tinha dinheiro e freqüentava a melhor sociedade, campo vastíssimo que ambicionava para a ostentação, onde a sua vaidade seria satisfeita, apaixonou-se por ele.

Justo não cuidou de estudar a índole da mulher que amava, pediu-a em casamento e, ao fim de curto prazo era seu esposo. Decorreram alguns meses. A lua de mel foi para o Dr. Justo a fase mais jubilosa de sua vida, uma aurora de amor tranqüila e santa brotara dos olhos negros e fascinadores de sua esposa. O sol que o iluminava era o grande sol do amor – suave, límpido, interminável.

A alma do Dr. Justo, pura e generosa, enfeitara de sonhos o ninho conjugal, onde a felicidade desenrolava placidamente as brancas asas, a cuja sombra se acolhia sorridente. A lua de mel para Túlia foi uma ligeira distração.

Pouco depois, aquela divina placidez enfasiava-a, causava-lhe um profundo tédio. Túlia era uma mulher nervosa, irritável, voluptuosa, imaginativa... Sob o invólucro esplendido de uma formosura sem par escondia uma alma perversa e má. Aceitava as caricias de Justo, correspondia-lhe, porém não o amava.

O engenheiro servia-lhe para esposo, mas, não lhe servia para amante. Um dia sentiu-se mãe. Entristeceu-se, tinha que deixar por algum tempo os salões, os divertimentos da corte, a perfeição de suas formas peregrinas desapareceriam em breve, com o estado de gravidez. Resignou-se. Conhecia perfeitamente a arte do disfarce e da conveniência. Tinha cinismo bastante para aparentar a seu esposo um amor quase delirante.

Chegado o tempo necessário teve de um parto feliz uma bela criança, - desvelo e encanto para Justo, contrariedade e estorvo para Túlia.

Há em todas as sociedades muitas mulheres que, encostadas ao nome de um homem honrado, arrastam-no miseravelmente para a vergonha e para o vilipêndio, pouco se importando com o juramento de eterna fidelidade que um dia fizeram à face de Deus e da sociedade.

A moral não é um paradoxo, ela é uma grande nau que pelos oceanos da vida, conduz o gênero humano para o ancoradouro do bem. O vento da virtude enfuna-lhe as velas, porém uma vez perdido o rumo, o naufrágio é inevitável. Feliz, feliz aquele que, quando a tempestade assoladora das paixões lhe redemoinha no peito, contempla ansiosamente os raios límpidos desta estrela – a moral.

A moral, porém, para ser compreendida, necessita de raciocínio frio e agudo que só pode derivar de uma fonte maravilhosa – a educação.

O homem nasce e sua propensão natural deve ser para o bem, mas com a convivência, com os exemplos, adquire os vícios e os defeitos dos pais, torna-se mau, perverte-se.

Se a educação não o levar ao colo, fica irremediavelmente perdido, portanto – a sociedade manda para a escola um malvado, a escola deve restituir-lhe um homem de bem. Os crimes dos filhos caem como maldições acerbas sobre a cabeça branca dos pais, porque na maioria dos casos só estes têm a culpa dos filhos serem maus. Será culpado o cego que, tropeçando no canteiro mimoso, aniquila o fruto de tantos cuidados? Não! Pois bem, a sociedade condena-o enquanto que o malvado que para ali conduzira fica impune.

O homem bem educado poderá ter maus instintos, porém, quando vai cometer um crime pensa, recua. Túlia se tivesse recebido melhor educação, compenetrar-se-ia dos deveres de filha, da felicidade de esposa, da missão de mãe e poderia então tornar-se honesta e boa...

Voltemos à narrativa.

Túlia, que havia ido passar alguns meses na Tijuca, volta para a corte restabelecida do parto. Sua beleza e suas formas luxuriosas não haviam sofrido alteração alguma. Uma ligeira palidez, uns retoques suaves de poesia fascinadora, emolduravam-lhe as mimosas faces.

Contemplava-se no espelho e um sorriso de satisfação saltava-lhe da boca peregrina, sensual. Túlia, em solteira, conhecera o deputado Ângelo de Queiroz, haviam sido namorados. Esta mulher tinha sede de prazeres, de sensualidade, queria os gozos voluptuosos do delírio, do amor, pouco se importando com os deveres de esposa.

Escreveu uma carta ao deputado, dizendo-lhe que no dia seguinte o esperasse a tal hora, que seria sua completamente por alguns momentos. A entrevista efetuou-se. Aquela mulher, que havia descido de degradação em degradação moral, dera o último passo, acabara de resvalar para o mais execrado dos abismos – o adultério.

III

A mulher é como os tecidos delicados: enodoa-se ao contato de um objeto impuro. Se ela quer esconder esta nódoa sob a aparência da virtude à sociedade vira-lhe as costas e ri-se.

A mulher que um dia desviou-se do caminho da honra, jamais pode levantar-se, vê-se só, isolada e, uma alucinação natural arrasta-a ao precipício. Mais tarde detém-se um pouco e medita: - Se eu pudesse voltar lá para cima, onde o prestígio cinge de auréolas a fronte das mulheres honestas!...

Lança desesperadamente um olhar em redor: ninguém!... Ao longe o irônico gargalhar das turbas aponta-lhe o seu estigma. Então um grande desejo de vingança

desvaira-lhe os sentidos e... Deixa-se escorregar pelo despenhadeiro até chegar à última degradação!

Depois... Ide ler no grande livro das misérias humanas a história lívida da bacante. Desgraçado do que tiver a louca generosidade de estender-lhe a mão, será arrastado ao mesmo precipício.

A sociedade é má, é injusta para com aquela mulher? Não. Quando esta mulher tornou-se rê, segundo a moral, atirou uma afronta à sociedade e a sociedade pune-a voltando-lhe as costas. Está no seu direito.

Túlia era para o Dr. Justo uma mulher incomparável, virtuosa, imaculada, era um anjo que Deus havia lançado em seu caminho para torná-lo o mais feliz dos homens. E aquele marido modelo vivia só para sua esposa e sua filhinha.

Um dia foram dizer-lhe: - Tua mulher é uma prostituta... Eis aí as provas! Desgraçado! Esqueceste que a felicidade é uma ficção que se esvai como a sombra: quando julgamos alcançá-la é quando mais longe estamos dela!

O Dr. Justo quase enlouqueceu. Expulsou sua mulher de casa e, coberto de vergonha, partiu para a Europa com sua filha.

Túlia, impudente, entregou-se inteiramente ao deputado Ângelo de Queiroz, de quem pouco depois se aborreceu. Os amantes se sucediam escandalosamente. O lupanar era o cenário das suas orgias hediondas! O veneno das devassidões foi apodrecendo aquele corpo esplêndido, até escondê-lo no silêncio eterno de uma vala.

Alguém lá foi jamais erguer uma cruz? Depor uma coroa de saudades? Não.

Até na tumba o mundo persegue estas mulheres com o abandono e o esquecimento. Quando o féretro de Túlia chegou ao cemitério, um homem com uma criança pela mão encaminhava-se em direção ao coveiro e, contemplando a hediondez daquele cadáver, balbuciou algumas palavras em segredo – uma oração talvez – e retirou-se.

Era o Dr. Justo de Abreu, que acabava de chegar da Europa e fora dizer o último adeus àquela que foi sua esposa. A sociedade nem sequer lhe permitia o desafogo das lágrimas.

Eis resumidamente esboçado o enredo de *Vênus ou o dinheiro*. Como se vê ele é natural, desenvolve-se com habilidade e critério. Têm passagens lindíssimas, quadros bem desenhados e de um belo efeito.

A narrativa acha-se perfumada de conceitos que lhe dão mais encanto à forma. Os conceitos são os grandes clarões-reflexos das inteligências privilegiadas. Paulo Marques foi às galerias sociais e trouxe de lá duas figuras de índoles opostas: Túlia e Justo. Deu-lhes vida e movimento, segundo a escola real, fazendo-as desenvolver com arte o tema a que se propôs.

O romance de Paulo Marques é moralizador essencialmente porque, como já

disse, aponta os erros de uma sociedade pervertida, desveste-os, castiga-os, deixando antever ao leitor como se poderia evitá-los e quais os resultados das grandes passagens irrefletidas da nossa vida.

Paulo Marques foi ao teatro da vida buscar um fato dos muitos que por lá se dão, no mistério das sociedades, batizadas com lágrimas ignoradas e, narrou-o fielmente, sem lhe dar os arrebiques do antigo romantismo. A sua narrativa, encarada como um desses romances que por aí abundam é trivial. O seu mérito é ser filiado à escola realista, que é a escola da verdade e no atilado estudo sociológico que encerra.

Eu disse há pouco: a crítica que eleva por demais é insensata. A sua mão Paulo Marques e, consinta que um dos seus discípulos dê-lhe um bolo! Hei de puxá-lo bem, que tenho inveja da sua inteligência e... Quero vingar-me... Que quer meu amigo? O discípulo abriu os olhos para um ponto que o mestre deixou passar. Raciocinemos.

Túlia, apesar da sua organização vaporosa, dada ao sensualismo, conservou sempre, até à época do casamento, a dignidade de mulher. Apesar de seus maus instintos e perversão moral, soube conter-se no torvelinho perigosíssimo dos namoros, resistiu às seduções de toda a classe a que se expõe toda a moça namoradeira em uma sociedade pervertida.

Esta mulher, que até aquela época conservou ilibada a sua honra, não ia alguns meses depois de casada, quando os deveres duplos de esposa e mãe chamavam-na a fidelidade, escrever cartas combinando entrevistas, correr pelas praças públicas atrás de um homem e dizer-lhe ao ouvido: - quero ser tua amante.

Eu não sei se serei bom observador, mas parece-me meu amigo, que uma mulher não faz isto. Quando elas têm um organismo sensual, cheio de voluptuosidades e uma educação livre e descuidada, ou não resistem em solteira às grandes seduções – que são as mais veementes – ou conservam-se fiéis aos deveres de esposa e de mãe. Três causas há que levam a mulher ao adultério: - a influência do organismo (que se manifesta desde a meninice), uma paixão desvairada e, o desprezo ou a indiferença do esposo. Destes três casos, Túlia achava-se apenas no primeiro, mas, repito a moça que quando solteira resiste às tentações, não vai depois de casada oferecer-se a um homem e dizer-lhe: - quero ser tua amante.

Há, portanto, no seu livro esta pequena lacuna que o amigo deixou sem reparo. Talvez esteja enganado, porém eu penso assim. *Vênus ou o dinheiro* é mais um tratado de filosofia social do que um romance. Basta este livro ser filiado à escola realista para ter pela frente inimigos irreconciliáveis, porque todas as doutrinas adiantadas os têm.

Há aqui, como em toda a parte, muita inveja e má fé que perseguem os escritores novéis. É mister que estes tenham muita coragem para não emudecerem. Coragem Paulo Marques a tem e muita. Disposição e talento não lhe faltam: escreva meu amigo, escreva e estude muito, porque o estudo é o pão das grandes almas.

A inteligência é o sol que rompe do infinito e se agasalha no crânio dos predestinados. Traga sempre em movimento esse belo tesouro com que a natureza o

privilegiou – escreva! Eu com a sua vocação e o seu talento, faria muito.

Pelotas, - dezembro de 1881.

Albino Costa

Do *Jornal do Comércio*, de Pelotas, dezembro de 1881.

EPÍLOGO²¹

Túlia habitava em um lindo chalé, em S. Cristóvão. Ângelo de Queiroz cercava-a de luxo e pode se dizer, morava com ela, em menosprezo de si próprio e da moral social.

Não durou muito tempo essa concubinação, porquanto, tendo sido dissolvida à câmara, o deputado teve de deixar a Corte, tendo de voltar à antiga vida de advogado (sem clientes).

Túlia franziu o nariz quando soube da próxima partida do deputado, se bem que ambos iam-se aborrecendo um do outro.

Um belo dia o deputado procurou um motivo para ver-se livre da amasia e retirou-se, não voltando mais ao chalé.

Então a moça achou oportuna a ocasião para procurar nova vida e mudou-se para a cidade.

Foi essa uma resolução que lhe custou muitas noites de vigília. Ia ser mulher pública, convivendo com o vício, entregando-se assim em corpo e alma aos vendavais da sorte.

Resolvida a dar esse passo, alugou um cômodo no Hotel Ravot, à Rua do Ouvidor.

A notícia da prostituição da mulher do engenheiro espalhou-se logo por todo aquele centro populoso. Túlia esperava a todo o instante ouvir baterem-lhe à porta, aparecendo-lhe uma turba de indivíduos que viessem comprar-lhe os beijos e as carícias.

Isto fazia-a estremecer dos pés à cabeça. Nesses momentos então, o arrependimento fulminava-a. Povoavam-lhe a imaginação horríveis pensamentos e tremia-lhe o soalho sob os pés.

²¹ Conforme publicado na edição em livro de 1885, coletado no exemplar da PUCRS.

A primeira pessoa que a foi visitar no hotel foi a Jacinta que, sob o poder misterioso da hipocrisia, julgou ali achar uma fonte inesgotável de ouro, um verdadeiro *Potosi*.

- A senhora por aqui?

- Eu mesma, menina! Pois que quer? As amigas costumam sempre aparecer às amigas justamente nas ocasiões em que são precisas. Soube do que lhe aconteceu e creia, tive pena de você e venho prestar-lhe os meus serviços. A moça convidou-a para entrar. Contou-lhe então tudo quanto se deu entre ela, o marido e o deputado, ao que a jesuíta parecia prestar religiosa atenção. Jacinta conhecia a fundo o segredo de iludir. Fingindo grande comoção, disse:

- E porque não volta para casa de seu pai? Depois, sua mãe está tão doente!

- Eu D. Jacinta? Voltar para casa de meus pais? Nunca! Antes morrer, mil vezes!

- Se é que pensa assim, articulou a velha, arrastando uma cadeira para junto de Túlia, dizendo-lhe que a querer ser mulher pública, ela podia lhe prestar bons serviços, servindo-lhe de mensageira, mediante uma boa retribuição. Túlia, considerando no oferecimento da jesuíta, achou que era ótimo, mas não deixou de pensar que era preciso muito cinismo para desempenhar tão asqueroso papel. Na sociedade, porém, estes tipos superabundam.

A jesuíta, daquele dia em diante, ficou em companhia da moça e durante o dia andava oferecendo-a aos homens, como se fosse uma mercadoria. Dentro de poucos meses Túlia começou a ser chamada Vênus.

Vênus era mulher de alto coturno... Apresentava-se em todos os lugares públicos, trajando veludos e seda.

Um rico fazendeiro apaixonou-se por ela e gastou uma boa dezena de contos de réis, crendo que era amado pela Imperia. Ela porém o traiu entretendo amores com um *petit-maitre*, pelo que foi desprezada pelo fazendeiro.

- Vai-te, disse ela, outro virá em teu lugar...

Pouco a pouco a moça se foi corrompendo inda mais. Nas orgias, como bacante que era, corria por sobre a mesa, de taça em punho, completamente desvairada, entoando canções obscenas que a turba aplaudia com frenesi. Mas quando ficava só, caía de bruços sobre o leito e chorava amargamente, proferindo então frases angustiadas.

A *estátua de carne* transformava-se então em *estátua de dor*. Levava as mãos ao cabelo e revoltava-o, apertava os seios com ânsia e corria a uma gaveta, abria-a e tirava de dentro uma medalha de ônix. Tremia-lhe as mãos de jaspe, abria a medalha e cobria-a de beijos fervorosos dizendo:

- Justo!... Oh! Alma pura e sublime! Perdão, eu estava louca!

As lágrimas saltavam-lhe dos olhos afogueados e ela sepultava-se num lago de negras agonias. Contemplativa, depois, com os olhos fixos no retrato do marido, no mais profundo silêncio, arquejante, mordida pelo aguçado dente do remorso, cheia de horror de si mesma, se não inspirasse desprezo inspiraria dó e compaixão.

Dir-se-ia que Túlia compreendia agora a sublimidade da religião da família, certa e convencida de que jamais gozaria os doces encantos de sua primeira posição.

Às vezes um ou outro peralvilho vinha encontrá-la em tais contemplanções, porém ela fechava rapidamente a medalha e guardava-a de novo na gaveta.

Os beijos daquele arrancavam-na da sua profunda melancolia e ela, repentinamente, esquecia-se da cena anterior, abria os braços e desfazia-se em caricias a quem vinha lhe comprar, por alguns instantes, os encantos do gozo material.

Jacinta, encontrando certo dia o ex-deputado, admirou-se de vê-lo mal trajado e com as botas já um tanto *cambaias*.

- Oh! V. Ex.!... Exclamou ela com admiração. Ele limitou-se a responder:

- Como vai, minha senhora? Passa bem? E continuou seu caminho.

- E esta, padre?... Articulou a jesuíta. O homem fez pouco em mim!... Olhem que *bisca!*... Como anda aquilo por baixo!

Túlia, vendo-o passar muitas vezes pela sua janela, soltava risadas estridentes, como que aquele homem lhe causasse tédio. *Vênus*, entregando-se ao deboche e à crápula, absorvia dia a dia os sentimentos no torvelinho miasmático da concubinação.

Nas tardes de estio a população fluminense via-a atravessar as ruas mais públicas, reclinada artisticamente nas moles almofadas de um phaeton, puxado por dois soberbos cavalos normandos. *Vênus* olhava para todos com indiferentismo, sustendo sobre os lábios coralinos um sorriso caótico e sardônico.

Freqüentava os teatros da opera cômica. A roda de uma mesa, no jardim dos teatros, em companhia de meia dúzia de pálidos *D. Juans*, desde o menino louro de 20 anos até ao pai de família de 60, sorvia a longos tragos o champanhe que lhe despejavam na taça. Embriagava-se e, na febre voraz da embriagues, pousava a fronte no ombro daquele que estivesse mais próximo e proferia palavras saturadas de sensualismo.

.....

Oscar, o velho amigo de Justo, um dia escreveu-lhe a seguinte carta, depois de haver observado de perto a conduta de *Vênus*:

“Justo

Este mundo é um grande teatro, e quantas vezes, mal grado nosso não somos obrigados a presenciar as cenas deste terrível drama chamado *Vida social?* Aí onde te achas ao lado de tua filha, muito longe desta terra, cujo solo só tem para ti – duros e cruciantes espinhos – talvez não calcules que a mulher a quem um dia deste a tua mão e o teu nome honrado, cada dia cava mais profundamente o abismo que a deve tragar. Mulher a quem falta o pudor – perdoa a dureza da frase – messalina comum e... gravita em roda do asqueroso baluarte do vício e da prostituição!...

Os frascários de casaca chamam-na agora – *Vênus* – e a messalina é a mais vil de todas as mulheres... Se fosses um espírito mais analista e, se, além disso, fosses menos inexperiente, terias talvez considerado de outra forma.... Sobre o que te disse uma noite no *Club Mozart*, quando viste pela primeira vez aquela que foi mais tarde tua esposa.

Sei e avalio quais e quantos são os teus padecimentos, meu velho, meu sincero amigo, mas arreda para bem longe do teu pensamento que tiveste um dia uma esposa, que tão cinicamente atraçou o teu amor sublimado.

Adeus, Justo, vive para ti e para tua filhinha, sem esqueceres que existe ainda neste país um amigo que jamais saberá olvidar a amizade que te vota há tantos anos. – Teu: Oscar Borba.”

Não procuremos testemunhar de perto a sensação do engenheiro, ao ler esta carta, acompanhemos antes, os passos da mulher adúltera, da messalina desbriada que se tornou indigna do lar doméstico, impulsionada pelo vício e pela própria *condição*, percorrendo a senda escabrosa do vício, onde se esterilizou para sempre.

.....

Perdendo de todo o pudor, *Vênus* esqueceu-se logo que fora casada. Apresentava-se em face da sociedade, com a irônica desfaçatez das Imperias, sorvendo a longos tragos o veneno corruptor do vício, em meio ao delírio estrangulador, que contamina as almas corrompidas...

Os diamantes cintilavam-lhe ainda nos dedos e nas orelhas.

Quando passeava pelas ruas da cidade, reclinada nas luxuosas almofadas de um *coupé*, muitas vezes teve ocasião de observar as famílias correrem a janela para verem-na passar, glorificando-se em ouvir dizer:

- Olha Nenê, sabes quem é?
- Não... Que linda!... É uma mulher à toa, pois não é?
- Pois não estás vendo?
- Como se chama?

- Ora... ora... chama-se *Vênus*...

- *Vênus*? Que bonita que ela é!

Isto a enchia de soberba e orgulho. Volvendo então os olhos chamejantes por toda aquela pasma expectativa, ela entreabria os lábios de carmim, para dedicar-lhes um sorriso cheio de mofa e desdém. Seu luxo era desmedido e para o sustentar cavou a ruína de muitos pais de família e de outros tantos jovens inexperientes, levando ao lar doméstico, por essa forma, pungentes lágrimas e acerbos desgostos.

E assim, mordendo as vísceras da moral social com aqueles aguçados dentes de víbora, afrontava essa mesma sociedade que corria para admirá-la como se ela fosse um astro de luminosa cauda!

Jacinta era a sua companheira inseparável, por toda parte a velha jesuíta seguiu-lhe as pegadas, entregue sempre às suas orações e, inseparável do seu rosário.

Denotava-se lhe sempre aquele ar de consumada *beata*, de verdadeira *Madalena arrependida*, dessas que tanto formigam em nossa sociedade.

Um belo dia *Vênus* aborreceu-se dela e pô-la no andar da rua.

- Que fosse plantar batatas... Estava cansada de aturá-la.

A velha rogou-lhe um grande número de pragas, chamando-a de *poço das misérias humanas*. *Vênus*, nem por isso deixou de ser a mesma.

Uma noite, no jardim do *teatro Sant'Anna*, um velho aristocrata entretinha-se durante o espetáculo, a dar escândalo com ela, consentindo que lhe puxasse pelas barbas grisalhas e o enleasse nos braços torneados, cobrindo-o de beijos bestialmente sensuais.

- Ah! Meu caro amigo!... Tenho-te um amor sem fim!... Quando estou teu lado esqueço-me do mundo...

O velho sorria-se de contentamento.

Vênus o embriagava; era tão bela... tão carnuda e sedutora... Que formas!... que gestos!... que bem feita!... Era uma empada aos olhos de um consumado gastrônomo. E o aristocrata se mordida de impaciência

por não poder satisfazer naquele momento os seus instintos brutais. Mais tarde foi uma das suas inúmeras vítimas que cavando a sua ruína cavou também a ruína da família.

Vênus, porém, riu-se de mais este triunfo.

O homem a quem ela logo após conquistou, era um janota de força, tipo de moral equivocada desses que vivem a custa das mulheres do mundo, por já terem de todo perdido a vergonha. E por esse bandido tinha Vênus a mais cega paixão. E esse abutre, que dilacerava as vísceras do Prometeu, convivia com os membros da primeira sociedade, iludindo-lhe a boa fé!...

Assim é que Vênus sacrificava-se pelo frascario e ao mesmo tempo obrigava-o a representar os mais vis papéis.

O desbriado acompanhava-a nos passeios como se fosse um cãozinho, desses que servem...e dizia muitas vezes consigo:

- Sou um homem feliz!

Apesar de tudo, de quando em vez, Vênus levada pelo ciúme, chibatava o rafeiro a vontade.

Foi assim que a miseranda prostituta atravessou uma vida de quatro anos, de uma existência podre, no meio do mais enfatuado luxo, abismada nas grandes tempestades da orgia, zombando da sociedade, em cuja face vomitava diariamente escarros de fel, tendo sob o tacão da bota à Luiz XV, a moral presa, como se fosse uma víbora a quem queira esmagar a cabeça.

Uma noite *Vênus* recebeu inesperadamente a notícia de que seu pai tinha falecido, havia duas horas, de uma apoplexia fulminante. Rodando sobre os calcanhares, levou as mãos ao rosto e verteu algumas lágrimas...

Daí a quinze dias uma nova notícia veio surpreendê-la, num desses momentos em que ela empunhava a taça no torvelinho da orgia, seminua e ébria: sua mãe também havia falecido. Vênus encolheu os ombros e, pulando sobre a mesa, levantou a perna e cantou aquelas quadras de um dos nossos poetas: “quando eu morrer ninguém chore a minha morte,/ esqueçam meu cadáver no meu leito,” etc...etc...

Trôpega, com os olhos injetados, erguendo o braço atirou com a taça sobre uma parede e deitou-se como uma gata vadia, sobre a plana superfície da mesa, com as pernas nuas, provocando à assembléia uma roda de palmas.

.....

Em 187... seriam 7 horas da manhã, uma mulher velha, bastante trêmula, apoiada a um bordão conversava com um indivíduo, mal trajado na esquina de uma rua.

- Mas, que está me dizendo, Jacinta?...

- É a pura verdade, doutor: eu logo vi que outro não podia ser seu fim.

Ângelo coçou a cabeça, mordendo os lábios.

- Mas então, morreu esta noite?...

- Exatamente... seriam três horas da manhã quando entregou a alma ao Criador. Oh! Causa pasmo e horror contar a realidade. Dizem que a pobrezinha, antes de soltar o último suspiro, achava-se num estado deplorável. Era um fêdito que ninguém se podia conservar perto dela. Quem a visse não a podia conhecer!

- Então mudou tanto assim?!...

- Não faz idéia: caíram-lhe os cabelos, as pestanas e as sobrancelhas... Do lado esquerdo da face, abriu-se-lhe uma chaga medonha. Os seios foram contaminados por uma moléstia cancerosa...

- Mas que fim tão negro e fatal teve Túlia!... Quem havia de pensar!...

- E olhe que isto foi em poucos meses!

- E quem estará velando o corpo?

- Sei lá!... O diabo que ature semelhante fêdito! Eu, por certo, não ponho lá meus pés! Quem lhe comeu a carne que lhe roa os ossos.

- Muito menos eu, que fui uma de suas vítimas, o que me custou bem caro, murmurou Ângelo depois de alguns momentos de silencio.

Era ainda de manhã: nas portas dos cafés e das lojas, muitos indivíduos liam as folhas do dia.

O leitor se tem viajado muito, sabe o que é uma manhã no centro de uma cidade populosa.

.....

Na Rua do Ouvidor um grupo de rapazes falava em Vênus.

- Sabem quem morreu?
- Não!
- Adivinhem...
- Não somos cartomantes.
- Pois foi a mais linda mulher da corte...
- Já sei; foi...
- Quem?
- A Vênus!...
- Disse adeus ao mundo! Dizem que morreu... podre...
- Podre!
- Reduziu-se a uma pústula.
- Que pena!
- A terra lhe seja leve... com o Pão de Açúcar por cima...
- Que blasfêmia!

O Dr. Ângelo, de parte, ouvia todos estes comentários com o maior silêncio.

Às duas horas da tarde desfilava um carro fúnebre pela rua do Catete com direção ao cemitério de S. João Batista.

Alguém, que estava perto da porta e em pé, ao lado da grande cruz de madeira preta, em companhia de uma criança de seis para sete anos, encaminhou-se para o lugar em que foi deposto o caixão.

Era um velho, não pela idade, porém pela neve de seus cabelos, que traduziam os seus amargurados sofrimentos.

Quando chegou perto do caixão voltou-se para o coveiro:

- Tenha a bondade de abrir este caixão...

Quando o coveiro abriu, o desconhecido, mal lançando os olhos sobre o cadáver, recuou um passo, estremecendo dos pés a cabeça:

- Céus!... É isto possível?!...

O cadáver de Túlia estava enegrecido. Pelas fossas nasais, pela boca e pelos ouvidos saía-lhe um pús esverdeado...

Túlia era um horror!

Quando o desconhecido, pendendo-se sobre o caixão, deixou rolar uma lágrima sobre a fronte inerte do cadáver, pareceu-lhe que aquele corpo havia-se mexido. Então tomando a mão da menina, retirou-se a passos apressados, exclamando:

- Horror!... Vamos, minha filha...

- Quem é aquele defunto papai?

O desconhecido, sufocado de pranto e de dor, respondeu:

- Aquele cadáver, filha de minha alma, é o de tua mãe!...

FIM

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)